



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Lucas Barreto Klein

**Esporte, treinamento e educação: projetos, agentes e tensões na formação inicial de
futebolistas no Brasil**

Florianópolis, SC

2021

Lucas Barreto Klein

**Esporte, treinamento e educação: projetos, agentes e tensões na formação inicial de
futebolistas no Brasil**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal de Santa
Catarina como requisito parcial para a obtenção do
título de doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jaison José Bassani.

Florianópolis/SC

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Klein, Lucas Barreto
Esporte, treinamento e educação : projetos, agentes e
tensões na formação inicial de futebolistas no Brasil /
Lucas Barreto Klein ; orientador, Jaison José Bassani,
2021.
195 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós
Graduação em Educação, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Educação. 2. Agentes formadores. 3. Categoria de
base. 4. Futebol. 5. Iniciação. I. Bassani, Jaison José .
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Educação. III. Título.

Lucas Barreto Klein

Esporte, treinamento e educação: projetos, agentes e tensões na formação inicial de futebolistas no Brasil

O presente trabalho, em nível de doutorado, foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Dr.^a Danielle Torri – Examinadora
Universidade Federal do Paraná

Prof. Dr. Fábio Machado Pinto – Examinador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Juliano Fernandes da Silva – Examinador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Lisandra Invernizzi – Examinadora
Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Anderson Santiago Teixeira – Suplente
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Próspero Brum Paoli – Suplente
Universidade Federal de Viçosa

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão, que foi julgado adequado para obtenção do título de doutor em Educação.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação

Prof. Dr. Jaison José Bassani
Orientador

Florianópolis/SC

2021

AGRADECIMENTOS

Dedico à minha família, em especial à minha filha, Yasmin, que nasceu e cresceu junto com o sonho desta tese. Aos meus pais e irmão, pelos exemplos de carinho e educação que me deram, necessários para ingressar neste universo acadêmico. À minha companheira, Nadja, que esteve ao meu lado durante toda a jornada de conciliação de pesquisa, aulas, escrita, trabalho, campeonatos, viagens... e da novidade de ser 'papai'.

Um beijo no coração!

Aos professores e colegas de turma. Ao amigo e orientador, Jaison, que acreditou e confiou no projeto, ofertando-me a oportunidade de desenvolver esta pesquisa em conjunto.

Um forte abraço!

À universidade pública e aos profissionais do futebol que contribuíram com minha formação acadêmica e profissional.

Muito obrigado!

RESUMO

A pesquisa direciona o olhar para o futebol no contexto nacional esportivo, com foco nas categorias de base, que reúnem crianças e adolescentes do sexo masculino de idade entre dez, às vezes menos, e treze anos, imersos em processos de treinamento corporal especializado em clubes profissionais de futebol, com vistas à ascensão às equipes principais. A tese teve como objetivo geral investigar projetos de formação de instituições futebolísticas brasileiras que fomentam a etapa inicial de formação esportiva, observando e analisando suas relações com as mediações de agentes formadores (coordenadores de clubes esportivos e treinadores) e de famílias de crianças e adolescentes no universo do futebol profissional. Do ponto de vista metodológico, foram tomadas como fontes: a) informações divulgadas oficialmente por oito clubes profissionais de futebol (cinco do Estado de Santa Catarina, dois de São Paulo e um do Rio Grande do Sul) em suas mídias sociais (*site* oficial, Facebook, Instagram e Twitter) e notícias vinculadas ao meio esportivo em jornais eletrônicos; b) entrevistas com agentes formadores (dois coordenadores técnicos e seis treinadores) que atuavam com atletas em trajetória inicial; c) entrevistas com três familiares (uma mãe e dois pais) de atletas em trajetória inicial, pertencentes às categorias de base de um dos clubes investigados; e, complementarmente, d) documentos oficiais, obtidos por meio de acesso a teses, dissertações, artigos, atas de reuniões, relatórios técnicos, participação em cursos e eventos sobre futebol de base, além de observações no contexto de atuação profissional e conversas informais com agentes do campo. A análise dos dados, realizada qualitativamente por meio de eixos articuladores, indica que o perfil dos treinadores atuantes na etapa de iniciação ao futebol é composto por profissionais com experiência de vida no esporte e em trajetórias iniciais de carreira, os quais tendem a dedicar-se à formação universitária e conciliar a jornada de trabalho no clube com outros empregos, a fim de complementarem a renda mensal. Mostra também os investimentos familiares e as estratégias de flexibilização para o ingresso e a continuidade no projeto de construção de carreira do filho atleta e a consequente conciliação com a jornada escolar obrigatória. Por fim, os resultados indicam tensões presentes nos processos de formação e especialização esportiva em ambientes de competição infantil, com vistas à profissionalização. Nos apontamentos finais, a tese propõe nove eixos para possíveis intervenções, sob a ótica de uma educação esportiva institucional direcionada à infância em clubes profissionais de futebol.

Palavras-chave: Agentes formadores. Categoria de base. Família. Formação. Futebol. Iniciação.

ABSTRACT

The research directs its look to football in the national sporting context, focusing on the base categories that bring together male children and teenagers, aged between ten, sometimes less and thirteen years old, immersed in specialized body training processes in football professional clubs, with a view to ascending to the main teams. The thesis had as general objective to investigate training projects of Brazilian football institutions that promote the initial stage of sports training, watching and analyzing their relationship with the mediations of training agents (sports clubs coordinators and coaches) and with children and teenagers' families involved in the professional football universe. From the methodological point of view, the taken sources were: a) information officially published by eight professional football clubs (five from Santa Catarina state, two from São Paulo and one from Rio Grande do Sul) in its social medias (official website, Facebook, Instagram and Twitter) and news related to the sports environment on electronic newspapers; b) interviews with training agents (two technical coordinators and six coaches) that worked with athletes in their initial trajectory; c) interviews with three athletes relatives (a mother and two fathers) that are in their initial trajectory, belonging to the base categories of one of the investigated clubs; and in complement, d) official documents, obtained through access to thesis, dissertations, articles, meeting minutes, technical reports, participation in courses and events about basic football, and also observations in the context of professional practice and informal conversation with agents from the field. The data analysis, qualitatively conducted through articulating axes, indicates that the coaches working in the football initiation stage profile is composed by professionals with life experience in the sport and in initial career trajectory, who tend to dedicate themselves to university education and conciliate the working hours at the football clubs with other jobs, in order to complement the monthly income. It also shows the family investments and the flexibilization strategies for admission and continuity on the career building project of the child athlete and the consequent conciliation with the compulsory school day. Finally, the results indicate tensions present in sports training and specialization processes in children's competition environment, aiming for professionalization. In the final notes, the thesis proposes nine axes for possible interventions, under the view of an institutional sports education aimed at childhood in professional football clubs.

Keywords: Training agents. Base categories. Family. Education. Football. Initiation.

RESUMEN

La investigación dirige la mirada al fútbol en el contexto deportivo nacional, centrándose en las categorías de base, que reúnen a niños y jóvenes del sexo masculino de entre diez, a veces menos, y trece años, inmersos en procesos de formación corporal especializada en clubes de fútbol profesional, con vistas a ascender a los principales equipos. El objetivo general de la tesis fue investigar los proyectos de formación de las instituciones del fútbol brasileño que fomentan la etapa inicial de la formación deportiva, observando y analizando sus relaciones con las mediaciones de los agentes formadores (coordinadores y entrenadores de los clubes deportivos) y las familias de los niños y jóvenes en el universo del fútbol profesional. Desde el punto de vista metodológico, se tomaron como fuentes las siguientes a) información divulgada oficialmente por ocho clubes de fútbol profesional (cinco del Estado de Santa Catarina, dos de São Paulo y uno de Rio Grande do Sul) en sus medios de comunicación social (sitio web oficial, Facebook, Instagram y Twitter) y noticias vinculadas al medio deportivo en periódicos electrónicos; b) entrevistas con agentes formadores (dos coordinadores técnicos y seis entrenadores) que trabajaron con atletas en su trayectoria inicial; c) entrevistas con três familiares (una madre y dos padres) de atletas en trayectoria inicial, pertenecientes a las categorías de base de uno de los clubes investigados; y, complementariamente, d) documentos oficiales, obtenidos a través del acceso a tesis, disertaciones, artículos, actas de reuniones, informes técnicos, participación en cursos y eventos sobre fútbol juvenil, además de observaciones en el contexto del desempeño profesional y conversaciones informales con agentes del campo. El análisis de los datos, realizado cualitativamente a través de ejes articuladores, indica que el perfil de los entrenadores que trabajan en la etapa de iniciación al fútbol está compuesto por profesionales con experiencia vital en el deporte y en trayectorias profesionales iniciales, que suelen dedicarse a la formación universitaria y a compatibilizar la jornada laboral en el club con otros trabajos, para complementar los ingresos mensuales. También muestra las inversiones familiares y las estrategias de flexibilidad para la entrada y continuidad en el proyecto de construcción de la carrera del hijo atleta y la consecuente conciliación con la jornada escolar obligatoria. Finalmente, los resultados indican tensiones presentes en los procesos de formación y especialización deportiva en entornos de competición infantil, con vistas a la profesionalización. En las notas finales, la tesis propone nueve ejes para posibles intervenciones, desde el punto de vista de una educación deportiva institucional dirigida a la infancia en los clubes de fútbol profesional.

Palabras clave: Agentes formadores. Categoría de base. Familia. Formación. Fútbol. Iniciación.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Recentes produções sobre futebol de base	17
Quadro 2 – Categorias de base do futebol brasileiro.....	20
Quadro 3 – Idade de início em escolinhas esportivas	76
Quadro 4 – Estados de origem e clubes dos atletas inscritos no Torneio Sul-Brasileiro sub-13 em 2019	89
Quadro 5 – Estruturação das fases e objetivos da formação do atleta.....	104
Quadro 6 – Microciclo-padrão de treino da categoria sub-13.....	107
Quadro 7 – Perfil dos agentes formadores investigados	127

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Trimestre de nascimento dos atletas inscritos no Torneio Sul-Brasileiro.....	96
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– CT Água Amarela	47
Figura 2	– Centro de Treinamento do Avaí Futebol Clube	49
Figura 3	– Kadiz Esporte e Lazer	53
Figura 4	– Estádio Robertão	54
Figura 5	– IFC Camboriú	55
Figura 6	– CT Antenor Angeloni	57
Figura 7	– Centro de Formação de Atletas e Cidadãos	59
Figura 8	– Quadra coberta (CFAC)	59
Figura 9	– Campo 3 do CFT Cambirela	62
Figura 10	– ‘Aeroporto’	62
Figura 11	– Quadro com atletas revelados pelo Figueirense	63
Figura 12	– CT Meninos da Vila	67
Figura 13	– Futsal no Estádio Vila Belmiro	67
Figura 14	– Parque São Jorge	69
Figura 15	– CT Dr. Joaquim Grava	69
Figura 16	– Ginásio do Parque São Jorge	70
Figura 17	– Divulgação de peneira	82
Figura 18	– Local de onde os familiares acompanhavam o teste	83
Figura 19	– Confrontos de 1x1	114
Figura 20	– Figuras de passe sem oposição	115
Figura 21	– Rondo 4x1	116
Figura 22	– O dono da rua	116
Figura 23	– Jogo de progressão com coringa	117
Figura 24	– Confrontos de progressão	118
Figura 25	– Jogo de ocupação de corredores verticais	119
Figura 26	– Jogo de ocupação de corredores horizontais	119
Figura 27	– Exemplo de programação semanal	120
Figura 28	– treino do dia 8/04/2019	121
Figura 29	– Copa CFT Cambirela	165

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFA	Asociación del Fútbol Argentino
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BID	Boletim Informativo Diário
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CCF	Certificado de Clube Formador
CFAC	Centro de Formação de Atletas e Cidadão
CFT	Centro de Formação e Treinamento
CNCF	Cadastro Nacional de Clubes de Futebol
Confef	Conselho Federal de Educação Física
Conmebol	Confederação Sul-Americana de Futebol
Cref	Conselho Regional de Educação Física
CT	Centro de Treinamento
Dr.	Doutor
Dr. ^a	Doutora
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
Fapag	Faculdade Porto das Águas
FC	Futebol Clube
FCF	Federação Catarinense de Futebol
Fifa	Federação Internacional de Futebol
ICCE	Conselho Internacional para a Excelência de Treinadores
IFC	Instituto Federal Catarinense
MCFFB	Movimento dos Clubes Formadores do Futebol Brasileiro
n./nº	número
Nesp	Núcleo Educacional-Social-Psicológico
p.	página
PIB	Produto Interno Bruto
Prof.	Professor
Prof. ^a	Professora
TMS	<i>Transfer Matching System</i>
UCS	Universidade de Caxias do Sul
Uefa	União das Associações Europeias de Futebol

UFSC	Universidade Federal da Santa Catarina
Unesc	Universidade do Extremo Sul Catarinense
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
Unip	Universidade Paulista
Univali	Universidade do Vale do Itajaí
Unochapecó	Universidade Comunitária da Região de Chapecó
v.	volume

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	O CAMPO EM FORMAÇÃO.....	26
2.1	CATEGORIAS DE BASE NO FUTEBOL BRASILEIRO: BREVE PANORAMA HISTÓRICO A PARTIR DA FORMAÇÃO DO ATLETA PARA O MERCADO... 26	
2.2	APONTAMENTOS LEGAIS E ESTRATÉGIAS DE FLEXIBILIZAÇÃO SOBRE A FORMAÇÃO DE FUTEBOLISTAS DE BASE.....	33
3	O CAMPO DE INVESTIGAÇÃO	41
3.1	AGENTES FORMADORES: COORDENADORES E TREINADORES ATUANTES NA INICIAÇÃO DE ATLETAS DE FUTEBOL EM CLUBES PROFISSIONAIS..	41
3.2	FAMILIARES DE ATLETAS DE BASE.....	43
3.3	ESTRUTURAS DE BASE	44
3.3.1	Associação Chapecoense de Futebol.....	44
3.3.2	Avai Futebol Clube	48
3.3.3	Camboriú Futebol Clube.....	52
3.3.4	Criciúma Esporte Clube	56
3.3.5	Esporte Clube Juventude	58
3.3.6	Figueirense Futebol Clube	61
3.3.7	Santos Futebol Clube	65
3.3.8	Sport Club Corinthians Paulista	68
4	A FORMAÇÃO EM CAMPO	72
4.1	PRIMEIROS MOVIMENTOS: OPORTUNIZAÇÃO, DETECÇÃO E SELEÇÃO DO TALENTO	73
4.1.1	Do bairro para o clube.....	74
4.1.2	Processos de detecção de talentos: o que os clubes procuram e como encontram seus atletas?	80
4.1.2.1	As diferentes vias de acesso às categorias de base de clubes de futebol.....	81
4.1.2.2	Crterios utilizados na detecção de jogadores.....	91
4.2	ROTINA DE PREPARAÇÃO.....	100
4.2.1	Sobre a gestão do tempo e dos conteúdos de treino	106
4.2.1.1	Microciclo-padrão de treinos	106
4.2.1.2	Organização dos conteúdos de treino.....	110
4.3	CENÁRIO DO ESPETÁCULO ESPORTIVO E SUA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL NO FUTEBOL DE INICIAÇÃO.....	122
5	ANALISANDO CRITICAMENTE TEMAS PRESENTES NA FORMAÇÃO INICIAL DE FUTEBOLISTAS DE BASE	127

5.1	ANÁLISE DO PERFIL DOS AGENTES INVESTIGADOS.....	127
5.1.1	Média de idade, experiência esportiva e a conciliação da carreira de treinador	128
5.1.2	A Educação Física e a constituição da profissão treinador	131
5.2	INVESTIMENTOS FAMILIARES NO PROJETO DE CONSTRUÇÃO DE CARREIRA DO FILHO ATLETA	140
5.2.1	Dupla jornada: formação esportiva e escolar	149
5.3	TENSÕES NA RELAÇÃO ENTRE FORMAÇÃO ESPORTIVA E DESEMPENHO COMPETITIVO.....	155
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
	REFERÊNCIAS	178
	APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com gestores	189
	APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com os familiares	193

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa direciona o olhar para o futebol no contexto esportivo nacional, com foco nas categorias de base, que reúnem crianças e adolescentes do sexo masculino com idade entre 10 (às vezes, menos) e 13 anos, imersos em processos de treinamento corporal especializado em clubes profissionais de futebol, com vistas à ascensão às equipes principais. Esse olhar se detém especialmente na trajetória inicial da formação de atletas que ainda não alcançaram a ‘maioridade futebolística’¹

O **objetivo geral** da tese procurou investigar projetos de formação de instituições futebolísticas brasileiras que fomentam a etapa inicial de formação esportiva, observando e analisando suas relações com as mediações de agentes formadores (coordenadores de clubes esportivos e treinadores) e de famílias de crianças e adolescentes no universo do futebol profissional. Nesse cenário, vale destacar, a formação aparecerá, como se verá ao longo do texto, especialmente como um projeto de transformação de um membro da família em atleta profissional, que é colocado em ação desde muito cedo, mediante diferentes arranjos, postos em curso para equacionar a exigência de uma profissionalização precoce com às limitações impostas pela legislação esportiva e os projetos de formação nela concebidos. Nesse movimento, mediante entrevistas com dois coordenadores de departamentos de futebol de base, seis treinadores atuantes na etapa de iniciação esportiva e três familiares de atletas, além de outras fontes descritas a seguir, buscou-se, em termos de **objetivos específicos**: 1) descrever e analisar a gestão do tempo e de métodos/conteúdos aplicados por agentes formadores em seus clubes; 2) traçar um perfil da formação e da trajetória profissional de treinadores atuantes na etapa de iniciação ao futebol; 3) identificar processos de oportunização, detecção e seleção de atletas nas categorias iniciais de formação esportiva nos clubes investigados; e 4) compreender investimentos familiares e estratégias de flexibilização para o ingresso e a continuidade no projeto de construção de carreira do filho atleta, incluindo a relação com a escolaridade obrigatória.

A construção da pesquisa partiu inicialmente da análise crítica de documentos oficiais da Federação Internacional de Futebol (Fifa), organização internacional não governamental que se autodenomina e é objetivamente reconhecida como a responsável pela administração e pelo

¹ Na literatura, a expressão ‘maioridade futebolística’ é utilizada para caracterizar oficialmente a fase de início da formação profissional de jovens futebolistas, pois somente após completarem 16 anos de idade lhes é permitido assinar o primeiro contrato profissional de trabalho com o clube (PALMIÉRI, 2015). Em faixas etárias anteriores, como se verá ao longo do texto, os clubes e os agentes empresários se valem de diferentes estratégias para vincular seus atletas, a fim de garantir futuros direitos econômicos sobre os investimentos na formação.

gerenciamento do futebol no mundo, cujo ‘modelo ideal’ para que o processo de formação de futebolistas de alto rendimento obtenha êxito pode ser encontrado nas seguintes referências: Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL, 2020); DAMO (2005); PAOLI (2007); REIS (2020); THIENGO (2011, 2019).

Nesses documentos e pesquisas, além da distribuição de objetivos e conteúdos de treinamento a serem desenvolvidos ao longo dos anos em cada categoria etária, conforme será apresentado no Quadro 5, no quarto capítulo, destaca-se a necessidade de que os programas voltados ao ciclo vital de formação de futebolistas sejam estruturados sobre três eixos: a formação técnica esportiva específica, os centros de recepção e treinamento e a formação escolar. O primeiro eixo contempla as capacidades de desenvolvimento, rendimento e educação esportiva para o treinamento e a competição; o segundo tem olhar direcionado para os aspectos sociais, técnicos e ambientais que circundam os jogadores, tais como as condições de alojamento, os lugares de moradia e as estruturas do centro de treinamento, e o terceiro eixo atende às questões acadêmico-escolares e de aprendizagem para uma possível reconversão profissional (SOUZA; ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR, 2014; THIENGO, 2011).

Considerando esse ‘modelo ideal’ proposto pela Fifa, a tese apresenta as seguintes perguntas orientadoras sobre o campo² de formação profissional no futebol brasileiro, no âmbito da trajetória inicial de crianças e adolescentes inseridos em categorias de base de clubes profissionais que investem no processo de formação da carreira de seus atletas para o mercado de trabalho: a) como está formatado, pelos clubes profissionais investigados, o projeto formativo de iniciação e especialização no futebol (processos de detecção, seleção e treinamento de talentos; oportunidade de escolarização; estrutura das categorias de base; profissionais envolvidos; filosofia de trabalho; recursos financeiros; normas legais; entre outros)? b) Como é organizada a estrutura física e a formação dos agentes investigados que atuam na trajetória inicial de atletas de categorias de base? c) Como as famílias se organizam e de que forma investem no projeto de formação profissionalizante desses meninos inseridos nos clubes (aspectos socioeconômicos; experiência esportiva; escolarização; planejamento da carreira; organização para as rotinas de treinamentos e viagens de competição; expectativas; entre outros)? c) De que forma é delineada a participação de crianças e adolescentes no processo

² A noção de campo (BOURDIEU, 1983, 1990) caracteriza a autonomia de certo domínio de concorrência e disputa interna, servindo de instrumento ao método relacional de análise das dominações e práticas específicas de um determinado espaço social. Cada espaço corresponde, assim, a um campo específico – cultural, econômico, educacional, científico, jornalístico, médico, jurídico, esportivo etc. –, no qual são determinados a posição social dos agentes e onde se revelam, por exemplo, as figuras de “autoridade”, detentoras de maior volume de capital (MEZZAROBÀ; CONCEIÇÃO, 2014).

de formação profissional (iniciação e especialização esportiva; rotinas de treino; rotina escolar; sonhos; expectativas; entre outros)? d) Por que um contingente significativo de familiares e agentes investe tempo, recursos e esforços para profissionalizar crianças e adolescentes em um esporte que possui um mercado restrito, com poucas vagas e poucas oportunidades de sucesso?

Sendo assim, o tema que atravessa os eixos articuladores desta investigação se dá pela busca de justificativas e da materialização do processo de antecipação no investimento da formação de futebolistas profissionais por parte de agentes, instituições e familiares, bem como dos cenários que neles estão presentes.

As perguntas que acompanham os objetivos da tese emergem da minha inserção no universo do futebol, já na infância, a respeito da qual falarei adiante, e se justificam e se complexificam a partir da leitura de trabalhos da área da Educação Física, em especial o conjunto de teses e dissertações recentes em torno do futebol de base,³ abaixo relacionado:

Quadro 1 – Recentes produções sobre futebol de base (continua)

Autor	Título	Ano	Tipo	Local
Arlei Sander Damo	Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França	2005	Tese	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Francisco Xavier Freire Rodrigues	O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)	2007	Tese	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Próspero Brum Paoli	Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos.	2007	Tese	Universidade Gama Filho
Fernando Gonçalves Bitencourt	No reino do quero-quero: corpo e máquina, técnica e ciência em um centro de treinamento de futebol – uma etnografia do mundo vivido	2009	Tese	Universidade Federal de Santa Catarina
Geraldo Ricardo Hruschka Campestrini	A responsabilidade social na formação de praticantes para o futebol: análise do processo de formação em clubes brasileiros	2009	Dissertação	Universidade Técnica de Lisboa, Portugal
Carlos Rogério Thiengo	Os saberes e o processo de formação de futebolistas no São Paulo Futebol Clube	2011	Dissertação	Universidade Estadual Paulista
Lucas Cançado Monteiro	Critérios de avaliação utilizados por “olheiros” e observadores na seleção de talentos esportivos para o futebol no Brasil	2011	Dissertação	Universidade de Brasília

³ Localizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) (<https://bdtd.ibict.br/vufind/>) e no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) (<https://catalogodeteses.capes.gov.br>).

Quadro 1 – Recentes produções sobre futebol de base (continuação)

Autor	Título	Ano	Tipo	Local
Marina de Mattos Dantas	Futebol de base e produção de subjetividade: o psicólogo do esporte e a construção do atleta contemporâneo	2011	Dissertação	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Hergos Ritos Froes de Couto	Esporte do oprimido: utopia e desencanto na formação do atleta de futebol	2012	Tese	Universidade Nove de Julho
Márcio Adriano de Paula	Acaso, destino e revelação: um estudo sobre circulação, projetos familiares e trajetórias na formação de jogadores de futebol	2013	Dissertação	Universidade de Brasília
Flávio Ismael da Silva Oliveira	O camisa 10 em campo: elementos do processo de formação de um futebolista brasileiro	2014	Tese	Universidade Estadual Paulista
Daniel Machado da Conceição	O estudante-atleta: desafios de uma conciliação	2015	Dissertação	Universidade Federal de Santa Catarina
Enrico Spaggiari	Família joga bola: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana	2015	Tese	Universidade de São Paulo
Júlio César Jatobá Palmiéri	Um mundo em vários movimentos: etnografia sobre futebolistas de base	2015	Tese	Universidade Federal de São Carlos
Otávio Baggioto Bettega	Processo de ensino-treino nas categorias de base de um clube de elite do futebol brasileiro	2015	Dissertação	Universidade Federal de Santa Catarina
Alex Christiano Barreto Fensterseifer	Produção científica sobre futebol: uma investigação do estado do conhecimento das dissertações e teses produzidas no Brasil	2016	Tese	Universidade Federal de Santa Catarina
Hugo Paula Almeida da Rocha	O futebol como carreira, a escola como opção: o dilema do jovem atleta em formação	2017	Tese	Universidade Federal do Rio de Janeiro
Lisandra Invernizzi	Ser “daqui” ou ser “de fora”: hierarquias, descontinuidades e trânsitos no futebol não profissional de Florianópolis	2018	Tese	Universidade Federal de Santa Catarina
Carlos Rogério Thiengo	O futebol e os futebolistas do futuro: análise do currículo presente na formação de futebolistas de alto rendimento a partir de um estudo de caso	2019	Tese	Universidade Estadual de Campinas
Otávio Baggioto Bettega	Processo de ensino-treino e competição no futebol infantil: análise e proposições a partir de treinadores do estado do Rio Grande do Sul	2019	Tese	Universidade Estadual de Campinas

Quadro 1 – Recentes produções sobre futebol de base (conclusão)

Autor	Título	Ano	Tipo	Local
Gabriel Henrique de Lucena Bussinger	Concepções e princípios de prática de liderança de treinadores: um estudo com treinadores de alta performance no futebol brasileiro	2019	Dissertação	Universidade Federal de Santa Catarina
Fabício Moreira Filgueira	Competições de futebol nas categorias iniciais: objetivos e sentidos sob a perspectiva de dirigentes de clubes e da Federação Paulista de Futebol	2019	Dissertação	Universidade de São Paulo

Fonte: elaborado pelo autor.

Ao investigar o estado da produção científica em teses e dissertações sobre futebol no Brasil, Fensterseifer (2016) mostra que há um caráter multidisciplinar nas pesquisas, já que todas as grandes áreas do conhecimento, desde o ano de 1987, vêm acumulando dados e informações sobre o tema. O autor revela também o crescimento quantitativo de produções no país nos últimos dez anos. Além disso, seus resultados mostram como é grande o leque de possibilidades de investigação sobre o tema do futebol, reforçando o valor que esse fenômeno representa para a ciência, a pesquisa e a sociedade brasileira. Nos trabalhos reunidos no **Quadro 1**, foi observado, como apontam Moraes, Bastos e Carvalho (2016), que o processo de formação de atletas profissionais é um fenômeno complexo, composto por diversas dimensões, que interagem entre si constantemente, objetivando o desenvolvimento das dimensões tática, técnica, física, psicológica, educacional e social do atleta, por meio da interação com diversos agentes e contextos, como a sociedade, a cultura esportiva, a equipe, os demais jogadores, os treinadores, os dirigentes, os funcionários dos clubes, os pais e os torcedores. Do mesmo modo, pode-se constatar que a formação de futebolistas possui também expressiva relevância financeira, não só para os jogadores, que adquirem uma profissão capaz de lhes garantir uma fonte de renda, mas para toda a economia brasileira.⁴ Tais dimensões vêm sendo investigadas a partir de perspectivas teórico-metodológicas atinentes a diferentes áreas e subáreas do conhecimento, abrangendo desde aspectos psicossociais, nutricionais e fisiológicos até a aprendizagem técnico-tática, a relação familiar, a escolarização, os processos de seleção de talentos, os hábitos culturais, entre outros elementos pertinentes ao processo de formação e profissionalização de atletas, tais como as competições.

⁴ Dados da CBF revelam que, em 2018, o futebol movimentou cerca de R\$ 53 bilhões na economia, o que representa 0,72% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. Disponível em: <https://bit.ly/3jjXEL1>. Acesso em: 4 maio 2021.

Nas pesquisas, essas dimensões têm orbitado em torno das categorias de base, que são parte integrante da estrutura oficial de formação de futebolistas, segundo a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), cujas características são descritas no **Quadro 2**, abaixo:

Quadro 2 – Categorias de base do futebol brasileiro

Categoria	Faixa etária	Nomenclatura
Sub-20	18, 19 e 20 anos	Juniiores
Sub-17	16 e 17 anos	Juvenil
Sub-15	14 e 15 anos	Infantil

Fonte: elaborado pelo autor.

Todavia, no âmbito das categorias de base, a trajetória inicial de formação, foco desta tese, tem sido pouco investigada. Este momento inicial compreende uma etapa específica, que a literatura convencionou chamar de “ciclo de aprendizagem ou pré-formação” (DAMO, 2005), o qual vai desde os primeiros passos da criança no processo de treinamento sistematizado do esporte até o início da fase de especialização profissional, que se dá a partir dos 14 anos de idade. Entende-se que aqueles que integram o universo das categorias de base do futebol neste período da vida se encontram em ‘trajetória inicial de carreira’.

As categorias de base, consideradas espaços seletivos de formação, são propriedade dos clubes profissionais. Inicialmente, eram voltadas apenas à fase final da formação do atleta, entre 14 e 20 anos de idade. Porém, como será mostrado ao longo da tese, a estrutura atual de formação de atletas tem se ocupado também das etapas de iniciação esportiva, período etário que antes era exclusivo das escolinhas esportivas. Crianças e adolescentes menores de 14 anos estão sujeitos a rotinas especializadas de treinamento corporal em Centros de Treinamentos (CT) de clubes profissionais, num processo que visa preparar o futuro futebolista para o mercado de trabalho profissional.

Para Rodrigues (2003, 2007), no cenário atual, especialmente com o surgimento dos CTs, decorrente da recente modernização do esporte, potencializou-se a produção social do futebolista que se encontra inserido nesse universo profissionalizante. A formação do atleta é um processo que requer disciplina, adaptação, socialização, adestramento, desenvolvimento e aperfeiçoamento das capacidades físicas, técnicas e táticas além da administração do seu perfil genético. Nesse sentido, a formação profissional do jogador trata-se, pois, de um processo disciplinador, pedagógico e civilizatório, caracterizado pela regulamentação, pelo controle, pela institucionalização e a racionalização. O atleta inserido nas categorias de base é considerado uma força de trabalho para o clube. Portanto, para que o jogador de futebol passe por uma

formação profissional desde a infância e a adolescência, é necessário que ele frequente ‘escolas especiais’ e receba treinamentos de técnicas corporais futebolísticas. Ou seja, o jogador de futebol não nasce feito, ele é produzido socialmente, sendo formado em instituições especializadas (clubes esportivos) que investem nas categorias de base.

Aqui, devolvo a afirmação para a minha própria trajetória e me pergunto sobre aquilo que me produziu (e ainda me produz) como jogador, técnico e professor, aspecto que integra meu interesse pela temática em estudo, ou seja, minha própria trajetória de vida no âmbito da relação profissional com o futebol.

Minha relação pessoal com o esporte, que se iniciou ainda na infância e se intensificou na adolescência, vem contribuindo para o meu entendimento da lógica de funcionamento desse fenômeno e proporcionou minha entrada no campo de investigação, assim como mostra Wacquant (2002). Fui incentivado pelos meus pais a praticar diferentes esportes competitivos (natação, judô, tae-kwon-do e futsal), de modo que, aos 10 anos de idade, fui ‘descoberto’ na escolinha de futsal da escola em que estudava e passei a integrar a equipe de atletas selecionados para as competições de âmbito federativo. Iniciei uma rotina semanal sistematizada de treinamentos e competições, vislumbrando a possibilidade de profissionalização no futsal: aula regular no período da manhã, tarefas escolares, lazer e demais afazeres no período da tarde, treinamento no período da noite e competições aos finais de semana. Essa era basicamente a agenda familiar naquele período da minha vida. Conheci lugares diferentes, tive a experiência de viver longe da família (no alojamento do clube) por um ano, joguei contra e com atletas que ainda hoje fazem sucesso na modalidade, e também com outros, a maioria dos quais não seguiu a carreira profissional. Apesar da relativa experiência esportiva, ao final do processo de formação, por volta dos 18 anos de idade, já não havia grandes expectativas de continuidade na carreira. A proximidade com o esporte me fez optar pelo curso superior de Educação Física, e as relações construídas ao longo da minha trajetória de formação acadêmica (realização de estágios, participação em cursos, grupos de estudos e as amizades com pessoas que atuavam no meio esportivo) me proporcionaram a oportunidade de ser contratado para integrar a comissão técnica das categorias mirim (sub-13) e pré-mirim (sub-11) do Avaí Futebol Clube (Florianópolis, SC), quando ainda restavam poucos meses para o término da graduação, no ano de 2010.

Inicialmente, atuei na função de auxiliar técnico da equipe, mas, nos últimos três anos em que estive no clube (de 2016 a 2018), exerci a dupla função de treinador e coordenador do projeto de formação inicial para crianças e adolescentes (de 9 a 13 anos de idade), no qual eram

realizadas atividades de treino e competições de futebol de campo e, em paralelo, de futsal,⁵ como ferramenta de desenvolvimento esportivo. Mesmo envolvido com a rotina profissional no clube, concluí, entre os anos de 2012 e 2014, o curso de mestrado (PPGE/UFSC), no qual investiguei o tema da profissionalização e escolarização de atletas de futsal no Estado de Santa Catarina (KLEIN, 2014).

Em 2017, retornei ao programa de estudos, desta vez no doutorado, e em meio ao processo de escrita da tese, fui convidado para iniciar um novo projeto profissional, curiosamente, no Figueirense Futebol Clube (Florianópolis, SC), rival do antigo clube em que atuava. Aceitei o desafio com muito entusiasmo.

Atento aos atuais debates sobre o processo de formação de atletas de futebol, sobretudo pela participação em seminários e eventos específicos da área, e envolvido diretamente nos projetos de formação de atletas em trajetória inicial em dois clubes, pude observar que as dinâmicas que envolvem as rotinas de treinamento, a constante procura de familiares, professores de escolinhas e agentes empresários,⁶ que buscam uma vaga nas equipes de base, os processos de seleção, o enfrentamento entre instituições em competições e partidas amistosas, entre outros aspectos que envolvem o processo de ensino, aprendizagem e formação de atletas em clubes profissionais, também representam, de certa forma, uma caricatura das lógicas vigentes no futebol espetacularizado para os atletas que se encontram em trajetória inicial de formação.

Ao focalizar esse momento inicial de formação de atletas, para além do interesse pessoal ou profissional, busco preencher uma lacuna nas produções acadêmicas sobre o tema, no que se refere à faixa etária que compreende o ‘ciclo de aprendizagem’ ou ‘pré-formação’. Isso porque, no exercício de apreensão das teses e dissertações supracitadas (**Quadro 1**), sobretudo com o olhar voltado aos dispositivos que estruturam o campo de formação e produção de futebolistas de base no Brasil, ficou evidente que o foco das pesquisas se destina, em grande medida, aos jovens que possuem certa trajetória de sucesso nas categorias de base dos clubes profissionais, ocupando um lugar nas fases finais do processo de formação (entre os 14 e os 20

⁵ Futsal e o futebol são esportes diferenciados, sobretudo do ponto de vista do alto rendimento, tanto no plano tático como nas regras, nos sistemas ou na parte técnica e física. Mas, do ponto de vista da iniciação esportiva, pode-se perceber uma similaridade de desenvolvimento, partindo-se do pressuposto de que ambos são ‘jogos de bola com os pés’. Essa ‘similaridade’ entre o futebol e o futsal, aliada ao fato de não existirem muitas opções de campos de várzea, tem direcionado as crianças e os jovens a primeiramente praticar o futsal em escolas e escolinhas esportivas, para que, mais tarde, sejam encaminhados ou convidados a jogar o futebol em clubes profissionais (CAVICHIOILLI *et al.*, 2011).

⁶ Uma das principais funções do empresário de atletas é modular ou ajustar a trajetória de seu pupilo no tempo, de forma a otimizar o retorno do investimento, isto é, a relação entre o capital corporal aplicado e os dividendos obtidos pelos atletas sob a forma de dinheiro, de experiência competitiva, de notoriedade e de contatos úteis com agentes que têm influência no campo profissional (WACQUANT, 2002).

anos de idade). O fato de o objeto de grande parte das pesquisas relacionadas ao tema estar centrado nas etapas finais de formação do atleta se justifica, pois, em geral, os clubes profissionais passam a investir pesadamente seus capitais no processo de formação dos jovens atletas a partir dos 14 anos de idade, conforme será mostrado ao longo do texto.

Do ponto de vista metodológico, foram tomadas como fontes para a presente investigação: informações divulgadas oficialmente por clubes profissionais de futebol em suas mídias sociais (*site* oficial, Facebook, Instagram e Twitter), notícias sobre o meio esportivo veiculadas em jornais eletrônicos, entrevistas com agentes formadores (Apêndice A) que atuavam com atletas em trajetória inicial, entrevistas com familiares de atletas em trajetória inicial pertencentes às categorias de base de um dos clubes investigados (Apêndice B), além de documentos oficiais obtidos por meio de acesso a teses, dissertações, artigos, atas de reuniões, relatórios técnicos, participação em cursos e eventos sobre futebol de base, observações no contexto de atuação profissional e conversas informais com agentes do campo, que aparecem ao longo do texto como dados complementares no entrecruzamento de fontes para a plena compreensão do cenário investigado. O projeto foi submetido e aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, e a participação dos sujeitos na investigação foi previamente consentida por meio de assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado e foram realizadas de forma individual e gravadas para posterior transcrição e categorização.

Foram selecionados dois coordenadores e seis treinadores que atuavam com atletas em trajetória inicial nas categorias de base de clubes profissionais, dentre os quais cinco são do Estado de Santa Catarina, dois de São Paulo e um do Rio Grande do Sul. Os critérios de seleção dos participantes e a quantidade de entrevistas foram definidos a partir das possibilidades⁷ apresentadas pelo próprio campo de investigação, já que a principal estratégia utilizada foi obter acesso aos funcionários dos clubes investigados durante competições em que também estive envolvido profissionalmente. Os objetivos das entrevistas com os agentes formadores foram traçar um perfil sobre esse grupo de profissionais (formação acadêmica, experiência esportiva, expectativa profissional) e produzir dados sobre o projeto de formação de atletas que os clubes vêm implantando para a trajetória inicial em suas categorias de base, o que inclui: a rotina de

⁷ A quantidade de agentes e clubes investigados foi limitada pela vontade, por parte dos entrevistados convidados, de participar da pesquisa. Vale destacar que houve tentativas de acesso a profissionais que atuavam em clubes como Athletico/PR, Cruzeiro/MG, Grêmio/RS, Internacional/RS, Palmeiras/SP, São Paulo/SP, entre outros, que se recusaram a servir de fontes de investigação para esta tese.

treinamento das equipes, a estrutura de treinamento oferecida pelo clube, as oportunidades de escolarização de seus atletas, entre outros elementos.

Foram também selecionados três familiares⁸ de atletas que integravam as categorias de base de uma das equipes investigadas. O acesso a esses familiares aconteceu no CT do clube, e as entrevistas foram realizadas uma hora antes do início da sessão de treinamento do atleta. A opção por esse clube se deu pelo acesso facilitado para o agendamento das entrevistas com os familiares que acompanhavam a rotina de treino de seus filhos, tendo em vista que, durante a construção da pesquisa, eu representava profissionalmente a instituição na função de treinador das equipes de base. As crianças não foram entrevistadas em razão dessa relação conflitante. O objetivo da realização das entrevistas foi produzir dados referentes ao projeto familiar, à rotina vivida pelo atleta nas categorias de base, ao nível de escolarização e ao envolvimento com a escola, à compatibilização entre treinos, competições e demais afazeres da vida e ao perfil socioeconômico daqueles que investem na trajetória inicial de seus filhos.

Os sujeitos investigados, mesmo não representando a totalidade da realidade dos agentes formadores que atuam em clubes de futebol no Brasil, nem dos familiares que investem no projeto de carreira de seus filhos, tornam-se relevantes para a pesquisa na medida em que se inserem num universo instituído pelas etapas de iniciação e formação profissional, representado por uma significativa parcela de crianças e adolescentes que buscam ‘dar o pontapé inicial’ na construção da carreira esportiva em espaços especializados de aprendizagem e desenvolvimento das técnicas futebolísticas.

Na sequência do texto, no segundo capítulo, será apresentado *O campo em formação*, que traz um breve panorama histórico sobre as categorias de base do futebol brasileiro, além de apontamentos legais e estratégias de flexibilização sobre a etapa de iniciação de futebolistas de base. Em seguida, o terceiro capítulo, *O campo de investigação*, apresenta os agentes formadores, as famílias e as instituições investigadas na construção da tese. O quarto capítulo, *A formação em campo*, traz os primeiros movimentos presentes no processo de formação de futebolistas de base, a rotina de preparação/aprendizagens e a inserção nas competições esportivas. No quinto capítulo, *Analisando criticamente temas presentes na formação inicial de futebolistas de base*, os dados produzidos pela investigação são confrontados com a literatura

⁸ Optei por não realizar entrevistas com familiares de atletas vinculados a outros clubes, devido a minha relação profissional com uma das instituições investigadas. Por razões éticas, este movimento de investigação/entrevista poderia trazer desconforto aos sujeitos e até mesmo ser interpretado como uma forma de assédio aos familiares e atletas por parte do clube que eu representava. Ao realizar o processo de transcrição das entrevistas, ficou evidente que, para produção dos dados e análises críticas, três familiares entrevistados foi um fator limitante da pesquisa, pois estes trouxeram informações relevantes, porém pouco diversificadas sobre o campo investigado.

específica da área. E, por fim, as *Considerações finais* trazem uma síntese da tese e apresentam eixos para uma intervenção pedagógica estruturada na iniciação esportiva, com vistas a uma educação esportiva em clubes profissionais de futebol.

2 O CAMPO EM FORMAÇÃO

O presente capítulo busca traçar um paralelo entre o processo histórico de constituição e consolidação dos espaços formais de produção de jogadores de futebol para o mercado de trabalho profissional – CTs e categorias de base – e apresentar as estratégias de flexibilização utilizadas por agentes, clubes e familiares, em cotejo com as leis que se ocupam da etapa de pré-formação esportiva de futebolistas brasileiros.

2.1 CATEGORIAS DE BASE NO FUTEBOL BRASILEIRO: BREVE PANORAMA HISTÓRICO A PARTIR DA FORMAÇÃO DO ATLETA PARA O MERCADO

Destinadas a descobrir e formar jogadores, as categorias de base de futebol estão se tornando, cada vez mais, uma eficiente e segura fonte de renda para os clubes brasileiros. Mesmo que a transferência de atletas ainda em fase de formação ocorra há décadas, a exemplo do caso do atacante Ronaldo ‘fenômeno’, que já em 1994 foi negociado do Cruzeiro, de Minas Gerais, para o PSV Eindhoven, da Holanda, com apenas 17 anos de idade, esse tipo de transação teve um aumento significativo a partir dos anos 2000. Nos últimos anos, cresceu o número de jovens atletas negociados para o exterior, e os investimentos em formação nas categorias de base passaram a ter importância cada vez maior no planejamento financeiro das agremiações. Entre os clubes brasileiros que recentemente mais lucraram com as vendas de jovens atletas estão o Flamengo (RJ), o Santos (SP), e o Grêmio (RS) (JOVENS..., 2019).

Segundo o *Relatório de migração de atletas*, apresentado por Victor (2020), no ano de 2019, 1.282 atletas deixaram o Brasil rumo ao exterior, a maior parte para Portugal, Japão, Espanha, Itália, Malta, Turquia, China e Estados Unidos. Segundo o autor supracitado, Portugal é o país que mais recebe atletas brasileiros e acaba fazendo o papel de ponte, valorizando o atleta e abrindo-lhe as portas para as principais ligas europeias.

Apesar da regulamentação da Fifa, que proíbe a transferência internacional de jovens menores de 18 anos, os clubes europeus investem na observação de atletas em formação que atuam no Brasil e, para conseguir incorporá-los aos seus plantéis, utilizam-se da ida de famílias que migram para o continente em busca de oportunidades e melhores condições de vida, uma maneira mais fácil de terem os atletas com baixo custo e maior possibilidade de retorno financeiro.

No Brasil, a realidade vivenciada pela maioria dos jovens que se profissionalizam e permanecem jogando nas divisões profissionais está muito distante das condições e dos salários das principais ligas nacionais, e ainda mais das do exterior.

De Paula (2013) e Rocha (2017), considerando o imaginário social desenvolvido em torno da carreira de jogador de futebol, que contempla parte da afirmação da masculinidade e da identidade⁹ do brasileiro e confere *status* para os praticantes desse esporte que demonstram dominar suas habilidades de forma aprimorada para o público, mostram que a busca de um grande número de meninos, seus familiares e agentes, não é somente por uma trajetória profissional mas também por um conceito que envolve noções de honra e prestígio, tendo em vista que a consolidação na carreira de jogador permite a possibilidade de expansão desses valores para além da comunidade local, atingindo, em alguns casos, patamares nacionais e mundiais, quando o indivíduo se torna ídolo em seu clube ou seleção, por exemplo. Tal dimensão sociológica é algo que se deve levar em consideração na construção do desejo de se tornar jogador profissional, que tende a ignorar o conhecimento sobre as dificuldades do processo de profissionalização e a baixa representação dos cargos valorizados nesse mercado. Nesse sentido, ocorre uma mobilização pessoal por parte dos familiares como resposta às dificuldades, para assim potencializar o futuro do filho futebolista.

Soares *et al.* (2009) mostram que aqueles que chegam ao topo da cadeia esportiva, isto é, os jogadores profissionais bem-sucedidos, servem para retroalimentar os valores ideológicos disseminados por veículos de mídia diversos. Somam-se a isso, no caso do futebol brasileiro, as conquistas globais de nossas seleções, times e jogadores, que conferiram uma posição de destaque aos profissionais dessa modalidade. No entanto, ao se fazer o contraponto dos que são exaltados como exemplos de sucesso, constata-se que a realidade é muito dura e apresenta mais frustrações do que êxitos para a maioria dos pretendentes ao posto de jogador profissional de futebol. Muitos são levados a trilhar um caminho árduo em busca de um sonho pessoal e familiar capaz de superar barreiras sociais e econômicas. O mercado do futebol é tão ou mais competitivo que o próprio esporte – considerando que seja possível separar uma coisa da outra –, com grande demanda de interessados, e poucos postos de trabalho bem remunerados, ampliando ainda mais as possibilidades de insucesso. Dados da CBF revelam que há cerca de

⁹ Paoli *et al.* (2010), ao destacar o crescente número de estudos no campo das Ciências Humanas e Sociais, no Brasil e na América Latina, sobre o tema do esporte em geral, e do futebol em específico (DAMATTA, 1982; ROSENFELD, 1993; LEITE LOPES, 1994; ARCHETTI, 1994; MURAD, 1996; GUEDES, 1998; TOLEDO, 2001; HELAL *et al.*, 2001; FIENGO, 2000; GASTALDO, 2000; AGOSTINO, 2002; ALABARCES, 2002; SANTOS NETO, 2002; DAMO, 2005), afirmam que o futebol é uma das grandes instituições culturais que, em conjunto com a educação e os meios de comunicação de massa, conformam o processo de construção da identidade nacional.

800 clubes profissionais registrados no País, o que representa uma estimativa de 10 a 15 mil postos de trabalho para futebolistas. Porém, apenas 2,5%, isto é, 20 clubes, detêm 90% da preferência dos torcedores. Levando-se em conta que um elenco profissional possui em média 26 atletas, a estimativa é de que se tenha somente 520 postos de trabalho na parte mais valorizada do mercado (Série A do campeonato nacional) (DAMO, 2005; SOARES *et al.*, 2009).

A título de exemplo, em 2019, o portal do Globo Esporte (ZARKO, 2019) apresentou dados sobre a média salarial dos atletas registrados na CBF que atuaram em competições nacionais e estaduais no ano anterior (2018). Entre os 11.683 atletas profissionais com contratos ativos, 55% recebiam aproximadamente R\$ 1 mil mensais, outros 33% recebiam até R\$ 5 mil e apenas 1% recebia acima de R\$ 500 mil. Além disso, deve-se levar em conta a duração dos contratos dos atletas que não integravam equipes participantes das principais competições nacionais e, conseqüentemente, passavam um período do ano desempregados.¹⁰ Damo (2005) descreve os problemas do sistema futebolístico, uma profissão quase sempre precária, assinalada por vicissitudes, cobranças, reveses, lesões e pouco (ou nenhum) *glamour* na maioria dos casos, visto que muitos dos jogadores estão desempregados ou ocupando vagas temporárias, a depender da sazonalidade dos campeonatos, ganhando valores próximos ao salário-mínimo.

O pontapé inicial do cenário atual ocorreu somente a partir da década de 1930, quase quarenta anos após os primeiros registros da prática do futebol no Brasil, quando o futebol se tornou oficialmente profissão. Com isso, a modalidade passou a ser vista como uma opção de trabalho que poderia proporcionar ascensão social e financeira a uma camada da população com poucas possibilidades de emprego e renda. Os benefícios dessa profissão, aliados às poucas opções de lazer e ao limitado acesso às escolas, atraíram o interesse de parte da população masculina infantil e jovem, que ocupava seu tempo livre praticando o jogo sem a mesma organização e estrutura dos clubes socioesportivos de elite da época (RODRIGUES, 2003; DAMO, 2005; MORAES; BASTOS; CARVALHO, 2016).

Apesar da popularização da modalidade e do surgimento de novos clubes e torneios, naquele tempo, dava-se ainda pouca importância para a formação de atletas e os treinamentos de equipes. Tal postura era justificada pela crença de que o desempenho era fruto do talento individual dos jogadores, que nasciam dotados de um ‘dom natural’ para o jogo, sendo desnecessário, portanto, submetê-los a constrangimentos baseados em métodos científicos de

¹⁰ Este estudo não levou em conta os impactos causados pela pandemia de Covid-19, o que provavelmente alterou os dados sobre as receitas dos clubes e a média salarial dos atletas.

preparação física e desenvolvimento da técnica e da tática. Essa visão foi maximizada pelas conquistas da seleção brasileira nas Copas do Mundo de 1958 e 1962, período que legitimou o chamado “futebol-arte à brasileira” (TOLEDO, 2001; DAMO, 2005; RODRIGUES, 2003; MORAES; BASTOS; CARVALHO, 2016).

Porém, logo na edição seguinte do torneio, em 1966, realizada na Inglaterra, o selecionado do Brasil foi surpreendido por um estilo de jogo conhecido como ‘futebol-força’, que tinha como bases a organização tática, o sentido coletivo de equipe e a intensidade de jogo, a partir do desenvolvimento da preparação física de seus atletas (RODRIGUES, 2003; PAOLI, 2007; MORAES; BASTOS; CARVALHO, 2016). Segundo Florenzano (1988 *apud* PAOLI, 2007), a eliminação precoce da seleção brasileira, ainda na primeira fase daquele mundial, despertou uma preocupação pedagógica sobre o processo de formação de atletas existente no País. Na época, o principal fator apontado pelos treinadores, e principalmente pela mídia esportiva, para justificar o fracasso foi o insuficiente preparo físico e os maus hábitos de vida (frequente uso de bebidas, cigarros, festas, etc.) dos jogadores. Inspirados em um modelo de ‘produção’ de atletas já existente no continente europeu, sobretudo pelas seleções nacionais vitoriosas daquela edição do torneio (a campeã Inglaterra e a vice-campeã Alemanha), agentes especializados do campo esportivo (treinadores, preparadores físicos e jornalistas) falavam sobre a necessidade de corrigir as insuficiências físicas e combater os vícios do jogador brasileiro desde sua formação de base. Esses objetivos seriam satisfeitos se trabalhados desde a tenra idade e sem interrupções ao longo de todo o processo de formação profissional do atleta. A chamada ‘corrente modernizadora’ era favorável à adoção do modelo de jogo europeu e de métodos científicos de treinamento esportivo, sendo liderada pelas figuras de Cláudio Coutinho e Carlos Alberto Parreira, preparadores físicos da seleção brasileira que conquistou o tricampeonato mundial em 1970, no México (RODRIGUES, 2003; MORAES; BASTOS; CARVALHO, 2016).

Curiosamente, a história parece se repetir; a derrota da seleção brasileira para a Alemanha (campeã do torneio) na semifinal da copa do mundo de 2014, realizada no Brasil, pelo placar de 7x1, movimentou uma série de debates, tanto sobre a formação do atleta quanto de dirigentes, treinadores e demais agentes que atuam nesse processo, bem como das estruturas e dos projetos de formação do jogador brasileiro. Outra vez, tomaram-se como referência os maus resultados, sobretudo pelo fato de que o quinto e último título mundial até o momento fora conquistado em 2002, por uma geração de atletas que já se aposentou dos gramados. A imprensa televisiva assumiu o papel de mostrar os problemas da formação brasileira, e o repórter Eric Faria apresentou uma reunião de fatores ou causas que poderiam explicar o modelo

precário de formação da base nacional no documentário *A Base: da terra à grama*, que foi exibido em quatro episódios no programa *Esporte Espetacular* (Rede Globo) e mostrou os principais dilemas da formação do futebolista brasileiro (ROCHA, 2017). A CBF também foi responsabilizada por esse período de fracasso da seleção, sendo acusada de não dar suporte suficiente para a formação das novas gerações de atletas e agentes formadores. A resposta imediata foi a troca de comando da seleção principal e o anúncio de reformulações nos departamentos de competições e seleções de base, bem como a constituição de um programa de certificação de treinadores e demais agentes atuantes no futebol de base e no futebol profissional, similar ao modelo existente na União das Associações Europeias de Futebol (Uefa) e também na Asociación del Fútbol Argentino (AFA), tendo como objetivo, a médio e longo prazo, qualificar a formação ofertada pelos clubes aos atletas nacionais.

Retomando-se o período da primeira ‘revolução’ do futebol brasileiro, datado de meados da década de 1960 até o início dos anos 1980, tratava-se de um cenário em que ocorriam grandes alterações na sociedade brasileira, as quais contribuíram para uma diminuição do tempo livre da população e, conseqüentemente, da prática do futebol. Dentre essas alterações, destacam-se: o aumento do tempo dedicado ao trabalho; o crescimento do número de escolas e, portanto, do acesso à educação formal; a expansão urbana e imobiliária; o desaparecimento dos campos de várzea; o aumento gradual e contínuo da violência; e o advento de novos recursos tecnológicos que possibilitaram a ampliação e consolidação da televisão como forma de lazer para grande parte da população urbana. Tudo isso, aliado à modernização estrutural dos clubes nacionais, que exigia a formação de novos futebolistas para o mercado, representa o cenário em que o processo de formação de atletas passou a ser realizado dentro dos clubes profissionais, com a supervisão dos recém-criados Departamentos de Formação/Base (RODRIGUES, 2003, 2007; MORAES; BASTOS; CARVALHO, 2016). Com a profissionalização da gestão, entre outros aspectos, os clubes passaram a formar atletas para o mercado nacional e internacional, e uma série de dispositivos tornaram-se relevantes para o desenvolvimento do trabalho dos clubes, que investiam e seguem investindo nas etapas de formação de crianças e jovens futebolistas.

Nesse período, foram criadas as primeiras escolinhas esportivas tal como as conhecemos hoje, ou seja, espaços nos quais crianças e adolescentes passaram a aprender e desenvolver as técnicas do futebol da maneira considerada correta. As escolinhas obtiveram uma rápida aceitação e expansão na década de 1970, e sua consolidação reforçou a ideia de que o jogador formado na rua e na várzea deveria ser desvalorizado. Nesse sentido, é possível observar uma significativa mudança no processo de formação dos jogadores brasileiros, que, inicialmente, pautava-se em uma forma mais espontânea, desenvolvida pela prática do futebol de rua,

posteriormente substituída por um modelo mais rígido e controlado, praticado em espaços formais de ensino – aulas e treinos especializados da modalidade (SCAGLIA, 1999). A criação das escolinhas esportivas abriu também um novo campo de trabalho para ex-jogadores, que, na maior parte dos casos, não possuíam formação educacional completa, devido às exigências da carreira de atleta de futebol. Assim, o ensino do futebol tornou-se uma forma de reconversão profissional, dando ensejo ao embate, até hoje existente, entre ex-jogadores, que defendem que o conhecimento prático sobressai ao conhecimento científico, e profissionais de Educação Física, que defendem o uso de teorias e metodologias ao invés do empirismo supostamente praticado pelos ex-jogadores (MORAES; BASTOS; CARVALHO, 2016).

Mas foi a partir do início da década de 1990 que a expansão do futebol passou a ter destaque em diferentes atividades associadas à indústria do entretenimento, gerando grande movimentação econômica. A globalização da economia mundial se reflete nessa indústria e nos segmentos que a compõem, dentre os quais o esporte e o futebol como espetáculo, com a transformação das partidas e dos campeonatos em grandes eventos transmitidos e assistidos mundialmente, aumentando a competitividade, as receitas dos clubes e supervalorizando a imagem do atleta profissional (MORAES; BASTOS; CARVALHO, 2016). Nesse cenário, a formação de jogadores transforma-se em um rentável negócio para os clubes brasileiros, pois, além da tarefa de abastecer a equipe principal, possibilita a receita de recursos fundamentais para a saúde financeira dos clubes, como dito anteriormente. Ao longo do tempo, para aprimorar o processo de formação de jogadores e cumprir objetivos sociais, as escolinhas foram naturalmente se caracterizando em três tipos: escolinhas seletivas clubísticas ou categorias de base; escolinhas seletivas privadas; e escolinhas não seletivas (CAMPESTRINI, 2009; MORAES; BASTOS; CARVALHO, 2016). O primeiro desses tipos, as escolinhas seletivas clubísticas ou categorias de base, encontra-se no centro desta investigação, sobretudo pelo fato de ser o que representa o espaço de formação de atletas em trajetória inicial de carreira profissional, enquanto os outros formatos de prática esportiva se configuram como espaços socioeducativos não profissionalizantes.

Atualmente, a estrutura oficial de formação de futebolistas no Brasil está consolidada em diferentes categorias etárias. Segundo Dantas (2011), os grandes clubes brasileiros possuem em suas estruturas de categorias de base, no mínimo, equipes que vão desde a categoria sub-13, que atende atletas de 11 a 13 anos de idade, até o sub-20 (juniores), e nessas categorias a intensidade e a quantidade de treinamentos e campeonatos aumentam gradativamente em direção à profissionalização.

Para Rodrigues (2003), a modernização do esporte vem promovendo uma produção em massa de atletas para o mercado de trabalho, cenário em que os CTs podem ser definidos como “[...] laboratórios para a formação e preparação dos atletas para um futebol cada vez mais competitivo”. Com o advento dessas estruturas, os clubes passaram a quantificar e qualificar a formação de atletas, possibilitando o desenvolvimento integrado de fatores físicos, psicológicos, técnicos e táticos, bem como a se utilizar de métodos e tecnologias capazes de promover o controle de cargas de volume e da intensidade de treinos e jogos, bem como de inserir no jovem a predisposição para o trabalho físico e para a observância às normas do clube, requisitos básicos para o preenchimento de vagas nesse mercado de trabalho. Nesses centros, geralmente são construídos alojamentos para os atletas, principalmente para aqueles em formação e com idade a partir dos 14 anos, oriundos de outras cidades. Tais jovens passam a residir nas instalações dos clubes, com o objetivo de se tornarem jogadores profissionais, pavimentando o caminho para a transformação do processo de formação e a comercialização de atletas (PAOLI, 2007; MORAES; BASTOS; CARVALHO, 2016). Os CTs, assim como o *gym*, descrito por Wacquant (2002) em sua pesquisa sobre a formação de boxeadores, são espaços socializadores que modelam o corpo e a alma dos atletas, lugares em que as habilidades e os valores fundamentais para o exercício da profissão são lapidados, uma espécie de fábrica de ‘talentos’ que liga os indivíduos a um objetivo em comum.

Nesse sentido, para que o processo de formação de futebolistas seja contemplado em sua plenitude, faz-se necessário que os CTs possuam uma estrutura física e funcional que subsidie o desenvolvimento dos futebolistas (THIENGO, 2011).

Em relação à estrutura física, a Fifa recomenda que esses centros possuam o mínimo de instalações, como: campos para treinamento com gramados naturais e sintéticos; equipamentos e materiais em quantidade e qualidade suficiente para garantir o bom andamento das atividades; centro médico; salas de cursos; vestiário; e, em alguns casos, de acordo com o regime escolhido para os jogadores, alojamentos para abrigar aqueles oriundos de regiões distantes dos centros de formação (THIENGO, 2011), como mencionado anteriormente.

Considerando que o futebol de hoje é diferente do futebol de tempos atrás (tanto dentro quanto no entorno do campo) e que a importância cultural desse esporte se mantém tão forte no Brasil, segundo Oliveira (2014), é certo que os CTs, para responderem de maneira positiva às exigências atuais e futuras da profissão, precisam constantemente se reorganizar e repensar as metodologias e os instrumentos utilizados na identificação e no desenvolvimento do futuro futebolista profissional, sem deixar de considerar as relações que se mantêm até os dias atuais, as que se modificaram e as que se perderam ao longo da história.

Em um cenário ideal, têm-se todos os setores do clube funcionando em sintonia com as condições de infraestrutura para o treinamento, a moradia e a formação escolar de crianças e jovens aspirantes à profissionalização no futebol. Mas é preciso olhar atentamente para o contexto econômico e social de cada clube que investe na formação e lembrar também que o futebol brasileiro passa ainda por um processo lento e gradual de modernização, que, como visto anteriormente, foi iniciado na década de 1960, período de inserção dos profissionais especializados no mercado, sobretudo graduados em Educação Física e áreas afins, que colocou em questão o modelo utilizado até então na preparação de futebolistas brasileiros, bem como a crença de que o jogador, supostamente detentor de um dom natural, já nascia ‘pronto’ (PAOLI, 2007).

2.2 APONTAMENTOS LEGAIS E ESTRATÉGIAS DE FLEXIBILIZAÇÃO SOBRE A FORMAÇÃO DE FUTEBOLISTAS DE BASE

A partir das referências apresentadas anteriormente no **Quadro 1**, na introdução, pode-se afirmar que as pesquisas envolvendo crianças e adolescentes praticantes de futebol estão, em sua maioria, voltadas para as escolinhas de iniciação conveniadas aos clubes e/ou projetos sociais. Pouco se fala sobre o lugar que os atletas de rendimento – imersos em rotinas de treinamentos especializados e competições – ocupam nas categorias de base desses clubes profissionais.

O futebol é um espaço de lazer que ocupa parte da rotina das famílias brasileiras, e a oportunidade de profissionalização representa apenas uma parcela desse universo esportivo, portanto é importante esclarecer que há diferenças significativas, tanto do ponto de vista simbólico quanto do ponto de vista econômico, entre os métodos e conteúdos pedagógicos da aprendizagem e do desenvolvimento esportivo especializado para atletas em trajetória inicial de formação que integram categorias de base em clubes oficiais, cujo foco está na formação para o mercado profissional do futebol, e para alunos de escolinhas socioesportivas, que buscam o esporte como ferramenta de socialização e participação, mas também como meio de acesso aos clubes profissionais.

Ao se realizar um levantamento a partir do *site* oficial dos clubes que participaram da primeira divisão do campeonato brasileiro de futebol no ano de 2018 – uma das fontes desta pesquisa, como dito anteriormente –, ou seja, das principais instituições futebolísticas do País naquele ano, constatou-se que todos os 20 clubes possuíam quatro eixos em comum no que diz respeito ao processo de iniciação esportiva, qual sejam: a) escolas comerciais privadas de

futebol conveniadas ao clube, para diversas faixas etárias; b) processos regulares de detecção e seleção de atletas, em diversas faixas etárias; c) equipes de treinamento e competições nas categorias sub-11 (crianças entre 10 e 11 anos de idade), sub-13 (entre 12 e 13 anos idade) e demais categorias subsequentes; e, d) para os atletas mais novos, sobretudo antes dos 14 anos de idade, a modalidade futsal estava presente como ferramenta ‘pedagógica’ de treinamento e captação de talentos para os clubes.

Os eixos em comum ao processo de iniciação esportiva revelam que, nos principais clubes nacionais, há institucionalizado um universo profissionalizante desde as etapas de pré- formação de futebolistas, porém dados da Fifa e da CBF reforçam a noção de que há maior capital simbólico e econômico direcionados para as etapas finais de formação do atleta, sobretudo pelo fato de ambas as entidades conferirem caráter oficial somente às competições a partir da categoria sub-15 (atletas entre 14 e 15 anos de idade). Inclusive, para disputas internacionais, a seleção brasileira de base é formada também a partir dessa faixa etária.¹¹

Outro fator de destaque nos investimentos dos clubes em jovens de idade mais avançada, segundo Rodrigues (2007), é assegurado pela Lei Pelé, Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, e pela Nova Lei Pelé, Lei nº 12.395, de 16 de março de 2011. Ao tratar da ‘formação do atleta’, a lei refere-se ao vínculo não profissional (amador) mantido com o clube antes do primeiro contrato de trabalho, que só pode ser assinado a partir dos 16 anos de idade. A referida Lei afirma que este vínculo não profissional é temporal e o clube precisa comprovar o registro do atleta por um período de, no mínimo, dois anos.

Para De Paula (2013), uma das consequências da Lei Pelé foi tirar as proteções tanto dos atletas quanto dos clubes e permitir uma abertura definitiva para o mercado. Nesse processo, a atividade do agente empresário¹² passou a ser regulamentada pela Fifa, ganhando destaque no cenário das transações também no futebol de base.

Além disso, em paralelo às leis esportivas, merece destaque a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. O ECA foi criado para proteger as crianças e os adolescentes, garantindo-lhes o direito à prática esportiva, a brincar e divertir-se, mas, ao tratar do tema da profissionalização e proteção no mercado de trabalho, determina que aos menores de 14 anos é proibido celebrar qualquer tipo de vínculo empregatício. Além disso, estabelece bases para o aprendiz acima dessa faixa etária, que deverá

¹¹ Disponível em: <https://bit.ly/3xok8zI>. Acesso em: 13 dez. 2018.

¹² Atletas consolidados na carreira relatam a importância da figura do agente empresário em sua formação, pois este atua como uma espécie de gerente de carreira e ajuda a manter o atleta na categoria de base do clube. Quando o atleta é dispensado, o empresário desempenha o papel de mediador de novas oportunidades, entrando em contato com clubes e buscando testes para os meninos (ROCHA, 2017).

ter o direito à escola garantido e os horários das atividades adequados à rotina escolar, assegurando-lhe o pagamento de uma bolsa e demais direitos trabalhistas e previdenciários. Tal Lei merece destaque, porque, segundo Moraes (2015), os jogadores de futebol em formação podem ser considerados aprendizes de um ofício, levando os clubes a cumprir as obrigações citadas: o atleta de base, a partir dos 14 anos completos, deve receber uma ajuda de custo mensal (obrigatória para os clubes com Certificado de Clube Formador chancelado pela CBF), que pode variar entre R\$ 150 e R\$ 500, dependendo do porte do clube.

Diante desse cenário, pode-se dizer que, no contexto de formação de atletas profissionais de futebol no Brasil, há uma ruptura, nos termos da legislação, entre as categorias vistas como de iniciação e especialização (até os 14 anos de idade) e as categorias de formação para a profissão (dos 14 aos 20 anos de idade).

Mas, apesar de o calendário do futebol de base representar oficialmente apenas as categorias das fases finais da formação, as federações estaduais, as ligas municipais e as empresas privadas buscam promover competições também na etapa da pré-formação, justamente por entenderem que deve ser oportunizado aos atletas em trajetória inicial o ambiente de competição desde o início de sua formação, como forma de preparação para o alto rendimento. Além disso, as competições no futebol de base servem como vitrine para aqueles que buscam ingressar nos clubes profissionais. No Estado de São Paulo, por exemplo, anualmente, acontece o campeonato estadual da categoria sub-11, com algumas regras flexibilizadas, como o tamanho da trave, as dimensões do campo, o número de jogadores, entre outras,¹³ sob a justificativa de melhorar a qualidade do jogo e a participação efetiva da criança no ambiente de aprendizagem da competição. No ano de 2019, aconteceu a primeira edição do Campeonato Estadual Catarinense na categoria sub-13, e em 2020 estava previsto também a realização do torneio na categoria sub-11, dentro dos mesmos padrões propostos pela Federação Paulista, o que não ocorreu devido à paralisação das atividades esportivas em função da pandemia de Covid-19. A Federação Catarinense de Futebol (FCF), ao promover a primeira edição do torneio na categoria sub-13, também flexibilizou as regras,¹⁴ para obter maior participação dos atletas nos jogos, como, por exemplo: a equipe deveria utilizar todos os atletas relacionados na partida por um tempo mínimo de 15 minutos e o atleta advertido pelo árbitro da partida por falta grave ou ofensas deveria ser substituído por outro atleta, mesmo que a equipe já tivesse realizado todas as trocas de que dispunha no jogo, ou seja, não estava prevista a utilização de cartões e sanções suspensivas para os atletas.

¹³ Disponível em: <http://2016.futebolpaulista.com.br>. Acesso em: 10 maio 2019.

¹⁴ Disponível em: <http://fcf.com.br/>. Acesso em: 20 fev. 2019.

Tais estratégias de flexibilização das regras oficiais do esporte são recomendadas pela Fifa e representam adaptações estruturais no ambiente de competição (FILGUEIRA, 2019), mas não afetam os princípios da sobrepujança e das comparações objetivas, tampouco as tendências de selecionamento, especialização e instrumentalização, que representam as lógicas universais da prática esportiva voltada ao alto rendimento, tal como apresentadas por Kunz (2001), tema que será analisado criticamente a partir das falas dos agentes entrevistados, no capítulo final da tese.

A realização de eventos federativos e o interesse dos clubes em participar de competições desde a etapa de iniciação é justificado e legitimado pela possibilidade de vinculação dos atletas ao sistema de registros da CBF, garantindo futuros direitos econômicos sobre a formação, conforme será mostrado em seguida.

Por estar integrada ao *Regulamento Nacional de Registro e Transferência de Atletas de Futebol*, documento orientador da CBF (2021), a participação dos clubes em competições oficiais geridas por suas federações estaduais permite o Cadastro de Iniciação Desportiva dos atletas adolescentes de 12 e 13 anos de idade para atividades de iniciação desportiva. Esse termo de compromisso possui validade máxima até o final da respectiva temporada (31 de dezembro do ano vigente), estando o atleta livre para atuar em outro clube no ano seguinte, o que cria um vínculo temporal delimitado entre atleta e clube. O documento não possui validade jurídica contratual entre as partes, pois o cadastro tem como finalidade apenas a garantia de registro do atleta em seu clube de origem. A partir desse cadastro, o atleta passa a receber um Passaporte Desportivo, que contém o histórico de seus registros.¹⁵

Campestrini (2009) mostra que a própria Fifa estabelece que o período de educação esportiva do atleta tem como marco inicial os 12 anos de idade. Dessa forma, os clubes formadores que investirem no atleta entre 12 e 21 anos de idade têm o direito de receber indenização pelo treinamento proporcionado em transferências ocorridas até o final da temporada correspondente ao seu 23º aniversário.

Segundo Souza, Almeida e Marchi Júnior (2014), a Fifa possui 208 federações nacionais filiadas, incluindo as de países que ainda não conquistaram sua independência, trazendo em seu discurso, portanto, uma perspectiva ‘inclusiva’, que, por sua vez, pode ser entendida como parte da visão institucional da Fifa em expandir o mercado futebolístico e se fazer presente como entidade máxima da modalidade em todo o mundo. E, para ser legítima, toda a atividade profissional de futebol deve estar em consonância com o sistema Fifa e as respectivas

¹⁵ Disponível em: <https://www.cbf.com.br>. Acesso em: 25 fev. 2019.

confederações nacionais. O mesmo se dá com as transferências internacionais de atletas, por exemplo, que devem ocorrer a partir do Sistema Internacional de Transferência (*Transfer Matching System* – TMS). Sem a certificação desse sistema, não é possível realizar transações internacionais entre entidades esportivas e jogadores de futebol nos diferentes países. Como regra geral, o certificado de transferência internacional deve ser concedido apenas a atletas com idade superior a 18 anos. No entanto, o próprio regulamento de transferências da Fifa apresenta como possibilidade de flexibilização o caso de os pais do atleta se mudarem, a trabalho, para o país em que ele vai realizar as atividades como jogador de futebol, desde que o referido trabalho exercido pelos pais não esteja vinculado ao futebol (DE PAULA, 2013). Essa estratégia é similar ao que acontece no contexto das categorias de base dentro do território nacional, como veremos a seguir.

No Brasil, há uma regulamentação do Ministério Público que proíbe os atletas menores de 14 anos de residirem em alojamentos coletivos. Nesse sentido, para não entrar em conflito com a legislação, os clubes buscam flexibilizar a forma de preenchimento das vagas em suas categorias de base iniciais; em geral, quando os familiares têm disponibilidade financeira – ou recebem ajuda financeira de agentes empresários – e o menino ainda não atingiu a idade mínima, a família ou parte dela (geralmente a mãe) acaba se mudando para próximo do clube, a fim de acelerar o processo de integração à rotina de treinos e permitir que o menino acompanhe o desenvolvimento dos companheiros de equipe. Nas etapas de pré- formação, a figura do agente empresário aparece ainda de forma incipiente, já que o atleta ainda não possui vínculo contratual com o clube. Nesse período formativo da carreira, quando presente, o empresário busca construir um bom relacionamento com os familiares do atleta e auxiliar em pequenas ações, como compra de chuteiras, ajuda financeira para deslocamentos, pagamentos de mensalidades em atividades complementares (treino com *personal*), alimentação, entre outros, e aproximar-se dos agentes – treinadores, captadores e coordenadores dos clubes –, a fim de firmar futuras parcerias, tornando-se assim uma espécie de ‘gerente de carreira’ daquele atleta com potencial futuro de negócio para retorno dos seus investimentos.

Salvo exceções, o clube assume o papel de formação do atleta somente a partir de sua transição para a maioria futebolística, e é justamente nesse período que a figura do agente empresário ganha destaque. Porém, há casos em que atletas em trajetória inicial recebem ajuda de custo de maneira informal por parte do clube ou de seus agentes empresários. Outra estratégia, menos comum, é o clube ou o agente ofertar uma vaga de emprego em serviços como manutenção, segurança, motorista, entre outros, a um dos membros da família do atleta, com o

objetivo de construir uma relação de fidelidade entre as partes com vistas a uma futura negociação de contrato profissional.

Há também outras estratégias, como apresenta De Paula (2013) no relato sobre a trajetória de um aspirante à atleta residente na cidade de Brasília, DF, que aos dez anos de idade fez o seu primeiro teste em um clube profissional, na cidade de São Paulo. Ao ser aprovado, passou a integrar uma espécie de ‘monitoramento’, que pode ser lido também como um modo de vincular atletas em trajetória inicial sem entrar em conflito com a legislação. Uma vez confirmados como atletas em ‘monitoramento’, os garotos passam a fazer viagens periódicas ao clube, onde realizam, em média, uma semana de treinamentos, depois retornam para suas cidades de origem. Importante destacar que esse sistema causa impacto na frequência escolar dos meninos, tendo em vista que a legislação não prevê esse tipo de atividade e o clube não é responsabilizado pelas consequências. O ‘monitoramento’, em geral, ocorre até os 14 anos de idade, quando, de acordo com a legislação citada anteriormente, é permitido que os clubes façam oferta de moradia e alojamentos aos seus respectivos atletas.

Há uma dimensão legal em constante transformação para garantir a proteção dos clubes que investem na formação do atleta desde sua iniciação, mas, ao que tudo indica, o ponto-chave da questão está no compromisso ético-profissional dos agentes que representam as instituições. Notícias referentes ao assédio de clubes a atletas menores de idade são constantemente reportadas pela mídia virtual: “América acusa Cruzeiro de aliciar jovem de 14 anos” (KAIZER; ARRUDA, 2019), “Não é só no profissional: base do Palmeiras sofre com assédio de clubes do exterior” (ZITO, 2018), “Coritiba denuncia Atlético PR por assédio a jogador de 14 anos” (VENANCIO, 2015), “Pais de jogadores da base acusam Santos de assédio por contrato; clube nega” (PERAZOLLI, 2018). O caso mais recente de repercussão na mídia nacional foi o do jovem atleta Estevão Willian, que iniciou nas categorias de base do Cruzeiro aos 10 anos de idade, seu pai se tornou funcionário do clube (assessor da Presidência), uma forma de garantir o bom relacionamento entre as partes, porém a ‘joia’ do clube – como mostra a reportagem do *site* Globo Esporte (DUARTE, 2021) – optou por assinar seu primeiro contrato de formação, quando completou 14 anos de idade, com o Palmeiras.

Palmiéri (2015) mostra que, no ano de 2012, os clubes brasileiros firmaram um ‘acordo de cavalheiros’ junto à CBF, por meio do qual se comprometeram a não contratar ou assediar atletas da base que estejam em litígio ou em negociação com outros clubes, inclusive aqueles que se encontram sem vínculo oficial, exatamente por defenderem que o futebol de base existe mesmo antes da ‘maioridade futebolística’, no qual, oficialmente, milhares de crianças e adolescentes percorrem campeonatos, treinamentos, testes e peneiras, e há agentes e acordos

com familiares, que acompanham, apoiam e inflamam o caminhar desses atletas no universo futebolístico. O não cumprimento desse acordo poderia acarretar, inclusive, ‘bloqueios’ ou ‘exclusões’ das equipes das competições nas categorias de base.

Na tentativa de regulamentar as diferentes etapas de formação do atleta, foi promulgada, em 2011, a Lei nº 12.395, que alterou a Lei Pelé e estabeleceu normas e instrumentos para proteção dos clubes que investem em suas categorias de base. A referida lei também assumiu o papel de regulamentadora da formação de jogadores no Brasil, visando diminuir os problemas que envolvem o processo e garantir uma formação completa aos futebolistas de base. Dentre as diversas inovações, destaca-se a criação do Certificado de Clube Formador (CCF), documento que objetiva atestar que determinado clube é formador de atletas reconhecido pela CBF. Para receber o certificado, o clube deve cumprir uma série de exigências, que visam padronizar e possibilitar uma formação esportiva ampla e completa, por meio do oferecimento de condições para o desenvolvimento de aspectos técnicos, suporte médico e psicológico e promoção social e educacional. A origem das modificações da Lei Pelé, que criou o CCF, remete aos problemas sofridos pelos clubes que possuem categorias de base e, com o final do passe – extinto justamente pela lei Pelé –, ficaram desprotegidos na relação com seus atletas em formação. O CCF é válido para todas as modalidades esportivas, mas, no futebol, a sua emissão e seu controle são de responsabilidade da CBF, que acrescentou, por meio do Decreto nº 7.984, de 8 de abril de 2013, exigências sobre os procedimentos de certificação dos clubes e repassou parte da responsabilidade pelo processo às federações estaduais. As entidades avaliam a documentação enviada pelos clubes de seus Estados e autorizam a CBF a credenciar a instituição. A avaliação dos documentos está sujeita a diferentes interpretações, pois, no cenário nacional, há 27 federações estaduais que respondem ao sistema CBF de certificação da formação, mas nem todas adotam os mesmos critérios e documentos.

O CCF ainda é necessário para que o clube obtenha outros benefícios legais relacionados à formação, como o Cadastro de Iniciação Desportiva; o Contrato de Formação Desportiva; o direito de preferência na assinatura do primeiro Contrato Profissional e na primeira renovação; e o Mecanismo de Solidariedade Interno, que consiste em assegurar percentuais econômicos em futuras negociações do atleta formado pelo clube (MORAES, 2015; MORAES; BASTOS; CARVALHO, 2016). No que se refere às exigências feitas aos clubes formadores, Campestrini (2009) mostra que estes devem: comprovar a utilização do atleta em competições não profissionais por meio de súmulas oficiais; propiciar assistência médica, psicológica e odontológica ao atleta; contratar seguro de vida e oferecer ajuda de custo para transporte; manter instalações desportivas adequadas (higiene, alimentação, segurança, entre outras);

manter corpo especializado em formação técnico-desportiva; disponibilizar tempo para a formação escolar; cumprir no máximo seis horas de formação esportiva diária.

De Paula (2013) chama a atenção para a diferença entre as obrigações estipuladas para os jogadores e para os clubes na obtenção dos direitos e deveres da formação propostos pelo CCF. Para os jogadores, há a previsão de um controle que passa por questões de comportamento de caráter mais moral do que técnico, como, por exemplo, manter conduta correta e disciplina; abster-se de atitudes que possam prejudicar o seu rendimento competitivo-desportivo; e frequentar a escola. Já as previsões direcionadas aos clubes tratam apenas de questões financeiras e da obrigação de pagarem os rendimentos dos contratados, que têm que obedecer a todas as ordens e zelar pelo seu corpo e por sua conduta.

O processo de certificação teve início efetivamente em 2012 e, segundo dados da CBF, em outubro de 2015, já estavam certificados 43 dos 783 clubes de futebol presentes no Cadastro Nacional de Clubes de Futebol (CNCF) da entidade. Na última consulta realizada no *site* oficial da CBF, em 11 de dezembro de 2020, entre os 27 clubes com certificado de formação ativo, 6 eram do Estado do Rio de Janeiro, 5 de São Paulo, 4 de Santa Catarina, 3 de Minas Gerais, 3 do Rio Grande do Sul, 2 do Ceará, 1 da Bahia, 1 do Paraná, 1 de Pernambuco e 1 de Goiás. Entre os 8 clubes que participaram desta pesquisa, apenas 1 nunca obteve o CCF emitido pela CBF, e outros 5 estavam com a situação regularizada perante a instituição.

Por fim, o Movimento dos Clubes Formadores do Futebol Brasileiro (MCFFB), frequentado por gestores e coordenadores de base dos principais clubes do País, que se autodeclaram atuantes na promoção, proteção, defesa e garantia dos direitos dos clubes formadores, estabeleceu que, a partir de janeiro de 2019, somente os clubes com CCF poderão ser membros do Movimento. Definiu também que, dessa data em diante, continuará atuando na proteção aos clubes, em casos que envolvam atletas a partir de 10 anos (incompletos) até menores de 14 anos, ou no primeiro contrato de formação. Mas, para tanto, as exigências são as seguintes: a) o clube deve ter o CCF emitido pela CBF, exceto se tiver menos de três anos de fundação, sendo este o período para se adequar às normas; b) o atleta deve estar registrado no Boletim Informativo Diário (BID) da CBF a partir de 12 anos completos, mas, para atletas que completarão 10 anos no ano vigente, até menores de 12 anos, o clube deverá comprovar o vínculo do atleta por meio dos seguintes documentos: súmulas de jogos, fotos, carteirinha do clube e comprovante de despesas; c) Contrato de Bolsa-Aprendizagem com vencimentos em atraso de, no máximo, 90 dias aos atletas maiores de 14 anos; e, por fim, d) o gestor do clube deverá participar presencialmente de, no mínimo, duas reuniões do MCFFB por ano (válido a partir de outubro de 2018).

3 O CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

O presente capítulo apresenta o campo de investigação da tese, bem como dados e descrições sobre os agentes formadores e familiares de atletas entrevistados, além dos cenários estruturais dos clubes que estes agentes representavam, os quais investem na trajetória inicial de formação de seus atletas.

3.1 AGENTES FORMADORES: COORDENADORES E TREINADORES ATUANTES NA INICIAÇÃO DE ATLETAS DE FUTEBOL EM CLUBES PROFISSIONAIS

Ao longo do trabalho, foram entrevistados dois coordenadores e seis treinadores de categorias de base que atuavam diretamente na trajetória inicial de atletas em clubes profissionais de futebol, abaixo apresentados:

Coordenador 1: funcionário do Avaí Futebol Clube, de Santa Catarina, desde 2006, tendo atuado em diferentes setores administrativos do clube e também na função de treinador de futebol de base. À época da entrevista, ocupava a coordenação geral das categorias de base, cargo que exercia desde o ano de 2011. Seu trabalho exigia dedicação exclusiva ao clube. ‘C1’ – como será chamado – é formado em Educação Física pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali) e não possuía experiência como atleta profissional, mas somente no futebol amador. Trabalhava com futebol desde 1995, antes da criação da Lei do Conselho Regional de Educação Física (Cref), motivo pelo qual possuía também a certificação do Cref provisionado.¹⁶ A entrevista com ‘C1’ foi realizada na sede do clube, nas dependências do estádio Aderbal Ramos da Silva, a ‘Ressacada’, em julho de 2018.

Coordenador 2: era funcionário do Sport Club Corinthians Paulista, do Estado de São Paulo, desde 2004. À época da entrevista, ocupava a coordenação e supervisão das categorias sub-9, sub-11 e sub-13, mas informou que já havia atuado na comissão técnica de todas as categorias de base do clube e que seu trabalho exigia dedicação exclusiva. ‘C2’ – como será chamado – é formado em Educação Física pela Universidade Paulista (Unip), pós-graduado (especialização) em Treinamento Esportivo e Fisiologia do Exercício e não possuía experiência como atleta profissional, mas somente em categorias de base. A entrevista com ‘C2’ foi

¹⁶ A Lei nº 9.696/1998, que dispõe sobre a regulamentação da profissão de Educação Física, será explicada a seguir, na seção que trata sobre a constituição da carreira de treinadores de futebol.

realizada durante a participação da sua equipe na 2ª Copa Cidade de São Ludgero,¹⁷ em julho de 2018.

Treinador 1: nascido em 1979, era técnico das categorias sub-11 e sub-13 do Camboriú Futebol Clube, de Santa Catarina, exercendo esse cargo desde o início do ano de 2018. ‘T1’ – como será chamado – é Tecnólogo formado e, à época da entrevista, cursava o ensino superior em Educação Física, na Faculdade Porto das Águas (Fapag). Trabalhava com escolinhas de futebol em uma instituição privada conveniada com o clube e não possuía experiência como atleta profissional, mas somente em categorias de base. A entrevista com ‘T1’ foi realizada na sede do clube, no estádio municipal Roberto Santos Garcia, o ‘Robertão’, horas antes da partida entre Camboriú e Figueirense pelo campeonato estadual da categoria sub-13, em junho de 2019.

Treinador 2: nascido em 1984, era técnico da categoria sub-11, coordenador das escolinhas conveniadas da Associação Chapecoense de Futebol, do Estado de Santa Catarina, e funcionário do clube desde 2010. ‘T2’ – como será chamado – é formado em Educação Física pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó) e possuía experiência em nível profissional como ex-atleta de futsal, inclusive com convocações para a seleção brasileira da modalidade. Além do trabalho no clube, atuava como professor da disciplina de Educação Física em uma escola da rede privada do município e em escolinhas de futsal. A entrevista com ‘T2’ foi realizada durante a participação de sua equipe na 2ª Copa Cidade de São Ludgero, em junho de 2018.

Treinador 3: nascido em 1984, era técnico da categoria sub-13 do Criciúma Esporte Clube, do Estado de Santa Catarina, e funcionário do clube desde 2014. ‘T3’ – como será chamado – é graduado em Educação Física pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), pós-graduado (especialização) em Futebol e Futsal pela Universidade Gama Filho e não possuía experiência como atleta profissional. Além do trabalho no clube, atuava como *personal trainer* em academia de sua propriedade. A entrevista com ‘T3’ foi realizada durante a participação de sua equipe na 2ª Copa Cidade de São Ludgero, em junho de 2018.

Treinador 4: nascido em 1989, era técnico da categoria sub-13 do Figueirense Futebol Clube, do Estado de Santa Catarina, e funcionário do clube desde 2013. ‘T4’ – como será chamado – possui graduação em Educação Física, cursava mestrado na UFSC, trabalhava somente no clube e não possuía experiência como atleta profissional, mas somente em

¹⁷ A Copa Cidade de São Ludgero é realizada anualmente nas categorias sub-11 e sub-13, durante o período de recesso escolar (férias de inverno). A cidade fica localizada no sul do Estado de Santa Catarina, cerca de 180 km de distância de Florianópolis (capital do Estado). A edição de 2018 contou com a presença de clubes de diferentes regiões do país, o que oportunizou a realização das entrevistas, pois estive presente no torneio como treinador de um dos clubes participantes.

categorias de base. A entrevista com ‘T4’ foi realizada na sede do clube, nas dependências do estádio Orlando Scarpelli, em maio de 2019.

Treinador 5: nascido em 1984, era técnico da categoria sub-10 e auxiliar de coordenação das categorias de iniciação do Esporte Clube Juventude, do Estado do Rio Grande do Sul, desde o ano de 2015. ‘T5’ – como será chamado – é formado em Administração, cursava Educação Física na Universidade de Caxias do Sul (UCS), não possuía experiência como atleta profissional e trabalhava em escolinhas privadas de futsal. A entrevista com ‘T5’ foi realizada durante a participação de sua equipe na 2ª Copa Cidade de São Ludgero, em junho de 2018.

Treinador 6: nascido em 1987, era técnico de futsal do Santos Futebol Clube, do Estado de São Paulo, das categorias sub-7, sub-8, sub-9 e sub-10, além de auxiliar técnico da equipe de futebol de campo da categoria sub-9 e funcionário do clube desde 2011. ‘T6’ – como será chamado – é formado em Educação Física pela Universidade Metropolitana de Santos, pós-graduado (especialização) em Futsal e Futebol e em Pedagogia do Esporte pela Universidade Gama Filho, trabalhava em escolinhas privadas de futsal e não possuía experiência como atleta profissional. A entrevista com ‘T6’ foi realizada durante minha participação no curso de formação de treinadores da Escola Nacional de Treinadores de Futsal, em março de 2019, no qual o entrevistado foi um dos professores palestrantes.

3.2 FAMILIARES DE ATLETAS DE BASE

Ao longo trabalho, foram entrevistados três familiares – uma mãe e dois pais – de atletas que integravam as categorias de base de um dos clubes investigados, abaixo relacionados. As entrevistas ocorreram em junho de 2019 e foram realizadas nas dependências do CT do clube, com agendamento prévio, antes do início da sessão de treinamento do atleta.

Mãe (A11): natural do Rio Grande do Sul, técnica de enfermagem, casada e mãe de dois filhos, não possui experiência como atleta de competição. O filho mais novo atuava na categoria sub-11 do clube investigado, e seu filho mais velho treinava basquetebol em uma escolinha do bairro em que moravam. Parou de trabalhar quando a família se mudou para Florianópolis, fato que aconteceu antes de o segundo filho (atleta do clube) nascer e optou por não voltar a trabalhar, para acompanhar a rotina do filho no futebol, abrindo mão da carreira profissional para se dedicar à família.

Pai (A12): residia na cidade de Itajaí, SC, cerca de 100 km de distância do clube. É formado em Administração e trabalhava na área de logística em uma empresa de sua cidade. Possui vivências esportivas diversificadas na infância e na adolescência, em nível amador

(recreativo) e escolar, mas não se dedicou à profissionalização no esporte. É casado e pai de três filhos, dentre os quais o mais velho, de 12 anos, era atleta do clube investigado.

Pai (A13): natural de Alegrete, interior do Rio Grande do Sul, cerca de 900 km de distância do clube. Não possui experiência como atleta de competição. Tem ensino médio completo e trabalhava como comerciante. É casado e pai de dois filhos, dentre os quais o mais velho, de 13 anos, atuava no clube investigado. Havia se mudado recentemente para a cidade de Palhoça, próximo ao CT do clube, em função da aprovação do atleta nas categorias de base, mas retornava com frequência para sua cidade natal, em razão do trabalho.

3.3 ESTRUTURAS DE BASE

A seguir, a partir das falas dos agentes formadores entrevistados e de informações disponíveis no *site* oficial de suas instituições, dentre outras fontes, serão apresentados dados referentes às condições de infraestrutura e oferta das categorias de base, além de um breve relato histórico com aspectos que se destacam e ajudam a construir a identidade desses clubes, que sistematizam a formação esportiva inicial de seus atletas.

3.3.1 Associação Chapecoense de Futebol

Fundada em 10 de maio de 1973, na cidade de Chapecó, oeste do Estado de Santa Catarina, a Chapecoense foi campeã brasileira da série B no ano de 2020 e da Copa Sul-Americana em 2016, título este concedido ao clube mesmo não havendo jogo, pois, no trajeto aéreo entre o Brasil e a cidade de Medellín, na Colômbia, onde seria disputada a primeira partida da final, o avião do clube, com 77 pessoas a bordo, incluindo jogadores, dirigentes e comissão técnica, além de jornalistas, acidentou-se, vitimando 71 pessoas. O Atlético Nacional da Colômbia, adversário da final, fez um pedido formal à Conmebol para abrir mão do título da competição em favor da Chapecoense. O fato ficou conhecido como uma das maiores tragédias da história do esporte, e a comoção foi mundial.

A ascensão do clube teve início em 2012, quando a equipe conquistou o acesso para a segunda divisão do campeonato brasileiro e, já no ano seguinte, conseguiu a vaga para a elite do futebol nacional. A equipe permaneceu na série A do campeonato brasileiro entre os anos de 2014 e 2019. Foi nesse período também que o futebol das categorias de base do clube passou a ter maior representatividade, tendo a equipe sub-20 conquistado dois títulos estaduais (2016 e 2018), além dos títulos do sub-17 em 2015 e do sub-15 no ano de 2018. Esses dados refletem

um pouco da trajetória recente de crescimento da equipe, que até então era considerado um clube pequeno do futebol catarinense.

Segundo nos informou T2, a categoria sub-13 do clube foi criada somente em 2015, no ano seguinte teve início o trabalho de formação na categoria sub-12, e em 2017 foi criada a categoria sub-11. Inicialmente, essas categorias eram estruturadas como uma extensão das escolinhas conveniadas do clube, e os atletas treinavam em turmas separadas, nos turnos da manhã ou da tarde. Havia então um selecionamento daqueles considerados mais aptos para integrarem os grupos que disputavam as competições. Com o passar dos anos, conforme relatado pelo informante, as categorias iniciais passaram a receber mais atenção do clube, com ‘tratamento de base’, tanto no sentido de captação de atletas quanto na questão dos treinamentos:

[...] agora as categorias menores são totalmente integradas ao clube. A ‘Chape’ é responsável por todas as despesas de viagens, treinos e contratação dos professores; é o básico para ofertar treinamento e disputar competições. Talvez não seja o ideal, mas é suficiente. (T2, 2018, informação oral).¹⁸

Como é possível observar na reportagem abaixo, retirada do *site* oficial do clube (www.chapecoense.com), o trabalho de formação da Chapecoense tem ganhado representatividade ao longo dos anos também nas categorias menores:

Ano de evolução, formação e entrega: base da Chapecoense faz balanço da temporada

Após um ano recheado de disputas e muitos momentos de aprendizado, a base da Chapecoense concluiu as atividades da temporada 2019. Exceto o sub-20 – que treina visando à Copa São Paulo de Futebol Júnior de 2020 – todas as demais categorias encerraram o período de treinos e competições.

Neste ano, os times das categorias de formação do Verdão disputaram competições a nível estadual, nacional e regional. Fazendo um balanço da temporada, os técnicos das equipes sub-10, sub-11, sub-12 e sub-13 falaram sobre os aprendizados de 2019 e as projeções para 2020.

Sub-11: Gabriel Dias, técnico que assumiu as categorias Sub-10 e Sub-11, destacou o quanto o ano foi positivo tanto para o grupo quanto para ele, que teve a primeira experiência como treinador. “Foi uma experiência nova para mim, um ano bom, várias competições. Tanto para nós quanto para todas as bases, conseguimos chegar na cabeça com quase todas as categorias que trabalhamos”. Apesar dos desafios, como o calendário com poucas competições, o sub-11 disputou a Copa São Ludgero e a BG Prime. Na Copa São Ludgero a equipe foi desclassificada nas quartas de finais de pênaltis para

¹⁸ Treinador 2. **Entrevista I.** [jun. 2018]. Entrevistador: Lucas Barreto Klein. São Ludgero, 2018. 1 arquivo mp3 em posse do autor. O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice A desta tese. Todas as menções ao Treinador 2, deste ponto em diante, dizem respeito a esta entrevista.

o Avaí. E no Sul Brasileiro [*sic passim*] BG Prime, a categoria se classificou no último domingo em 5º lugar.

Sub-12: Para Eduardo dos Santos, técnico do sub-12, a temporada foi de crescimento e novos desafios. Entre os principais, a busca por novos atletas e a intenção de proporcionar rodagem e minutagem aos meninos. Neste aspecto, o time se saiu muito bem. Em termos de competições, o Sub-12 disputou a Copa Frederico, onde se sagrou campeão. No Sul Brasileiro BG Prime, chegaram à semifinal; Na Copa Sarandi, finalizaram a competição em quarto lugar. “O ano de 2019 foi de crescimento da categoria. Conseguiu iniciar o ano bem estruturada vindo do Sub-11 e consegue entregar com uma estrutura ainda melhor para o Sub-13 ano que vem”.

Sub-13: No Sub-13, a técnica Nívia Maria finalizou um ano com grandes feitos e de muitos objetivos alcançados. “Para mim foi um ano que a gente conseguiu manter o nível de competitividade, que exige desse clube, que tem uma tradição na categoria de base”. A equipe enfrentou o desafio de competir na primeira edição da Copa Santa Catarina Sub-13, finalizaram a participação como vice-campeã. Além da Copa SC, também disputaram o Sul Brasileiro BG Prime, se classificando para a segunda fase, e a Copa São Ludgero, onde foram até a semifinal. “Nessas categorias menores, além do título, que é importante, o mais relevante é a formação, para deixar ao próximo técnico ou próxima categoria, meninos aptos e com condições para vestir a camisa Chapecoense”, finaliza Nívia. (PEDROSO, 2019).

O relato dos treinadores e da treinadora das categorias de base revelam a importância do trabalho de formação inicial para o clube, mesmo que, segundo o entrevistado, assim como acontece em outras equipes investigadas, as categorias com maior visibilidade fossem a sub-20, a sub-17 e a sub-15:

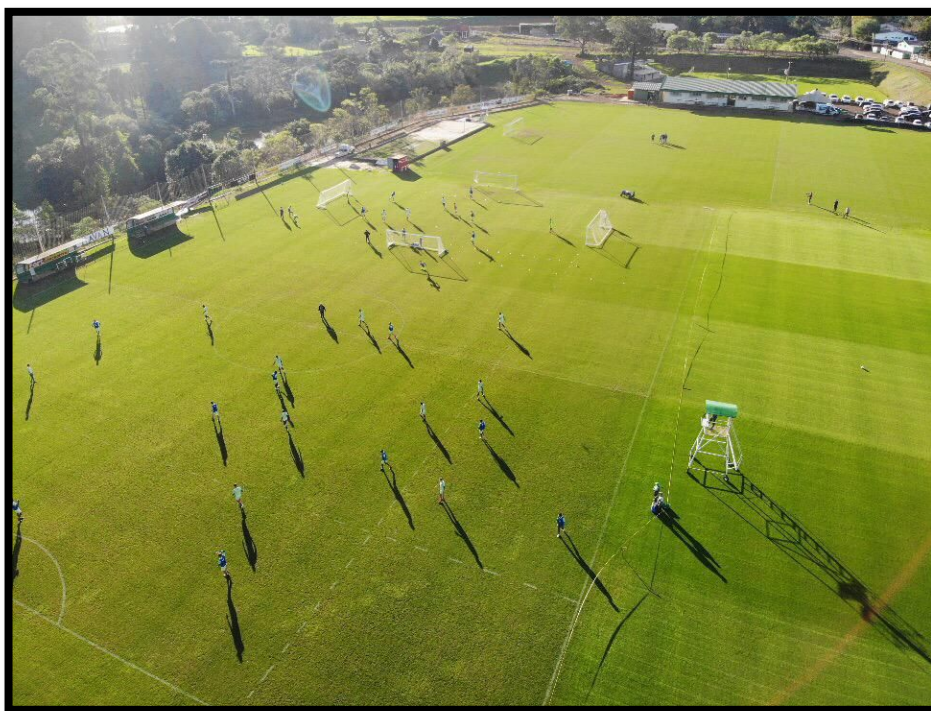
[...] se tivermos que ceder o espaço para as categorias maiores treinar, azar: Eu acho que deveria ser o contrário [prioridade para as categorias menores], pois tudo começa aqui. No sub-15, hoje, são todos meninos que passaram por aqui [categoria sub-13] e que passaram também pelo futsal. (T2, 2018).

As categorias de iniciação, assim como a sub-15 e a sub-17, realizavam suas atividades em campos localizados em diversos pontos da cidade, pois, segundo o entrevistado, o CT não possuía estrutura suficiente para atender a todas as categorias. Com isso, o clube se organizava para atender à demanda de treinos com permutas em campos das comunidades de Chapecó: “*[...] em troca de manutenção do campo, as categorias de base utilizam o espaço durante a semana, pois os campos ficam parados, a comunidade utiliza mais aos finais de semana, para jogos dos campeonatos amadores*”, relatou T2 (2018). Para ele, existiam poucas opções de campo para treinos na cidade; alguns eram de boa qualidade, mas outros não, e em geral os locais não tinham estrutura suficiente para receber jogos oficiais. A categoria sub-13, por exemplo, realizava suas atividades em um campo que não era considerado ideal pelo entrevistado: “*[...] os nossos treinos são em um campo horrível. Digo pra eles que, se conseguir*

tocar a bola naquele campo, na hora em que pegar um campo bom, a coisa vai andar” (T2, 2018). Outra informação importante é que, nas categorias menores, os atletas não recebiam auxílio financeiro do clube. As famílias se organizavam com o transporte para os dias de treinamento e, no local, recebiam lanche e frutas: *“Somente aqueles que realmente necessitam é que fazem as principais refeições no clube”*, relatou-nos o informante (T2, 2018).

A sede do clube fica no Estádio da Arena Condá, cerca de 10 km de distância do CT ‘Água Amarela’, local onde são realizados os jogos oficiais das categorias de base e o treinamento das categorias sub-20 e profissional. O CT possui três campos oficiais, além de vestiários, academia, departamento médico, departamento administrativo e área de imprensa. Visitei o local em agosto de 2019, para a disputa da partida semifinal da Copa Santa Catarina sub-13 entre Figueirense e Chapecoense.

Figura 1 – CT Água Amarela



Fonte: *site* oficial da Chapecoense (2019).

Como visto, a estruturação do trabalho de formação das categorias de base do clube é ainda recente, já que somente em 2018 obteve o CCF emitido pela CBF e, nos últimos anos, tem conseguido revelar atletas tanto para seu elenco profissional quanto para o mercado, como, por exemplo: o zagueiro Douglas Grolli, que atuou no Marítimo, de Portugal, mas teve passagens por Grêmio e Cruzeiro; o meio-campo Hyoran, que fez sua estreia no profissional aos 20 anos de idade e foi negociado com o Palmeiras e o Atlético Mineiro; e o jovem Shaylon,

negociado ainda nas categorias de base com o São Paulo, pelo valor de 500 mil reais, segundo informações encontradas na mídia digital (SALAZAR, 2018). Recentemente, o clube teve quatro atletas convocados para a seleção brasileira sub-17: o goleiro Igor Campos e os zagueiros Guilherme Puhl,¹⁹ Diego Ritter e Tiago Coser – este último atuou como titular da equipe profissional em partidas válidas pelo campeonato catarinense de 2021, com apenas 17 anos de idade. Some-se isso ao fato de que diversos atletas formados na base do clube integravam o elenco profissional da equipe campeã nacional da série B em 2020.

3.3.2 Avaí Futebol Clube

Fundado em 1º de setembro de 1923, na cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, o Avaí Futebol Clube é conhecido como o ‘Leão da Ilha’. Suas maiores conquistas foram o título da terceira divisão do campeonato brasileiro em 1998 e o vice-campeonato da segunda divisão em 2016. O clube acumula ainda dez participações na série A do campeonato brasileiro e 18 títulos estaduais. No período da entrevista com C1, a equipe disputava a série B do futebol nacional.

Segundo o informante, o clube instituiu a categoria de base para a formação de atletas entre 9 e 20 anos de idade. Mas, devido à situação econômica do momento, não contava com espaço físico e suporte financeiro suficientes para desenvolver o trabalho com as categorias iniciais, pois o projeto do “mirim” (como eram chamadas as categorias inferiores à sub-14) estava vinculado ao Departamento de Esportes Olímpicos²⁰ do clube e, em termos de custos, era terceirizado, sendo gerenciado por uma associação sem fins lucrativos. Não obstante, “[...] em nível técnico, o projeto é totalmente integrado ao clube, pois a equipe representa a instituição em competições oficiais, e o clube detém todos os direitos sobre a formação destes atletas”, conforme nos informou C1 (2018, informação oral),²¹ ou seja, entende-se que as

¹⁹ Trabalhei com Igor e Guilherme quando tinham treze anos de idade e integravam as categorias de base do Avaí, no ano de 2012, quando os meninos saíram de sua cidade natal, Chapecó, para morarem próximo ao clube, longe da família e sob os cuidados da mãe e de outro atleta, também de Chapecó. Ambos permaneceram na equipe até a categoria sub-15, quando foram dispensados e retornaram para sua cidade natal. Em 2020, Igor estava no elenco profissional da Chapecoense, já Guilherme acumulava passagens por equipes de divisões inferiores no interior do País.

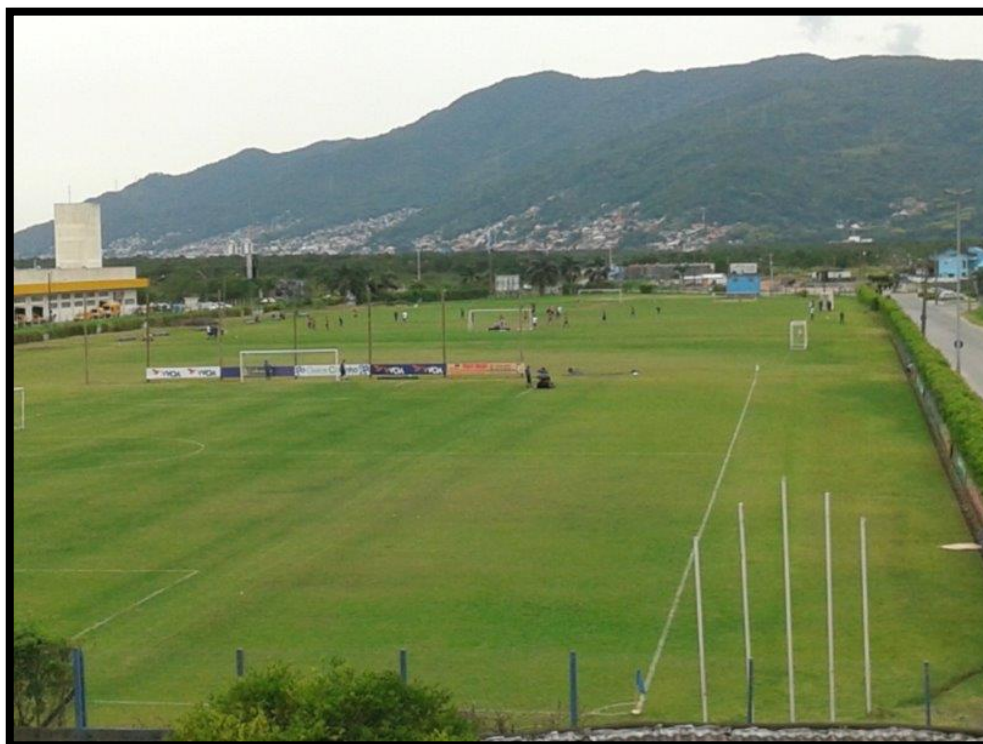
²⁰ O Departamento de Esportes Olímpicos do Avaí Futebol Clube gerencia parcerias firmadas entre entidades e associações que praticam modalidades esportivas amadoras e o clube, entre as quais estão: basquete, ciclismo, futebol de areia, futebol e futsal feminino, futebol 7 e futsal. Disponível em: <https://avai.com.br/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

²¹ Coordenador 1. **Entrevista IV**. [jul. 2018]. Entrevistador: Lucas Barreto Klein. Florianópolis, 2018. 1 arquivo mp3 em posse do autor. O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice A desta tese. Todas as menções ao Coordenador 1, deste ponto em diante, dizem respeito a esta entrevista.

categorias iniciais faziam parte da estrutura de base, mas o investimento era parcial, já que o clube auxiliava o projeto com questões de logística e cedendo-lhe sua marca, porém mantinha apenas um funcionário na função de treinador e coordenador do projeto, como será mostrado mais à frente.

As atividades do projeto mirim eram realizadas tanto no futsal quanto no futebol de campo. Por vezes, a equipe utilizava o CT²² anexo à sede do clube, no Estádio Aderbal Ramos da Silva, conhecido como ‘Ressacada’, sobretudo para disputa de jogos oficiais, mas, em geral, os treinamentos eram realizados em campos comunitários, em diferentes pontos da cidade, que cediam seus espaços em troca de manutenção do gramado por parte do clube. Segundo o entrevistado, “[...] o projeto é considerado a iniciação do processo de formação do Avaí, e a categoria existe desde 2011” (C1, 2018).

Figura 2 – Centro de Treinamento do Avaí Futebol Clube



Fonte: *site* oficial do Avaí (2019).

A reportagem abaixo, retirada do *site* oficial do clube (www.avai.com.br), contribui para reforçar a importância do trabalho desenvolvido pela equipe nesta etapa da formação:

²² O Centro de Treinamento e Formação de Atletas ‘João Nilson Zunino’ foi inaugurado em 2005 e conta com quatro campos com medidas oficiais, duas academias, departamento médico, refeitório, alojamento e departamento psicossocial. Disponível em: <https://bit.ly/3fCfLe9>. Acesso em: 19 mar. 2020.

Avaí Sub-12 e Sub-13 avançam no Campeonato Sul Brasileiro

As equipes do Avaí Sub-12 e Sub-13 estiveram em campo na tarde desta terça-feira (25/06), em compromissos válidos pelo Campeonato Sul Brasileiro. Diante do Joinville, no Centro de Formação de Atletas João Nilson Zunino, anexo ao estádio da Ressacada, uma vitória e uma derrota.

No primeiro jogo da tarde, o Avaí Sub-12 venceu por 3 a 0, com gols de Lorenzo, Felipinho e Eliel. Logo em seguida, o Avaí Sub-13 foi superado por 2 a 1. O gol do Avaí foi anotado por Jhonatan. Mesmo com os resultados, as equipes estão classificadas para a próxima fase da competição. Os adversários serão conhecidos no término desta rodada.

Na classificação geral, o Sub-12 está na liderança, com 10 pontos em cinco jogos. Já no Sub-13, o Leão da Ilha ocupa a vice-liderança, também com 10 pontos em cinco jogos.

A campanha das equipes até aqui apresenta três vitórias, um empate e uma derrota. O técnico é Marcelo Pereira, auxiliado por Lucas Colturato. (AVAÍ..., 2021).

A partir deste momento, tomo liberdade para mostrar um pouco mais a forma de organização das categorias iniciais deste clube, já que, entre os anos de 2011 e 2018, atuei diretamente como membro da comissão técnica do projeto mirim, inicialmente como auxiliar técnico das categorias sub-11 e sub-13, em seguida nas funções de treinador e coordenador, e, por dois anos, como presidente da associação desportiva que representava o clube nas categorias iniciais de formação.

O projeto teve início em 2011, momento em que a aposta era formar equipes de base nas categorias sub-11 e sub-13 para disputar o campeonato estadual de futsal e participar de eventuais atividades no futebol de campo, como treinos aos sábados pela manhã, amistosos e torneios de curta duração, na tentativa de realizar uma transição gradativa dos atletas, que então praticavam futsal, para o futebol de campo. Na teoria, os atletas participantes do projeto integrariam a equipe sub-15 do clube para atividades exclusivas de futebol ao final do processo. Essa estruturação seguiu até o final do ano de 2015, mas, apesar dos três títulos estaduais de futsal conquistados, o volume reduzido de atividades de treinamento e competições no futebol de campo dificultava a permanência dos atletas com passagem pelo projeto mirim nas categorias subsequentes do clube. A título de exemplo, na temporada de 2021 – dez anos após o início do projeto –, havia apenas um atleta no elenco profissional que iniciara sua trajetória na categoria sub-11 e depois passou por todas as categorias de formação do clube.

Perante as dificuldades encontradas, o projeto foi modificado. Buscando atender maior número de atletas e aumentando o volume de atividades realizadas no futebol de campo, a partir de 2016 as equipes de treinamento foram separadas por idade (sub-10, sub-11, sub-12 e sub-13), e a preparação dos atletas, mesmo com a continuidade da participação das equipes no

campeonato estadual e nas ligas regionais de futsal, estava direcionada para atividades de futebol de campo. Além das dificuldades internas do projeto mirim dentro das categorias de base do Avaí, também contribuiu para essa mudança o fato de que algumas empresas promotoras de eventos esportivos passaram a organizar torneios para essas faixas etárias em Santa Catarina – mas foi somente em 2019 que a FCF organizou a primeira edição do campeonato estadual na categoria sub-13. Pude também acompanhar de perto as mudanças econômicas e estruturais sofridas pelo clube, que oscilava entre acessos e quedas na elite do futebol nacional. Assim como afirmou o entrevistado, a gerência técnica da equipe (aprovações e dispensas de atletas) sempre esteve vinculada ao Avaí, mas, do ponto de vista financeiro, o apoio e os investimentos das famílias foram pontos-chave para sustentação do projeto. O uso dos espaços para treinamento, como a quadra de futsal e os campos comunitários, dava-se por meio de contratos de parceria com a Prefeitura Municipal, e a manutenção dos salários dos funcionários e estagiários da associação, assim como os custos relacionados a viagens para torneios, eram arrecadados através de ações coletivas, como rifas, eventos festivos e taxas de mensalidade.²³

Essa forma de organização acabava aproximando as famílias da rotina do clube nas categorias iniciais. Por outro lado, havia claramente um conflito de interesses, pois, sem o suporte financeiro das famílias, o projeto não existiria, e a comissão técnica também precisava identificar e selecionar os atletas mais talentosos para ingressarem na equipe, não havendo garantias de que, ao final do processo de iniciação, esses ‘investidores’ passariam a integrar a categoria sub-15, etapa na qual o clube passava a assumir todas as responsabilidades sobre a formação de seus atletas, com oferta de moradia no alojamento, refeições e remuneração logo após a assinatura do pré-contrato de formação.

Foram cerca de oito anos desenvolvendo esse trabalho de transição do futsal para o futebol e participando de treinamentos e torneios em ambas as modalidades. Justamente num período em que o clube passou a se tornar referência na formação de atletas, tendo adquirido a CCF em 2013 e conquistado títulos estaduais nas categorias de base sub-15 (2013, 2015 e 2017), sub-17 (2012 e 2014) e sub-20 (2012 e 2014). Em sua história recente, o Avaí tem como destaque dois atletas revelados pelo clube que vestiram a camisa da seleção brasileira sub-23: o zagueiro Gabriel, nascido em 1997 (atualmente no Arsenal, da Inglaterra), e o lateral direito ‘Guga’, nascido em 1998 (atualmente no Atlético Mineiro). Outros jovens ganharam destaque,

²³ O estatuto da associação que gerenciava o projeto previa o limite de cinco atletas bolsistas por categoria etária, os quais eram indicados pelo coordenador, a partir de critérios de análise de renda familiar. Dos demais atletas era cobrada uma mensalidade, no valor de R\$ 120.

como o atacante Raphinha (nascido em 1996 e atualmente representando o Leeds United, da Inglaterra), negociado ainda nas categorias de base do Avaí para o futebol europeu e que já acumula convocações para a seleção principal (CLUBE FORMADOR..., 2019), e o meia Luan Martins, com passagens pelas seleções de base do Brasil e negociado com o futebol árabe. ‘Luanzinho’, como era chamado, iniciou sua trajetória no projeto mirim em 2012, assim como outros atletas recentemente convocados para as seleções brasileiras de base, como o meia Leonardo Martins (nascido em 2004) e o goleiro Leonardo Lopes (nascido em 1998), exemplos de convocações e negociações de jovens atletas que o clube passou a possuir recentemente. O maior ídolo da história do Avaí também foi formado nas categorias de base. Atualmente na função de dirigente de futebol do clube, o ex-atleta Marquinhos Santos teve passagem pelo futebol europeu, pelo Grêmio, pelo Atlético Mineiro e pelo Santos, e encerrou sua carreira no Avaí, em 2018.

3.3.3 Camboriú Futebol Clube

Fundado em 11 de abril de 2003, o Camboriú Futebol Clube é considerado um clube pequeno,²⁴ pois não integra a lista das principais equipes do Estado de Santa Catarina. Localizado na Região do Vale do Itajaí, suas principais conquistas são os títulos da terceira divisão do campeonato catarinense em 2006 e da segunda divisão em 2011. A equipe possui apenas três participações na elite do futebol catarinense e, no período da entrevista, disputava a série B do campeonato estadual profissional. Mas, de acordo com a reportagem citada abaixo, retirada do *site* oficial do clube (www.camboriufc.com.br), bem como de informações obtidas na entrevista com T1, é possível identificar que havia uma organização para o desenvolvimento do trabalho de formação de base desde as categorias iniciais, com investimento em crianças e jovens oriundos das regiões próximas ao clube. Importante destacar também que o Camboriú é o maior vencedor, com seis títulos conquistados, da Divisão Especial do campeonato catarinense sub-20, equivalente à segunda divisão da categoria.

Tricolor realiza testes para garotos do sub-7 ao sub-13

Em parceria com a Associação Kadiz Esporte e Lazer, o Camboriú Futebol Clube realiza, no dia 5 de março, uma seletiva para garotos nascidos entre 2003 e 2010. Os selecionados farão parte das equipes sub-7, sub-9, sub-11 e sub-13 da “Cambura” e representarão a equipe em competições de futebol de

²⁴ Classificação dada a partir de um olhar sobre o *status* simbólico e econômico do clube, objetivamente representado pelo fato de a instituição possuir poucas participações na elite do futebol catarinense e de seu estádio, por exemplo, ter capacidade para somente 3,5 mil pessoas.

campo. Os testes serão realizados em dois períodos na sede da Kadiz Esporte e Lazer, que fica localizada na Alameda Kadiz, no Bairro Taboleiro. Na parte da manhã, a partir das 8h, os garotos das categorias sub-11 e sub-13 serão avaliados. Já a partir das 14h será a vez dos meninos do sub-7 e sub-9. As inscrições são gratuitas e podem ser realizadas na Kadiz. (COPPI, 2016).

A Kadiz Esporte e Lazer, segundo nos informou T1 (2019, informação oral),²⁵ é uma associação privada que firmou parceria com o Camboriú no ano de 2016 e, desde então, gerenciava as categorias iniciais de formação de base do clube (sub-7, sub-9, sub-11 e sub-13). O local oferecia estrutura de treinamento em quadra sintética coberta, além de escolinha de futebol particular e espaços para lazer e eventos. Além dessas informações, constam também em seu *site* oficial (www.kadiz.com.br) notícias sobre a parceria com a base do clube. “*Os selecionados que integram a base do Camboriú são bolsistas na Kadiz*”, contou-nos o entrevistado, sendo isentos de mensalidades para utilização das atividades ofertadas.

Figura 3 – Kadiz Esporte e Lazer



Fonte: *site* oficial da Kadiz (2020).

T1 relatou-nos também que o clube assumia integralmente a formação de seus atletas somente nas categorias sub-15 e sub-17. Apesar de ser o clube com mais títulos na segunda divisão do campeonato estadual sub-20, na época da entrevista, o Camboriú ainda não havia

²⁵ Treinador 1. **Entrevista VIII**. [jun. 2019]. Entrevistador: Lucas Barreto Klein. Camboriú, 2019. 1 arquivo mp3 em posse do autor. O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice A desta tese. Todas as menções ao Treinador 1, deste ponto em diante, dizem respeito a esta entrevista.

instituído esta categoria, uma vez que ela não é obrigatória para clubes profissionais, segundo o regulamento da FCF.²⁶

A sede do clube fica no Estádio Municipal Roberto Santos Garcia, conhecido como ‘Robertão’, no qual são realizados os jogos oficiais do time profissional e das categorias de base. Visitei o espaço em junho de 2019, para realização da entrevista com T1, momentos antes do jogo válido pela Copa Santa Catarina de Futebol sub-13 entre Figueirense e Camboriú.

Figura 4 – Estádio Robertão



Fonte: arquivo pessoal do autor (2019).

O estádio servia também como local de treinamento das equipes, já que o clube não possuía CT próprio. Por esse motivo, a diretoria do clube, segundo o entrevistado, firmou parceria também com a Escola Agrícola do Instituto Federal Catarinense (IFC) – *Campus Camboriú*, para atividades de treinamento de campo das categorias de base e do profissional. O local é fechado, possui segurança privada, um campo com dimensões oficiais e um campo com dimensões de uma quadra de *society*. T1 (2019) informou-nos também que “[...] a utilização do local é em formato de parceria e não tem custo nenhum para o clube. Os campos possuem ótimas condições, e o clube está construindo melhorias no espaço, inclusive com mais campos para treinamento”.

²⁶ O capítulo II – artigo 8º do regulamento geral de competições da Federação Catarinense de Futebol diz que “[...] os clubes integrantes das competições de futebol profissional são obrigados a disputar, no mesmo ano, competição não-profissional [*sic*] das categorias de base. I – os clubes integrantes do Campeonato Catarinense de Futebol Profissional da Série ‘A’ disputarão, obrigatoriamente, os campeonatos das categorias Sub-17 e Sub-15” (FCF, 2019).

Figura 5 – IFC Camboriú

Fonte: arquivo pessoal do autor (2019).

Neste clube, assim como no apresentado anteriormente (Avaí), apesar das diferenças no modelo de gestão das categorias iniciais de formação, havia uma estrutura de trabalho que exigia certas manobras de flexibilização, como as parcerias firmadas entre a instituição, a Prefeitura, a associação privada e o Instituto Federal. O poder econômico e simbólico dos clubes pequenos e médios retrata as condições para o desenvolvimento do trabalho. No Camboriú, por exemplo, mesmo nas categorias sub-15 e sub-17, não havia oferta de alojamento para os atletas, nem a continuidade do processo de formação esportiva. O fato de não possuir a categoria sub-20 em atividades de treino e competições fazia com que o clube optasse, segundo o informante, pela estratégia de negociar jovens atletas de suas categorias de base com clubes de maior aporte financeiro, como os vizinhos Avaí e Figueirense. Essa lógica, pensada a partir da formação inicial, visa garantir os direitos econômicos do clube em futuras transações envolvendo esses atletas, além de ser uma aposta de mercado para manutenção da saúde financeira da instituição.

Quando perguntado sobre os principais atletas revelados pelo clube, o entrevistado informou que alguns jovens haviam sido recentemente negociados com o Avaí e o Atlético Paranaense, mas não soube passar detalhes das transações (TI, 2019). Ao buscar informações no *site* do clube e em outras plataformas eletrônicas, não encontrei menções a atletas de destaque no futebol nacional revelados por essa instituição. Fato é que o Camboriú jamais obteve o CCF, portanto, para ter acesso aos direitos econômicos sobre a formação de seus atletas, seria necessário que estes fossem registrados na CBF e ‘negociados’ por agentes empresários – devidamente cadastrados na Fifa –, que assim se tornariam representantes legais

do atleta e detentores de percentual do valor negociado entre o clube de origem e o atleta, bem como das possíveis transações futuras. Esse tipo de flexibilização de negócio é comum nos clubes que não se adequaram ao modelo proposto pela CBF e é conhecida pela divisão do valor econômico do atleta em ‘fatias de mercado’, do qual apenas uma parcela é destinada ao clube que investiu na formação.

3.3.4 Criciúma Esporte Clube

Fundado em 13 de maio de 1947, no sul do Estado de Santa Catarina, o Criciúma Esporte Clube conquistou, no ano de 1991, a Copa do Brasil, considerada uma das principais competições da elite do futebol nacional. Em sua história, o clube possui ainda outros dois importantes títulos nacionais: campeão brasileiro da série B em 2002 e da série C em 2006. É também o clube com maior número de títulos estaduais na categoria sub-20.

Segundo T3 (2018, informação oral),²⁷ o Criciúma, que na época da entrevista disputava a segunda divisão do campeonato nacional, mantinha as categorias de base sub-11, sub-13, sub-15, sub-17 e sub-20. As equipes de formação e a profissional realizavam suas atividades no CT Antenor Angeloni, que fica cerca de 7 km de distância da sede do clube, o Estádio Heriberto Hulse.

O CT Antenor Angeloni foi construído em 2015 e oficialmente inaugurado somente em 2018. O espaço conta com seis campos de futebol com medidas oficiais, vestiários, alojamentos, refeitório, academia, departamento médico, auditório e sala de recreação. T3 (2018) nos informou que “[...] *cada categoria possui um campo próprio para treinamento, mas, às vezes, o profissional acaba utilizando mais de um campo, aí temos que nos organizar*”. Os meninos das categorias menores (sub-11 e sub-13) se apresentavam diretamente no CT para o treino. Já que o clube não ofertava transporte para deslocamento ao local, essa organização era de responsabilidade dos familiares, enquanto os atletas das demais categorias, em sua grande maioria, residiam no alojamento, que fica nas dependências do próprio CT.

²⁷ Treinador 3. **Entrevista II**. [jun. 2018]. Entrevistador: Lucas Barreto Klein. São Ludgero, 2018. 1 arquivo mp3 em posse do autor. O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice A desta tese. Todas as menções ao Treinador 3, deste ponto em diante, dizem respeito a esta entrevista.

Figura 6 – CT Antenor Angeloni

Fonte: *site* oficial do Criciúma (2019).

Visitei o local em novembro de 2019 e pude ver que a estrutura ofertada para o trabalho das categorias de base era de alto padrão, tanto com relação à qualidade e à quantidade de espaços para desenvolvimento de treinamentos como no que diz respeito às condições para moradia, alimentação e demais atividades extras para os atletas. Na ocasião, disputávamos um torneio na categoria sub-13, que foi noticiado no *site* oficial do clube (www.criciuma.com.br) com informações sobre o desempenho da equipe da casa:²⁸

Sub-13 masculino disputa o terceiro lugar

O Criciúma irá decidir neste sábado (16/11) o terceiro lugar da Liga de Desenvolvimento de Futebol da CONMEBOL, disputado no Centro de Treinamento Antenor Angeloni, no bairro Cristo Redentor. A partir das 15 horas, os carvoeiros, comandados pelo técnico Gustavo Teixeira, encaram o Grêmio. Na semifinal, disputada na tarde desta sexta-feira (15/11), no CT Antenor Angeloni, os carvoeiros perderam para o Fluminense pelo placar de 5 a 0. Na outra semifinal, o Corinthians venceu o Grêmio pelo placar de 1 a 0.

A competição

A Liga de Desenvolvimento de Futebol da CONMEBOL é válida pela “Liga de Desarrollo” da Confederação Sul-Americana de Futebol e recebe o apoio logístico e operacional da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). As finais estão programadas para o sábado (16/11), e os campeões de cada categoria representarão o Brasil na Liga Sul-Americana, que será realizada em janeiro de 2020, em Assunção, no Paraguai. (SUB-13 MASCULINO..., 2019).

O entrevistado nos revelou ainda que o clube passava por um momento de reestruturação financeira, que se agravou com a queda da equipe para a série C do futebol nacional no ano de

²⁸ Mais detalhes sobre este e outros torneios de futebol de base serão apresentados em capítulos seguintes.

2020, e, por esse motivo, havia reduzido o investimento nas categorias de base, portanto, em alguns momentos do ano, para que as categorias iniciais pudessem participar das competições, houve necessidade de apoio financeiro por parte das famílias dos atletas. Esta não era uma prática considerada comum, pois “[...] *existe o projeto das escolinhas ‘tigrinhos’, que dão retorno financeiro pro clube, mas às vezes falta, e acabamos conversando com os pais dos meninos, para eles ajudarem*”, segundo nos informou T3 (2018).

O Criciúma obteve o CCF da CBF no ano de 2013 e tem como principal revelação de suas categorias de base o ex-atleta Maicon, lateral direito com passagens por clubes da Europa (Inter de Milão e Roma, da Itália; Manchester City, da Inglaterra; entre outros) e pela seleção brasileira. Maicon foi titular na Copa do Mundo de 2014 e encerrou sua carreira no próprio Criciúma, em 2019. Recentemente, o clube havia negociado dois jovens atacantes de sua base, Bruno Lopes, nascido em 1995, que foi para o Arouca, de Portugal, e Roger Guedes, nascido em 1996, vendido para o Palmeiras.

3.3.5 Esporte Clube Juventude

Fundado em 13 de junho de 1913, na cidade de Caxias do Sul, interior do Estado do Rio Grande do Sul, o clube é considerado a terceira força do futebol gaúcho, atrás de Grêmio e Internacional. Suas maiores conquistas profissionais foram o título da Copa do Brasil no ano de 1999 e do campeonato brasileiro da série B em 1994. Em 2017, no período da entrevista com T5, a equipe disputava a segunda divisão do futebol nacional, após oito anos frequentando, entre subidas e descidas, as séries C e D do brasileiro. Em 2020, finalmente conquistou o acesso para a primeira divisão.

Os treinamentos das equipes de base e dos profissionais são realizados no Centro de Formação de Atletas e Cidadãos (CFAC), o qual possui um miniestádio, com arquibancada, quatro campos de futebol, duas quadras de futebol *society* e vestiários, que, segundo o entrevistado, “*tem excelentes condições de treino nos três campos disponíveis para a base*” (T5, 2018, informação oral).²⁹

A sede do clube fica no centro da cidade, no Estádio Alfredo Jaconi. Para realizar os treinamentos, os atletas de todas as categorias se apresentavam no estádio, no setor da rouparia, para retirada do material de treino, e o ônibus do clube fazia o transporte do estádio para o

²⁹ Treinador 5. **Entrevista III**. [jun. 2018]. Entrevistador: Lucas Barreto Klein. São Ludgero, 2018. 1 arquivo mp3 em posse do autor. O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice A desta tese. Todas as menções ao Treinador 5, deste ponto em diante, dizem respeito a esta entrevista.

CFAC. Após o treino, o ônibus retornava com todos os atletas e as respectivas comissões técnicas para o estádio. Esse deslocamento durava em média 20 minutos.

Figura 7 – Centro de Formação de Atletas e Cidadãos



Fonte: *site* oficial do Juventude (2019).

Figura 8 – Quadra coberta (CFAC)



Fonte: *site* oficial do Juventude (2019).

As categorias de base dividiam o mesmo espaço e estavam organizadas, segundo o entrevistado, em 12 etapas de formação. Nesse arranjo, as categorias iniciais compreendiam as

faixas de idade do sub-6 ao sub-14 e faziam parte de um projeto vinculado ao clube, chamado de ‘escola de futebol’.

A ‘escola de futebol’ do Esporte Clube Juventude é separada em dois setores: a escola voltada à recreação e a escola de competição. Disse-nos o entrevistado que “[...] *a escolinha [escola de recreação] tem mais de 200 alunos que pagam mensalidade, e isso ajuda na arrecadação para o clube*” (T5, 2018). O valor da aludida mensalidade varia entre R\$ 100 e R\$ 140 por aluno, segundo informações do *site* oficial do clube (www.juventude.com.br). Já as equipes de competição “[...] *estão vinculadas ao clube, mas, para dar conta da programação de competições, a gente promove rifas e ações para cobrir os custos*”, afirmou o entrevistado (T5, 2018). Ou seja, similar ao que foi apresentado anteriormente, as categorias iniciais eram parcialmente dependentes do apoio e dos investimentos dos familiares para a formação de seus atletas.

No Esporte Clube Juventude, as categorias iniciais possuíam uma organização diferente das etapas finais de formação (sub-15, sub-17 e sub-20), mas, como é possível observar na reportagem abaixo, retirada do *site* oficial do clube, as categorias menores também possuíam representatividade no trabalho de formação:

Juventude sub-13 é campeão da Copa Maravilha

A equipe sub-13 do Verdão, comandada pelo professor Pedro Kléver, sagrou-se campeã da 4ª Copa Maravilha de Futebol. Na final, que ocorreu no último domingo (03/02), o Juventude venceu o Seletivo Alto Paraná, da Argentina, por 3x0, com gols de Wellington, Riquelme e Cauã.

O Verdão conquistou o título com 100% de aproveitamento. Na primeira fase, o Ju superou o Toledo-PR, o Cafelândia-PR e o Desportivo Paranaense-PR. Nas oitavas, o Verdão goleou o Zico 10, de Caxias do Sul, por 5 a 0. Nas quartas, venceu o Ítalo Cap-SC, por 3x0. E nas semifinais aplicou 6x0 no SEJL / ACEMA / CRM-SC. Em sete partidas, foram 28 gols marcados e apenas um sofrido.

As categorias sub-11 e sub-15 também fizeram boas campanhas na competição, garantindo o segundo e o terceiro lugar respectivamente.

O Esporte Clube Juventude parabeniza os atletas e as comissões técnicas pelo grande desempenho no campeonato. (JUVENTUDE..., 2019).

A instituição possuía CCF desde 2013 e tinha como um dos principais objetivos formar atletas para o mercado profissional. T5 (2018) revelou-nos que “[...] *é comum o Grêmio e o Internacional negociarem atletas da base com o clube*”. Há atletas de expressão do futebol mundial que foram revelados pelo Juventude:

[...] *o Alex Telles [nascido em 1992, atuava no Futebol Clube do Porto, de Portugal], que iniciou com 7 anos de idade aqui, ele é um bom exemplo, pois*

só começou a fazer parte das equipes de competição quando tinha 15 anos, sempre foi muito prestativo, nunca faltou treino, tem muita vocação, gostava de treinar, era um ‘copo vazio’, meio desengonçado, mas não tinha a soberba de torcer contra os companheiros que estavam jogando no lugar dele, é uma pessoa fantástica, e a família dele também. (T5, 2018).

O entrevistado citou também outros jogadores, como Ramiro, que, na ocasião, atuava no Corinthians, e três zagueiros que atuavam no futebol francês e tiveram passagem pela seleção brasileira principal: Dante, do Nice; Naldo, do Mônaco; e Tiago Silva, do Paris Saint-Germain.

3.3.6 Figueirense Futebol Clube

Fundado em 12 de junho de 1921, na cidade Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, o Figueirense é o único clube catarinense que conquistou o título da Copa São Paulo de Futebol Júnior (sub-20), no ano de 2008, considerada a competição de categoria de base mais importante do futebol nacional. A ‘Copinha’, como é conhecido o torneio, teve sua primeira edição no ano de 1969 e se tornou tradicional, por se tratar de um importante torneio de transição de atletas para o futebol profissional. É também a equipe que possui o maior número de títulos estaduais nas categorias sub-15, sub-17 e profissional. Foi o primeiro clube catarinense a receber o CCF, no ano de 2012. No período da investigação, o clube disputava a segunda divisão do campeonato nacional.

Sua sede é o Estádio Orlando Scarpelli, localizado no bairro Estreito, cerca de 20 km de distância do Centro de Formação e Treinamento (CFT) Cambirela, que fica na cidade de Palhoça.

O CFT Cambirela foi construído no ano 2000 e possui academia, sala de fisioterapia, sala de imprensa, vestiários, refeitório, quatro campos oficiais e um espaço de grama natural equivalente a três campos de futebol *society*. Segundo T4 (2019, informação oral),³⁰ “[...] *dois campos são para treinamentos da base, um é exclusivo do profissional e no outro são realizados os jogos oficiais da base*”. O espaço em paralelo aos campos é chamado de ‘aeroporto’ (por lembrar o formato de uma pista de pouso, como se pode ver abaixo) e em geral é utilizado para atividades específicas de aquecimento, treino de goleiros, testes físicos, entre outras.

³⁰ Treinador 4. **Entrevista VII**. [maio 2019]. Entrevistador: Lucas Barreto Klein. Florianópolis, 2019. 1 arquivo mp3 em posse do autor. O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice A desta tese. Todas as menções ao Treinador 4, deste ponto em diante, dizem respeito a esta entrevista.

Figura 9 – Campo 3 do CFT Cambirela



Fonte: arquivo pessoal do autor (2020).

Figura 10 – ‘Aeroporto’



Fonte: arquivo pessoal do autor (2020).

No âmbito do Estado de Santa Catarina, o Figueirense possui tradição em formar atletas, alguns inclusive com passagens pelas seleções brasileiras de base. No refeitório do clube, havia um quadro com os principais atletas que passaram pelas categorias de base do clube, dentre os quais se destacavam Filipe Luís, que, na ocasião, atuava no Flamengo; Roberto Firmino, do Liverpool, da Inglaterra; e o ex-atleta André Santos, todos jogadores com passagens de sucesso por grandes clubes da Europa e pela seleção brasileira principal. Além desses atletas,

treinadores e membros da comissão técnica que atuaram nas categorias de base do clube acumulavam passagens pela seleção, como Rogério Micale, por exemplo, que foi o treinador campeão da Copinha em 2008 e conquistou também o ‘ouro olímpico’ com a seleção no ano de 2016.

Figura 11 – Quadro com atletas revelados pelo Figueirense



Fonte: arquivo pessoal do autor (2020).

O quadro, exposto a dezenas de jovens que realizavam suas refeições diárias no clube, passa uma mensagem positiva da possibilidade de recompensa pelo talento e o esforço individual, sustentada na crença de um ideal que contribui para alimentar a ilusão de uma “escala de mobilidade” contínua e graduada (WACQUANT, 2002), que leva progressivamente da base ao sucesso. O caso mais recente é o do atleta Pierre Santos, o menino que morava no alojamento do clube e, em 2019, foi convocado para a seleção brasileira sub-17. Após a convocação, um grupo de empresários comprou parte dos direitos de formação do atleta e o clube negociou sua transferência para outra equipe, completando o ciclo da formação, voltado também para o mercado.

Como é possível observar na reportagem abaixo, retirada do *site* oficial do clube (www.figueirense.com.br), a iniciação ao processo de formação do Figueirense acontecia nas categorias sub-11 e sub-13. Além disso, o clube mantinha as categorias de base sub-15, sub-17 e sub-20, que realizavam suas atividades no CFT:

Porta de entrada da base, sub-11 e sub-13 do Figueirense iniciam treinamentos no CFT do Cambirela

A semana começou movimentada para dezenas de meninos alvinegros no Centro de Formação e Treinamento do Cambirela, em Palhoça (SC). As equipes do sub-11 e sub-13 do Figueirense iniciaram, na tarde desta segunda-feira (11), os treinamentos para a temporada 2019.

Porta de entrada da categoria de base, as duas categorias representam o início do processo de formação, que dura, aproximadamente, dez anos. Até o profissional, os atletas ainda passam pelo sub-15 (infantil), sub-17 (juvenil) e sub-20 (juniores). Com Vinícius Aguiar no comando, o grupo mirim terá, neste ano, a disputa da primeira edição da Copa Santa Catarina sub-13. O torneio estadual tem início previsto para o mês de maio. Já o pré-mirim é liderado pelo técnico Lucas Klein e conta com programação exclusiva de treinos. (PORTA DE ENTRADA..., 2019).

Neste momento, tomo a liberdade de falar um pouco mais sobre a organização das categorias iniciais do clube, já que, desde setembro de 2018, trabalho na comissão técnica da equipe, inicialmente como treinador da categoria sub-11 (como visto na reportagem acima) e, do final da temporada de 2019 em diante, da equipe sub-13, atuando também como auxiliar técnico das categorias sub-11 e sub-15. Porém, com a queda da equipe profissional para a série C do campeonato nacional em 2021, o clube sofreu impactos econômicos e uma grave crise financeira, que se agravou com a pandemia de Covid-19, o que contribuiu com a opção da diretoria em desativar as categorias de base nos anos de 2020 e 2021. De modo semelhante ao que tem ocorrido em diversos outros clubes do país, a crise ocasionou demissões de atletas e comissões técnicas – durante este período, fui realocado para atuar de forma remota na função de captação de atletas e na análise de mercado do clube.

Anteriormente aos fatos relatados acima, seguindo as informações obtidas na entrevista com T4, os treinamentos das equipes maiores, a partir da categoria sub-15, aconteciam de segunda a sábado, no período da manhã, e o clube fornecia o transporte para deslocamento dos atletas do estádio, onde ficavam os alojamentos e a rouparia, até o CFT. Após o treino, as equipes retornavam ao clube, pois os meninos frequentavam a escola no período vespertino ou noturno. Esse transporte dos atletas do estádio para o CTF e vice-versa não acontecia nas categorias sub-11 e sub-13, que realizavam suas atividades três vezes por semana, no período da tarde, e aos sábados pela manhã. Eram as famílias as responsáveis por essa organização, e os atletas se apresentavam diretamente no local de treino, o que para T4 (2019) era uma dificuldade, já que “[...] *os meninos dependem dos pais ou de caronas, por isso eles acabam faltando em algumas atividades, o horário é ruim, a maioria dos pais trabalha de tarde*”. Por esse motivo, a agenda de avaliações de atletas em ‘teste’ era ocupada durante as três sessões que ocorriam durante a semana, e, quando era aprovado para a integrar a equipe, o atleta recebia

um *kit* de uniforme do clube, com camisa, short e meiões, que ficava sob sua responsabilidade, sendo devolvido em caso de dispensa.

O projeto de formação inicial do Figueirense é recente, já que a categoria sub-11 foi criada apenas em 2018, inicialmente com a ideia de realizar um trabalho de captação e monitoramento de meninos da Região da Grande Florianópolis, por meio de parcerias com escolinhas e projetos de futebol e futsal, para que fosse realizado um pré-selecionamento de atletas que poderiam vir a fazer parte das categorias de base do clube futuramente. Nesse momento inicial, não havia rigor com relação à frequência dos atletas na rotina semanal de atividades, alguns, inclusive, por frequentarem a escola no período vespertino, participavam somente aos sábados, o que trazia certas limitações para a comissão técnica em relação à organização das sessões de treino e à montagem da equipe para a disputa de jogos amistosos e a participação em torneios, devido ao pouco contato com o grupo de atletas. Porém, em 2019, a FCF organizou a primeira edição da Copa Santa Catarina na categoria sub-13, equivalente ao campeonato estadual, e projetou que, no ano de 2020, iniciaria também o torneio na categoria sub-11 (que não ocorreu devido à pandemia). A demanda de competições oficiais fez a coordenação da base reorganizar a proposta das categorias iniciais. Mesmo tendo ainda como meta atender o maior número possível de atletas da Grande Florianópolis, por entender que o ‘atleta da cidade’ ofereceria menos custos ao clube, sobretudo por não ocupar uma vaga de alojamento e por estar próximo de sua família, as categorias iniciais passaram a ter um acesso mais seletivo e restrito com relação à quantidade de atletas no elenco e maior rigor com relação à rotina de treino, tudo isso na tentativa de qualificar o processo de formação, consolidado até o início do ano de 2020, quando, em março, devido às interrupções do futebol de base no País, o projeto foi suspenso, motivo pelo qual não foi possível analisar o movimento de continuidade na formação inicial de atletas do clube.

3.3.7 Santos Futebol Clube

Fundado em 14 de abril de 1912, no litoral do Estado de São Paulo, o Santos Futebol Clube é reconhecido internacionalmente por ter revelado Edson Arantes do Nascimento, o ‘Rei Pelé’, três vezes vencedor da Copa do Mundo com a seleção brasileira (1958, 1962 e 1970), considerado o maior atleta de futebol do século XX pela Fifa.

Ao longo de sua história, o Santos seguiu a tradição de revelar talentos. Neymar Jr., principal ídolo do futebol nacional da atualidade, ícone da seleção brasileira nas Copas do Mundo de 2014 e 2018, iniciou sua trajetória no clube aos 12 anos de idade. Também Diego e

Robinho, que formaram uma dupla de sucesso no início dos anos 2000, promovidos das categorias de base, conquistaram títulos importantes na equipe profissional. Recentemente, o clube revelou também o atacante Gabriel Barbosa, o ‘Gabigol’, artilheiro da edição 2019 do campeonato brasileiro atuando pelo Flamengo, e o jovem Rodrygo, nascido no ano de 2001 e negociado com o Real Madrid, da Espanha, pelo valor de R\$ 193 milhões. O ponto em comum entre esses cinco personagens é que todos tiveram sua trajetória iniciada nas quadras de futsal do Santos Futebol Clube antes dos 14 anos de idade e foram convocados para a seleção brasileira de base e profissional.

O Santos recebeu o CCF no ano de 2013 e é considerado o maior revelador de talentos do futebol nacional, aquele que mais utiliza seus atletas da base no elenco profissional, segundo apontou o estudo realizado pelo *site* Globo Esporte no ano de 2020 (CASTRO, 2020). Em entrevista, T6 (2019, informação oral)³¹ informou-nos que “[...] *é comum as equipes de base receberem visitas de ex-atletas nos treinamentos, são feitas atividades de palestras e conversas com ídolos, pra motivar os meninos*”. Nos locais de treinamento, existiam diversas referências aos craques do passado revelados pelo clube, como exposições em fotos (como se pode observar na Figura 13).

O entrevistado nos revelou como o clube organizava suas equipes de treinamento naquele momento: “[...] *o futebol de campo inicia a partir da categoria sub-9 e tem até o sub-23; antes disso, no sub-7 e sub-6, as atividades são realizadas exclusivamente no futsal*” (T6, 2019). As equipes são separadas por idade, e todos realizam treinamentos e participam de competições, tanto no futsal quanto no futebol de campo, alternadamente, até alcançarem a categoria sub-18.

Para atender a essa demanda, o Santos possui dois CTs, dos quais um é destinado para as categorias iniciais (sub-9, sub-11 e sub-13), chamado de ‘CT Meninos da Vila’, e o outro, o ‘CT Rei Pelé’, é utilizado pela equipe profissional e demais categorias de base. Já as atividades de futsal acontecem nas dependências da sede do clube, no Estádio da Vila Belmiro. Segundo T6 (2019), “[...] *no futsal a quadra é muito boa, mas é pequena, já no futebol são dois campos, um de grama sintética e um de grama natural, e os vestiários e a estrutura são muito bons*”.

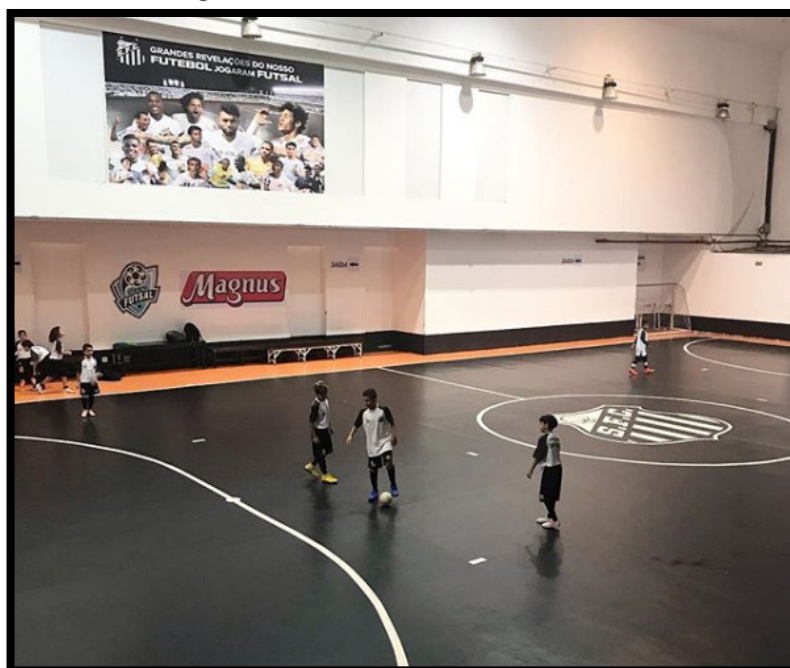
³¹ Treinador 6. **Entrevista VI**. [mar. 2019]. Entrevistador: Lucas Barreto Klein. Florianópolis, 2019. 1 arquivo mp3 em posse do autor. O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice A desta tese. Todas as menções ao Treinador 6, deste ponto em diante, dizem respeito a esta entrevista.

Figura 12 – CT Meninos da Vila



Fonte: *site* oficial do Santos (2019).

Figura 13 – Futsalno Estádio Vila Belmiro



Fonte: *site* oficial do Santos (2019).

Ao visitar o *site* oficial do clube (www.santosfc.com.br), é possível encontrar dados sobre o trabalho desenvolvido nas equipes de base, resultados em competições, entre outras informações, como no exemplo abaixo:

Meninos da Vila vencem o Corinthians e o Rio Claro e estão nas semifinais do Paulista Sub-11 e Sub-13

Na manhã deste domingo (20), as categorias Sub-11 e Sub-13 do Santos FC entraram em campo pelo segundo duelo das quartas de final do Campeonato Paulista. Confira os resultados.

Sub-11

Comandados pelo técnico Zeziel Kléber, os Peixinhos do Sub-11 receberam, na manhã deste domingo (20), no Estádio Ulrico Mursa, o clássico contra o Corinthians, e venceram pelo placar de 1 a 0, em partida válida pelo segundo duelo das quartas de final do Campeonato Paulista. A vitória santista veio com um golaço de falta do camisa 10, Renanzinho.

Com este resultado, o Santos FC avançou para a semifinal da competição, onde enfrentará o São Paulo em mais um clássico. O primeiro jogo da semifinal está marcado para o próximo domingo (27), às 9h, no CT Marcelo Portugal Gouvêa (Laudo Natel), na cidade de Cotia (SP).

Sub-13

Quem também fez a lição e avançou para a semifinal do Paulista foi a categoria Sub-13, comandada pelo técnico Bruno Silva. Os Meninos da Vila venceram, de virada, também no estádio Ulrico Mursa, a equipe do Rio Claro, pelo placar de 3 a 1. Os gols santistas foram marcados por Henriquinho, Everton Lopes e Lucas Yan.

Na fase semifinal, o Peixe encara a equipe do Marília, domingo (27), às 10h30, no CT Meninos da Vila no bairro do Saboó, em Santos (SP), onde acontecerá o primeiro duelo. (CAMARGO, 2019).

‘Peixinhos’ ou ‘meninos da vila’, forma com que os atletas da base do clube são geralmente representados pela mídia, são expressões que passam uma mensagem de afetividade e infantilização do jogo, talvez numa tentativa de diferenciar o futebol profissional praticado pelos adultos daquele jogado nas diferentes etapas de formação e assim criar uma noção de identidade de seus atletas para com o clube.

3.3.8 Sport Club Corinthians Paulista

Fundado no dia 1º de setembro de 1910, na cidade de São Paulo, o Corinthians possui uma das maiores torcidas do mundo e é o clube brasileiro com maior número de sócios, possuindo por volta de 130 mil registrados. Suas principais conquistas são recentes: em 2000 e 2012, a equipe foi campeã mundial de clubes da Fifa. O clube é também o maior vencedor da Copa São Paulo de Futebol Júnior, com 10 títulos conquistados.

A sede do Corinthians fica localizada no Estádio Parque São Jorge, onde são realizados os treinamentos das categorias sub-9, sub-11 e sub-13, segundo o entrevistado. C2 (2018, informação oral)³² nos revelou que, no local, havia dois campos sintéticos e uma vez por semana as equipes treinavam futebol de campo no CT. Informou-nos ainda que “[...] *os pais são responsáveis por levarem os garotos até o clube, e, quando o treino é realizado no CT, o ônibus*

³² Coordenador 2. **Entrevista V.** [jul. 2018]. Entrevistador: Lucas Barreto Klein. São Ludgero, 2018. 1 arquivo mp3 em posse do autor. O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice A desta tese. Todas as menções ao Coordenador 2, deste ponto em diante, dizem respeito a esta entrevista.

do clube leva todos até o local, que fica cerca de 10 km de distância” (C2, 2018). No Centro de Treinamento, o CT Dr. Joaquim Grava, eram realizadas também as atividades das categorias sub-15, sub-17, sub-20 e profissional.

Inaugurado em 2010, o CT possui três campos oficiais, um minicampo para aquecimento e treinamento de goleiros, academia, alojamento, auditório, refeitório, vestiários, departamento médico, área de lazer e área administrativa.

Figura 14 – Parque São Jorge



Fonte: *site* oficial do Corinthians (2019).

Figura 15 – CT Dr. Joaquim Grava

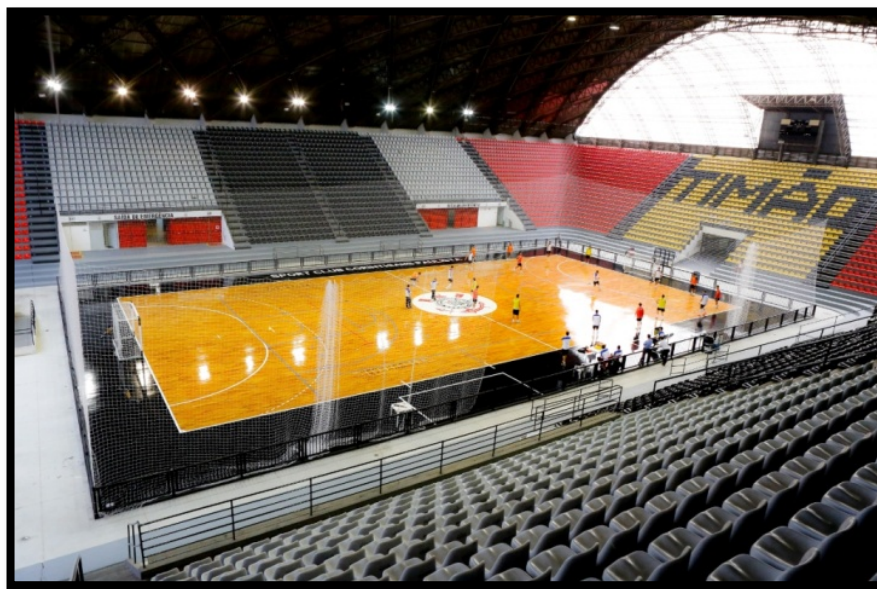


Fonte: *site* oficial do Corinthians (2019).

Além do futebol, o clube investe também em outras modalidades esportivas, como natação, basquete, atletismo, futebol feminino, handebol, entre outros. Futsal é outra

modalidade trabalhada no clube; apesar de estar integrada a um departamento exclusivo, é desenvolvida com atletas das categorias de base do futebol de campo (sub-12, sub-14, sub-16, sub-18 e sub-20), sobretudo em virtude da participação da equipe nas competições oficiais da Federação de Futsal Paulista.

Figura 16 – Ginásio do Parque São Jorge



Fonte: *site* oficial do Corinthians (2019).

Em vista à página oficial do clube (www.corinthians.com.br), é possível obter mais informações sobre o trabalho desenvolvido nas categorias iniciais:

Corinthians e São Paulo iniciam duelo das quartas no Paulistão Sub-13

Com transmissão da Corinthians TV, Alvinegro encara Majestoso em busca de uma vaga na semifinal do estadual da categoria.

Nesta terça-feira (15), às 10h30, no CFA Laudo Natel, em Cotia-SP, o Corinthians visita o São Paulo em clássico válido pelo jogo de ida das quartas de final do Campeonato Paulista Sub-13. **A Corinthians TV transmite o duelo.**

Depois de eliminar o Batatais nas oitavas de final – 7 a 1 no placar agregado –, o Timãozinho terá o Majestoso pela frente para buscar uma vaga na semi. A expectativa é de uma partida de alto nível. É importante que nossa equipe consiga ter um bom desempenho para buscar um bom resultado deste jogo de ida”, comentou Eduardo Vergueiro, treinador da equipe.

Pela primeira fase do Paulistão Sub-13, o Corinthians enfrentou o São Paulo em duas oportunidades. No dia 16 de junho, no Parque São Jorge, Giovanni marcou e o Alvinegro venceu por 1 a 0. No retorno, em Cotia, o Coringão levou a melhor novamente: 3 a 1, com gols de Matheus Henrique, Guilherme Henrique e Pedrinho. (CORINTHIANS..., 2019, grifos no original).

Aspectos da reportagem acima mostram a forma como os atletas são representados, desde cedo, pela mídia. Mesmo para o ‘Timãozinho’, é o resultado final da partida que ganha destaque, sobretudo por se tratar de um clássico válido pelo campeonato estadual da categoria. Outro aspecto aponta indícios de uma relação profissional desses meninos com o clube, pois, quando perguntado se os atletas das categorias iniciais recebiam ajuda de custo (bolsa ou salário), o entrevistado nos disse que, “[...] *a partir do sub-11, alguns meninos já recebem ajuda de custo, mas não são todos, é muito da necessidade do menino e da comissão técnica ver a situação de cada um. É avaliada com cautela a escolha dos atletas que recebem a ajuda de custo*” (C2, 2018).

Neste ponto, é possível identificar que o poder econômico e simbólico do clube está relacionado com a oferta de condições para o desenvolvimento do trabalho de formação desde as categorias iniciais. Enquanto as instituições de menor representatividade e poder aquisitivo, citadas anteriormente, apostavam em diferentes estratégias e formas de organização de suas equipes de base, o Corinthians é capaz de ampliar as condições de estrutura também para os atletas em iniciação no futebol.

Recentemente, a base do clube revelou atletas que participaram da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2018 e atuavam em grandes clubes europeus: Willian, do Arsenal (Inglaterra) e Marquinhos, zagueiro do PSG (França). Outros também ganharam destaque, como Dentinho e Maycon, do Shaktar Donetsk (Ucrânia), e Malcolm, do Zenit (Rússia). A revelação mais recente do clube, o meia Pedrinho, nascido em 1998, representou a seleção brasileira sub-23 em 2020.

O Corinthians recebeu o CCF no ano de 2013.

4 A FORMAÇÃO EM CAMPO

O presente capítulo mostra as diferentes fases que compõem o processo de formação esportiva de crianças e adolescentes atletas de futebol em trajetória inicial na carreira. Segundo Paoli (2007), o sistema de formação profissional de atletas de futebol existente no Brasil é atravessado pela estrutura organizacional estabelecida pela CBF e suas Federações filiadas, no que se refere ao trabalho desenvolvido nas diferentes faixas etárias, e pode ser classificado em seis fases: oportunidade, detecção, seleção, promoção, exposição e comercialização.

A primeira fase é a *oportunização*, que representa a oferta das condições de espaço e estrutura para que crianças e jovens possam desenvolver a prática esportiva. Conforme apresentado anteriormente, na atualidade, as escolinhas são consideradas o principal ambiente de ensino formal da modalidade, e a introdução nesses locais, geralmente, é incentivada pelos familiares do aprendiz. Em seguida, começa a fase de *detecção*, que está diretamente ligada aos meios utilizados pelos clubes para encontrar e identificar um número expressivo de jogadores que apresentem competências para ingressar em um programa de formação de longo prazo, utilizando-se dos diferentes métodos existentes, como peneiras, observações técnicas e parcerias entre clubes, professores e instituições. Já a *seleção* é a fase em que se determina a escolha dos indivíduos mais aptos a dar continuidade ao programa de formação do clube, tendo os fatores antropométricos (altura, peso, etc.), as características físicas (resistência, força, velocidade, entre outras), os requisitos técnicos motores (capacidades coordenativas e os fundamentos técnicos específicos da modalidade), a capacidade de aprendizagem, o desempenho competitivo, as capacidades cognitivas (concentração, inteligências, criatividade, etc.) e os fatores afetivos e sociais como importantes critérios de avaliação. A quarta fase consiste na *promoção* do talento esportivo a partir do desenvolvimento dos aspectos físicos, técnicos, táticos e psicossociais do atleta em relação ao ambiente de treinamentos e jogos, ou seja, a partir da rotina de preparação dos futebolistas para a fase da *exposição* de suas habilidades em competições oficiais. Por fim, há a *comercialização*, que representa o final do ciclo de formação do atleta e a possibilidade de o clube gerar recursos financeiros como retorno dos investimentos (PAOLI, 2007). Conforme destacado no capítulo anterior, por vezes, esta fase ocorre enquanto o atleta ainda se encontra em formação nas categorias de base.

Na construção deste capítulo, utilizo como principais fontes as entrevistas realizadas com agentes formadores e familiares de atletas integrantes de clubes profissionais, em diálogo com dados produzidos pela literatura, sobretudo a partir das diferentes fases do processo de desenvolvimento do talento esportivo proposto pela pesquisa de Paoli (2007), buscando

aprofundar o olhar para aquelas que se destacam dentro do ciclo de pré-formação, nas quais se inserem crianças e adolescentes futebolistas, sendo estas as fases de oportunização, detecção e seleção de talentos, promoção (aqui chamada apenas de preparação, por focalizar especificamente na rotina de treinamento) e a exposição dos atletas em competições esportivas de categorias de base. A fase de comercialização, percebida como objetivo final do processo de formação do atleta, não aparece explicitamente na trajetória inicial, porém, como destacado anteriormente, as condições e flexibilizações da legislação vigente e o código de ética firmado entre os clubes formadores garantem possíveis retornos econômicos sobre os investimentos também neste período da vida do atleta.

Reforço que as fases apresentadas por Paoli (2007), e aqui utilizadas como roteiro de exposição do campo em categorias de análises, não têm como objetivo descrever uma linearidade supostamente inerente ao processo de formação de atletas, mas sim trazer elementos decisivos na trajetória de vida daqueles que mergulham neste universo formativo profissionalizante.

4.1 PRIMEIROS MOVIMENTOS: OPORTUNIZAÇÃO, DETECÇÃO E SELEÇÃO DO TALENTO

O início do processo de formação do futebolista é representado, simbolicamente, pelo seu ingresso nas categorias de base de um clube profissional, ou seja, a partir da aprovação e do reconhecimento de seu ‘talento’ por parte de agentes formadores que atuam na função de detectar e selecionar aqueles que consideram serem os mais aptos para desenvolverem-se como atletas e alcançarem a futura profissão de jogador de futebol. Espera-se que os escolhidos possuam aptidões e predisposições para a aprendizagem e, ainda, segundo Damo (2005), passem por um longo processo de incorporação de técnicas esportivas e códigos específicos da modalidade, na tentativa de transformar o capital futebolístico³³ em carreira profissional. Para Paoli (2007), o reconhecimento do ‘talento’ por parte dos clubes está relacionado com a presença de crianças em ambientes formais de ensino, sobretudo em escolinhas de iniciação esportiva, além da necessidade dos clubes de captarem jogadores precocemente para inseri-los

³³ O termo “capital futebolístico” foi desenvolvido na tese de Damo (2005) e trata-se de uma modalidade de capital corporal que, combinada com os capitais convencionais – social e simbólico –, é requerida para a inserção legítima no campo do profissionalismo. A noção de capital futebolístico é pensada tanto a partir da noção bourdieana de capital quanto do conceito de dom da antropologia de Marcel Mauss.

em seus programas de desenvolvimento e assim garantir futuros direitos econômicos sobre o atleta.

Palmiéri (2015) traz alguns exemplos de deslocamentos familiares para acompanhar as andanças de jovens futebolistas de base pelo universo esportivo, em um processo intenso de atualização dos arranjos e dos sonhos compartilhados. Segundo mostra o autor, não é possível prever acontecimentos que possam encerrar ciclos ou abrir novos caminhos na carreira do atleta. Só se olharmos uma carreira futebolística quando já terminada, retrospectivamente, aí sim podemos selecionar este ou aquele evento, escolha ou decisão e estabelecer uma leitura (às vezes linear) que indique quais fatores foram decisivos na condução de seu projeto profissional. Essa interpretação, segundo o autor, é comumente encontrada em histórias e livros biográficos de atletas de sucesso. Nesse sentido, esta tese guarda similaridade com os achados do autor supracitado, já que apresenta histórias de vida que estavam se constituindo no momento da investigação. Sendo assim, ao tentar captar os percursos a partir de narrativas pessoais, a noção de *movimento*³⁴ parece fazer mais sentido, já que estes sujeitos (familiares, atletas e agentes formadores) movimentam constantemente seus destinos no universo do futebol.

4.1.1 Do bairro para o clube

A construção da relação da criança com o futebol de espetáculo acontece, muitas vezes, em ambientes familiares que cultivam e compartilham a tradição de torcer por determinado clube. Crianças se fantasiam de jogadores, assistem a partidas nos estádios e televisores e, ao menos no contexto brasileiro, sobretudo para os meninos, é comum que o primeiro contato com a bola de futebol aconteça desde muito cedo, já na primeira infância, em forma de brincadeiras que dão considerável intimidade na relação com o objeto (FREIRE, 1998).

Sendo assim, é um equívoco pensar que a criança inicia sua formação esportiva somente a partir da chegada ao clube, tendo em vista que parte do aprendizado dos futebolistas está localizada exatamente fora do período em que passam no ambiente do futebol de base. É algo um tanto complicado de ser medido, já que, ao chegar num clube, os garotos (e, mais recentemente, também as garotas) já trazem consigo uma boa dose de aprendizado das ruas,

³⁴ Ingold (2012) adota uma postura que privilegia a configuração do humano e seu engajamento corporal num dado contexto técnico, em situações que não são fechadas em suas superfícies “externas e congeladas”, porque estariam vivas, em movimento. Nesse sentido, pensar em coisas significa pensar que algo acontece ali: antes de existirem, elas ocorrem, atuam e sofrem ações.

campos de várzea, escolas, escolinhas institucionais e brincadeiras que têm a participação (ou não) da bola, além de outras experiências de vida.

No limite, é possível apenas prever como e onde se forjaram as primeiras relações da criança com o esporte. Por esse motivo, Palmiéri (2015) afirma que se deve levar em consideração também a importância da existência de um “pré-futebol de base”, ou seja, de um jogo que iniciou em casa, na rua, no quintal, no pátio da escola, na zona rural, ou em outros lugares, mas que já direciona a criança a adentrar no mundo espetacularizado do futebol. Freire (1998) mostra que há elementos imagéticos do esporte presentes nas brincadeiras populares, sobretudo nos jogos com bola, que atuam como potentes dispositivos na construção social de crianças que sonham em se tornar jogadores de futebol, os quais auxiliam também no desenvolvimento de seu repertório motor, elemento básico para a aprendizagem das técnicas corporais específicas da modalidade.

São justamente essas primeiras vivências com o jogo que possibilitam a aferição e o reconhecimento do ‘talento’ por parte dos que estão próximos a meninos e meninas, sobretudo familiares, a fim de colocá-los(as) em contato com ambientes formais de práticas sistematizadas de ensino do futebol, com vistas a oportunizar o início de um projeto de carreira (PALMIÉRI, 2015). Cavichioli *et al.* (2011) mostram que a ação de levar crianças para escolinhas esportivas ou turmas de treinamento geralmente ocorre por iniciativa dos familiares, especialmente por parte do pai, pelo incentivo de parentes ou do professor de Educação Física. Para Rial (2008), em referência à sociologia de Bourdieu, a construção do *habitus* do esportista inicia-se cedo, nas escolinhas de aprendizado regular, sistemático e disciplinado de determinada modalidade esportiva, o que marca uma separação entre o brincar ludicamente de bola e o treinar.

No caso dos familiares investigados, quando questionados sobre a idade de início de seus filhos em escolinhas esportivas, ambos destacaram pontos semelhantes em suas respostas, sobretudo com relação ao início precoce na prática sistematizada da modalidade, conforme demonstra-se no **Quadro 3**, como o reconhecimento da aptidão por parte de agentes formadores e a presença de uma rotina de treinamentos e competições mesmo antes do acesso às categorias de base dos clubes profissionais. Vejamos:

Quadro 3 – Idade de início em escolinhas esportivas

Sujeito	Idade de início	Relato dos familiares
Mãe A11	6 anos	<i>“Meu filho começou a fazer escolinha de futebol com 6 anos, perto de casa.”</i>
Pai A12	5 anos	<i>“Levei ele em uma escolinha de futebol, quando tinha 5 anos, pra brincar, aqui perto de casa.”</i>
Pai A13	7 anos	<i>“Meu filho começou no futsal com 7 anos, numa escolinha da cidade em que a gente morava.”</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

As falas dos entrevistados mostram que as escolinhas de iniciação esportiva representaram um primeiro contato com vivências formais e especializadas da modalidade. Ou seja, percebe-se que, na construção da trajetória destes atletas, houve um tempo para o ensino de práticas de forma organizada e estruturada, que antecedeu o acesso às categorias de base dos clubes profissionais de futebol. Scaglia (1999) já anunciava uma mudança pedagógica em curso no processo de formação do jogador brasileiro, pois, conforme apresentado anteriormente, em décadas passadas, as crianças cresciam brincando de bola nas ruas, o que fez, e ainda faz, com que o senso comum diga que os craques ‘já nascem sabendo jogar’, que possuem um ‘dom herdado de Deus’. Mas esses locais de diversão, e também de aprendizagem informal, antes hegemônicos, diminuíram ao longo dos anos, sendo atravessados, por exemplo, pelo processo de urbanização das cidades. Nesse sentido, não se pode negar a importância e a necessidade da proliferação das escolinhas esportivas, pois são evidentes os vínculos entre o futebol e o desenvolvimento das cidades, especialmente dos grandes centros urbanos do País,³⁵ que são mais afetados pela diminuição desses espaços ‘espontâneos’ ou públicos³⁶ para a prática do futebol. Matricular a criança em uma escolinha de iniciação esportiva pode significar apenas uma tentativa de garantir a prática de atividade física, o bem-estar, a saúde e a educação de valores por meio do esporte, mas também pode ser interpretado como importante movimento de iniciação na carreira profissional.

Chama a atenção o fato de que esses espaços de ensino do futebol foram dominados pelo mercado de escolinhas de iniciativa privada, ou seja, representam a fase de oportunidade da aprendizagem da modalidade esportiva, mas também visam à obtenção de lucros e retornos dos investimentos financeiros. Muitas escolinhas de bairro são gerenciadas por ex-atletas de

³⁵ Sevcenko (1994), por exemplo, aponta a rapidez e extraordinária expansão do futebol entre as massas populares no contexto das cidades industriais como um dos aspectos mais importantes da história do esporte.

³⁶ Isso evidentemente não exime o poder público (municípios, Estados e a União) de prover políticas públicas de esporte e lazer para atender populações de diferentes faixas etárias, incluindo crianças e jovens, em projetos educacionais de ensino dos esportes, futebol entre eles, em abundantes e diversos locais de nossas cidades.

futebol, que utilizam seu nome ou a marca de clubes para atrair praticantes. Há também projetos sociais³⁷ e ações mantidas por Estados e Municípios que absorvem um público de menor poder econômico e que representa uma pequena parcela dos praticantes, mas, em geral, não oferecem condições de infraestrutura para o desenvolvimento do trabalho nos mesmos padrões do mercado da rede privada de escolinhas, como campo de treino, quantidade e qualidade de bolas e uniformes, participação em torneios e seletivas de clubes, entre outros aspectos.

Marques e Samulski (2009), ao analisar o processo de iniciação esportiva de 186 jogadores de futebol de campo da categoria juniores (sub-20) das principais equipes nacionais daquele ano, apontaram uma média de 8,95 anos de idade para o início da prática regular na modalidade esportiva em escolinhas, número que se aproxima das respostas dos familiares investigados neste estudo. Os autores indicaram também que 80,6% dos atletas praticaram futsal em equipes de rendimento e/ou escolinhas de iniciação esportiva quando mais novos, ratificando a importância do futsal como uma vertente aliada ao processo de formação dos futebolistas brasileiros.

A modalidade futsal é utilizada pelos clubes de futebol, muitas vezes, como ferramenta de treino, mas também como uma das principais formas de captação de atletas para as categorias iniciais, visto que há um grande número de instituições, conforme apresentado por Klein (2014), envolvidas em calendários de competições regulamentadas por ligas e federações da modalidade. Não por acaso, ambos os familiares entrevistados relataram a participação de seus filhos também em equipes de futsal.

O pai A13 (2019, informação oral)³⁸ – que havia recentemente se mudado com a família para próximo do clube – contou que seu filho, aos 9 anos de idade, passou a fazer parte de uma equipe que disputava o campeonato gaúcho de futsal: “[...] *o nível era bom, ele ganhou bastante experiência de jogo e, por ter se destacado, passou a ser monitorado pelo Internacional de Porto Alegre*”. Entre 10 e 11 anos de idade, o atleta disputou torneios representando o Internacional, mas, quando completou 12 anos, foi dispensado pelo clube. Segundo o entrevistado, “*Como ele era só monitorado, treinava menos que os outros. Ele deixou passar algumas oportunidades e acabou ficando para trás, aí começamos a buscar outros caminhos*” (A13, 2019).

³⁷ Para saber mais sobre o tema do ensino dos esportes em projetos sociais, consulte o livro *Cidadãos não vão ao paraíso: juventude e política social*, de Alba Zaluar (1994).

³⁸ A13. **Entrevista XI**. [jun. 2019]. Entrevistador: Lucas Barreto Klein. Florianópolis, 2019. 1 arquivo mp3 em posse do autor. O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice B desta tese. Todas as menções a A13, deste ponto em diante, dizem respeito a esta entrevista.

A dispensa do primeiro clube fez com que o pai acionasse uma nova estratégia de continuação do projeto de carreira de seu filho. Segundo Palmiéri (2015), para que um menino possa ter seu talento desenvolvido e reconhecido, é preciso movimentar-se por diferentes espaços e buscar outras estratégias, pois suas supostas aptidões para uma atividade dessa natureza são dependentes de técnicas corporais coletivamente compartilhadas e contextualmente estimuladas em vários domínios sociais. Ter atuado nas categorias iniciais de um grande clube nacional representa também uma espécie de ‘carta de apresentação’ na busca por novas oportunidades.

Já A11 (2019, informação oral)³⁹ – mãe de goleiro da categoria sub-11 – contou-nos que seu filho passou a treinar futsal com 8 anos de idade, em uma equipe que disputava o campeonato estadual de Santa Catarina e, aos 9 anos, participou de uma seletiva promovida pelo Avaí Futebol Clube. O menino foi aprovado na seletiva do clube e começou a ter uma rotina de atividades maior, pois passou a treinar futsal duas vezes na semana e, em outros dois dias, a frequentar o treino de futebol de campo também. Além disso, fazia aula particular de treinamento específico para goleiros com o professor da escolinha, que o incentivou a se tornar goleiro.⁴⁰ O professor citado pela entrevistada atuava também na função de treinador de goleiros da categoria sub-15 do clube e foi quem o indicou para a referida seletiva. Certamente que a proximidade do professor com a equipe técnica de agentes formadores pode ser considerada uma importante via de acesso do candidato ao clube. O atleta permaneceu por dois anos na equipe, mas seus pais pediram sua dispensa do clube, pois estavam descontentes com algumas situações que, por opção da entrevistada, não nos foram reveladas.

Ao olhar para a trajetória inicial desses personagens, aparece outro elemento decisivo no processo de formação de jogadores de futebol, o da *noção de circulação*. Em estudo realizado com atletas de sucesso no sistema futebolístico contemporâneo, Rial (2008) demonstra como o fato de estar em circulação figura como elemento que agrega valor à trajetória dos praticantes. A análise é realizada a partir da importância da categoria nativa ‘rodar’, que consiste na circulação dos jogadores entre clubes de diversos países. O ‘rodar’ é definido como uma característica positiva daqueles que se movimentam entre clubes e

³⁹ A11. **Entrevista IX**. [jun. 2019]. Entrevistador: Lucas Barreto Klein. Florianópolis, 2019. 1 arquivo mp3 em posse do autor. O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice B desta tese. Todas as menções a A11, deste ponto em diante, dizem respeito a esta entrevista.

⁴⁰ Em entrevista, A11 (2019) contou-nos que, logo na primeira aula da escolinha, seu filho chegou em casa dizendo que queria ser goleiro e que “*essa vontade partiu dele*”, mas, no início, o pai falou: “Goleiro, não”. Então, na aula seguinte, chorando, o menino foi conversar com o professor, contou a ele que o pai não o queria como goleiro, e “*naquele dia, o professor conversou com o pai e desde então ele nunca mais saiu do gol*”. Para aprofundar-se no tema, consulte *Goleiros, não só a bola decide sua divindade* (CONCEIÇÃO, 2020). Disponível em: <https://bit.ly/3AivCXb>. Acesso em: 20 mar. 2020.

incorporam experiências diversificadas na relação com outros jogadores, treinadores, competições, etc. Para o contexto de formação de base, o ‘rodar’ parece adquirir um sentido de ‘maturidade esportiva’, por meio do qual o atleta acumula experiências de sucessos e fracassos, mantendo-se em circulação por diferentes espaços de aprendizagens e competições, formatando assim uma espécie de ‘currículo esportivo’, conforme referido anteriormente em relação ao fato de o filho de A13 já ter jogado no Internacional de Porto Alegre, uma espécie de ‘carta de apresentação’. Os próprios jogadores profissionais, como muitas vezes ficamos sabendo por meio de transmissões televisionadas, que flagram certos diálogos em campo, ou de programas e mesas redondas de canais esportivos com ex-atletas, por exemplo, que a pergunta ‘jogou onde?’, geralmente dita em tom de brincadeira ou deboche, é uma forma de estabelecer distinções simbólicas entre a qualidade dos atletas em função dos clubes em que já atuaram.

Segundo Palmiéri (2015), as habilidades ligadas ao capital futebolístico acumulam-se com o passar dos anos de investimento na rotina de aprendizagem, e aquele que busca ingressar nos projetos de formação dos clubes profissionais deve avançar suas exibições para além da esfera local, colocando à sua disposição novas possibilidades de recrutamento pelos agentes formadores. Nesse sentido, não basta ao aspirante a atleta estar simplesmente praticando o jogo; ele precisa estar inserido em um ambiente formal, ‘mais sério’, que represente o aprendizado dos códigos específicos da modalidade em treinamentos e competições e lhe proporcione a visibilidade e/ou o reconhecimento de sua aptidão para o esporte de alto rendimento.

Nesse sentido, a participação de atletas iniciantes em equipes que disputam competições, seja de futsal, seja de futebol, representa ‘algo a mais’ do que é ofertado em outros ambientes de prática, como as brincadeiras de bola ou as aulas da escolinha. Mas, para ter acesso a esse universo, é preciso ter o ‘talento’ reconhecido por agentes formadores. A12 (2019, informação oral)⁴¹ – que morava cerca de 100 km de distância do clube – contou-nos que o professor da escolinha identificou que seu filho ‘tinha talento’ e, mais tarde (dois anos após começar a frequentar as aulas da escolinha), aos 7 anos de idade, levou-o para treinar futsal e participar de competições regionais e também do campeonato estadual da Federação Catarinense: “[...] *no futsal, já era um treino mais intensivo, uma rotina mais puxada e com muitos meninos bons*”, afirmou o entrevistado (A12, 2019).

Viu-se que o primeiro sinal que o atleta recebe é o reconhecimento de seu ‘talento’ por seus pares mais próximos, mesmo que seja ainda representado por pequenos movimentos: da

⁴¹ A12. **Entrevista X**. [jun. 2019]. Entrevistador: Lucas Barreto Klein. Florianópolis, 2019. 1 arquivo mp3 em posse do autor. O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice B desta tese. Todas as menções a A12, deste ponto em diante, dizem respeito a esta entrevista.

brincadeira com bola em casa para a escolinha especializada na modalidade, e da escolinha para uma equipe de competição, até ser detectado pelo clube. Percebe-se também que, em paralelo ao campo de formação em que os clubes profissionais de futebol se inserem, há também outros espaços e ambientes de prática, com suas próprias lógicas de organização, inclusive com possibilidades de profissionalização, como, por exemplo, o futsal, amplamente disseminado em escolas, clubes e associações (KLEIN, 2014). Como mostrou Spaggiari (2015), há também as escolinhas de futebol sintético e/ou futebol de campo com caráter social ou privado, que, em geral, estão inseridas em circuitos de competição promovidos por federações estaduais, ligas municipais e empresas de eventos esportivos.

O caminho percorrido até aqui, intitulado como ‘do bairro para o clube’, representa uma metáfora da relação existente entre as primeiras experiências esportivas sistematizadas da criança, que ocorrem, em geral, em escolinhas próximas de suas residências, e a busca pelo reconhecimento de seu ‘talento’ por parte de instituições inseridas em um ambiente formativo mais estruturado e atuante no âmbito das competições oficiais. Também foram mostrados os primeiros movimentos do candidato à atleta no universo profissionalizante; a exemplo do que foi apresentado, apesar de atuarem inicialmente em clubes de base, o fato de os filhos de A11 e A13 não permanecerem nas equipes indica também que sua primeira tentativa não foi de sucesso, mas, de certa forma, foram essas experiências que lhes abriram caminhos e permitiram a continuidade do projeto de suas carreiras, como nos revelou a entrevistada A11 (2019):

Foi por conhecer o trabalho dos profissionais daqui [clube atual], pelo fato de o clube ser muito conhecido em revelar atletas e também por estar mais focado no futebol de campo, que acabamos pedindo pra sair de lá [antigo clube] e procurando o treinador para pedir pra fazer um teste com meu filho.

4.1.2 Processos de detecção de talentos: o que os clubes procuram e como encontram seus atletas?

Para melhor organização e apresentação do tema, esta seção foi subdividida em outras duas partes: a primeira mostra como os clubes organizavam a busca por novos atletas e quais eram as principais vias de acesso utilizadas para o ingresso em suas categorias de base. Já a segunda traz em destaque os olhares e os principais critérios estabelecidos pelos agentes formadores na detecção do talento para o clube.

4.1.2.1 As diferentes vias de acesso às categorias de base de clubes de futebol

Segundo Cavichioli *et al.* (2011, p. 632),

Apesar de o senso comum estabelecer que todo brasileiro “já nasce sabendo jogar bola”, é longo o caminho entre o reconhecimento de se “ter certo talento” para o futebol – nos círculos familiares e escolares – até a “lapidação” desta espécie de “aptidão aparentemente inata” nos clubes especializados.

A palavra *teste* possui um significado potente para o futebol de base, pois representa uma atividade que gera tensão, preocupação, euforia e possibilidades. Um teste é um evento em que os candidatos são literalmente examinados, avaliados, julgados e, a partir daí, confirmam suas expectativas ou fracassos, a depender do resultado final. Um teste pode ser também chamado de *peneira*,⁴² *avaliação* ou *processo seletivo*, mas, no limite, os termos possuem o mesmo sentido prático, descrevendo o processo por meio do qual os agentes especializados do campo esportivo – treinadores, captadores/observadores, empresários, dirigentes e demais membros da comissão técnica – colocam-se na posição de analisar as aptidões dos futebolistas e, muitas vezes, definir seus movimentos pelo universo do futebol de base (PALMIÉRI, 2015).

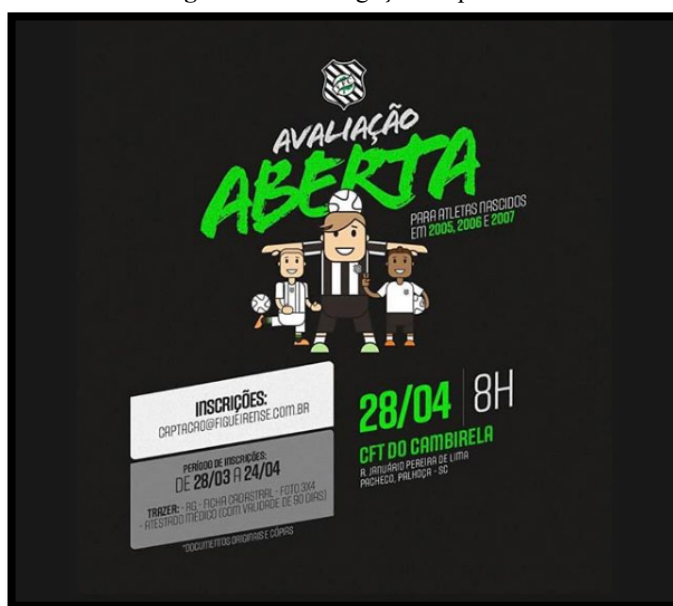
Dentre as diferentes vias de acesso existentes para as categorias de base de um clube de futebol, falarei primeiramente das peneiras, que, segundo Paoli (2007), são chamadas também de “teste social”, pois consistem em um processo mais espontâneo, o qual é realizado pelos clubes para atender a muitos candidatos de uma só vez. Nas peneiras, não há pré-seleção dos participantes inscritos, e o fato de chegar ao clube por iniciativa própria é um aspecto que pesa contra o candidato. Torna-se difícil a aprovação do atleta em peneiras, devido às possíveis diferenças técnicas e físicas entre os envolvidos no teste, pois não há como prever o nível de experiência e aptidão dos envolvidos. A falta de entrosamento dos candidatos dentro e fora do campo, pelo fato de que a maioria acaba se conhecendo no próprio dia do teste, traz dificuldades até mesmo para a comunicação entre eles. Por esses motivos, as peneiras são comumente realizadas fora do ambiente de treinamento do clube e atuam justamente no sentido de garimpar aqueles que, mesmo com as limitações previstas, conseguem se destacar. Para os agentes formadores, as expectativas de aprovação de novos atletas são pequenas neste tipo de avaliação.

Abro um parêntese para um relato pessoal, a fim de exemplificar como funciona um dia de peneira.

⁴² As peneiras são formas de recrutar jogadores, comumente nas categorias de base, por meio da reunião de um grande número deles em um ou dois dias, ao fim dos quais são escolhidos os possíveis integrantes das equipes. Um exemplo desses processos pode ser observado no documentário *Futebol*, de João Moreira Salles (CORREIA, 2014).

No clube em que eu atuo, é comum a Secretaria receber ligações com pedidos de teste para as categorias de base, e, para atender a esta demanda, foi criada uma conta de *e-mail*, que serve como uma espécie de banco de dados sobre os candidatos, com informações como a data de nascimento, o local onde mora, o nome, o peso, a altura, a posição e o telefone para contato. Em abril de 2019, foi atribuída a mim a tarefa de organizar uma peneira nas categorias sub-13 e sub-15. Inicialmente, ‘disparei’ um convite nas redes sociais do clube. Para aqueles que já haviam se cadastrado no sistema, os únicos pré-requisitos para participação foram a apresentação de um atestado médico atualizado, uma foto 3x4 e uma ficha de autorização de participação do atleta no teste, assinada e registrada em cartório por seus responsáveis. Feito isso, o clube se isenta de qualquer responsabilidade sobre a saúde e o bem-estar do candidato durante a realização do teste. Tal procedimento se tornou comum após a fatalidade ocorrida durante a realização de um teste nas categorias de base do Vasco da Gama em 2012.⁴³ Em cerca de 20 dias, foram registradas 80 inscrições, inclusive de candidatos que residiam em municípios distantes do clube.

Figura 17 – Divulgação de peneira



Fonte: *site* oficial do Figueirense (2019).

Num domingo, no dia 28 de abril de 2019, mesmo antes do horário marcado para o início da peneira, já havia uma grande aglomeração de carros e pessoas no estacionamento do local. Durante a realização do teste, não foi autorizada a entrada dos familiares no CT do clube, mas eles deram um ‘jeitinho’ e ocuparam os alambrados do lado externo, em meio a uma

⁴³ Cf.: <https://glo.bo/3lB5jYf>.

vegetação rasteira e abandonada, de onde puderam, mesmo que de forma improvisada, acompanhar, torcer, vibrar, pressionar e orientar seus filhos em cada lance disputado.

Figura 18 – Local de onde os familiares acompanhavam o teste



Fonte: arquivo pessoal do autor (2019).

Os candidatos foram separados por ano de nascimento, em três grupos, a cada qual foram destinados um campo e dois avaliadores (membros das comissões técnicas), e a avaliação teve duração de cerca de três horas. Ao final, por volta das 11 horas da manhã, os candidatos foram reunidos e informados que os selecionados nesta etapa receberiam um telefonema do clube para agendamento de uma segunda avaliação, e os escolhidos passariam o período de uma semana inseridos na rotina de treinamento da categoria de base. Entre os 80 candidatos, somente dois foram selecionados no sub-15 e outros três no sub-13, dos quais, ao final da segunda etapa, apenas um foi aprovado.

O baixo índice de atletas aprovados na peneira relatada confirma a expectativa dos agentes formadores. Fato é que existem outros caminhos, mais eficientes, que podem facilitar o acesso dos candidatos, sobretudo quando há intermédio de pessoas que já conhecem o funcionamento de um clube de base.

Segundo Paoli (2007), outras estratégias, com melhores índices de aproveitamento, são utilizadas como vias de acesso, às quais o candidato pode recorrer para ingressar nas categorias de base de um clube, como indicações, participação do menino em campeonatos, frequência em escolinhas e franquias mantidas pelo clube, parcerias com o futsal e projetos sociais, entre outras.

A indicação, por exemplo, é um processo que ocorre principalmente em função do trabalho dos captadores do clube, chamados também de observadores técnicos ou ‘olheiros’. Essa pode ser considerada uma das vias mais eficientes, pois é aquela que consegue selecionar mais jogadores em todas as categorias, já que o agente, por estar inserido na rotina do clube, tem como função conhecer o perfil do atleta a ser detectado, as carências da equipe, entre outros fatores determinantes na escolha (PAOLI, 2007). Esse processo é visto também como uma espécie de rede de relacionamentos e pode ocorrer através de várias pessoas envolvidas no contexto do futebol, principalmente professores de escolinhas, ex-atletas e empresários, que, muitas vezes, não atuam exclusivamente para um único clube. Mesmo os jogadores vinculados a empresários ou a outros clubes podem ser observados e indicados. Uma vez que o menino passa a fazer parte de uma categoria de base, é comum, inclusive, que ele seja ofertado para equipes de maior expressão, na tentativa de fazer com que seu agente interlocutor aumente seu *status* de observador e captador de talentos; o mesmo acontece quando um atleta é dispensado do clube e precisa ser remanejado para outros centros de formação.

Os agentes formadores entrevistados revelaram estratégias semelhantes para o processo de detecção de seus atletas, mas a presença da figura do profissional exclusivo no setor de captação foi um ponto divergente entre os relatos, pois estava diretamente relacionada com o capital econômico de cada clube. C2 (2018) – coordenador das categorias de iniciação de um dos clubes mais populares do país – e T6 (2019) – treinador do clube que mais revela jogadores no futebol brasileiro – relataram que, em seus clubes, havia cinco funcionários que atuavam na função de captação de atletas para as categorias de base, os quais realizavam constantes viagens para visitar projetos ou competições de futebol e organizar peneiras em várias regiões do país, enquanto T3 (2018) – que atuava em um clube da segunda divisão nacional – informou-nos que seu clube mantinha apenas um profissional para esta função no quadro de funcionários. Já os demais entrevistados revelaram que seus clubes não possuíam a figura do agente captador, e que a observação técnica para busca de novos jogadores era realizada pelos próprios membros das comissões técnicas. Percebe-se aqui que há diferenças significativas na estrutura da rede de relacionamentos e captação entre os clubes, o que afeta proporcionalmente a capacidade de observação, oportunização e detecção de atletas para as equipes.

Em entrevista, T2 (2018) – que atuava em clube que se encontrava em ascensão no futebol catarinense e brasileiro – contou-nos como funcionava a captação de atletas em seu clube, já que não havia um profissional específico para esta função nas categorias iniciais: *“Quem faz essa captação de atletas somos nós professores, a gente já conhece os meninos da região por causa das competições de futsal e tem também alguns parceiros de escolinhas que*

indicam jogadores para testes”. Segundo Paoli (2007), a procura por talentos futebolísticos está focada em meninos cada vez mais novos, e o fato de eles serem indicados por pessoas ou clubes parceiros, captadores do clube e membros de comissões técnicas, principalmente se foi observado atuando em competições, contribui para a construção de uma imagem positiva do candidato. Munidos de uma ‘história esportiva’, espécie de currículo esportivo inicial, os meninos que chegam aos clubes por intermédio de indicações recebem um *status* diferenciado dos ‘peneirados’.

Exemplo desta via de acesso, o pai A12 (2019) nos contou que a chegada de seu filho ao clube se deu por intermédio de sua participação em uma competição de futsal: *“O técnico viu ele jogando o estadual de futsal e fez o convite, recebemos uma carta do clube, foi uma alegria muito grande e uma surpresa para a família. Poder fazer parte de um clube de base é um sonho, e a evolução dele tem sido muito positiva desde que chegamos”*. Segundo De Paula (2013), um dos desafios daqueles que têm a tarefa de selecionar talentos é também compreender as expectativas dos pais, ou seja, é necessário saber avaliar se a família está interessada em apostar no projeto de carreira profissional de seu filho. Nesse sentido, o entrevistado revelou-nos também que seu filho nunca havia realizado testes ou peneiras:

[...] quando surgiu o convite, a família colocou no plano de Deus, oramos muito para que fosse a escolha certa e que pudéssemos aproveitar a oportunidade. A gente fala para ele que precisa se dedicar sempre, porque ele estando dentro do clube está o tempo todo sendo avaliado, por isso tem que ter muito esforço da parte dele em todos os treinos. (A12, 2019).

Outra importante via de acesso são as parcerias com as escolinhas independentes, sejam de iniciativa privada, sejam projetos sociais e/ou da rede de franquias de escolas oficiais de um clube, sobretudo nas categorias iniciais, já que, como mostrado anteriormente, grande parte dos meninos que sonham em se tornar jogadores profissionais iniciam sua trajetória nas escolinhas de futebol e/ou futsal.

Segundo Paoli (2007), praticamente todos os grandes clubes do Brasil possuem franquias de sua marca. Tal processo funciona a partir da solicitação, por intermédio de um empreendedor, de autorização para a abertura de uma escolinha em nome do clube. Geralmente, as exigências contratuais básicas são: tempo de duração do contrato, custo do uso da marca, percentual sobre direitos econômicos dos atletas revelados pelo franqueado e garantia de acesso dos alunos em avaliações nas categorias de base do clube. Já as escolinhas independentes não possuem vínculo oficial com apenas uma instituição e acabam circulando, muitas vezes, por diferentes clubes, na tentativa de encaminhar seus atletas e negociar direitos econômicos

futuros. T2 (2018), que atuava também na função de coordenador de escolinhas franqueadas, revelou-nos que seu clube possuía cerca de 70 escolas oficiais espalhadas por diversas cidades de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul: “[...] *a gente organiza torneios entre essas escolas lá no nosso CT e temos um período destinado para que eles encaminhem atletas para treinar com o grupo, é uma excelente forma de captação*”. Já C1 – coordenador da base de um clube da segunda divisão do futebol nacional – revelou-nos a estratégia de qualificação da rede de indicações de atletas do seu clube:

[...] quando é identificado que a escolinha possui um grande trabalho, então os treinadores e a coordenação fazem uma aproximação, para criar uma boa relação. Aqui são poucas escolas oficialmente parceiras, e o clube tem a política de construir um bom relacionamento com os responsáveis pelos projetos e de nunca entrar em contato direto com a família dos atletas, mas o caminho inverso costuma ocorrer: às vezes, a família procura o clube. (C1, 2018).

Um dos familiares entrevistados, o pai A13 (2019), confirma essa possibilidade ao revelar que foi ele quem procurou o clube, por meio das redes sociais do treinador da equipe, para solicitar um teste:

[...] entrei em contato com o treinador através do Facebook e mostrei algumas fotos e vídeos do meu filho. Depois disso, ele [o treinador] marcou uma data para avaliação no clube, uma avaliação de uma semana. A gente morava longe, mas eu vinha seguido pra Florianópolis, a passeio, já gostava muito da cidade. (A13, 2019).

O uso das redes sociais tem se tornado cada vez mais comum atualmente, despontando como uma nova ferramenta de observação e captação de talentos por parte dos clubes. Empresas de *marketing* e familiares utilizam perfis⁴⁴ para divulgação de imagens e vídeos de treinamentos e jogos de atletas, na tentativa de serem ‘vistos’ pelos agentes formadores.

Uma vez pré-selecionados, seja por meio de peneiras, seja por indicações, observações ou até mesmo pelas mídias sociais, os candidatos passam por um novo teste de provação de suas habilidades, mas desta vez em processo de comparação com aqueles que já compõem a equipe de base do clube. Em geral, o período de avaliação de um atleta dura cerca de uma semana, como nos informaram os entrevistados, podendo ser estendido para duas semanas, nos casos em que o atleta gera dúvida sobre sua aprovação. A13 (2019), por exemplo, afirmou que

⁴⁴ Recebo constantemente solicitações de amizade nas redes sociais de perfis de atletas e agentes que atuam na divulgação de seu ‘produto’. Esta ferramenta tem contribuído para aumentar a rede de observação de atletas, sobretudo daqueles que residem em regiões mais distantes do clube.

o “[...] filho foi avaliado pelos professores; foram três treinos, e no final de semana fui chamado para ser avisado de que ele tinha sido aprovado”.

Por fim, outra estratégia comumente adotada nas categorias iniciais é o monitoramento de atletas, processo que, segundo os agentes formadores, é destinado a meninos que possuem ‘talento’, mas ainda não se encontram aptos a integrar a equipe ou ainda não conseguiram adequar suas logísticas para residirem próximos ao clube. Essa ação tem como objetivo atender um número maior de atletas, que realizam treinamentos esporadicamente com a equipe até completarem a idade mínima necessária para se mudarem para o alojamento. Sobre esse tipo de aprovação, C2 (2018) mencionou o cuidado para que o atleta não se ausente da escola por um período longo:

Quando é detectado que o menino tem qualidades, mas não consegue estar no dia a dia, o Nesp⁴⁵ [Núcleo Educacional-Social-Psicológico] chama os pais, o treinador e o coordenador para explicar como irá funcionar tudo. Então os pais fazem contato com o treinador, para agendar uma semana de treino. São os pais que indicam a semana, pois tem a questão da escola e, dependendo da situação financeira, eu dou a liberdade para que o atleta venha uma vez a cada 30 ou 60 dias. (C2, 2018).

Como mostrado anteriormente na fala de A13, no período em que seu filho era monitorado pelo Internacional de Porto Alegre, entre 10 e 11 anos de idade, o menino participou de treinamentos e competições no clube, porém o fato de não estar presente na rotina da equipe pode ter prejudicado sua continuidade no processo (argumento utilizado pelo pai do atleta). Importante lembrar que o MCFFB não reconhece essa prática como garantia de vínculo de formação do atleta, pois o mesmo menino pode ser monitorado por mais de um clube ao mesmo tempo, e sua rotina de vida não está totalmente relacionada a um clube em específico. Nesse sentido, entende-se que o monitoramento atua como uma espécie de ‘pré-aprovação’ do candidato.

Entre os agentes formadores entrevistados, somente T1 – treinador das categorias sub-11 e sub-13 de um pequeno clube catarinense – apresentou uma forma diferente de organizar as avaliações, talvez pelo fato de atender exclusivamente atletas que residem em regiões próximas ao clube, o que lhe garante maior tempo de observação antes de tomar uma decisão sobre a aprovação ou dispensa do candidato:

Avaliação somente de um dia não acontece; se o atleta mostrou alguma qualidade, a gente procura dar um tempo maior, o que varia de uma semana a 30 dias de avaliação. E se nesse período ainda tiver dúvidas, então ele fica

⁴⁵ Para conhecer melhor o Nesp, cf.: <https://bit.ly/3jzghLj>. Acesso em: 20 mar. 2020.

mais 30 dias, mas sai ciente de que ainda está em avaliação. [...] Temos escolas parceiras e projetos de futsal que indicam atletas para o clube. Em paralelo à seletiva, é feito contato com as escolas e os professores para indicações de atletas. Os meninos são todos da cidade e da região. O clube não aloja nenhuma categoria, e aqueles que vêm de outras cidades vêm por conta própria. (T1, 2019).

Como vimos, aos atletas menores de 14 anos que ingressam nas categorias de base não é permitido residir nos alojamentos oficiais dos clubes. Sobre esse assunto C2 (2018) contou-nos como seu clube se organizava:

Sendo atleta de fora, até o sub-13, a gente não aloja, pois o ECA não permite, e o clube é bem rígido nesse sentido. A psicóloga, a orientadora educacional e a assistente social cuidam muito dessa parte, então os que vêm de fora têm que se virar, é por conta da família; as refeições a gente consegue ofertar no clube, isso é tranquilo. [...] Quem organiza a vinda dos meninos são os empresários deles e as famílias.

Por se tratar de um clube de grande popularidade e expressão nacional, que possuía, como mostrado anteriormente, uma ampla rede de captação de jogadores, é mais comum a procura por parte de candidatos de diversos locais do país, e mesmo os atletas mais novos, em idade de pré- formação, podem estar vinculados aos agentes empresários.

Sobre esse tema, T2 (2018) nos relatou o seguinte:

Quando identificamos um atleta de potencial, o coordenador entra em contato com a sua escolinha, e ele tem que vir pro clube, por acreditar no nosso trabalho. Dependendo da situação, até podemos ver uma possível ajuda de combustível para o deslocamento. Já que a maioria dos meninos é aqui da Região do Extremo Oeste ou da Região Serrana do Estado, o pai pode trazer pro treino e levar embora, mas tem aqueles que vêm de mais longe, são 'de fora', de um empresário do Mato Grosso, por exemplo, que estão vindo pra morar na cidade e ficam sob os cuidados dele. A gente fala que não tem vínculo com ele, pois é lei, né, não pode oferecer alojamento para os menores de 14 anos, então os meninos ficam numa pensão e tal, mas é tudo bancado pelos pais, e como o valor da pensão é alto, então a gente oferece a alimentação no clube.

Na mesma direção, T5 (2018) – treinador de um importante clube do Estado do Rio Grande do Sul – informou-nos que, no caso de seu clube,

[...] escolas parceiras indicam muitos atletas, e realizamos o monitoramento dos mais novos, então focamos nesses monitoramentos, com o cuidado para que o atleta não falte muitas aulas. Temos um pessoal que recebe os meninos, algumas famílias dos que já moram aqui na cidade, elas são acompanhadas pela assistente social e a psicopedagoga do clube, e se a família não quer se mudar pra cá, eles entregam uma tutela para essas famílias que recebem os meninos, tudo dentro de uma flexibilização da lei.

As falas dos entrevistados mostram que, apesar de haver a tendência de os clubes selecionarem atletas que residem em distâncias próximas às sedes e aos CTs, especialmente nas categorias iniciais, por facilitar a logística de acompanhamento da rotina de atividades e, principalmente, por não poderem ofertar moradia em seus alojamentos oficiais, há também estratégias pensadas, tanto por parte dos clubes quanto de familiares e empresários, para que os meninos possam fazer parte integralmente da rotina desenvolvida pelos clubes. T6 (2019) confirma essa expectativa ao relatar que

Os atletas da categoria sub-13 e das menores são oriundos do Brasil todo. Por exemplo, se o clube gostou de um atleta lá da Bahia, é conversado com o pai e o menino vem morar para cá. O clube tem como princípio que, se o menino vier, tem que vir um familiar junto, ele não pode vir sozinho e morar com alguém, como acontece em outros lugares. Nós não oferecemos alojamento nesta idade, mas tem toda a estrutura médica, nutricional, psicossocial e escolar.

Foi o que ocorreu também com a família de A13, que precisou se mudar de cidade, cerca de 900 km, para acompanhar a rotina de atividades do clube.

Para ilustrar melhor esse assunto, no **Quadro 4**, a seguir, destaca-se o Estado de nascimento dos atletas participantes do Torneio Sul-Brasileiro da categoria sub-13, realizado no ano de 2019, em comparação com as regiões dos clubes pelos quais os atletas estavam disputando a competição:

Quadro 4 – Estados de origem e clubes dos atletas inscritos no Torneio Sul-Brasileiro sub-13 em 2019
(continua)

Clube / Estado	Nº de atletas inscritos	Nº de inscritos por Estado de nascimento
Athletico, PR	29	15 – PR; 5 – SC; 4 – SP; 2 – PA; 1 – DF, CE e ES.
Avaí, SC	34	20 – SC; 6 – SP; 4 – Rondônia; 1 – DF, MG, PR e RS.
Chapecoense, SC	26	8 – SC; 6 – RS; 3 – PR, MT e SP; 2 – MS; 1 – RO.

Quadro 4 – Estados de origem e clubes dos atletas inscritos no Torneio Sul-Brasileiro sub-13 em 2019 (conclusão)

Clube / Estado	Nº de atletas inscritos	Nº de inscritos por Estado de nascimento
Criciúma, SC	30	25 – SC; 2 – TO; 1 – EUA, MA e RS.
Grêmio, RS	35	8 – RS; 4 – SP; 3 – CE, PR e RJ; 2 – DF MA, MT, SC, RS; 1 – AL, BA e MG.
Internacional, RS	30	21 – RS 2 – MT, SP e SE; 1 – DF, ES e PR.
Joinville, SC	24	20 – SC; 1 – PR, RJ, RS e SP.
São José, RS	35	34 – RS; 1 – RO.

Fonte: elaborado pelo autor com dados do aplicativo ‘BG Prime 2019’.

No **Quadro 4**, apresentam-se apenas dados quantitativos referentes à relação entre o local de nascimento do atleta e o Estado do clube a que pertencia. Ao interpretá-lo, não é possível traçar as histórias individuais, tampouco saber se o deslocamento do atleta e/ou de seus familiares ocorreu exclusivamente a partir do ingresso nas categorias de base, mas essas informações nos indicam algumas pistas e nos oferecem um panorama geral da circulação existente no universo do futebol entre as diferentes regiões do país desde a trajetória inicial de formação. Também corroboram dados revelados pelos entrevistados, a exemplo de T3 (2018), que afirmou que “[...] até 12 anos os atletas são apenas da nossa região, um ou outro atleta é monitorado”. Já a partir da categoria sub-15, segundo nosso interlocutor, aumenta o número de atletas que vêm de fora das regiões próximas ao clube: “Buscamos suprir as necessidades da categoria com atletas de diversos locais do país e aqueles em que a gente tem interesse. Até completar 14 anos, ficam em monitoramento, vindo uma vez ou outra para a cidade passar a semana” (T3, 2018).

Para Rial (2008), conforme referido, a circulação de atletas pelo universo do futebol, desde as categorias de base, é algo comum e, por vezes, desejado. Sair de casa pode ser considerado um importante sinal de que o projeto de carreira está bem encaminhado. Porém, esse momento de ruptura é significativo, pois implica uma mudança nos estilos de vida, e a fronteira a superar, nesse caminho, é a do círculo familiar. Esse processo evidencia que a

consequência será o afastamento, que é visto como doloroso, mas cercado de grandes esperanças de realização profissional e da possibilidade de adquirir ‘rodagem’ e experiências úteis para a conversão da incorporação do capital futebolístico em profissão.

4.1.2.2 Critérios utilizados na detecção de jogadores

Neste subtópico, serão apresentados os principais critérios utilizados pelos agentes formadores na detecção de ‘talentos’ em iniciação esportiva e quais aptidões, na opinião dos entrevistados, são necessárias para que o candidato seja selecionado para as categorias de base destes clubes profissionais de futebol.

O tema é relevante, pois, em muitos casos, o desempenho do jogador no momento da avaliação é atraente ao olhar de quem observa, seja ele o captador ou a própria comissão técnica do clube, mas, segundo Paoli (2007), existem poucas evidências de qualquer critério científico que sirva de base para predizer que a escolha do atleta, naquele momento, será eficaz. Ou seja, a busca de jogadores de futebol talentosos e o seu posterior desenvolvimento nas categorias de base se encontram ainda em significativa dependência da avaliação subjetiva, do bom senso e do olhar daquele agente que está avaliando o atleta. Por outro lado, a capacidade destes profissionais de ‘enxergar’ o ‘talento esportivo’ desde as idades iniciais e projetar seu potencial futuro não pode ser desconsiderada neste processo (PAOLI, 2007).

Os entrevistados foram questionados sobre quais seriam os principais critérios utilizados no momento da avaliação de um atleta que se encontra em trajetória inicial de formação. T2 (2018), por exemplo, respondeu que “[...] *as nossas categorias são abertas; se chegar um menino que é melhor, ele vai ficando. Não temos uma cartilha de situações que façam o menino ficar ou não ficar, vai da carência do elenco, e o critério é o seguinte: joga bem ou joga mal. Se joga bem, fica*”. A partir dessa primeira fala, é possível apontar um caminho para aprofundar as análises sobre o tema, afinal o que representa ‘jogar bem’ e o que de fato os agentes e os clubes procuram detectar nestes meninos que se encontram em idade de pré-formação na carreira esportiva?

O discurso comum, identificado a partir da fala dos entrevistados, é que esses agentes apostavam na busca por atletas que apresentassem domínio apurado dos fundamentos técnicos específicos do futebol. Termos como ‘boa relação com bola’, ‘recurso técnico’ e ‘potencial técnico’ aparecem em destaque, como afirmaram, por exemplo, C1 (2018), para quem “[...] *o principal critério que utilizamos para selecionar e avaliar os atletas é o potencial técnico; o clube opta por meninos com boa relação com a bola, que saibam resolver problemas de jogo*”,

e T5 (2018), que considera que “[...] *o principal é a parte técnica: não somos historicamente um clube que trabalha com atletas de força e maturação alta, procuramos meninos com recurso técnico*”. De acordo com Palmiéri (2015), para um jogador em formação, o mais importante é ser rápido em pensar e executar as tarefas impostas pelo jogo, e, para isso, a técnica é muito importante. Desse ponto de vista, a técnica seria a mediação entre o pensar e o executar, a partir do repertório de gestos e ações incorporados à mecânica dos movimentos específicos do esporte.

Segundo Monteiro (2011), as habilidades técnicas do jogo de futebol normalmente estão relacionadas ao domínio dos fundamentos de ataque (quando o atleta está com a posse da bola): cabeceio, condução, controle, chute, defesas (goleiros), domínio, cruzamento, drible, passe, proteção da bola, rebatida, recepção; e de defesa (quando o atleta não está com a posse da bola): antecipação, bloqueio, carrinho, cobertura, desarme, desmarcação, finta, infiltração, interceptação, marcação, recuperação. Trata-se de ações importantes, tanto na otimização do desempenho individual como no equilíbrio do potencial de jogo coletivo da equipe.

No *Glossário do futebol brasileiro*, documento oficial da CBF produzido por Thiengo (2020), a técnica é conceituada tanto no plano histórico quanto no plano contextual específico da modalidade. Nos esportes, a técnica tradicionalmente é definida como os movimentos que permitem a execução de uma tarefa de forma mais objetiva e econômica possível, ou seja, com melhor eficiência mecânica. Nesse sentido, a técnica de uma modalidade esportiva corresponde a um tipo de movimento corporal considerado ideal, mas que pode ser modificado de acordo com as características individuais de cada praticante, sendo comum a todos os atletas, formado pelos fundamentos específicos do esporte. Entretanto, essa definição tradicional de técnica melhor se adequa às características das modalidades esportivas individuais, em que a realização dos movimentos sofre menos influências do ambiente em que é exigida e o desenvolvimento das capacidades motoras é considerado fator determinante para o sucesso na modalidade, como, por exemplo, atletismo, natação, ginástica, levantamento de peso, entre outras. Já nos esportes coletivos, entre os quais o futebol, o desempenho técnico está associado ao contexto ao qual o jogador está exposto, ou seja, para ser eficaz, o sujeito deverá possuir elevada capacidade de adaptação às diferentes situações que se apresentam no jogo. Esse fato exige que os atletas tenham uma elevada capacidade de percepção, antecipação e tomada de decisão, para que possam realizar o movimento corporal mais adequado para a situação que enfrentam. Sendo assim, de forma resumida, segundo o referido glossário, a técnica no futebol define-se como a utilização do corpo para a solução de um problema imposto ao jogador durante o ato de jogar (THIENGO, 2020).

Tal definição foi incorporada recentemente à literatura e está atrelada ao surgimento do conceito de tática individual, que representa a ação de um jogador a partir de sua interpretação da situação do jogo em um determinado tempo-espço, no qual realiza movimentos com a finalidade de cumprir um objetivo específico e pessoal dentro do jogo. Em outras palavras, é a execução de uma técnica escolhida do repertório de movimentos do jogador e aplicada a uma situação de jogo a partir de uma tomada de decisão, a qual pressupõe uma intencionalidade na realização dos movimentos, de forma que seja possível solucionar os problemas que o jogo impõe. Por exemplo, a técnica do chute, com objetivo de inserir a bola na meta adversária, pode ser realizada de diferentes formas (parte superior, frontal, posterior ou lateral do pé que bate na bola), de acordo com a posição do jogador que realiza o movimento, a posição da bola e dos adversários, as características do gramado, entre outros fatores, desde que seu objetivo seja cumprido e evite promover algum tipo de lesão no jogador que realiza a execução da tarefa (THIENGO, 2020).

De modo geral, essas características são levadas em consideração pelos entrevistados, como nos revelou C2 (2018): *“Aqui no clube, a gente analisa muito a relação com bola, o nível de aptidão e a projeção do atleta. O menino precisa também ter um bom entendimento de jogo e das funções táticas”*. Do mesmo modo, T6 (2019) nos contou que seu clube possuía um perfil definido para a captação de atletas, que priorizava a qualidade técnica e cognitiva no processo de avaliação:

Buscamos o jogador que entende o jogo, sempre respeitando a história do clube, aquele jogador ousado e driblador. Nosso olhar é muito atento para isso, esse é o perfil que a torcida gosta, havendo, é claro, preocupação pelo biotipo físico do atleta, mas isso não é fator determinante na avaliação.

Ao utilizar termos como ‘projeção do atleta’, ‘bom entendimento do jogo e das questões táticas’ e ‘jogador que entende o jogo’, os agentes destacaram que aspectos relacionados à cognição, à capacidade de resolver problemas e à aprendizagem pesam na balança. Nesse sentido, ao identificarem potencial nos atletas em avaliação, cabe aos avaliadores visualizar também qual a projeção de desenvolvimento futuro que o atleta poderá alcançar, ou seja, qual será seu nível de desempenho nas categorias subsequentes.

Apesar de não serem apontadas pelos agentes entrevistados como os principais critérios na detecção de talentos nas categorias iniciais, questões como o desempenho e o desenvolvimento físico também são levadas em consideração, pois, como afirmou T4 (2019), que atuava em um importante clube catarinense:

Por entender que há um processo natural de maturação física do atleta, que, estando integrado à rotina de treino do clube, irá desenvolver estas capacidades, o perfil que a gente busca é voltado para as capacidades técnicas e cognitivas. Aqui, buscamos atletas capazes de resolver problemas de jogo com soluções técnicas e criativas.

Já T3 (2018) falou que, “[...] primeiramente, é observado o manejo com a bola, a parte técnica e a capacidade de resolver problemas, depois a questão física de força e tamanho e a parte coordenativa do atleta”.

Termos como ‘questão física’, ‘biotipo físico’ e ‘maturação física’ estão intimamente ligados ao nível de desempenho esportivo apresentado pelos atletas no momento em que são avaliados. Segundo Palmiéri (2015), ao observar um garoto, os avaliadores muitas vezes se apegam à imagem física, antevendo, ou projetando, as possibilidades desse mesmo corpo se expandir para cumprir determinadas rotinas dentro do jogo. Para Paoli (2007), atributos como potência do chute e os contatos físicos na disputa pelo espaço de jogo são alguns exemplos de que meninos com desenvolvimento físico favorável e com maior tamanho corporal tendem a ter certa vantagem durante o jogo. Por esse motivo, considero importante falar mais sobre este tema, sobretudo por haver evidências científicas que apontam para certa tendência no processo de detecção de talentos em categorias de base, mas que não aparece de forma clara no discurso dos agentes formadores entrevistados, talvez pelo fato de ser algo naturalizado pelo campo, que já não causa ‘estranhamento’ naqueles que estão mergulhados no processo de formação de futebolistas de base.

Como mostrado anteriormente, no futebol, as categorias de base são organizadas pela idade cronológica dos jogadores (ano de nascimento). Porém, é comum encontrar crianças e adolescentes cuja idade cronológica não acompanha a idade biológica em seu estágio de maturação, que pode estar abaixo ou acima daquela, o que representa características funcionais distintas dentro de um mesmo grupo de indivíduos. Nessa perspectiva, jogadores amadurecidos precocemente apresentam vantagens no desempenho físico, visto que são mais fortes, mais velozes, mais ágeis e mais resistentes aeróbica e anaerobicamente do que os jogadores amadurecidos tardiamente. Em função disso, é possível que o processo de formação, detecção e seleção de jogadores esteja sujeito a privilegiar jogadores amadurecidos biologicamente (REIS, 2020). Para Rezende (2019), a faixa etária em que se encontram os atletas em ciclo de pré-formação caracteriza-se por um período de constantes mudanças morfológicas e fisiológicas, que acontecem durante o processo de crescimento, devido às transformações físicas, psíquicas e sociais que estabelecem o elo entre a infância e a adolescência, podendo, nesse período, haver um rápido aumento da estatura e da massa corporal, dentre outros aspectos,

quando o menino entra na puberdade. Espera-se que ocorra o pico de velocidade de crescimento, em meninos, entre 12 e 15 anos de idade.

Na tentativa de diminuir o distanciamento das valências físicas, alguns dos clubes investigados optavam por se organizar em grupos de trabalho de idades únicas, principalmente nas categorias iniciais (sub-10, sub-11, sub-12, por exemplo), entre outras estratégias. Porém, as categorias oficiais de competição agregam uma faixa de, no mínimo, dois anos de diferença, a saber: sub-23 (aspirantes), sub-20, sub-17, sub-15, sub-13, sub-11 e sub-9.

Paoli (2007) afirma que há um consenso entre agentes formadores de que não existe uma idade ideal para identificação do ‘talento’. Entretanto, recomenda que seja entre os 12 e os 14 anos, pois é quando o atleta está saindo da infância e entrando na adolescência. Para um dos entrevistados da pesquisa realizada pelo autor, “[...] depois que entra na adolescência o garoto modifica um pouco suas qualidades, porque nesta fase ele começa a mostrar um desenvolvimento na força, escondendo um pouco o potencial de habilidade motora” (PAOLI, 2007, p. 117). Essa é uma área de estudo complexa dentro da perspectiva do desenvolvimento motor, porque não conta com instrumentos de avaliação precisos e específicos para o futebol. Por vezes, os meninos que são dispensados na faixa etária entre 12 e 13 anos podem apresentar melhoras em diversos aspectos com 15 ou 16 anos, pois o processo maturacional é bastante intenso neste período. O ‘talento’, no futebol, está muito relacionado às fases sensíveis da aprendizagem (PAOLI, 2007).

Sobre essa questão, C2 (2018) explicou-nos que,

[...] por questões físicas, alguns clubes têm um perfil definido de seleção de atletas, e o nível de maturação ajuda na decisão, pois tem os tardios e os não tardios, e isso influencia no desempenho técnico no momento da avaliação. Quando o atleta é aprovado, é realizado exame de maturação, analisamos a data de nascimento e tem também o olhar do treinador. Procuro colher o máximo de informações do atleta, para poder tomar uma decisão justa, mas o grau de maturação é complicado no sub-11, pois fica mais subjetivo ao olhar do treinador, já no sub-13 você consegue identificar melhor, ter uma leitura melhor. [...] No sub-13, temos muitos jogadores tardios; geralmente o atleta que vem para o clube vem de bons projetos, do futsal principalmente, então, se tem boa qualidade, mas não tem espaço na equipe, pela questão da intensidade de jogo, aí o atleta fica sendo monitorado no clube e atuando nos projetos. Não temos espaço para todos, então nós criamos estratégias para que os tardios possam se desenvolver. Eles precisam aprender a ser inteligentes para jogar sem contato, buscar jogar entre as linhas e fugir do contato físico. Os tardios estão sempre sob nossos cuidados, pois precisam sempre se adaptar ao nível de intensidade da categoria, das competições e precisam render tecnicamente.

A utilização do termo ‘tardio’ refere-se aos atletas que possuem atraso no grau de maturação biológica, o que ocorre, com mais frequência, naqueles que nascem nos últimos meses do ano.

Estudos recentes mostram que a maturação biológica possui influência direta no processo de detecção precoce de talentos esportivos, sendo caracterizada pelo efeito da idade relativa, que corresponde à tendência de selecionar atletas nascidos nos primeiros trimestres do ano, por frequentemente apresentarem maiores índices de testosterona e maturação sexual (MASSA, 2020) em comparação com os de mesma idade, mas nascidos em trimestres posteriores. Segundo Reis (2020), o efeito da idade relativa consiste na categorização assimétrica de indivíduos de uma mesma faixa etária e categoria competitiva a partir de um ponto de corte (geralmente 1º de janeiro), o que pode chegar a quase 12 meses de diferença entre as suas idades cronológicas. Esse fator pode implicar vantagens e desvantagens físicas e cognitivas, afetando o desempenho esportivo ao longo de todo o processo de formação.

Massa (2020) mostrou que, entre 1.714 atletas registrados na Federação Paulista de Futebol em 2012, atuantes nas categorias sub-11, sub-13, sub-15, sub-17 e sub-20, 44% eram nascidos no primeiro trimestre do ano (janeiro, fevereiro e março), 27% nascidos no segundo trimestre (abril, maio e junho), 19% nascidos no terceiro trimestre (julho, agosto e setembro) e 10% nascidos no quarto trimestre (outubro, novembro e dezembro). O autor afirma também que este efeito também possui influência sobre quem serão os convocados para a seleção nacional, pois, entre os 25 atletas da seleção brasileira sub-15 que participaram do Torneio Sul-Americano em 2018, 16 eram nascidos no primeiro trimestre, 8 no segundo trimestre, e apenas um no mês de agosto.

Para melhor ilustrar o efeito da idade relativa no processo de formação de atletas, utilizo como fonte, novamente, a base de dados de atletas inscritos no Torneio Sul-Brasileiro sub-13 de 2019. Na Tabela 1, abaixo, apresenta-se a relação percentual entre atletas inscritos na competição e seus respectivos trimestres de nascimento:

Tabela 1 – Trimestre de nascimento dos atletas inscritos no Torneio Sul-Brasileiro

Categoria	Trimestre de nascimento				Total
	nº (%)				
	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	
Sub-13	101 (41,50)	79 (32,50)	38 (15,70)	25 (10,30)	243

Fonte: elaborada pelo autor com dados do aplicativo ‘BG Prime 2019’.

Os dados reforçam a existência do efeito da idade relativa no processo de detecção e seleção de talentos nas categorias iniciais, que fica mais evidente quando somados os dois primeiros trimestres, já que seus valores representam 74% do total da amostra.

Paoli (2007) atenta para o fato de que, nas idades iniciais, a falta de um padrão coletivo de jogo permite que aqueles que já possuem desenvolvidos um perfil antropométrico e aptidão física tenham maior destaque. Porém, com a evolução da idade cronológica e a aquisição de habilidades técnicas, de capacidades táticas e de um melhor preparo psicológico, as variáveis físicas deixam de ser eficazes na identificação dos jogadores mais aptos. Devido ao caráter multifatorial do desempenho no futebol, um jogador que apresenta desvantagem em determinado aspecto pode se sobressair em algum outro, fato que tende a ocasionar falhas no processo de avaliação.

Palmiéri (2015) afirma que, na prática, características como peso, altura, força e velocidade são realmente levadas em consideração no momento de analisar as capacidades de um atleta em formação. Tais valências são medidas em testes, peneiras, treinamentos, jogos e fazem parte de um quadro geral de expectativas. Por exemplo, é esperado que goleiros sejam altos e ágeis, que zagueiros sejam igualmente altos e fortes, que laterais sejam rápidos, e assim por diante. No entanto, essa não é uma regra, e existem exceções, evidentemente. No mesmo sentido, Damo (2005) assegura que as exigências com relação às competências do atleta variam de acordo com a divisão do trabalho em campo, ou seja, com as diversas posições e funções existentes no jogo. Por exemplo, não se exige de um defensor a mesma destreza, ou criatividade, ou velocidade de raciocínio demandada de um meia-armador. Assim, exige-se de cada especialista o domínio das disposições correspondentes a sua posição/função, e os treinamentos também são orientados nessa direção.

Esses indicadores atuam, de certa forma, como uma lente para os recrutadores de jogadores, ainda que, segundo os agentes formadores entrevistados, nas categorias iniciais de formação, não se tenha tanto rigor com relação à posição e função específica em campo – com exceção dos goleiros, como nos revelou T2 (2018): “*O clube quer o goleiro com o pai alto, para ter projeção de crescer*” –, já que os meninos estão ainda descobrindo seus lugares. É comum, e até esperado, que um atleta possa atuar em diferentes posições e funções ao longo das etapas de formação.

Assim como demonstrou Damo (2005), aspectos da motricidade geral, valências físicas, atributos psicológicos e componentes cognitivos são fatores determinantes na detecção e seleção de ‘talentos’ para o ingresso nas categorias de base de clubes de futebol. Em última análise, é possível concluir que a fala dos agentes formadores representa o direcionamento de

seus olhares, primeiramente, para a capacidade de aplicação da técnica de jogo do atleta, mas essa ação é afetada pelos níveis de maturação física e psicológica do indivíduo, acarretando vantagens e desvantagens para os candidatos. É possível identificar também que um jogador pode ser avaliado de forma diferente, atendendo a objetivos táticos distintos, e a capacidade de aprendizagem do indivíduo, além dos critérios citados anteriormente, é fator de destaque no processo de avaliação. Como em outras modalidades esportivas, no futebol, é comum a existência de uma visão prematura que atribui grande importância à atuação de um garoto nas categorias iniciais, o que pode contribuir para sua continuidade no processo de formação, ou seja, para sua transição entre categorias (PAOLI, 2007).

Tais critérios representam uma clara tentativa de corte e selecionamento precoce em busca de um ‘tipo ideal’ e normativo de atleta, que atenda às exigências postas em ambientes de alta performance competitiva – característica do esporte de alto rendimento –, ocasionando exclusões e descartes de muitos praticantes que não se enquadram naquilo que deles espera o campo de formação profissional.

Segundo Dantas (2011), a sucessão das etapas entre as diferentes categorias de base em direção à profissionalização é o tempo todo enviesada pela possibilidade de dispensa do atleta e pela chegada, de forma contínua, de novos meninos ‘de teste’, que disputam espaço e concorrem pela mesma posição em campo. A aprovação de um novo atleta sugere a dispensa de outro. Para permanecer, é preciso então reconquistar este lugar a cada treino, a cada jogo, a cada oportunidade. É algo naturalizado pelo campo, e até esperado pelos agentes, quando um novo atleta é selecionado e se encontra em um estágio etário inferior ao seu concorrente direto na equipe, que este segundo seja dispensado, pois o ‘novato’ representa maior tempo de possibilidades de aprendizagens e desenvolvimento, fato que costuma gerar tensões e preocupações naqueles que já integram o grupo de atletas e enxergam a possibilidade de dispensa do clube devido à chegada de novos ‘talentos’.

Paoli (2007) mostra que a promoção do atleta de uma categoria para a outra se torna mais difícil à medida que avançam as idades. Nas fases iniciais, esse processo é aparentemente mais contínuo, havendo menos dispensas entre as categorias. Os agentes entrevistados confirmam, em parte, esta expectativa, conforme nos contou C1 (2018):

A transição dos atletas entre as categorias acontece ao natural, pois as comissões são integradas, o treinador da sub-14 acompanha as atividades do sub-13, e, normalmente, subimos todos os atletas, para que seja feita uma análise de continuidade. Caso o treinador do sub-13 entenda que o atleta não conseguirá fazer esta transição, ele mesmo acaba realizando as dispensas, e isso facilita o processo de continuidade.

Por outro lado, além das dispensas que ocorrem ao longo do processo da categoria de entrada no clube, como sugerido acima pelo entrevistado, há também clubes e profissionais que estabelecem certas barreiras para a promoção de uma categoria a outra. Este foi o caso de T1 (2019), que nos contou que, em seu clube,

[...] hoje é feito na conversa entre os treinadores e definimos quem sobe de categoria, já que o treinador acompanha os jogos e treinos, então ele já tem uma visão prévia de quem vai ser utilizado no sub-15, mas outros eu indico e peço para que fiquem um período maior de adaptação, pois conheço muito bem todos os meninos, e às vezes o atleta ainda não está pronto no sub-13, então é preciso ter paciência.

A fala desses agentes mostra, mais uma vez, o *poder decisório* da função que exercem como membros da comissão técnica no processo de avaliação de um atleta, ou seja, na escolha de alguns, que, de acordo com seus critérios, possam ser definidos como os mais aptos para permanecerem no processo de formação. Nessa direção, T2 (2018) apregoa não ter “[...] *uma espécie de notas ou conteúdos que o atleta precisa alcançar para subir de categoria; a avaliação é subjetiva ao olhar do treinador; e, na transição de categorias, o treinador é que acaba avaliando e decidindo*”. Do mesmo modo, T6 (2019) afirmou que, em seu clube,

[...] a maioria dos atletas inicia nas categorias menores e acaba ficando. Poucos são contratados a partir do sub-14, mas, geralmente, uns seis meninos são dispensados por ano, essa é a média. [...] o treinador tem autonomia de escolher os atletas para trabalhar, mas dispensar um atleta é confirmar um erro, pois você pensa que, para o atleta ser dispensado, é porque alguém captou errado ou desenvolveu errado o jogador. Se tem muita dispensa, é porque algo está errado.

Em geral, o período de transição dos atletas ocorre ao final de cada ano, após o término das competições oficiais, as quais têm um peso fundamental na avaliação dos desempenhos individuais e das equipes. Mas há também outros fatores e estratégias, como mostrou C2 (2018), ao nos revelar como seu clube se organizava para minimizar as dispensas no processo de transição de seus atletas:

O sub-15 treina de manhã. No ano passado, tínhamos um ciclo de jogadores que realizavam transições ao longo do ano, para irem se adaptando ao ambiente dos mais velhos, e a comissão do sub-15 costuma acompanhar os treinos do sub-13. Tem uma integração boa, com reuniões semanais sobre jogos, treinos e atletas. É difícil escolher se vai passar todo mundo; o aproveitamento é grande na transição, e os atletas com 14 anos passam a assinar o contrato de formação, então é importante ter seriedade e comprometimento nos treinos, independentemente se tem qualidade ou não, se é maturado ou não.

O entrevistado também nos relevou, na sequência de sua resposta sobre esse assunto, que os aspectos comportamentais, especialmente o disciplinamento e a aplicação nos treinamentos, são fundamentais na promoção dos atletas entre as categorias de base de um clube profissional de futebol:

Nessas categorias, o fator mais importante é a relação de treino. O 'boleiro' não existe mais; o atleta tem que ser disciplinado. Temos buscado o jogador 'politicamente correto'⁴⁶ – o malandro tem que ser o malandro dentro de campo –, aquele menino que se dedica e se comporta na rotina. Os clubes não toleram mais o jogador que só tem o talento e não tem o comportamento ideal. (C2, 2018).

Por fim, Palmiéri (2015) mostra que as divisões etárias existentes nas categorias de base são classificações extremamente rígidas, pois exigem requisitos que devem ser seguidos à risca, sobretudo se olharmos para as competições oficiais e para as regras impostas pelos limites de idade. Mas, a depender da conjuntura, alguns garotos podem, inclusive, se beneficiar ao pular etapas e transitar entre as categorias subsequentes, mesmo que de forma temporária. Isso geralmente ocorre quando é identificado que as capacidades do atleta se encontram acima da média esperada para sua faixa etária, já que é característico que, gradativamente, a quantidade e a intensidade dos treinos e campeonatos aumentem à medida que o atleta vai se aproximando da profissionalização.

4.2 ROTINA DE PREPARAÇÃO

“Meu filho tem um dom concedido por Deus, mas precisa se esforçar para ter reconhecimento”.
(Pai de atleta de 12 anos).

Esta seção procura analisar a rotina de treinamento nas categorias iniciais de futebol de base dos clubes investigados, ou seja, a fase de preparação dos atletas para o ambiente de competição e as progressões na carreira esportiva. Mas, antes disso, para melhor compreensão do tema, farei uma breve apresentação sobre dois fundamentos balizadores do trabalho de formação que é desenvolvido nas instituições esportivas: a ciência do treinamento esportivo e a pedagogia do esporte.

⁴⁶ Para Fraga (2000), o “bom mocismo” é uma representação de moralidade marcada no corpo. Sobretudo nos esportes, o bom moço é aquele que consegue dominar seus instintos e comportar-se em favor da razão, tendo em vista que o mercado profissional exige do atleta de categorias de base certa disciplina e predisposição ao trabalho.

Quando consultada a literatura específica da área, verifica-se que as referências que abordam a ciência do treinamento esportivo e sua evolução histórica estão inicialmente relacionadas aos Jogos Olímpicos da era moderna e ao modelo clássico de periodização, proposto nos anos de 1950 pelo cientista russo Leev Pavlovtchi Matveev, sobretudo com ênfase na melhora dos resultados competitivos de atletas das modalidades individuais mais tradicionais, como, por exemplo, o atletismo. Este período foi marcado pela introdução e sistematização dos métodos de treinamento corporal que chegavam ao conhecimento do público, utilizando como base, fundamentalmente, princípios biomédicos da fisiologia do exercício, campo que estuda o funcionamento orgânico em diferentes condições, notadamente do corpo em movimento, e da biomecânica, área que estuda o corpo a partir dos pressupostos da física. Tal conhecimento científico foi utilizado para estruturar princípios básicos da forma de organização e periodização do treinamento esportivo (ALMEIDA; ALMEIDA; GOMES, 2000; LUSSAC, 2008).

Nesse sentido, para Vaz (1999), a ciência molda o corpo baseada no modelo prévio que ela tem sobre a natureza externa e os princípios básicos do treinamento de atletas, e todo seu arcabouço metodológico, fundado nas áreas de conhecimento que lhes dão sustentação, forma um complexo de teorias e métodos que tem como claro e declarado objetivo a melhoria do desempenho esportivo; e como meio, a exigência fundamental de colocar o corpo (a natureza interna) sob máximo controle. No treinamento para o esporte, o corpo é visto como um objeto operável. Dessa forma, o treinamento esportivo pode ser entendido como um conjunto de diversas e complexas ações no sentido da melhoria do rendimento individual e coletivo, sendo orientado por um fim específico e devendo seguir um planejamento que leve em conta objetivos, métodos, conteúdo, estrutura e organização geral.

Atualmente, pode-se dizer que há um horizonte científico, pesquisado em laboratórios e centros de pesquisa, que faz avançar a ideia de estruturação das etapas do treinamento, sobretudo adequando-se ao contexto específico das modalidades esportivas coletivas. Para diferentes esportes, cujas características variam de acordo com as valências físicas necessárias para sua execução, são previstos ciclos de treinamento, a fim de que, no momento em que estiver disputando sua principal competição, o atleta esteja no ponto máximo de seu rendimento. Alguns ciclos são amplamente divulgados pelos meios de comunicação, dentre os quais os mais significativos são o ciclo olímpico e os ciclos dos campeonatos mundiais. Bittencourt (2009) mostra que o futebol, entretanto, apresenta características particulares, pois, durante toda a temporada, há a exigência de que o atleta alcance um nível de rendimento ótimo e assim o mantenha durante um longo período. Isso se deve ao fato de o calendário de

competições possuir muitos jogos e o tempo de recuperação entre as partidas ser pequeno. Maratonistas, apenas para tomar um exemplo, após realizarem uma prova de 42.125 km, devem permanecer em recuperação durante um período aproximado de um mês, tempo no qual perdem a forma física, para que possam, cerca de três meses depois de realizada a prova, estar em condições de participar de uma nova corrida em alto nível. Já no futebol, por vezes, o intervalo entre disputas competitivas é inferior a 72 horas. Há que se levar em consideração ainda, além do desgaste físico gerado pelo jogo, o estresse emocional ocasionado pela pressão por resultados, os deslocamentos para a realização dos jogos, entre outros fatores que contribuem para a especificidade da modalidade. O futebol de base, visto como um ambiente que forma e prepara os atletas para o alto rendimento, apresenta algumas adaptações, conforme será mostrado ao longo desta seção, mas não foge a essa lógica de estruturação e organização do esporte.

Em linhas gerais, os ciclos do treinamento esportivo são divididos em macrociclo, mesociclo e microciclo, cujos nomes já sugerem seus sentidos. O primeiro corresponde ao planejamento visando a uma competição específica e se desenrola num trabalho de longa duração, que pode ser de quatro, seis, oito ou mais meses. O segundo é o ciclo mensal, e o terceiro o ciclo semanal. Considerando variáveis físicas e fisiológicas bastante diversas, os ciclos se organizam a partir de um princípio lógico: a melhoria do rendimento atlético (físico, técnico, tático e psicológico) até o máximo das capacidades quando da disputa da competição-alvo (BITENCOURT, 2009). Segundo Damo (2005), a intensidade e o volume de trabalho são projetados de modo a fazer com que os atletas atinjam o 'pico' de rendimento ao longo dos diferentes ciclos de treinamento desenvolvidos durante o ano competitivo.

Os ciclos e programas voltados à formação de futebolistas de alto rendimento compreendem também um período de aprendizagens. Portanto, devem levar em conta aspectos como: a idade, a separação por faixas etárias, o número de jogadores a serem atendidos por categoria, o nível dos jogadores, as características físicas e técnicas, os aspectos fisiológicos gerais e particulares, a alimentação, a carga de trabalho, o repouso, a metodologia de desenvolvimento individual das capacidades de rendimento por meio dos treinamentos e competições, os níveis competitivos aos quais os futebolistas serão submetidos, os critérios de ingresso e promoção às categorias subsequentes, o desenvolvimento das habilidades sociais, culturais e desportivas que os jovens deverão adquirir ao longo da formação e o ajuste de suas atividades ao calendário escolar (BITTENCOURT, 2009; THIENGO, 2011).

Thiengo (2011) mostra que, segundo os manuais da Fifa, para os futebolistas obterem sucesso no desempenho esportivo de alto rendimento, deverão possuir reconhecida habilidade

e domínio técnico, sentido tático e capacidades cognitivas apuradas, elevada capacidade psicossocial, perfil antropométrico (peso e altura) adequado à prática futebolística, grande capacidade de recuperação de esforço, potência muscular, velocidade de execução e precisão nos movimentos. A entidade aconselha que os objetivos e conteúdos destinados à formação dos futebolistas sejam distribuídos ao longo do processo de formação, respeitando as fases de crescimento e desenvolvimento humanos, sendo o processo de formação de futebolistas composto por etapas distintas e coerentes com essa concepção de aprendizagem e desenvolvimento,⁴⁷ com características particulares relacionadas a cada faixa etária. Além disso, esse processo deve seguir uma continuidade, que começa na infância, com a iniciação à modalidade, até chegar à fase adulta, na qual o treinamento de alto rendimento torna-se essencial para obtenção de resultados desportivos.

No mesmo sentido, Bettega (2015) afirma que o processo de formação de futebolistas deve ser abordado em longo prazo, considerando o “desenvolvimento harmônico” das capacidades intrínsecas dos atletas e as condições do ambiente de prática em que estes estão inseridos.

A distribuição dos objetivos nas respectivas fases do processo de formação dos futebolistas, apresentado no **Quadro 5**, abaixo, é construído a partir de uma visão de modelo de normalização dos indivíduos e sugere que, para que o topo da pirâmide no alto rendimento esportivo seja alcançado, é necessário que as crianças adquiram as bases da aprendizagem, preferencialmente, em ambientes formais de ensino e desenvolvimento da modalidade:

⁴⁷ Pérez Gómez (1998), por exemplo, classifica dois grandes conjuntos de teorias sobre a relação entre desenvolvimento e aprendizagem a partir de suas concepções intrínsecas de aprendizagem: as *teorias associacionistas, de condicionamento, de estímulo-resposta*, para as quais, de modo geral, a aprendizagem é compreendida como processo cego e mecânico de associação de estímulos e respostas, provocado e determinado pelas condições internas; e as *teorias mediacionais*, para as quais, grosso modo, em toda aprendizagem, as condições externas são mediadas, de modo mais ou menos decisivo, pelas peculiaridades da estrutura interna de cada indivíduo. De modo geral, salvo raras exceções, as concepções de desenvolvimento e aprendizagem que fundamentam os processos de treinamento nas categorias de base do futebol brasileiro provêm de teorias e autores pertencentes ao primeiro desses blocos de teorias.

Quadro 5 – Estruturação das fases e objetivos da formação do atleta

Idade cronológica	Idade biológica	Características do crescimento humano	Fases da formação	Categorias federativas	Objetivos gerais
20 19 18 17 16	Adulta Adolescência	Fim da etapa de crescimento	Início do alto rendimento	Sub-20 Sub-17	Estabilização e automatização dos movimentos
15 14	Puberdade	2º Pico de crescimento	Especialização Direção	Sub-15	Consolidação e assimilação dos movimentos aprendidos
13 12	Pré-puberdade	Idade de ‘ouro’ para a aprendizagem	Especialização Orientação	Sub-13	Consolidação e assimilação dos movimentos aprendidos
11 10 9 8	2ª Infância	Idade de ‘ouro’ para aprendizagem	Iniciação Universal	Sub-11 Sub-9	Exploração e experimentação de novos movimentos

Fonte: adaptado do modelo proposto pela Fifa (THIENGO, 2011).

Filgueira (2019) demonstra que dirigentes de clubes de futebol de base reconhecem a competição como o principal objetivo do processo de ensino-treino, e que o desenvolvimento de jogadores requer um planejamento a médio e longo prazo. Em relação aos objetivos mais específicos, relacionados à aplicação dos conteúdos de treino, o autor refere-se à adaptação aos padrões de desenvolvimento físico, técnico e tático para crianças e adolescentes. O estudo mostra também as preocupações relacionadas ao processo de formação do indivíduo e ao conhecimento básico dos princípios técnicos e táticos dos jogos, tratando-os como um processo de aprendizagem pautado na hierarquização dos conteúdos a serem aprendidos nas diferentes etapas e categorias de formação. A estrutura metodológica para o ensino do futebol com vistas ao ambiente de alto rendimento caracteriza-se pelo processo de distribuição ordenada e sequencial dos conteúdos de aprendizagem nas diferentes faixas etárias. Nesse sentido, a estrutura das categorias iniciais na formação esportiva do futebol permite-nos traçar distintas etapas, nas quais se definem as metas metodológicas do treinamento esportivo, a dinâmica de cargas e os conteúdos de aprendizagem, que se tornam meios e métodos de treinamento para um objetivo que visa a uma preparação de longo prazo. Esse tema trata do reconhecimento do treinamento do ‘talento esportivo’ e envolve fases de aperfeiçoamento das habilidades específicas, identificadas com determinadas categorias etárias (FILGUEIRA, 2019).

A partir dessa interpretação, segundo Palmiéri (2015), a vida de um futebolista é vista como uma “folha em branco”, que vai sendo preenchida ao longo do tempo, construída por meio das habilidades adquiridas e dos conhecimentos forjados pelas instituições (mas não somente nelas). Nesse modelo linear de desenvolvimento esportivo, pode-se observar um duplo movimento, relacionado às expectativas criadas sobre as características e a performance dos indivíduos nas diferentes faixas etárias, já que alguns podem ‘pular etapas’, ao apresentarem níveis superiores ao esperado de seu grupo, ocasionando o processo de antecipação ou promoção precoce do atleta, mas, de outra feita, na maioria dos casos, quando se identifica que o atleta está abaixo da média esperada, ele acaba sendo descartado do processo.

Para Damo (2005), os manuais de treinamento de futebolistas buscam a constituição de uma base ampla de experiências para o atleta em formação alcançar performance nos jogos, havendo diversas formas pedagógicas de organizar a rotina nos diferentes CTs existentes no Brasil, pois não há um padrão homogêneo previsto neste campo de atuação profissional, além do fato de que também pode haver aprendizado das técnicas futebolísticas fora do controle institucional dos clubes. Apesar da recente iniciativa da CBF de criar cursos e sistema de licenças para a atuação de treinadores e gestores, não há ainda, na prática, uma política pedagógica de formação nacional de atletas nos clubes profissionais, diferentemente do que ocorre na França e em outros países submetidos à União das Federações Europeias de Futebol (Union of European Football Associations – Uefa), como mostra o autor supracitado.

Visto que a palavra pedagogia está estreitamente conectada à noção de condução ao saber, ao conhecimento sistematizado, e se utiliza de várias formas, meios e métodos para atingir o seu fim, cabe destacar que estudos na área da pedagogia do esporte possibilitam a compreensão de que os diferentes métodos de ensino, aprendizagem e treinamento existentes surgiram em locais e momentos históricos distintos, sustentados por matrizes teóricas que atendiam aos objetivos daqueles contextos em específico. Portanto, a pedagogia vincula-se às concepções metodológicas construídas, refletidas e discutidas teoricamente ao longo da história, relativas ao modo como ensinar, ao que ensinar e para quem ensinar (SCAGLIA, 1999). Nesse sentido, a pedagogia se interessa pelas práticas esportivas corporais, por serem elementos da civilização e campo de criação da humanidade, revelando sua natureza, suas razões, padrões, intencionalidades, metas e valorizações sociais, o que implica a educabilidade do sujeito no e pelo esporte (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2009).

Sabe-se também que o esporte é tradicionalmente considerado uma atividade positiva na educação de crianças e jovens, e sua presença nos estabelecimentos formais de ensino, sobretudo nas escolas, escolinhas e clubes, reforça a noção de disciplina, a solidariedade e o

aprendizado com vitórias e derrotas como importantes valores formativos. Atuando como elemento educador e civilizador do corpo, o esporte sugere uma pedagogia que se associa à tolerância à dor, que passa a ser um componente normal e desejado na preparação competitiva. Além disso, tais práticas representam um forte elemento definidor de condutas e de comportamentos, no qual se observa que grandes atletas se mantêm como referências morais, ou seja, como exemplos seguidos por aqueles que sonham em alcançar a carreira profissional (BASSANI; TORRI; VAZ, 2003; TORRI; ALBINO; VAZ, 2007).

Como visto, o mercado da estrutura atual de formação de atletas exige uma intervenção pedagógica específica por parte dos agentes formadores e de suas instituições, que atenda às particularidades dos novos candidatos, os quais vivenciam ambientes sistematizados de ensino cada vez mais cedo, onde são submetidos a metodologias e didáticas disciplinadoras, para fins de preparação para o jogo e, conseqüentemente, para a profissão. Tais ferramentas e estruturas estão mais complexas do que as de décadas passadas, envolvendo um número cada vez maior de pessoas e profissionais no processo, que se tornou mais extenso, exaustivo, dispendioso e concorrido (THIENGO, 2011).

A seguir, retomo a análise da rotina de treinamento nas categorias iniciais do futebol de base dos clubes investigados.

4.2.1 Sobre a gestão do tempo e dos conteúdos de treino

4.2.1.1 Microciclo-padrão de treinos

O processo de formação de um atleta se reveste de disciplinamento corporal, que, para tornar-se mais eficiente, exige investimento de tempo e esforços (BITTENCOURT, 2009). Segundo Damo (2005), a duração e a repetição das atividades são imprescindíveis para empoderar o corpo do atleta, por meio de um processo lento e gradativo das disposições futebolísticas. Com isso, torna-se fundamental compreender a forma de organização das instituições com relação à rotina de atividades de ensino-treino, pois sugere um período de imersão do atleta em ambiente específico de aprendizagem da modalidade.

No **Quadro 6**, a seguir, apresenta-se o modo como era organizada a rotina de treinos do microciclo-padrão da categoria sub-13 nos diferentes clubes investigados:⁴⁸

Quadro 6 – Microciclo-padrão de treinos da categoria sub-13

Entrevistado	Quantidade de treinos semanais	Quantidade média de atletas	Tempo médio de duração da sessão de treino
C1	4 sessões	25 a 30	2 horas
C2	5 sessões	30	1 hora e 30 minutos
T1	3 sessões	30	2 horas
T2	4 sessões	25	1 hora e 30 minutos
T3	3 sessões	25	1 hora e 30 minutos
T4	3 sessões	30	2 horas
T5	5 sessões	25 a 30	1 hora e 30 minutos
T6	5 sessões	30	1 hora e 30 minutos

Fonte: elaborado pelo autor.

Os dados trazem informações quantitativas sobre a média de atletas⁴⁹ que integram a categoria sub-13 e ilustram uma típica rotina semanal de atividades desta categoria nos diferentes clubes investigados. Como mostrado anteriormente, cada clube possuía uma forma própria de organizar suas categorias iniciais, que também impactava a rotina das sessões de treino, a quantidade de atletas no grupo de trabalho e os processos de transição entre as categorias de formação.

Há em comum a todas, porém, o fato de os atletas em formação inicial não realizarem atividades exclusivamente no futebol de campo. C1 (2018) – coordenador da base de um clube da segunda divisão do futebol nacional –, por exemplo, revelou-nos que a categoria sub-10 de seu clube realizava um treino de futsal e um treino de campo por semana, ao passo que a sub-11 treinava duas vezes futsal e uma vez no campo, a sub-12 treinava uma vez futsal e duas vezes no campo; e a categoria sub-13, uma vez futsal e três vezes campo.

A organização desse clube mostra que havia um processo gradual no aumento do volume de atividades semanais à medida que as idades avançavam e de acordo com as categorias

⁴⁸ O quadro não inclui as atividades de jogo e as competições de finais de semana, pois variavam de acordo com o período do ano. Porém são dados que não podem ser desconsiderados quando se pensa em estruturar o volume total da rotina das categorias de base. Falarei mais sobre a participação das equipes em competições na última seção deste capítulo.

⁴⁹ Esses números reforçam a noção de rodízio dos atletas presente nas categorias iniciais, em eventos marcados por dispensas e aprovações, conforme apresentado no capítulo anterior.

cronológicas. Além disso, também se observa uma tentativa de equilibrar os treinamentos realizados no futsal e no futebol, pois, como nos informou o entrevistado, “[...] *os meninos são captados no futsal, treinam e disputam competições no futsal, mas precisam fazer a transição para o campo*” (C1, 2018). A partir da categoria sub-14, o clube ofertava somente treinos no campo, com cinco sessões semanais de atividades.

No clube de T5 – importante clube do Estado do Rio Grande do Sul –, o volume da rotina semanal de atividades também era organizado em observância à progressão entre as categorias: a sub-9, a sub-10 e a sub-11 treinavam quatro vezes na semana, enquanto as categorias sub-12 e sub-13 treinavam cinco. Em ambos os casos, as atividades eram alternadas entre futebol de campo e quadra de sintético. O entrevistado revelou-nos ainda que o clube não ofertava atividades esportivas extras, mas “[...] *alguns meninos jogam futsal, treinam à noite nas escolinhas e disputam campeonatos nos finais de semana*” (T5, 2018).

Sobre esse assunto C2 (2018) – coordenador das categorias de iniciação de um dos clubes mais populares do país –, contou-nos que,

[...] já que os pais levam os garotos para treinar em vários lugares, acabam tendo atividade todos os dias. Então pensamos em canalizar tudo no clube, com a nossa metodologia de treino. Eu não concordo; acho exagerado, mas é a melhor forma de atender à demanda. [...] é muito treino, pois acaba coincidindo com o futsal à noite, os atletas de potencial acabam treinando e jogando nos dois. Já que campo e futsal são departamentos diferentes do clube, tem atleta que é só do futsal, tem atleta que é só do campo, e tem aqueles que jogam nos dois. Essa rotina de atividades praticamente diária do atleta faz com que ele deixe de lado a infância e passe a ser tratado como adulto. Eu sei que é uma escolha deles, mas é excesso, muita carga e muita informação para o menino; são crianças em desenvolvimento, deveria haver mais cuidado.

As falas desses agentes apontam para a inserção quase que exclusiva de seus atletas em uma rotina de treinos de futsal e futebol (campo e/ou sintético), que, apesar de serem modalidades e ambientes de prática distintos, dão indícios de uma especialização esportiva precoce – tema que será analisado criticamente no último capítulo da tese.

Mesmo aqueles que ofertavam um volume menor de atividades relataram que, em geral, seus atletas participavam de treinos e jogos em outras equipes, fossem de futsal, fossem de futebol sintético. No clube de T1 (2019) – um pequeno clube do futebol catarinense –, por exemplo, a rotina estava organizada da seguinte forma: a categoria sub-13 treinava segundas, quartas e sextas-feiras; e a sub-11, terças e quintas-feiras. O entrevistado informou-nos que o clube não ofertava outros esportes, mas que, “[...] *principalmente no sub-11, os meninos jogam*

futsal, acabam atuando nas equipes parceiras; no sub-13, tem só dois ou três que ainda jogam futsal, a maioria treina aqui e em outras escolinhas de futebol” (T1, 2019).

Outra estratégia utilizada para preenchimento da agenda semanal dos atletas era a oferta de atividades extracampo pelo próprio clube. É o caso do clube de T2 (2018), que está em ascensão no futebol catarinense e nacional. O entrevistado nos contou que as categorias sub-12 e sub-13 treinavam somente no campo, quatro vezes por semana, mas, nas terças-feiras, os atletas participavam de um projeto na universidade (faculdade parceira do clube), com atividades funcionais de correção postural e avaliações físicas. O entrevistado informou também que, “[...] no sub-11 e sub-12, muitos meninos jogam futsal pelas equipes, aí acabam faltando alguns treinos para jogar futsal, mas no sub-13 o clube exige exclusividade no campo, pois acaba tendo atividade todos os dias”. T6 (2019) – treinador do clube que mais revela jogadores no futebol brasileiro – também falou a respeito do tema, revelando-nos uma ação específica de seu clube: “[...] temos alguns programas do clube, do setor social, para os meninos conhecerem outras modalidades, novas vivências, entre elas, lutas, danças, futevôlei, circo, museu, e outros, mas não acontece toda a semana, a gente marca uma data e leva os meninos”.

Como visto, cada clube possui uma forma de organizar a rotina semanal de atividades; apesar de não estarem contabilizados no microciclo-padrão, há também os compromissos de finais de semana, como jogos, viagens, entre outros. A separação existente entre as idades e a tendência de aumento gradativo das sessões de treino à medida que os atletas avançam entre as categorias eram justificadas pela possibilidade de controle dos conteúdos de treino e da metodologia aplicada, apesar de os entrevistados afirmarem que, ainda assim, os atletas em formação inicial acabavam realizando outras atividades fora do clube, configurando, em muitos casos, uma dupla jornada esportiva nas suas rotinas. O mesmo ocorria com aqueles que ofertavam menor volume de treinos semanais, já que os atletas acabavam dividindo sua rotina entre as atividades do clube e as das escolinhas. Ao estarem inseridos em processos diários de aprendizagem especializada dos capitais futebolísticos, com suas agendas preenchidas com participação em treinos, seja no clube ou nas escolinhas, além de jogos nos finais de semana, no fim das contas, parece comum que os atletas de base, desde sua trajetória inicial, invistam a maior parte do seu tempo no projeto de formação voltado exclusivamente ao futebol.

4.2.1.2 Organização dos conteúdos de treino

Segundo Paoli (2007), o desenvolvimento do ‘talento’ é um processo ativo e pedagógico de mudanças, orientado pelo treinamento e pelas condições que o meio oferece, servindo de base para um desempenho esportivo eficaz nas categorias subsequentes, especificamente para se alcançar a profissionalização. Isso ocorre porque o desenvolvimento do ‘talento’ requer um planejamento do treinamento que seja dinâmico e com metodologias diversificadas, atendendo às diversas etapas do processo de formação e, portanto, sendo atualizado de acordo com o desenvolvimento do atleta. Tratando-se da gestão de pessoas relacionada mais diretamente aos ambientes de treino e jogo, a melhoria do desempenho dos esportistas depende, em grande parte, da habilidade do treinador e da comissão técnica em selecionar e organizar os conteúdos de treinamento relacionados à prática competitiva de uma determinada modalidade desportiva (BETTEGA, 2015).

Nesse sentido, é tarefa da comissão técnica, por exemplo, selecionar e distribuir os conteúdos a serem treinados entre os diversos microciclos semanais. T5 (2018) nos explicou como funcionava essa organização em seu clube:

Segunda e quarta focamos mais na parte técnica, os treinos são no campo sintético, e a partir de quinta-feira, utilizamos mais o campo de grama, mas em todas as atividades privilegiamos a relação de treino com bola, principalmente no treino das categorias menores. [...] os treinos acontecem de manhã e de tarde, por causa do horário da escola. Só nos finais de semana que a gente consegue juntar todo mundo pra treinar, mas, quando é véspera de competição, a gente faz treinos extras à noite. É claro que essa organização traz problemas nas correções, pois são muito atletas, então costumamos fazer trabalhos em paralelo para auxiliar. O foco é numa metodologia de desenvolvimento técnico individual, realizamos muitas atividades com minijogos de confrontos e ocupações de espaço, com ênfase no acerto técnico, mas tudo integrado num princípio tático coletivo.

Segundo Damo (2005), a formação de futebolistas poderia ser definida como uma modalidade de pedagogia do *tempo* e do *espaço*, um aprendizado prático da gestão individual e coletiva dessas categorias. A gestão do espaço e do tempo deve ser ensinada, treinada e aperfeiçoada nas diferentes formas e unidades de treino.

Para os entrevistados, havia questões fundamentais que deveriam ser utilizadas para estruturar as unidades de treino. C2 (2018), por exemplo, contou-nos o seguinte:

A gente acaba pensando muito mais no jogo e na formação da equipe, mas as escolas não ajudam a formar a coordenação motora básica da criança. A essência da atividade física se perdeu; na minha percepção, falta o desenvolvimento natural das brincadeiras de rua, por isso estamos montando

um livro metodológico para cada faixa etária, desde os meninos do sub-9, com planejamento de conteúdos e termos para serem utilizados desde a iniciação e em atividades de treino. No final, colocamos elementos lúdicos, para descontrair. Claro que cada categoria tem a sua peculiaridade e seu nível de capacidades específicas do futebol, mas unificar a metodologia é importante para que todos os profissionais utilizem a mesma linguagem, com o objetivo de construir a identidade do atleta.

Já T6 (2019) afirmou que seu clube tem

[...] um caderno metodológico, que é utilizado para fundamentar a montagem das sessões de treinos. Começamos a elaborar os conteúdos para cada categoria, sobre o que cada atleta deve ter para passar de categoria, de nível de jogo, de entendimento, uma espécie de currículo que respeita a identidade do clube.

O documento metodológico representa uma espécie de Projeto Político-Pedagógico do clube, tendo a função de apontar as diretrizes de trabalho das comissões técnicas e demais colaboradores. Porém, documento semelhante não se encontrava presente ainda em todos os clubes, como nos informou C1 (2018): “[...] não há uma metodologia unificada pela coordenação, mas há uma continuidade no processo dentro das categorias menores, pois o treinador é também o gestor do projeto”. Em outros casos, o documento estava apenas “no papel”, como nos revelou T2 (2018):

O documento foi feito há alguns anos, mas ninguém segue. O treinador do sub-15 quer ganhar o jogo porque o sub-17 ganhou, ele não pensa nessa sequência de formação, do tipo “o atleta tem que chegar lá no sub-20 assim”. Entre nós, das categorias menores, até nos cobramos bastante a questão técnica, principalmente porque os meninos vêm do futsal, aí tem que se adaptar, mas chega um momento em que o treinador foca no trabalho para tentar ganhar, pois a cobrança maior é da evolução da equipe.

Obtive acesso ao caderno metodológico de um dos clubes investigados, que explicava a organização e as diretrizes pedagógicas presentes na montagem das unidades de treino. O documento destacava que

[...] o cumprimento do princípio da especificidade só é atingido em toda a sua magnitude quando, durante o treino, os atletas entenderem os objetivos e as finalidades da situação, mantiverem um elevado nível de concentração durante toda a situação e o treinador intervier adequadamente perante a situação. [...] para a organização de um microciclo de treino, terão de ser, obrigatoriamente, tomadas decisões de ordem metodológica (dias a treinar, dias a descansar, horário dos treinos, local, etc.) e de ordem técnica (quando exercitar determinados conteúdos, como exercitá-los, quais os melhores exercícios para servir esses mesmos conteúdos, quais os princípios em que a equipe revela mais carências, abordagem estratégica ao próximo adversário, reorganização do plano de treino, etc.). (MESSINA, 2020).

A elaboração da sessão de treino deveria ter ainda as seguintes preocupações, de acordo com o documento: “[...] ter sempre em consideração a periodização e planificação semanal (aos níveis tático, técnico, físico e cognitivo) sendo a dimensão tática a coordenadora do processo; definir objetivos concretos e direcionados; e escolher criteriosamente os conteúdos (exercícios)” (MESSINA, 2020), além de seguir a seguinte estrutura:

[...] parte preparatória (15 a 20% do tempo da sessão), para organização do material, informações gerais sobre a sessão de treino (objetivos, métodos e exercícios), aquecimento geral (5 a 10 minutos) e aquecimento específico (10 a 20 minutos); parte fundamental (50 a 70% do tempo da sessão), para desenvolvimento das atividades centradas nos conteúdos e objetivos previstos em função do modelo de jogo, tendo em conta os princípios que conhecemos, os problemas de organização e de controle de volume e intensidade dos exercícios; parte final (10 a 15% do tempo da sessão), para prática de retorno à calma, com atividades de baixa intensidade que acelerem os processos de recuperação, reunião com o grupo para analisar e comentar possíveis aspectos relevantes com os jogadores. (MESSINA, 2020).

Por fim, estabelece as seguintes regras em sua montagem e elaboração: “[...] partindo de pequenos para grandes grupos, das menores para as maiores partes, do individual para o coletivo, do simples para o complexo e da utilização de jogos para interligar os momentos do treino” (MESSINA, 2020).

Bettega (2015) mostra, a partir do relato sobre a prática pedagógica de três treinadores de clubes em categorias iniciais, que a progressão das atividades de treino é estruturada das partes para o todo, ou seja, partindo de uma abordagem mais individual para um enfoque mais coletivo, assim como sugere o referido caderno metodológico. Segundo Aquino *et al.* (2015), esse tipo de abordagem é capaz de produzir efeitos positivos sobre a capacidade tática, a aprendizagem técnica contextual e o desenvolvimento da criatividade e da inteligência dos atletas.

Thiengo (2011) ressalta que o treinador pode estimular o processo de ensino e aprendizagem dos futebolistas por intermédio da construção de situações-problema, baseadas especialmente em jogos que possuam as relações de cooperação e oposição, com níveis de dificuldades progressivos ao longo do processo de formação. Para Scaglia (1999), os princípios do jogo devem regular a aprendizagem, partindo de um processo de ensino de complexidade crescente, que decompõe o jogo em unidades funcionais, e não em fragmentos técnicos, a fim de desencadear um comportamento no atleta que viabilize a técnica dentro das exigências do jogo; ou seja, a partir da inteligência de jogo, não se aprende somente o gesto técnico mas

principalmente a compreensão de quando e como utilizar determinados movimentos com eficiência e competência.

Apenas para tomar como exemplo, em fevereiro de 2019, no *I Simpósio Brasileiro de Futebol e Futsal*, realizado na UFSC, fui convidado a ministrar um minicurso para professores de escolinhas e estudantes de Educação Física sobre o tema da montagem e da elaboração de uma sessão de treino. Para cumprir essa tarefa, sistematizei o modo como tenho organizado as unidades de treino no clube em que atuo profissionalmente como treinador, dando exemplos e possibilidades de intervenções práticas. A seguir, compartilho o documento utilizado como referência na apresentação, com algumas análises e comentários, pois o objetivo do evento era instigar os participantes a pensarem sobre as diferentes partes que compõem uma sessão de treino, e não oferecer uma receita pronta de atividades.

O título escolhido para a apresentação foi: *Para que serve a sessão de treino? Treinar para desenvolver e potencializar as capacidades do atleta em formação*. Para responder a essa questão inicial, a apresentação e o debate com os participantes foram estruturados a partir de três aspectos fundamentais: a) o que precisamos saber para organizar uma sessão de treino? Ou seja, em qual contexto o profissional está inserido (se está no clube ou na escolinha, qual a faixa etária, materiais e espaços disponíveis, condições de trabalho, tempo de treino, entre outros aspectos); b) quais conteúdos uma sessão de treino deve conter? (tático, técnico, físico etc.); c) de que forma podemos organizar esses conteúdos? (revisão sobre os diferentes métodos de ensino existentes); por fim, d) como minha experiência profissional poderia contribuir com essas questões? As respostas foram exemplificadas pela forma como eu organizava o treino, de acordo com o contexto em que estava inserido e partindo dos referenciais teóricos e metodológicos propostos pelas diretrizes do clube em que atuava. A partir desse momento, avançamos para a questão operacional da elaboração do treino, com a utilização da abordagem pedagógica a partir de jogos – pedagogia do jogo⁵⁰ –, que permite manipulação de regras, tempos e espaços, produzindo um ambiente de aprendizagem centrado no potencial de desenvolvimento das capacidades técnicas, físicas, táticas e cognitivas dos atletas.

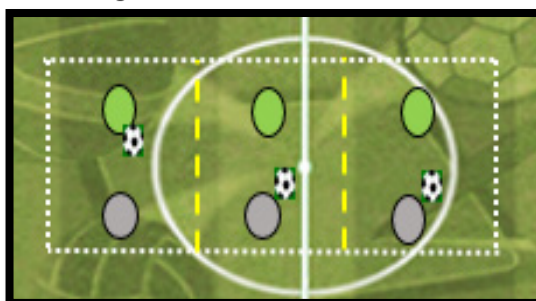
⁵⁰ Proposta desenvolvida pelo professor e pesquisador brasileiro Dr. Alcides José Scaglia e colaboradores, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Nessa perspectiva, o jogo é visto como um sistema complexo, que possui propriedades específicas e uma lógica própria de funcionamento, as quais devem ser reconhecidas pelos jogadores, sendo necessário, para isso, um conhecimento estratégico-tático-técnico, que se manifesta no ato de jogar como uma ação intencional, com o praticante em estado de jogo. Na pedagogia do jogo, a aprendizagem significativa acontece quando as atividades ocorrem no cruzamento entre o ambiente de aprendizagem, caracterizado pela organização e pelo planejamento dos respectivos conteúdos, e o ambiente de jogo, que tem como propriedades o desafio, o desequilíbrio, a imprevisibilidade e a representação (CONMEBOL, 2020; THIENGO, 2020).

A partir dessa abordagem, uma unidade de treino poderá conter até cinco partes, a saber: i) o pré-treino (roda de conversa e aquecimento geral); ii) introdução/aquecimento específico; iii) desenvolvimento/parte principal; iv) abordagem contextual; e v) fechamento (reflexões sobre a prática, alongamentos, etc.). Vale destacar que não se trata de uma proposta fixa, porém oferece uma estrutura padronizada à sessão de treino, mas que comporta, por vezes, a modificação dos tempos de prática e da quantidade de atividades, a depender do período em que a equipe se encontra no contexto do planejamento anual (macrociclo) e da proximidade das competições. Nesse sentido, a escolha dos exercícios que compõem as partes do treino, que estão relacionadas entre si, deve pautar-se em quatro planos fundamentais: na unidade do treino (dentro da própria sessão), nos objetivos presentes na programação semanal (microciclo), no planejamento mensal (mesociclo) e no planejamento anual (macrociclo).

Abaixo, detalho um pouco mais a organização de cada uma das partes da estrutura da sessão de treino mencionada acima:

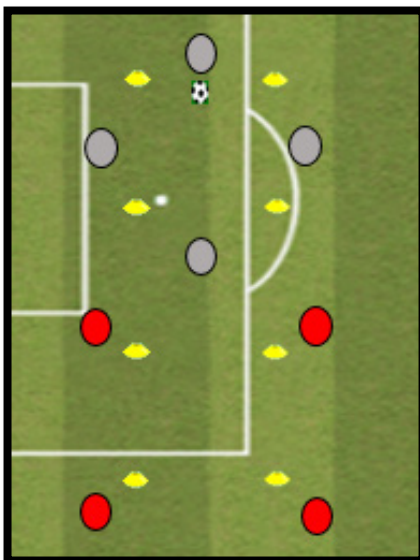
- 1) **Pré-treino:** inicia-se com uma roda de conversa, para explicação dos objetivos e fases da sessão e também para tratar de assuntos gerais. Em seguida, geralmente sob o comando do preparador físico ou auxiliar técnico, realizam-se diferentes tipos de ativação corporal específica. O foco desta parte é o desenvolvimento individual das competências gerais do atleta, portanto se opta por atividades analíticas e fechadas, pois permitem maior domínio e controle das ações, podendo a atividade ser realizada sem bola (ex.: técnicas de corrida, coordenativos, pular corda, core/isometria, etc.) ou com a utilização de bolas (ex.: circuitos técnicos, controle de bola, ações de 1x1, entre outros), tendo duração média de 10 a 15 minutos, dependendo do objetivo da sessão.

Figura 19 – Confrontos de 1x1⁵¹



Fonte: elaborado pelo autor.

⁵¹ Confronto de 1x1: delimita-se um pequeno espaço para realização de ações de enfrentamento. O jogador com a posse da bola deverá efetuar o drible em seu marcador e ultrapassar a linha de fundo controlando a bola, para efetuar o ponto. A cada dois minutos, os perdedores devem trocar de 'casa', para enfrentar outros oponentes. Objetivos principais: controle de bola, técnica de drible, marcação e desarme.

Figura 20 – Figuras de passe sem oposição⁵²

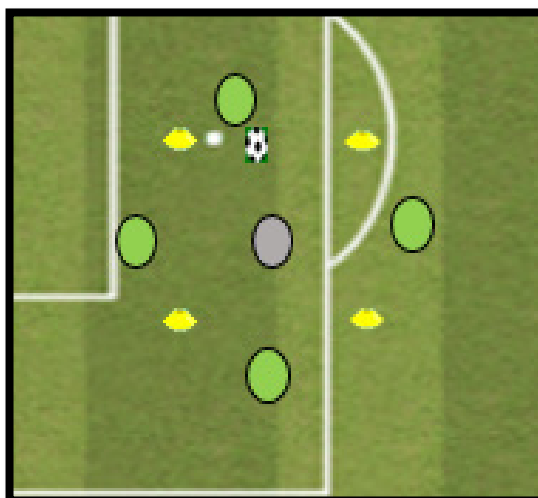
Fonte: elaborado pelo autor.

- 2) **Introdução/aquecimento específico:** utilizam-se exercícios técnicos de baixa ou média complexidade, com o objetivo de desenvolver as competências gerais em um plano tático aberto, a partir de formas jogadas, ou seja, com a transformação de exercícios predominantemente técnicos em situações nas quais o carácter lúdico é introduzido de forma agonista, mediante um sistema qualquer de pontuação, com a presença ou ausência de opositores reais. Ex.: rondos,⁵³ brincadeiras populares, entre outros, tendo a duração média de 10 a 15 minutos, a depender do objetivo da sessão.

⁵² Figuras de passe sem oposição: exercício analítico de construção de linha de passe em duas figuras geométricas presentes no jogo, losango e quadrado. A bola deve circular entre os atletas seguindo uma ordem previamente programada (sempre para o lado direito ou esquerdo). Os grupos devem passar pelas duas figuras em tempos iguais (5 minutos aproximadamente). Variações: adicionar uma ou duas bolas, para aumentar a velocidade das ações; realizar deslocamentos na trajetória da bola após o passe; limitar o número de toques na bola; modificar a direção do passe com frequência, entre outros. Objetivos: passe, domínio, ambidestria e ajuste corporal.

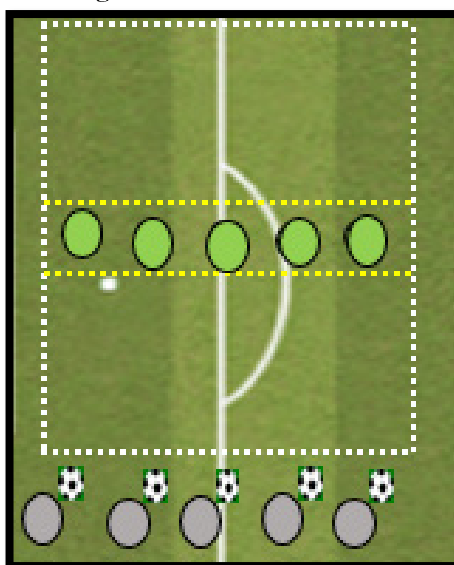
⁵³ Popularizado pela metodologia do treinador Pep Guardiola no Barcelona, os 'rondos' são uma transformação do 'bobinho' ou 'roda de bobo', brincadeira bastante conhecida das crianças. A tarefa consiste em trocar passes sem que o adversário do centro da roda consiga interceptar. Variações: aumentar o número de passadores ou de marcadores; limitar o número de toques na bola; aumentar ou diminuir o espaço de jogo; modificar as figuras de passe, entre outros. Objetivos: passe, domínio, ambidestria, ajuste corporal, desarme e interceptação.

Figura 21 – Rondo 4x1



Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 22 – O dono da rua⁵⁴



Fonte: elaborado pelo autor.

- 3) Desenvolvimento/parte principal:** utilizam-se jogos reduzidos, com pequenos e/ou médios grupos e foco no desenvolvimento técnico/tático específico dos atletas e da equipe. Ex.: jogos de confrontos, superioridade e inferioridade numérica, com ou sem utilização de coringas,⁵⁵ entre outros. Os chamados jogos reduzidos, como o próprio nome indica, constituem-se em simplificações da formalidade competitiva do esporte,

⁵⁴ O dono da rua: a tarefa consiste em atravessar 'a rua' sem perder o controle da bola. Aquele que perder o controle da bola deverá se posicionar no centro do jogo, para recuperá-la na próxima ação. Variações: iniciar com menor número de marcadores; facilitar a ações dos marcadores com uso de materiais para pegar a bola ou o jogador (coletes, bambolês, etc.); diminuir a quantidade de bolas, para que a ação de transportá-la seja coletiva, entre outros. Objetivos: condução de bola, drible, finta, marcação e desarme.

⁵⁵ O termo 'coringa' é utilizado para definir a presença de um ou mais jogadores na execução de atividades em jogos reduzidos, mas que atuam na função de suporte ou apoio, para facilitar a dinâmica da atividade.

caracterizando-se, essencialmente, por formas de competição em que se reduz o número de jogadores e o espaço em que o jogo ocorre, tendo a duração média de 20 a 40 minutos, a depender do objetivo da sessão.

Figura 23 – Jogo de progressão com coringa⁵⁶



Fonte: elaborado pelo autor.

⁵⁶ Jogo de progressão com coringa: o campo de jogo é demarcado em três setores (defesa, meio e ataque), e cada dupla deverá ocupar um dos setores, apenas o 'coringa' (jogador de vermelho), que atua sempre em favor da equipe de posse da bola, poderá movimentar-se entre os setores, caracterizando assim a superioridade numérica da equipe no setor da bola. Variações: retirar o 'coringa' e permitir que um atleta se desloque para ocupar o setor de construção do ataque, mas logo retornando ao seu local de origem quando perder a posse; para chegar ao ataque, a bola deverá passar obrigatoriamente pelos três setores e com passes rasteiros; cada vez que a bola sai na linha lateral ou linha de fundo, o jogo reinicia com o goleiro da equipe que estava sem a posse, entre outros. Objetivos: desenvolvimento técnico geral e da ocupação racional dos espaços de jogo, construção de ataques em superioridade e de defesa em inferioridade numérica.

Figura 24 – Confrontos de progressão⁵⁷

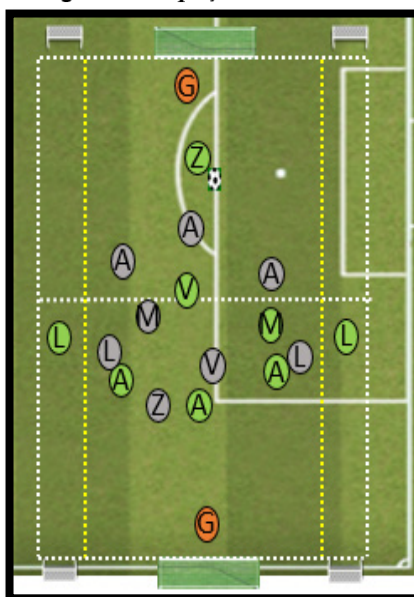


Fonte: elaborado pelo autor.

- 4) **Abordagem contextual:** utiliza-se de jogos modificados, com princípios claros e definidos para a tarefa, tendo como foco a ocupação maior do espaço de jogo e o desenvolvimento das competências táticas contextuais. Os jogos modificados são formas de organização do jogo que visam ter uma incidência fundamentalmente tática e se caracterizam pela modificação/alteração de um conjunto de variáveis estruturais do jogo formal, que permitem ao treinador centrar-se sobre um determinado conteúdo eminentemente mais tático. Esta parte possui duração aproximada de 20 a 40 minutos e deve estar claramente relacionada com as demais etapas da sessão.

⁵⁷ Confrontos de progressão: sem a utilização de goleiros, colocam-se quatro ‘golzinhos’ no fundo do campo. A ação inicia com o confronto de 1x1, mas, ao fim de cada jogada, entra um jogador de cada equipe, para realizar a ação de 2x2, e em seguida de 3x3. Variações: a cada ação finalizada, entra somente um jogador de uma das equipes, caracterizando a situação de superioridade/inferioridade numérica; aumentar o espaço de jogo e colocar o alvo com goleiro, entre outros. Objetivos: ações rápidas de confronto, transição, precisão de passe e finalização, organização tática individual e coletiva.

Figura 25 – Jogo de ocupação de corredores verticais⁵⁸



Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 26 – Jogo de ocupação de corredores horizontais⁵⁹



Fonte: elaborado pelo autor.

⁵⁸ Jogo de ocupação de corredores verticais: o campo de jogo é dividido em três corredores (dois laterais e um central), a equipe com posse de bola deverá ocupar obrigatoriamente os três corredores de ataque, podendo marcar gols em qualquer um dos três alvos, já a equipe de defesa deverá preencher somente o corredor central e um dos corredores laterais (aquele que estiver sendo atacado no momento). Variações: utilização de coringas para criação de superioridades numéricas, ampliação do número de alvos, entre outros. Objetivos: amplitude e circulação ofensiva, compactação e balanço defensivo.

⁵⁹ Jogo de ocupação de corredores horizontais: o campo de jogo é dividido em três corredores (defesa, meio e ataque), a equipe com a posse de bola deverá ocupar os corredores de meio e ataque (permanecendo apenas o goleiro no corredor defensivo), e a equipe de defesa deverá ocupar os corredores de meio e defesa. Ambas as equipes possuem coringas posicionados ao fundo do campo (lado externo) e no centro de jogo, os quais são utilizados para criar superioridade numérica e realizar movimentos rápidos de transição de jogo. Variações: retirar os coringas, para dificultar as ações de jogo; aumentar a pressão da defesa, permitindo que ocupe o corredor ofensivo de jogo, entre outras. Objetivos: profundidade ofensiva, transições e compactação defensiva.

5) **Fechamento:** parte final do treino, destinada ao encerramento da sessão, utiliza-se de alongamentos gerais, conversas sobre a sessão de treino e o planejamento semanal, entre outros assuntos, tendo duração média de 5 a 10 minutos.

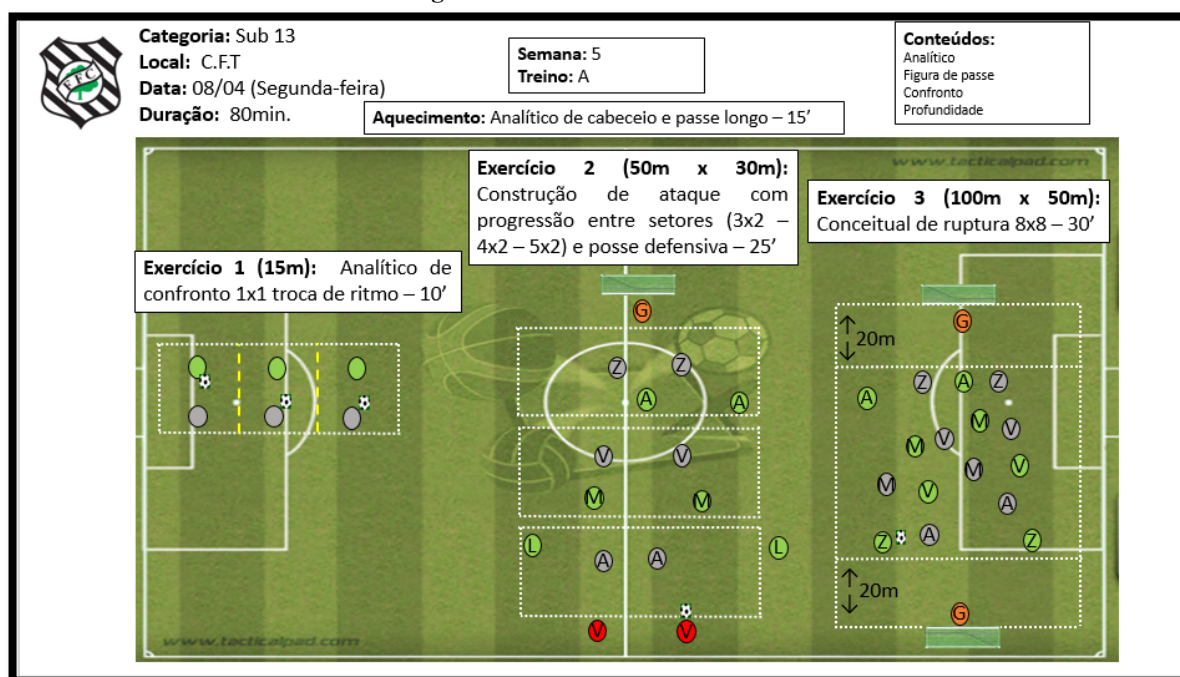
Como dito anteriormente, as atividades selecionadas para organizar as partes do treino estão conectadas com o conteúdo desenvolvido ao longo da semana. Naquele contexto, tanto a programação semanal de atividades quanto o planejamento da sessão de treino foram construídos coletivamente pela comissão técnica e compartilhados com a coordenação do clube e o grupo de atletas (via aplicativo de mensagem para o celular, por exemplo) com antecedência.

Figura 27 – Exemplo de programação semanal

 Departamento de Formação PROGRAMAÇÃO SUB 13 – 09 À 15/12/ 2019 				
Dia da Semana	Hs	Local	Enfoque	Atividade
Segunda (09/12/2019)	13:45 hs	C.F.T. Cambirela 90 min	Ativação Técnico Técnico Tático	APRESENTAÇÃO Coordenativo – 10 min. Conceitual de finalização – 20 min. Conceitual de progressão – 30 min. Conceitual reduzido 9x9 – 30 min.
Terça (10/12/2019)	Livre	Livre	Livre	Livre
Quarta (11/12/2019)	13:45 hs	C.F.T. Cambirela 90 min	Ativação Técnico Tático/técnico Tático	APRESENTAÇÃO Posse de bola – 10 min. Específico de ataque e defesa – 20 min. Conceitual de ataque x defesa – 30 min. Conceitual reduzido 9x9 – 30 min.
Quinta (12/12/2019)	13:45 hs	C.F.T. Cambirela 90 min	Ativação Técnico Tático/técnico Tático	APRESENTAÇÃO Jogo de estratégia – 10 min. Conceitual de transição – 20 min. Conceitual de ataque x defesa + bolas paradas – 30 min. Conceitual reduzido 9x9 – 30 min.
Sexta (13/12/2019)	Livre	Livre	Livre	Livre
Sábado (14/12/2019)	09:00 hs	C.F.T. Cambirela 110 min	Ativação Amistoso	APRESENTAÇÃO Técnica de corrida + analítico de passe – 20 min. Figueirense sub 13 x Escolinha de tubarão sub 14
Domingo (15/12/2019)	Livre	Livre	Livre	Livre

Fonte: elaborada pelo autor.

Figura 28 – treino do dia 8/04/2019



Fonte: elaborada pelo autor.

A proposta ilustrada acima (Figuras 27 e 28) fundamenta-se em meios e métodos de intervenção pedagógica que, segundo Reverdito, Scaglia e Paes (2009), enquadram-se na perspectiva das “pedagogias ativas”. Ainda que, como mostra Bettega (2015), a concepção e as estratégias de intervenção dos treinadores que atuam em clubes profissionais – inclusive na iniciação – centrem-se no desenvolvimento de conteúdos por meio de jogos, trabalhando a técnica e a tática de forma contextualizada, em geral, contrariamente ao que foi apresentado como possibilidade de intervenção, treinadores ainda resguardam-se no trabalho analítico e na fragmentação de conteúdos técnicos e táticos para ensino do jogo (REIS, 2020). Segundo Thiengo (2020), existem diferentes meios e métodos para o ensino e treinamento das especificidades do esporte, e, por vezes, uma mesma atividade pode estar associada a distintas formas pedagógicas, por exemplo, o exercício de condução de bola realizado em forma de jogos de estafetas pode estar associado ao método⁶⁰ integrado, ao método global ou à pedagogia do jogo, o que abre um leque de possibilidades para a estruturação pedagógica neste campo de formação.

⁶⁰ Para saber mais, cf.: *Glossário do futebol brasileiro: termos e conceitos relacionados às dimensões técnica e tática* (THIENGO, 2020).

4.3 CENÁRIO DO ESPETÁCULO ESPORTIVO E SUA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL NO FUTEBOL DE INICIAÇÃO

Como anunciado anteriormente na fala dos agentes entrevistados, em competições esportivas, o desempenho da equipe, em geral, e do atleta, individualmente, são aspectos relevantes e, portanto, levados em consideração nos momentos cruciais de transição de categorias, ou seja, pesam sobre a decisão do clube em continuar ou não o processo de formação do atleta.

Para C2 (2018), por exemplo, é muito importante sua equipe participar de competições estaduais e nacionais:

[...] a diretoria analisa muito o nível de como está o nosso trabalho. Para poder melhorar o nível técnico, é importante também enfrentar outras escolas de formação, dar experiência nas diversas competições fora do eixo de São Paulo e ver o nível, para saber o caminho que devemos seguir, identificar os perfis de atletas dos clubes nacionais desde as categorias menores, já que nosso papel é dar subsídio para os meninos se desenvolverem no contexto do futebol.

Segundo Paoli (2007), o jogador talentoso é identificado como aquele que possui habilidades motoras, técnicas, físicas, intelectuais e emocionais acima da média de um determinado grupo para sua faixa etária, mas ele precisa ter seu desempenho comprovado, repetidamente, nas competições esportivas. Para Filgueira (2019), as competições são um importante meio de avaliar o progresso e o estágio de desenvolvimento dos esportistas por meio das disputas em equipes, organizadas a partir de regras e normas de conduta específicas da modalidade esportiva.

Dito isso, para fechamento do capítulo, trago em destaque elementos que compõem o cenário do espetáculo esportivo e sua estrutura organizacional em forma de competições nas categorias de base em que os clubes profissionais de futebol estão inseridos.

Sabe-se que o futebol, como fenômeno social, político e econômico, envolve um número significativo de participantes, que estão integrados em um sistema de competições regulares, desde as categorias iniciais até o profissional. Segundo Damo (2005), diferentemente do calendário profissional, as categorias de base têm o início da temporada associado ao começo do período escolar, e as principais competições ocorrem justamente no recesso das aulas, pois essa organização permite concentrar o maior número de equipes possível em um período curto de competição.

Por exemplo, C2 (2018) e T6 (2019), integrantes de equipes do Estado de São Paulo, revelaram-nos que seus clubes disputavam em média três competições por ano, já que a federação daquele Estado organiza o calendário de acordo com as diferentes faixas etárias, de modo tal que as categorias de idades pares (sub-10 e sub-12) participam do campeonato estadual de futsal, enquanto as categorias de idades ímpares (sub-11 e sub-13) participam do campeonato estadual de futebol de campo. Segundo C2 (2018), “[...] *os campeonatos da federação estadual começam em maio e vão até novembro*”, o que garante um período extenso de jogos. Segundo o entrevistado, “[...] *até pouco tempo, não se pensava em muitas competições para as categorias menores, então o ideal seria disputar de três a quatro competições no ano para cada categoria, pois algumas são torneios concentrados em uma semana*” (C2, 2018).

Pensando não apenas na adaptação das regras, Bettega (2019) mostra que a temporada competitiva, nas primeiras etapas de iniciação esportiva, deve ser regulada e desenvolvida entre três e quatro meses, e as competições não devem ser estruturadas na mesma perspectiva do esporte adulto e profissional, logo limitam-se as viagens longas e a supervalorização dos resultados competitivos em campeonatos extensos.

No Brasil, os campeonatos de base são, em sua maioria, geridos pelas federações estaduais, filiadas à CBF. Além disso, no calendário da base, observa-se uma estrutura de associações, ligas e empresas de iniciativa privada, que também investem na organização de eventos esportivos. A compreensão dessa estrutura presente no futebol passa primeiramente pelo conhecimento da modalidade esportiva ligada ao seu ambiente de prática, que é basicamente dividido entre o esporte de alto rendimento, o esporte de lazer e o esporte escolar. Atualmente, as práticas de alto rendimento estão totalmente ligadas ao conceito de federações hierarquizadas, como acontece na maioria das modalidades esportivas: tem-se os clubes profissionais de futebol, filiados às federações estaduais, a exemplo da FCF, que se reporta à federação nacional (CBF), que, por sua vez, responde à federação continental (Conmebol), e esta, por fim, presta contas à Fifa, órgão máximo do futebol no planeta (FILGUEIRA, 2019; PALMIÉRI, 2015).

Segundo Filgueira (2019), a Fifa promove competições mundiais somente a partir da categoria sub-17, enquanto, em âmbito sul-americano, a Conmebol organiza, desde 2004, competições para atletas de 14 e 15 anos de idade. Já a CBF mantém uma seleção masculina sub-15 para disputa deste torneio, mas, por outro lado, não desenvolve competições nacionais em idades abaixo de 17 anos no futebol de base. No levantamento realizado pelo autor supracitado, não consta o ‘Torneio de Desenvolvimento de Futebol’, organizado desde 2018 pela CBF, com a chancela da Conmebol, para a categoria sub-13 – em 2019, participei desta

competição como treinador de uma das equipes convidadas (falarei mais sobre ela no capítulo final).

Filgueira (2019) mostra ainda que, na organização do esporte brasileiro, as federações esportivas desempenham um papel fundamental na forma de competição das categorias iniciais, tanto em âmbito municipal quanto em âmbito estadual. Nesse sentido, a organização das competições de futebol em categorias iniciais, em geral, segue o mesmo padrão dos modelos convencionais do esporte praticado por adultos, ou seja, não leva em consideração a idade e as condições de seus participantes. Exemplos desse fenômeno são as federações estaduais de futebol e futsal, que não apresentam modificações significativas em regras, estrutura e formatos de competições entre diferentes categorias. Segundo Scaglia (1999), campeonatos de futebol da categoria fraldinha (sub-9) reproduzem fielmente, até nas ofensas dirigidas aos árbitros, o ambiente do futebol adulto; pais, técnicos e dirigentes expõem crianças a verdadeiras “batalhas campais”.⁶¹ Nas categorias menores, guardadas as devidas proporções, principalmente em relação às habilidades, o futebol só difere em idade e altura do esporte praticado por adultos (SCAGLIA, 1999).

Segundo Bettega (2019), mesmo nas categorias iniciais, as competições, em geral, ocorrem em condições semelhantes às do futebol profissional: campo com dimensões entre 90 e 120 metros de comprimento e 45 e 90 metros de largura, com balizas de 7,32 metros de largura e 2,44 metros de altura, e utilizando as regras formais do jogo de futebol para adultos – estrutura encontrada nas competições utilizadas como fontes complementares de produção de dados desta pesquisa (Copa Santa Catarina, Copa São Ludgero, Liga BG Prime e torneio de desenvolvimento da CBF). Sob essa perspectiva, as condições de gestão do espaço de jogo, devido à ampla dimensão do campo, parecem inadequadas para as crianças, assim como a dificuldade na comunicação das ações, devido à distância entre os jogadores, com e sem a bola. Em espaços maiores e com grande número de atletas em campo, a tendência é que o participante toque menos vezes na bola e atue em menos ações de jogo. Em última análise, para a iniciação, campos com dimensões oficiais restringem a intervenção constante dos jogadores no centro de jogo, podendo desmotivar a participação das crianças, pois a ampla dimensão do campo tende a aumentar a distância entre os jogadores, dificultando a percepção e a análise das situações, a orientação espacial e o estabelecimento das relações, bem como a ação dos jogadores mais afastados do centro e, especificamente, os que apresentam um nível mais baixo de compreensão

⁶¹ No campeonato estadual catarinense, já presenciei cenas de brigas entre familiares torcedores nas arquibancadas de jogos de futsal, nas categorias sub-11 e sub-13, o que ocasionou punições por parte da federação estadual, bem como partidas entre crianças que tiveram de ser realizadas com portões fechados (sem acesso ao público).

e atuação no jogo, beneficiando aqueles que possuem maiores níveis de força, velocidade, potência e estatura⁶² em comparação com os seus pares.

Sendo assim, a organização dos cenários competitivos no futebol necessita de condições adequadas para a prática e o desenvolvimento de crianças e jovens jogadores. Recentemente, a Uefa e a Conmebol apresentaram um relatório de diversas escolas de futebol atuantes nas categorias iniciais, sugerindo que, em relação a competições, por exemplo, para a categoria sub-11, a maioria dos jogos ocorra com a estrutura de “7x7”. Além da adaptação no número de jogadores, as entidades também recomendam alterações no tamanho do campo e no tempo de jogo para uma duração média entre 50 e 60 minutos (BETTEGA, 2019; CONMEBOL, 2020). Essas adequações buscam adaptar a relação de tempo e espaço de jogo nas diferentes etapas da formação do atleta em treinos e competições.

No primeiro capítulo da tese, por exemplo, foram mencionados os casos do Campeonato Paulista de Futebol sub-11 e do Campeonato Catarinense sub-13, cujas regras sofreram adaptações a fim de se enquadrarem no modelo proposto por essas entidades. Porém, segundo Filgueira (2019), esses tipos de modificações, apesar de melhorarem a qualidade do jogo e aumentar o nível de participação dos envolvidos, não causam efeitos diretos na lógica competitiva do esporte (pontuações, eliminações, prêmios individuais, entre outros), pois estão relacionados somente às substituições, às punições disciplinares, às paradas técnicas, aos equipamentos e a mudanças estruturais (espaço de jogo, tempo de jogo, tamanho das traves e número de jogadores). Apesar das intenções pedagógicas subjacentes a algumas modificações de caráter mais técnico e tático, o sentido da prática competitiva segue, no entanto, a supervalorização social dos vencedores.

De modo geral, essas competições parecem, de alguma forma, amalgamar parte das tensões entre formação e treinamento, entre competição e participação, entre aprendizagem e performance, entre resultado imediato e projeto de longo prazo, entre outras questões que vimos observando e destacando neste capítulo e nos anteriores. Para Filgueira (2019), as participações dos jogadores nas competições de base são inerentes ao processo de formação. Nota-se, nesse ambiente, que o fato de ter de competir com formas e regras padronizadas, mediadas por órgãos reguladores, remete-nos à valorização do esporte de rendimento, à comparação e à evolução do desempenho individual e coletivo, que representam lógicas universais do esporte de competição

⁶² Devido às dimensões das traves serem desproporcionais à altura dos goleiros, principalmente nas primeiras idades (até os 12 anos), em que a criança ainda não teve o estirão de crescimento, acontecem muitos gols de bola parada (escanteios e faltas) e finalizações de média distância em que a bola entra em uma região da trave que o goleiro ainda não alcança. Os nativos do campo chamam de ‘gol de sub-11’.

(KUNZ, 2001). Nesse sentido, é estabelecido um padrão de funcionamento para o processo esportivo, e os atletas devem se adequar a essas normas para poderem participar, já que o resultado da disputa é mais importante do que a satisfação e o bem-estar dos participantes.

Se, por um lado, a inserção de crianças neste ambiente é fundamental para introduzi-las no universo profissionalizante do esporte, no qual a lógica comparativa e excludente ganha proeminência, por outro, a prática competitiva (em que algum rendimento esteja em jogo – a questão em aberto é saber ‘qual rendimento’)⁶³ – é também uma ferramenta pedagógica que poderia estar presente no projeto de formação de clubes e entidades gestoras de eventos esportivos de base, para que assim pudessem ofertar experiências ricas, diversificadas e mais igualitárias aos envolvidos no processo. Além disso, como destaca Bettega (2019), a estrutura da competição, como o tamanho do campo, da bola e das balizas, bem como a adaptação das regras do jogo, estabelece condições facilitadoras para que os envolvidos participem e se desenvolvam pelo jogo. Toda essa disposição passa também pela atuação dos treinadores junto aos organizadores das competições, no que diz respeito a esclarecer quais os aspectos físicos, maturacionais, motores, cognitivos e comportamentais do desenvolvimento dos atletas nas diferentes etapas da formação, a fim de pensarem em transformações pedagógicas que possam impactar positivamente a participação de atletas, familiares e clubes no ambiente competitivo.

Os dados e apontamentos produzidos até aqui constituíram uma espécie de ‘raio-x’ do campo investigado, o que nos possibilitou estruturar e problematizar temas presentes na formação inicial de futebolistas de base que serão apresentados em três *eixos articuladores* no capítulo seguinte.

⁶³ Uma expressão do debate sobre o rendimento no esporte e nas aulas de Educação Física pode ser encontrada em Stigger e Lovisolo (2009).

5 ANALISANDO CRITICAMENTE TEMAS PRESENTES NA FORMAÇÃO INICIAL DE FUTEBOLISTAS DE BASE

O capítulo final desta tese traz análises críticas tecidas a partir de três *eixos articuladores*, sistematizados pelo cruzamento entre as expressões próprias do objeto investigado, os objetivos desta pesquisa e a literatura especializada sobre o tema no Brasil, eixos estes que atravessam e se definem como próprios da trajetória inicial de formação de futebolistas de base, a saber: *perfil dos agentes formadores; investimentos familiares no projeto de construção de carreira do filho atleta; e tensões relativas aos processos de formação e especialização esportiva em ambiente de competição infantil com vistas à profissionalização.*

5.1 ANÁLISE DO PERFIL DOS AGENTES INVESTIGADOS

No **Quadro 7**, a seguir, apresenta-se uma síntese do perfil dos agentes formadores investigados, com destaque para quatro categorias de análise que serão aprofundadas *dentro deste eixo*: a formação acadêmica e complementar; a questão da dupla carreira destes profissionais, que, por vezes, conciliavam seu tempo no clube com a jornada em empregos paralelos; o fato de haver certa estabilidade na carreira, devida ao tempo em que atuavam em suas equipes; e o nível de experiência pregressa como atletas de futebol, oposto ao que é comumente observado no futebol profissional:

Quadro 7 – Perfil dos agentes formadores investigados

Entrevistado	Formação	Atuou profissionalmente no esporte?	Tempo (em anos) de trabalho no clube até 2019	Dedicação exclusiva ao clube?
C1	Graduado	Não	14 anos	Sim
C2	Especialista	Não	16 anos	Sim
T1	Graduando	Não	2 anos	Não
T2	Graduado	Sim (futsal)	10 anos	Não
T3	Especialista	Não	6 anos	Não
T4	Mestrando	Não	7 anos	Sim
T5	Graduando	Não	4 anos	Não
T6	Especialista	Não	9 anos	Não

Fonte: elaborado pelo autor.

Ao cruzar essas informações iniciais com a literatura, especialmente com os achados de Bussinger (2019) sobre treinadores de alta performance⁶⁴ os de Bettanim *et al.* (2017) sobre treinadores que atuavam nas etapas finais de formação (sub-17 e sub-20), é possível trazer para a discussão as diferenças existentes no campo de atuação profissional entre aqueles que se ocupam da trajetória inicial de formação de atletas de base e aqueles que se encontram em maior evidência no futebol.

5.1.1 Média de idade, experiência esportiva e a conciliação da carreira de treinador

Matéria publicada pelo Portal Uol (CARNEIRO, [2020]) revelou que, no ano de 2020, a média de idade dos treinadores que disputavam a série A do Campeonato Brasileiro era superior a 51 anos. Os dados mostraram ainda que o Brasil foi o país que apresentou a maior média de idade de treinadores entre as principais ligas de futebol do mundo. Bussinger (2019), que entrevistou cinco treinadores que atuavam no contexto profissional de equipes adultas de futebol masculino de alta performance e possuíam experiência acumulada em dirigir equipes da primeira divisão nacional, reforça essa informação, já que, em sua amostragem, os treinadores se encontravam na faixa média de 57 anos de idade, diferentemente dos agentes formadores investigados nesta pesquisa, que se encontravam na faixa média de 35 anos.

A diferença na média etária entre treinadores de alta performance e agentes formadores atuantes na iniciação esportiva pode ser justificada pelo fato de que os treinadores investigados por Bussinger (2019) possuíam uma carreira consolidada como ex-atletas de futebol, ou seja, iniciaram suas trajetórias como treinadores após anos de experiência acumulada como atletas profissionais, que, em média, se encerra, justamente, por volta dos 35 anos de idade. Enquanto isso, os agentes formadores investigados nesta tese, conforme mostrado anteriormente, somente acumulavam experiências práticas em anos de formação como atletas de base, com exceção de T2, que atuou como atleta de futsal em alto nível – inclusive com passagem pela seleção brasileira –, mas, em entrevista, revelou-nos que encerrou cedo sua carreira (aos 28 anos de idade) e logo começou a trabalhar com escolinhas de iniciação esportiva.

É comum que ex-atletas profissionais, logo após o término de suas carreiras, permaneçam no mercado do futebol, atuando em diferentes funções, como, por exemplo, comentaristas esportivos, treinadores de goleiro, gerentes de futebol e treinadores, ou migrem para o futebol amador, como mostra Invernizzi (2018), entre outras possibilidades, tendo em

⁶⁴ Treinadores que atuam ou já atuaram em clubes profissionais da primeira divisão do futebol nacional.

vista que esses cargos possuem especificidades inerentes a um saber técnico-empírico que se estima de que o ex-atleta seja detentor, devido a sua experiência acumulada no campo prático do futebol profissional. Já para os agentes formadores, a caminhada para alcançar o posto de treinador de uma equipe profissional é aparentemente mais longa, pelo menos no Brasil. São raros por aqui os treinadores de elite que iniciaram suas carreiras nas categorias iniciais de formação.

Um dos que fogem a esse padrão é o treinador Zé Ricardo, que, no ano de 2017, comandava o Flamengo (RJ), time de maior expressão popular do País, cuja trajetória de formação despertou o interesse da mídia. Tendo atuado profissionalmente como atleta de futsal e encerrado sua carreira aos 25 anos de idade, como jogador, acumulava também experiências nas categorias de base de pequenos clubes de futebol do Rio de Janeiro. Ao encerrar sua carreira, formou-se em Educação Física e passou a atuar em escolinhas e como professor da educação básica na rede pública, até surgir a oportunidade de tornar-se treinador da categoria sub-13 do Flamengo. A trajetória deste personagem reforça a noção de que há uma carreira em construção por parte dos agentes formadores, que, quando consolidada, passa a se inserir em um campo de atuação que se opera a partir de outros mecanismos de relação. O Conselho Federal de Educação Física (Confef) publicou em seu *site* uma entrevista com o treinador, da qual o trecho abaixo foi extraído:

Há mais de um ano no cargo de técnico do Flamengo, Zé Ricardo conciliou, até recentemente, a carreira no futebol com o magistério

Quem vê José Ricardo Mannarino [CREF 005064-G/RJ] à frente de um dos clubes de Futebol mais populares do mundo, não imagina o caminho percorrido até chegar ao tão almejado cargo. Zé Ricardo, como é conhecido no esporte, sempre sonhou em ser jogador de futebol, mas ao perceber que não seria possível seguir na área como atleta, buscou o curso de Educação Física. Já formado, chegou ao Clube de Regatas Flamengo em 1998 para atuar no futsal. A transferência para o campo se deu em 2005, quando teve a oportunidade de passar pelas categorias de base. Saiu, mas retornou ao clube em 2012, quando assumiu o time sub-15. De 2014 a 2016 esteve à frente do sub-20, até assumir interinamente a categoria profissional. Paralelamente ao futebol, Zé Ricardo conciliou a carreira no esporte com as aulas de Educação Física Escolar nas redes municipal e estadual de ensino.

Zé Ricardo: Eu estou no magistério há mais de 15 anos, lecionei em colégio público e particular. Enquanto foi possível conciliar a vida de treinador de categoria de base com o magistério, mantive as duas carreiras. Assim segui até o início de 2016, quando recebi o convite para treinar a categoria profissional do Flamengo. A partir daí, por conta de treinamentos, viagens, jogos, concentração, não consegui mais me dedicar às duas atuações. No momento, estou com a minha licença trancada no município. Da rede pública estadual, pedi exoneração há bastante tempo, porque não conseguiria conciliar com o trabalho de treinador das categorias de base. (CONFEEF, 2017, p. 11-12).

Ao se considerar, portanto, a carreira de treinador esportivo, um processo de aprendizagem que ocorre ao longo da vida, deve-se ter em conta que o sujeito carrega consigo um conjunto de conhecimentos obtidos a partir de suas experiências pessoais, da socialização em família, na escola, no trabalho, bem como suas crenças e perspectivas pessoais, para seguir se desenvolvendo profissionalmente. O ingresso na carreira de treinador esportivo, em parte, está associado à exposição prolongada das pessoas, desde a infância, a um ambiente de prática esportiva, favorecendo a aprendizagem de elementos particulares dessa cultura específica, ou seja, um tipo de ‘acultramento’ esportivo. Trata-se de um processo enraizado de envolvimento e participação em ambientes e situações variadas, o que confere um caráter sociocultural à aprendizagem (BRASIL *et al.*, 2015). Mesmo que o grupo de agentes formadores investigados não seja formado por ex-atletas profissionais de futebol, suas trajetórias de vida possuíam relações de proximidade com o esporte de rendimento. Nesse sentido, os dados apontam uma tendência para o campo de atuação de treinadores que se ocupam da pré- formação de futebolistas, já que, assim como os atletas de base, os agentes formadores também se encontravam em trajetória inicial de carreira.

Chama a atenção também o fato de que o Brasil é líder do *ranking* de demissões e trocas de comando de treinadores entre as principais ligas de futebol do mundo. Segundo matéria do Portal Terra (AMARO, 2020), entre 2003 e 2018, foram 594 trocas de técnicos na elite do campeonato brasileiro, uma média de 37 mudanças por temporada. Para o campeonato brasileiro de 2021, a CBF estipulou um limite de duas trocas de treinadores por clube durante a realização da competição, objetivando, com essa medida, promover uma maior estabilidade de trabalho para os treinadores de elite. Coincidentemente, os cinco treinadores investigados por Bussinger (2019) estavam desempregados no período de sua pesquisa, mas este não parece ser o cenário comum para os agentes formadores em trajetória inicial na carreira, pois os dados produzidos em nossa pesquisa revelaram que há uma tendência de maior estabilidade e manutenção dos postos de trabalho, uma vez que T1, que estava no seu segundo ano como treinador do clube, era quem atuava a menos tempo no cargo, enquanto T2 e T6 estavam há praticamente uma década atuando como agentes formadores em seus clubes. Ou seja, é possível pensar que os critérios de avaliação do trabalho dos agentes formadores são diferentes dos de treinadores de alta performance, pois a principal causa de demissões, segundo apontou a reportagem do Portal Terra, é o baixo rendimento da equipe nos últimos quatro jogos, as expectativas criadas pela torcida, mas não correspondidas pela equipe em campo, e a falta de planejamento de longo prazo por parte dos dirigentes do futebol brasileiro. Além disso, C1 e C2 se encontravam há mais de uma década como funcionários de seus clubes e nos revelaram

que já haviam atuado em diferentes funções ao longo do tempo, até assumirem o cargo de coordenadores do futebol de base.

Mas as diferenças salariais entre treinadores de futebol de base e treinadores de alta performance justifica o fato de os agentes formadores buscarem a progressão na carreira, além, é claro, do *status* social obtido pela ascensão profissional. Apenas para tomar como exemplo, Renato Gaúcho era o treinador brasileiro que recebia o maior salário em 2020, cerca de R\$ 900 mil mensais, e Jorge Jesus, português que comandou o Flamengo de 2019 até o início de 2020, recebia mensalmente o valor de R\$ 1,5 milhão (JORGE..., 2019). Não foram coletados dados referentes à média salarial dos agentes formadores investigados, mas o fato de que cinco entre os seis treinadores⁶⁵ de base se encontravam em dupla carreira profissional, com empregos em paralelo ao clube, pode ser considerado um forte indicativo de que havia a necessidade de esses profissionais complementarem suas rendas mensais, sobretudo pelo fato, comum e de certa forma até naturalizado por este campo, de os clubes estarem frequentemente com vencimentos atrasados. Para tanto, é preciso que os agentes formadores criem estratégias de flexibilização para atender a essa dupla jornada, pois o futebol de base possui um calendário de atividades que vai além da rotina de treino, principalmente quando se trata do calendário de competições, que, em geral, ocorre aos finais de semana, mas, por vezes, exige viagens que podem durar cerca de uma semana.⁶⁶

5.1.2 A Educação Física e a constituição da profissão treinador

Segundo De Paula (2013), detectar, selecionar, revelar e descobrir talentos podem ser consideradas categorias centrais para aqueles que têm a formação de jogadores de futebol como atividade profissional. Bettega (2015) aponta diversas competências para os treinadores de categorias de base, como: ser capaz de desenvolver conteúdos específicos em sua área de atuação, para as diferentes faixas etárias; visar ao desenvolvimento positivo do atleta em formação; identificar as características estruturais e econômicas da instituição, entre outros aspectos. Por se tratar de uma atividade essencialmente prática, que exige execução e demonstração de tarefas específicas do jogo, para os treinadores, o domínio técnico-corporal,

⁶⁵ O entrevistado revelou-nos que sua dedicação ao mestrado o impedia, naquele momento, de atuar em empregos paralelos, mas que, antes de ingressar no curso, atuava como professor em uma escolinha particular de futsal.

⁶⁶ Trago aqui um relato pessoal para ajudar a ilustrar este cenário. Sou professor da disciplina de Educação Física em duas escolas da rede uma municipal de ensino e, quando necessito me ausentar do compromisso com as unidades, em função de viagens pelo clube, negocio com as diretoras a forma de reposição da carga horária semanal.

adquirido a partir de sua experiência empírica com o esporte, possui um poder simbólico importante para legitimação de sua competência. O saber-fazer aparece diretamente ligado ao saber ensinar. Nesse sentido, por estar na condição de uma das figuras centrais do fenômeno esportivo, o treinador possui significativo destaque, principalmente no futebol, como um dos principais responsáveis pela sua dinâmica.

Para Milistetd (2015), o treinador esportivo é responsável por promover experiências de aprendizagem voltadas à participação esportiva e ao desenvolvimento de atletas que buscam rendimento em diferentes níveis. Associado às suas funções primárias, o treinador esportivo contribui para a formação pessoal e social, além de colaborar para o desenvolvimento da cidadania, da educação, da saúde e do bem-estar de pessoas de todas as idades. Sua efetividade é sustentada por um conjunto de conhecimentos e competências que se relacionam não apenas com o domínio da sua área de intervenção mas também com a necessidade de se relacionar com os outros atores do cenário esportivo e com a capacidade de pensar, planejar, decidir, avaliar e refletir sobre sua prática. Isso significa que a dimensão intelectual da profissão de treinador (um saber-sobre, para utilizar expressão correlata à empregada anteriormente) é também essencial para a ação desse profissional. Desse modo, as características profissionais do treinador esportivo exigem uma preparação ajustada às particularidades da sua ação, que lhe ofereça condições para auxiliar na resolução dos problemas da sua prática, que o estimule a pensar criticamente e que desenvolva as suas capacidades de comunicação e liderança, consideradas eixos fundamentais da sua intervenção profissional (MILISTETD *et al.*, 2017).

Segundo Milistetd *et al.* (2017), o Conselho Internacional para a Excelência de Treinadores (ICCE) reconhece atualmente três grandes bases de conhecimentos do treinador esportivo: conhecimento profissional, conhecimento interpessoal e conhecimento intrapessoal. O primeiro representa o conhecimento específico, que dá a base da intervenção profissional dos treinadores, ou seja, os conhecimentos específicos do esporte e das áreas afins, que orientam o processo de ensino-aprendizagem de atletas e praticantes, como a pedagogia, a fisiologia, a psicologia, a anatomia, entre outras áreas e disciplinas das Ciências do Esporte. Já o conhecimento interpessoal está relacionado às interações sociais dos treinadores com seus atletas, assistentes, dirigentes, pais e outros profissionais, com cujo auxílio os treinadores poderão desenvolver maneiras mais eficazes e adequadas de comunicação com os envolvidos no processo de desenvolvimento esportivo, desenvolvendo assim uma capacidade maior de auxiliar seus atletas a partir das especificidades de diferentes idades, níveis competitivos, significados da prática esportiva e o contexto social particular. Por fim, o conhecimento intrapessoal refere-se à compreensão dos treinadores sobre si mesmos e à sua capacidade de

introspecção e reflexão. O papel autocrítico pode ser construído de acordo com as experiências previamente definidas. Em suma, a capacidade de um treinador para maximizar os resultados dos atletas não repousa apenas no amplo conhecimento profissional e interpessoal mas também na reflexão constante, na avaliação e na revisão de sua própria prática.

Nesse sentido, por atender à necessidade de conhecimento profissional, a formação em nível superior no curso de Educação Física se reveste de significativa relevância para o exercício da profissão neste grupo investigado. Entre os entrevistados, apenas dois ainda cursavam a faculdade, mas possuíam diplomas de nível superior em outras áreas do conhecimento (T1 em Tecnólogo, e T5 em Administração), enquanto os outros seis possuíam graduação em Educação Física (C1, C2, T2, T3, T4 e T6). Além disso, T4 cursava mestrado em universidade pública, e C1, T3 e T6 possuíam também o título de especialização *lato sensu* em cursos relacionados aos processos de ensino e treino de futebol. Os dados estão de acordo com os achados de Bussinger (2019), que concluiu que os treinadores de elite possuíam certificação ou estavam em processo de diplomação em nível superior em cursos de Educação Física, sendo, dessa forma, legitimados pelo saber científico para atuação neste campo profissional. Mas por que a formação acadêmica de treinadores de futebol é uma questão importante? Vejamos a seguir.

Bettanim *et al.* (2017) apresentam resultados divergentes em relação à titulação de treinadores de futebol de base no ensino superior. Os autores trazem dados de uma pesquisa realizada com 109 treinadores de base, os quais atuavam em diferentes equipes e categorias, disputando importantes competições de futebol afiliadas à CBF no ano de 2009. Os resultados mostraram que 69 treinadores eram formados em Educação Física, o que representava pouco mais de 60% da amostra. A pesquisa não indica quantos destes profissionais estariam ainda cursando o ensino superior no período investigado ou se havia interesse na formação acadêmica em Educação Física. Outro ponto de comparação é o fato de que os investigados atuavam nas categorias finais de formação (sub-17 e sub-20), aproximando-se mais da categoria profissional do que da trajetória inicial.

Esses dados são relevantes para pensarmos a questão do exercício profissional do treinador de futebol no Brasil, tema que tem gerado tensão e conflito entre a categoria, representada por suas entidades, por associações, por sindicatos, pelos Crefs e pelo Confef. Mesmo que os resultados apresentados anteriormente representem uma pequena parcela dos quase 800 clubes profissionais registrados na CBF, eles indicam que existe influência do conhecimento acadêmico proveniente da formação em nível superior em Educação Física, mas que esse fator não é determinante para exercer a atividade profissional de treinador de futebol

no Brasil, pois, conforme detalhado a seguir, o exercício profissional de treinador não é exclusividade dos agentes com formação universitária.

Segundo Thiengo (2011), a disparidade na formação dos profissionais que atuam junto às categorias de base no futebol brasileiro, no caso da Educação Física em específico, é advinda do processo histórico de reconhecimento desta disciplina como profissão e da inserção dos seus profissionais no campo de trabalho do futebol.

Somente no ano de 1939, com a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil (atual Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), é que a figura do treinador de futebol alcançou a profissionalização no Brasil. Foi essa instituição que introduziu a formação acadêmica de técnicos desportivos para diversas modalidades no País, e também de professores de Educação de Física (FERNANDES *et al.*, 2013).

No Brasil, a formação universitária é reconhecida como uma das principais vias de preparação de treinadores para o exercício da profissão, e, de acordo com os recentes marcos regulatórios nacionais, os cursos de bacharelado em Educação Física devem oferecer formação ampla, com bases humanas, biológicas e sociais, além de desenvolver uma formação específica, relacionada aos conhecimentos identificadores da área, que se relacionam com as diferentes formas de atividade física e esporte. Para tanto, os cursos devem utilizar variadas formas de ensino, como aulas teóricas e práticas, práticas pedagógicas curriculares, estágios curriculares, entre outras experiências de aprendizagem, visando ao desenvolvimento de conhecimentos e competências dos futuros profissionais (MILISTETD, 2015).

A partir da promulgação da Lei nº 9.696, de 1º de setembro de 1998, que regulamentou a atividade do profissional de Educação Física e atribuiu a essa categoria a responsabilidade pelas práticas esportivas, tanto os treinadores como os preparadores físicos de times de futebol passaram a ser membros de uma mesma profissão. Todavia, essa legislação trouxe uma ressalva: pessoas que até a data do início da vigência da referida lei haviam comprovadamente exercido atividades próprias dos profissionais de Educação Física, por no mínimo três anos, também poderiam realizar a inscrição nos respectivos Conselhos Regionais, desde que respeitassem as condições por estes estabelecidas (BRASIL, 1998, art. 1º, inc. III). Estes profissionais recebiam (e ainda recebem) o título de ‘Cref provisionado’ para atuação profissional em uma modalidade esportiva específica.

Contudo, a atividade profissional de treinador de futebol já possuía uma legislação própria, a Lei nº 8.650, de 22 de abril de 1993, que assegurava o exercício da profissão de treinador de futebol, preferencialmente: a) aos portadores de diploma expedido por Escolas de

Educação Física ou entidades análogas, reconhecidas na forma da Lei; b) aos profissionais que, até a data do início da vigência desta lei, haviam comprovadamente exercido cargos ou funções de treinador de futebol por prazo não inferior a seis meses, como empregado ou autônomo, em clubes ou associações filiadas, ligas ou federações, em todo o território nacional (BRASIL, 1993, art. 3º, inc. II-III). Apesar de a legislação apresentada dar preferência aos possuidores de formação em nível superior em Educação Física para o exercício da função de treinadores de futebol, historicamente, no cenário nacional, a atividade foi ocupada predominantemente por ex-futebolistas profissionais, cujo direito foi assegurado, ao longo de aproximadamente vinte anos, pela nº Lei 6.354, de 2 de setembro de 1976 (BRASIL, 1976), que garantia que “[...] todo ex-atleta profissional de futebol que tenha exercido a profissão [de atleta] durante 3 (três) anos consecutivos ou 5 (cinco) anos alternados, será considerado, para efeito de trabalho, monitor de futebol” (THIENGO, 2011).

Bettanim *et al.* (2017) demonstram que, em razão dessa divergência entre a lei que regulamenta a atividade de treinador e a que regulamenta a profissão de Educador Físico, há diversos processos no âmbito do Confef e de seus respectivos Conselhos Regionais que amparam os profissionais de Educação Física, questionando a atuação de treinadores de futebol sem a exigência da formação superior em cursos de Educação Física ou sem a comprovação de credenciamento no sistema Cref/Confef. Todavia, a Justiça brasileira vem julgando sucessivamente pareceres desfavoráveis a esses conselhos, em toda a esfera nacional, utilizando como justificativa a expressão “preferencialmente aos portadores de diplomas”, que aparece no artigo 3º da Lei nº 8.650/1998, em lugar da palavra “obrigatoriamente”, o que abre espaço para qualquer cidadão sem formação superior em Educação Física exercer a atividade de treinador de futebol.

Outro fato que chama a atenção dentro desse contexto é a publicação do Decreto nº 7.984/2013 (BRASIL, 2013), que regulamenta a Lei Pelé e institui normas gerais sobre o esporte no Brasil. O Decreto estipula aos atletas das categorias de base, entre outros aspectos, o direito de acesso a conhecimentos teóricos e práticos de Educação Física, condicionamento e motricidade, por meio de um corpo de profissionais habilitados e especializados, norteados por programa de formação técnica e desportiva compatível com o desenvolvimento físico, moral e psicológico do atleta. Sabe-se que tais competências são desenvolvidas de forma mais ampla e contundente em cursos superiores de Educação Física (BETTANIM *et al.*, 2017).

Do exposto, conclui-se que a lei considera aptos ao exercício da atividade profissional de treinador de futebol os diplomados em Educação Física, independentemente da habilitação (licenciado ou bacharel), sem exigência de experiência prática na área do futebol, e os

profissionais que comprovem experiência empírica na área do futebol, sem a obrigatoriedade da formação superior em Educação Física.

Este cenário possibilita que, no campo de trabalho do futebol de categorias de base, assim como é comumente observado no futebol profissional, cargos sejam ocupados por agentes sem formação acadêmica, portadores de um saber acumulado pela experiência adquirida ao longo da carreira como futebolistas. Por exemplo, em entrevista, T6 (2019) falou da importância da figura do ex-atleta que ocupava a função de coordenador das categorias de base do clube paulista em que trabalhava, pois ele era ‘o cara’ que se reportava diretamente à diretoria e organizava os processos de treino e logística.

Um ex-atleta possui destacada representatividade simbólica no meio esportivo, e o mercado do futebol absorve esse grupo, cujos membros, por vezes, exercem as funções de treinador, coordenador, supervisor e, especialmente, observador técnico (recrutador de talentos) nos clubes. Mas sua experiência esportiva, como visto anteriormente, pode ser complementada também pela formação acadêmica. Em geral, aos possuidores dos diplomas universitários recai a função mais técnica, científica e especializada da equipe (fisiologia, preparação física, análise de desempenho, entre outras).

Nesse contexto, é válido ressaltar a importância de grupos de estudos, pesquisas e projetos de extensões universitárias, algo que vá além das disciplinas obrigatórias dos cursos de graduação e que atue como uma espécie de “laboratório de atuação” para os estudantes. Bettanim *et al.* (2017) sugerem também a exigência de estágios profissionais, para os diplomados, a fim de que se qualifiquem com a competência necessária para a atuação estratificada por níveis, desde o esporte de base até o de rendimento; e aos ex-atletas, a exigência de cursos superiores ou complementação profissional equivalente, oferecida por IES conveniadas com as confederações esportivas brasileiras. Para que isso ocorra, faz-se necessário, segundo os autores, que haja sintonia entre a regulamentação legal (ao incluir os ex-atletas) e a exigência da formação em cursos superiores de Educação Física, além da formação suplementar, seja ela por estágio acadêmico-científico ou profissional, na perspectiva de subsidiar a preparação profissional qualificada e competente para os que pretendem atuar como treinadores desportivos, independentemente do nível de atuação.

Milistedt (2015) mostra que as situações de aprendizagem do treinador esportivo podem ser definidas como *formais* (formação universitária e certificações reconhecidas pelos órgãos que gerem a modalidade), *não formais* (participação em cursos, eventos, *workshops*, entre outros) e *informais* (leituras, experiências compartilhadas, conversas, cotidiano do trabalho, entre outros). Para o autor, são esses ‘ambientes’ que contribuem para o desenvolvimento das

competências do treinador, que englobam diferentes domínios, como: o conhecimento científico, proveniente de sua formação acadêmica; o conhecimento prático, ou seja, o domínio das ações técnicas; e o conhecimento resultante da experiência acumulada em diferentes situações no esporte, ou seja, o acúmulo de tomadas de decisões e o trato interpessoal em diversos contextos. Portanto, o treinador esportivo, independentemente de seu nível de atuação, é considerado um agente em constante formação.

Para Talamoni, Oliveira e Hunger (2013), apesar de os treinadores reconhecerem a importância da aprendizagem em contextos formais e não formais, a validade ecológica dos programas e cursos de formação profissional tem sido questionada para favorecer a aquisição de conhecimentos úteis, uma vez que as situações de aprendizagem em contextos informais, na percepção dos próprios treinadores, são as que têm maior impacto ou significado no processo de aprendizagem profissional. O contexto informal corresponde aos ambientes que proporcionam situações de aprendizagem contínua, ao longo da vida, em meio aos quais cada indivíduo constrói crenças, conhecimentos, atitudes e discernimentos próprios a partir de experiências do cotidiano. O envolvimento nesses contextos depende, em parte, de um engajamento pessoal na busca por uma qualificação profissional melhor (TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013). Ou seja, a própria prática do treinador é fonte de aprendizagem, e o local de atuação é contexto fundamental para que ele pense no seu desenvolvimento. Nesse sentido, o clube de futebol figura como principal local de formação para treinadores e atletas, portanto necessita propiciar ambientes de aprendizagem significativos, com interações internas e externas, isto é, com jogadores, membros da comissão técnica e dirigentes, bem como, no âmbito externo, com a torcida, os empresários, a mídia e demais agentes do contexto (BETTEGA *et al.*, 2019).

Damo (2005) destaca que são comuns entre os profissionais com graduação em Educação Física que atuam junto às categorias de base dos clubes de futebol brasileiros as reclamações sobre a formação deficiente que receberam nas universidades. Os currículos de graduação tendem a ser generalistas e, por vezes, distantes da realidade prática do campo profissional. Talvez por este motivo, seja crescente o número de cursos especializados para a atuação de treinadores de base e áreas afins.

De fato, a preparação de treinadores esportivos tem sido direcionada ao ambiente acadêmico, não apenas no sentido de investir na qualidade formativa em um ambiente adequado para esse fim mas também para garantir condições mínimas de reconhecimento da atividade do treinador esportivo como uma profissão em todo o mundo (MILISTETD *et al.*, 2017).

Recentemente, a Conmebol (2020) iniciou a proposta de um modelo de licenças para atuação profissional do treinador, similar ao modelo adotado pela Uefa, que, segundo informa a entidade, “[...] permite um treinamento rigoroso, sustentado e robusto que proporciona em toda a América do Sul uma jornada metódica e organizada na preparação dos profissionais que atuam ou pretendem atuar em diferentes níveis no futebol”. O documento define qual perfil espera-se do treinador que atua na trajetória inicial de formação e afirma que o formador esportivo da área infantil, que trabalha com crianças e jovens, tem a necessidade de enfatizar a aquisição de habilidades e capacidades de ação, ou seja, tudo que está relacionado à técnica e à tática do próprio esporte, bem como ao desenvolvimento de movimentos corporais, nos quais também se pode incluir o desenvolvimento físico. Sobre isso, a Conmebol (2020) também enfatiza que o futebol infantil é o período mais transcendente na formação de um jogador de futebol, sendo considerado a base essencial da ‘construção’ não só do jogador mas da pessoa, no qual o menino e a menina passam a consolidar aspectos de sua personalidade por meio da socialização em seus três elos fundamentais: a família, a escola e o clube de futebol. A proposta traz uma evidente separação entre as etapas de iniciação e especialização esportiva, já que, entre 6 e 13 anos de idade, define que o objetivo principal do treinamento é o desenvolvimento da educação, da cultura, do lazer e da saúde para a vida. Além da prática, a iniciação esportiva também tem a finalidade, segundo o documento, de formar futuros consumidores de futebol. Outra finalidade da iniciação esportiva é proporcionar um aprendizado satisfatório para os indivíduos que desejam ingressar na etapa de especialização esportiva a partir dos 14 anos, voltada ao treinamento para carreira esportiva profissional em esportes de alto rendimento (CONMEBOL, 2020).

Apesar de algumas tentativas de implantação de um programa especializado de formação de treinadores e demais profissionais responsáveis pelo processo de formação e preparação dos futebolistas brasileiros, atualmente, no Brasil, não existe ainda um sistema específico, organizado em âmbito nacional e acessível economicamente para a capacitação e certificação dos profissionais que intervêm no futebol de base, sendo correntes apenas cursos de curta duração, promovidos predominantemente por sindicatos de categorias, entidades privadas e IES, com destaque para os cursos de extensão da Universidade do Futebol,⁶⁷ coordenada pelo professor Dr. João Paulo Medina, e para as licenças de certificação profissional

⁶⁷ A Universidade do Futebol, conceitualmente, surgiu como um *campus* universitário, um centro produtor de conhecimento da Cidade do Futebol, uma representação do universo prático do futebol. Entrou no ar no dia 25 de julho de 2003, com o propósito de tornar-se uma plataforma virtual para integrar a comunidade dos profissionais e abrir espaços para as pessoas com interesse nas questões científicas das mais variadas áreas ligadas a esta modalidade esportiva. Cf.: <https://universidadedofutebol.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2020.

da CBF, ainda que não obrigatórias. A esse respeito, C2 (2018) afirmou em entrevista que “[...] *têm crescido muito as opções de cursos organizados pela CBF e universidades, o clube incentiva os profissionais a fazerem, alguns torneios de base também têm organizado simpósios para trocas de conhecimentos*”. Durante o ano de 2020 e o início de 2021, cresceu rapidamente a oferta de cursos específicos na área, em modalidade virtual, devido ao período de isolamento social ocasionado pela pandemia de Covid-19.

Atrelada ao sistema Conmebol, a CBF tem promovido cursos de capacitação e licenças profissionais não obrigatórias para treinadores de futebol, que, no caso das categorias iniciais de formação, agregam as licenças C e B. Para acessar o nível B, o candidato deverá: estar certificado na licença C ou possuir ensino médio completo e ter o mínimo de 7 temporadas completas de experiência atuando como atleta em equipes e competições de futebol profissional; ou então ensino médio completo e no mínimo 5 temporadas completas de experiência como treinador principal de equipes de categorias de base. Podem ingressar no curso da licença C: profissionais de Educação Física (licenciatura ou bacharelado); acadêmicos de Educação Física que estejam cursando o último ano; ex-atletas de futebol profissional com ensino médio completo e pelo menos 7 temporadas completas de carreira; treinadores e professores de escolas de futebol com ensino médio completo e pelo menos 5 temporadas completas de experiência comprovada. A grade curricular do curso contém temas gerais e conteúdos específicos da formação, como aspectos do futebol, cultura e infância; fisiopatologias e primeiros socorros; legislação esportiva; metodologias de ensino na infância e na adolescência; aspectos gerais do talento no futebol; gestão de escolas de futebol; futebol feminino; prática, observação e análise de treinamento; psicologia aplicada; conduta e ética profissional; planejamento de carreira; nutrição; fisiologia; preparação física; regras; captação e análise de desempenho. As cargas dos cursos são 340 horas, das quais 140 horas são necessárias para obter a licença C, e outras 200 horas para a obter a licença B.

Apesar de atrativo, por contar com toda a estrutura de apoio e logística da CBF, por oportunizar a troca de conhecimentos entre profissionais da área e por se tratar de uma etapa de formação direcionada especificamente àqueles que atuam ou pretendem atuar em categorias de base de clubes, o que de fato tem restringido a participação de muitos profissionais que já atuam em campo são os altos custos para a retirada das licenças, já que a primeira delas (licença C) possui taxa de inscrição no valor de R\$ 5,6 mil, e a segunda (licença B) no valor de R\$ 7,7 mil. Há ainda, na continuidade das etapas de formação organizadas pela CBF, as licenças A e Pró, destinadas aos treinadores de elite dos clubes profissionais, ambas obrigatórias para atuação em campeonatos nacionais e internacionais. Segundo T6 (2019), todos os treinadores da base de

seu clube (do Estado de São Paulo) eram formados no ensino superior e já haviam realizado o curso da CBF em algum nível, pois o campeonato paulista de base, a partir da categoria sub-15, exige certificação dos treinadores. O objetivo da entidade é regulamentar as competições de base geridas pelas federações esportivas estaduais, assim como acontece no futebol profissional, para que entre em vigor a exigência da certificação profissional em todos os níveis, restringindo a possibilidade de atuação neste campo profissional somente para os licenciados, que devem ainda renovar suas licenças a cada três anos, com custo adicional de R\$ 1,2 mil. Em suma, regulamenta-se um sistema que oferece a possibilidade de formação profissional continuada e especializada para as diferentes áreas de atuação no futebol de base e profissional, o que retroalimenta economicamente a CBF, criando um processo de dependência das federações, dos clubes e dos profissionais com a entidade máxima do esporte nacional.

5.2 INVESTIMENTOS FAMILIARES NO PROJETO DE CONSTRUÇÃO DE CARREIRA DO FILHO ATLETA

Como dito anteriormente, os familiares de atletas foram selecionados intencionalmente para entrevista, pois seus filhos integravam diferentes categorias formativas em um dos clubes investigado, e sabia-se antecipadamente que suas formas de acesso às categorias de base daquele clube eram marcadas por distintas trajetórias de vida. A exemplo da mãe A11, que abdicou da carreira profissional para acompanhar a rotina do filho no futebol; de A12, que precisava percorrer 200 km (ida e volta) na estrada para que seu filho estivesse presente nos treinamentos e jogos; e de A13, que havia se mudado recentemente para próximo do CT do clube, em função da aprovação de seu filho nas categorias de base, deixando sua cidade natal, cerca de 900 km de distância. Em comum, o fato de que os três personagens não possuíam experiências esportivas em nível profissional, ou seja, o campo de formação profissionalizante do futebol de base era uma novidade tanto para os atletas quanto para seus familiares mais próximos. Todos os três tinham uma família tradicional constituída⁶⁸ (casamento e mais de um filho/a) e um projeto de carreira minimamente pensado e estruturado para seu filho atleta.

Quando se utiliza o termo ‘projeto’, o ponto de partida para a análise está nas elaborações de Gilberto Velho (1999), que, inspirado nos constructos da antropologia,

⁶⁸ Bittencourt (2009) afirma que, para além dos investimentos no corpo feitos pelos próprios agentes formadores do futebol, aspectos sociais parecem auxiliar, ou facilitar, o disciplinamento da aprendizagem, e a presença de uma família minimamente estruturada é importante, se não fundamental para a vida do atleta, sobretudo na fase de introdução ao universo esportivo.

considerou o modo de vida urbano um tanto complexo, forjado por um tipo de sociedade que agrega uma infinidade de valores e signos, os quais podem ser considerados ou não pelo indivíduo. A sociedade complexa, moderno-contemporânea, como definiu o autor, é o local onde os indivíduos estimam seus objetivos de vida e agem escolhendo os meios que julgam serem os mais compatíveis para a realização do seu projeto individual de carreira. Nesse sentido, o autor definiu a ideia de projeto de carreira como o modo com que os indivíduos adotam uma meta a ser atingida dentro de um tempo e de um espaço específicos, proporcionado por um campo de possibilidades presentes na dimensão do contexto sócio-histórico em que este projeto está inserido.

Para Boutinet (2002), em nossa cultura, o termo projeto é de invenção relativamente recente e representa a noção de desígnio, intenção, finalidade, objetivo, alvo, planejamento e programa. O projeto propriamente dito deixa, em parte, de ser representação para se tornar progressivamente em desvelamento e manifestação, isto é, compreensão e apropriação de uma situação singular, arquitetada em uma obra coletiva pelos membros de uma família.

Tal conceito não é um fenômeno natural espontaneamente exercido pelos indivíduos. Ele vem se constituindo nos limites de um padrão cultural que passou a vigorar recentemente em nossa sociedade, permeado pelo aumento da expectativa de vida e somado aos vários avanços tecnológicos que permitiram aos indivíduos planejar e aproveitar melhor o futuro. A noção de projeto, tal como é utilizada hoje, aplicada a diversas áreas, com vistas a organizar as ações intencionais dos sujeitos, é uma invenção da modernidade. Nesse sentido, na área da educação, o projeto vem sendo concebido na sua dimensão organizativa das condutas humanas e voltado a todos os aspectos da vida individual e coletiva (SOUSA; ALVES, 2019).

Nesse viés, os projetos de vida e carreira são associados a determinados valores morais e sociais. Por vezes, os indivíduos colocam seus projetos profissionais na posição central de seus projetos de vida, porque vivem imersos naquele ambiente tipicamente representado por aqueles que integram equipes de futebol de base e investem tempo e recursos precocemente em uma possibilidade de formação profissional.

Damo (2002) e Rial (2008) afirmam que, motivadas pela possibilidade de ascensão econômica e pelo reconhecimento social, famílias investem tempo e recursos na construção de um projeto de carreira para seus filhos, desde pequenos. É evidente que as possibilidades de ascensão social e mobilidade econômica, mesmo que remotas, são fatores que pesam em favor do investimento familiar na carreira do atleta. Nesse sentido, a mídia exerce um papel decisivo na construção deste ideal, sobretudo ao destacar trajetórias de sucesso e transformação social de ídolos esportivos e de seu núcleo familiar. A instituição esportiva representa também um

potente valor simbólico para a formação do caráter do indivíduo, como destaca a fala de A13 (2019) sobre seu filho:

O futebol é um sonho para ele, então vamos tentar até onde for possível. Enquanto ele estiver focado e em condições de buscar algo, eu vou dar todo o apoio possível, e, se não der certo, pelo menos ele está em um ótimo ambiente de formação, longe da rua, das drogas, das más influências. Se não der no futebol, pelo menos será um bom cidadão.

Diante do desemprego, da violência e da baixa escolaridade, problemas que afetam principalmente as populações mais vulneráveis da sociedade brasileira, a aposta na trajetória profissional surge como um caminho possível, mas que – como mostrado no capítulo anterior – também depende da sorte, do reconhecimento do ‘talento’, do esforço, da oportunidade por parte de clubes e empresários, bem como de algum investimento de recursos por parte da família, sobretudo nas etapas de iniciação, pois nelas a criança precisa ser ‘descoberta’ e transformada em futuro atleta profissional. Revela-se assim um desenho de vida que não se relaciona apenas às escolhas individuais ou familiares, pois articula os projetos individual e coletivo em um projeto familiar, e também da rede de relacionamentos do atleta, ambos decisivos para a constituição do futuro futebolista (DE PAULA, 2013; SPAGGIARI, 2015; ROCHA, 2017).

Damo (2002) e De Paula (2013) demonstram que os projetos de carreira demandam um investimento financeiro significativo da família, necessário para contemplar os gastos com equipamentos esportivos, deslocamentos, alimentação, escolarização, hospedagem, mensalidades em escolinhas, academias e treinos individuais, entre outras inúmeras contribuições, que, muitas vezes, excedem o orçamento familiar. Essa expectativa se confirma, pois, no caso do clube de C1 (2018), por exemplo, “[...] os pais são fundamentais para o processo, a presença deles acaba sendo de 100%, pois, além da logística de levar e trazer os meninos para os treinos e jogos, os pais são também os investidores do projeto”. Segundo o entrevistado, em seu clube, as categorias iniciais eram sustentadas por recursos advindos das mensalidades de seus atletas, além de apoios e patrocínios. Já a família de A11 (2019), atleta pertencente a outro clube investigado, que realizava treinos específicos em escola particular de goleiros e levava cerca de uma hora para se deslocar até o CT do clube, revelou-nos que “[...] os gastos financeiros são altos para manter a rotina dele, a gente investe nele porque é o sonho dele, mas também eu sei que, um dia, ele pode não querer mais jogar”. Para Damo (2002), as famílias elaboram estimativas dos valores já empregados e do quanto de recursos financeiros ainda terão que investir em um projeto que possui poucas garantias de sucesso. Assim, desde o

ingresso nos espaços de produção do sistema futebolístico, como escolinhas, clubes, centros de formação e categorias de base, as crianças e os adolescentes, possíveis mercadorias do futuro, já acumulam valor.

Rial (2008) mostra que, no caso do futebol, atletas em formação cujos níveis socioeconômicos produzem os extremos das rendas estimadas tendem a não permanecer nesse esporte; profissionalizar-se pelas vias do esporte não é uma ocupação comum para a parcela social considerada miserável, pois esse campo profissional exige do atleta e de suas famílias um mínimo de adequação logística (escola, trabalho, locomoção, entre outros) e instrumental (chuteiras, uniformes, etc.), necessário para o acompanhamento da progressão na carreira. O projeto de tornar-se futebolista profissional, segundo a referida autora, também não é exclusivo das camadas sociais dominantes, pois há, sobretudo por parte dos familiares, a intenção de continuar a reprodução social do capital por meio dos negócios da família. Nesse sentido, o futebol passa a ser um projeto possível para uma larga faixa da população brasileira, que vai dos pobres até as camadas médias (RIAL, 2008).

Assim como destacou Wacquant (2002), é preciso mostrar que, contrariamente a uma imagem bastante difundida, vinda do mito do “jogador que tem fome”, periodicamente reavivada pela atenção seletiva da mídia aos representantes mais exóticos da profissão, ao reforçar trajetórias de superações e incertezas familiares, os futebolistas não são geralmente recrutados entre as frações mais deserdadas da população, mas sim no interior das franjas da classe operária, nas bordas da integração socioeconômica estável. Essa (auto)seleção, que tende, de fato, a excluir os mais excluídos, não se opera somente sob o efeito de uma penúria de recursos monetários mas também pela mediação das disposições morais e corporais acessíveis a essas duas frações da população. É pelo viés das inclinações e dos hábitos exigidos pela prática esportiva que os jovens saídos de famílias mais despossuídas são eliminados. Tornar-se atleta profissional exige, de fato, uma regularidade de vida, um sentido de disciplina e um ascetismo físico e mental que não pode se desenvolver em condições sociais e econômicas marcadas pela instabilidade crônica e pela desorganização temporal.

A participação precoce no ambiente esportivo possibilita a acumulação de capitais que Damo (2005) convencionou chamar de “capitais futebolísticos” – conceito explorado na nota 33, localizada no quarto capítulo –, os quais permitem a compreensão de códigos culturais próprios àquele espaço, bem como do desenvolvimento do gosto pelo esporte, como o fato de

ver sentido em sua prática, uma *illusio*⁶⁹ própria do campo esportivo (BOURDIEU, 1983, 1990). Em geral, é comum que os atletas que obtiveram sucesso na carreira apresentem discursos de reconhecimento de suas raízes – no sentido de pertencimento a uma herança cultural familiar. Pais e mães, como mostra Conceição (2015), são citados, na maioria das vezes, como as principais figuras de referência na construção da trajetória profissional. Assim, os futebolistas valorizam a dedicação ao trabalho e à família, bem como o modo com que seus pais conseguiram superar as dificuldades e melhorar a condição de vida da família, por meio de um projeto que, na prática, exige engajamento não só dos atletas mas também dos familiares e de outras pessoas, que fazem diversos ‘sacrifícios’ com a expectativa de que esse investimento temporal e financeiro seja futuramente restituído, como mostra a fala de A11 (2019): “[...] *se ele não tivesse no mundo do futebol, provavelmente eu estaria trabalhando. Como é o sonho dele, eu preciso abrir mão [do trabalho], pra poder acompanhar a rotina dele. É o sonho dele; se o clube não quiser mais ele, nós iremos buscar algo fora daqui?*”.

Nesse contexto, a acumulação de capitais por herança cultural familiar, assim como por investimento da parte dos agentes, influencia a constituição e a transformação do futuro ‘talento’. Tal forma de herança se manifesta por meio da acumulação precoce de capitais ofertados desde a infância, por vezes até de forma despercebida, o que facilita a entrada, a atuação e os bons desempenhos iniciais dos agentes, em diferentes campos sociais.

A partir da aprovação e inserção do atleta na rotina do clube, sugerem-se mudanças na organização familiar; claro que algumas exigirão movimentos mais intensos, como a mudança de cidade ou até de Estado por parte do atleta e de pelo menos um membro da família, mas isso não ocorreu com tanta frequência entre os sujeitos investigados, já que, principalmente na fase inicial da formação, os clubes optam por dar oportunidades também àqueles que residem na cidade ou em regiões próximas ao clube, o que tende a diminuir o impacto da adaptação às novas rotinas por parte dos envolvidos. Por não ser permitida aos clubes a oferta de alojamento/moradia para meninos menores de 14 anos de idade, aqueles que vêm ‘de fora’, segundo informaram os agentes, devem buscar estratégias que, por vezes, burlam a lei – moradia compartilhada, entrega da tutela de menores de idade para terceiros, entre outras possibilidades⁷⁰ –, a fim de se inserirem na rotina do clube.

⁶⁹ Para a sociologia de Bourdieu, a *illusio* é parte constituinte do *habitus* e surge como componente que vincula o agente ao campo e suas disputas. É a noção de que vale a pena estar envolvido no campo, ser parte deste contexto, investir na disputa por capitais e zelar pela manutenção deste espaço social (BOURDIEU, 1983, 1990).

⁷⁰ Esta estrutura coloca em risco aspectos fundamentais para o desenvolvimento psicossocial da criança, expondo este grupo ao distanciamento do núcleo familiar e atuando, em certa medida, como uma aceleração do processo amadurecimento de valores como as relações de trabalho, da sexualidade, dentre outros aspectos.

Foi o caso da família A13 (2019), que alugou uma casa próxima ao CT do clube quando teve a notícia da aprovação do atleta:

No início foi um susto, mas decidimos que era o momento de mudar de vida, principalmente porque era o que ele mais queria. Foi tudo muito rápido. A gente tinha uma estrutura de vida lá – trabalho, escola, amigos –, alguns dizem que foi loucura, mas eu confiei, gostei muito do trabalho que é feito aqui e entramos num acordo; agora ele tem que aproveitar as oportunidades. Tivemos um tempo para nos organizar e agora estamos aqui.

No clube de C2 (2018) – um dos maiores clubes do país –, esta era uma situação aparentemente comum, pois havia um processo já instituído:

Após a aprovação do atleta, chamamos o responsável, levamos ao Nesp e perguntamos: “você tem condições de vir?”. A orientação da assistente social é que venha o pai ou a mãe junto, para não dar problema. A orientadora educacional vai verificar a escola pública ou privada, pois temos bolsas também com escolas parceiras, a comissão técnica também opina na questão dos escolhidos para ganhar bolsa, seja parcial ou total, a psicóloga conversa muito também com a família nessa mudança, então entra num circuito de atendimento até organizar tudo.

Esses e outros movimentos para se inserir na rotina de um clube de futebol de base exigem investimentos de tempo, recursos e flexibilizações por parte dos familiares, como nos contou A12 (2019), que morava em uma cidade distante do clube:

A porta se abriu, uma porta que é difícil de abrir, então tivemos que aproveitar. Não medimos esforços de logística. São mais de 100 km para vir para o treino; viemos duas vezes por semana e, quando precisa, nos finais de semana também. Nossa família precisa dar a base para o crescimento dele.

Como visto, tais movimentos exigem esforços por parte dos familiares, e também a constituição de uma rede de relações que auxilie o projeto de carreira desde as etapas iniciais.

Por ser o centro da vida de crianças e adolescentes atletas, a família é tema recorrente no âmbito dos estudos das Ciências Sociais e apresenta diferentes representações e significados, conforme a camada da população enfocada. Para Velho (1999), é a primeira e principal referência para a construção de experiências e identidades, pois no núcleo familiar é que se iniciam as aprendizagens no exercício das relações sociais e no compartilhamento de práticas, valores e sentimentos. Spaggiari (2015) mostra que a reafirmação da centralidade da família é sugerida pelas dinâmicas relacionais que permeiam a produção de jogadores, interpretadas por meio da noção de *família esportiva*.

A família esportiva é um conceito mais vasto do que o de família de origem tradicional (em geral, formada por pai, mãe e filhos), pois é constituído por articulações e atualizações nas relações existentes dentro do projeto de carreira do atleta, que adquirem novos significados ao longo do tempo; em síntese, a família esportiva é um idioma relacional em constante transformação, sendo impactada por dinâmicas existentes entre os principais sujeitos (atletas) e aqueles que os cercam (familiares, amigos, professores, empresários, clubes, entre outros) (SPAGGIARI, 2015).

Para Rocha (2017), a percepção das oportunidades na constituição da carreira de futebolistas depende de como os atletas vão adquirindo experiências e produzindo meios para permanecerem no processo de formação. Nesse sentido, o esforço individual e a rede de relações construídas impactam a decisão sobre a continuidade ou não neste projeto ao longo dos anos.

Vale reforçar que a estruturação de um projeto individual de carreira não acontece em um espaço alheio ao indivíduo. O contexto sócio-histórico age como o modulador de desejos e expectativas daqueles que influenciam diretamente a formação do atleta. Nesse sentido, a interação entre indivíduo e sociedade é o que faz com que as oportunidades sejam criadas e percebidas como exequíveis (ROCHA, 2017).

Os distintos projetos de carreira são reformulados continuamente ao longo das trajetórias formativas, revelando uma tensão constante entre indivíduo e coletivo. Ao mesmo tempo em que abriga escolhas individuais, singulares e subjetivas, principalmente no que diz respeito às ações dos atletas em suas individualidades, o projeto não pode ser inteiramente individual, visto que é elaborado por meio de negociações entre seus vários interlocutores (familiares, agentes, entre outros). Desenvolvido por trajetórias entrelaçadas e compartilhadas, os projetos de carreira são pensados para o sujeito atleta em formação, mas absorvem de forma intrincada os demais membros da família e aqueles com quem se relacionam. Portanto, ainda que seja a trajetória do futebolista que tenha relevo dentro do projeto e, a partir dela, os familiares também se engajem, na prática, as trajetórias dos diferentes membros são fundamentais – e por vezes decisivas – para compreender um projeto futebolístico vivenciado de forma consciente e inconsciente, que pode ou não se ajustar às expectativas dos outros membros e aos planos individuais e coletivos de um convívio familiar marcado não somente por manifestações de apoio, ajuda e de solidariedade mas também por tensões e desavenças (ROCHA, 2017; VELHO, 1999).

O que procuro demonstrar não se restringe às histórias de vida dos sujeitos investigados, mas sim como distintas trajetórias familiares estão marcadas por processos mais amplos,

ligados a redes⁷¹ de agentes e instituições, em meio a um complexo sistema de formação profissionalizante, que não se limita aos desejos individuais de construção da carreira no futebol.

Por mais que, como mostrado anteriormente, um dos membros das famílias tenha que adequar seus horários de trabalho, os afazeres domésticos e outros compromissos da vida para acompanhar o filho nos treinamentos do clube, é comum que seja acionada uma rede de apoio, composta por amigos, vizinhos, familiares e também aqueles que compartilham do mesmo projeto de carreira, para garantir a continuidade na rotina de treinos e jogos, como mostram as falas de A11 (2019) – “*A gente se organiza nas caronas; como eu moro longe e passo pelo centro, acabo sempre pegando um ou dois meninos que os pais não conseguem levar por causa do horário de trabalho*” – e de A12 (2019):

Hoje o que facilita é que foram cinco atletas selecionados da região que moramos, então a gente se organiza e reveza as caronas, dividimos os custos. E, pra manter nosso filho sempre presente nos treinos, nós fizemos algumas ações com amigos e vizinhos, que ajudam na logística, pois eu tenho outro filho que estuda à tarde e um pequeno de dois anos, então o pessoal ajuda. Conseguimos também um apoio com ajuda de custo com algumas empresas da cidade, o pessoal tem ajudado bastante.

As redes de apoio familiar mostram-se presentes no cotidiano das famílias, que também recebem ajuda de vizinhos e amigos para contornar situações cotidianas relacionadas às crianças e aos jovens, conformando assim uma rede de ajuda mútua, de circulação e troca. No processo de produção de jogadores, as redes familiares, de vizinhança e afinidade revelam aquilo que Agier (2011) chama de “cidade familiar”, composta por diversas redes de relações centradas nas dimensões da família, da vizinhança, do trabalho, etc., que se focalizam na continuidade entre a casa, o bairro e os outros espaços da cidade.

Segundo Rocha (2017), não se deve analisar uma rede por sua quantidade de integrantes, pois essa relação não é direta e proporcional, portanto é um equívoco dizer que uma rede social maior permitiria ao indivíduo almejar mais oportunidades. Na verdade, pode-se pensar que uma rede social maior, porém pouco diversificada e com pequenos canais de troca de influências, pode não facultar ao indivíduo o reconhecimento de oportunidades que extrapolem os limites de suas características sociais. Foi mostrado anteriormente que conhecer os agentes, as estruturas do clube e o funcionamento das categorias de base é o melhor caminho de acesso

⁷¹ A ideia de rede social é a forma como o indivíduo constrói laços afetivos no seu contexto social (BOTT, 1976). Para tanto, a formação dessas relações interpessoais pode variar conforme o grau de mobilização que o indivíduo tem junto aos seus pares, permitindo-lhe observar ou pleitear oportunidades de carreira que não estão circunscritas ao seu círculo primário de socialização (ROCHA, 2017).

para aqueles que almejam ingressar no universo futebolístico, mas também requer cuidados para com os processos de continuidade e a consolidação do projeto de carreira. A associação desses conceitos nos ajuda a elaborar a interpretação de que o investimento no esporte depende também de características econômicas, sociais e afetivas do atleta, mas não somente a partir do reconhecimento de suas aptidões corporais. A ideia da consolidação de um projeto de carreira construído no seio de uma sociedade complexa como a contemporânea implica a compreensão de que as escolhas realizadas nesse contexto resultam de um conflito constante entre o desejo pessoal e a intensidade dos estímulos e das oportunidades reconhecidas nessa sociedade. As redes de sociabilidade são tão importantes para a percepção das oportunidades de carreira quanto as características de origem social e econômica. As redes de relações e influências são importantes não somente para fazer com que os atletas participem de testes nos clubes de futebol mas também para lhes dar apoio cada vez que o objetivo da profissionalização parecer mais distante dos seus horizontes (ROCHA, 2017).

Como mostra Spaggiari (2015), as famílias esportivas organizam e classificam pessoas, eventos e perspectivas. Além disso, exprimem relações e resultam de diversas negociações, conflitos e reformulações, em meio a planejamentos elaborados cuidadosamente. Os projetos de carreira possuem diferentes sentidos para cada familiar, portanto não são homogêneos. Embora esteja associado à perspectiva de mobilidade social, o projeto é pautado também por outras motivações (*status*, realização de um sonho pessoal e/ou da família, etc.). Ainda que sejam definidos principalmente pelas relações entre pais e filhos, bem como entre irmãos, os projetos são também catalisados por um conjunto diversificado de atores, que lhes conferem significados específicos e elaboram diferentes estratégias para conduzi-los. Nesse sentido, os projetos não podem ser tido como lineares, porquanto sejam elaborados a partir de concepções, escolhas e ações conscientes dentro do campo de possibilidades, sendo vivenciados de forma diversa pelos seus integrantes. Os projetos podem ser alterados diante de variantes relacionadas aos acasos das trajetórias individuais, tais como a dispensa de um clube ou a transferência para outro, conforme o campo de possibilidades, as reconfigurações dos arranjos familiares (separações, gravidez, casamentos, etc.), o advento de novos integrantes no universo familiar, as mudanças de casa, o desemprego, as tragédias, entre outros fatores (SPAGGIARI, 2015). Apenas para tomar como exemplo, dois anos após a entrevista com estes familiares, obtive a informação de que o filho de A13 foi dispensado do clube na transição para a categoria sub-15 (no início de 2020), não retornou para sua cidade natal e treinava em um projeto de futebol, enquanto os filhos de A12 e A11 treinavam em uma escola de futebol parceira do clube em que atuavam, pois, em função da pandemia e de graves problemas econômicos, o clube havia

desativado temporariamente as atividades das suas categorias de base, portanto os atletas aguardavam o retorno oficial do clube, mas também se preparavam para buscar outras oportunidades em testes e avaliações, a fim de prosseguirem com o projeto de suas carreiras.

5.2.1 Dupla jornada: formação esportiva e escolar

Como mostrado anteriormente, é possível dizer que os projetos são constituídos de processos relacionais entre familiares e passam por constantes mudanças simbólicas e estruturais ao longo dos anos de formação do atleta, em uma configuração que se atualiza conforme o desenrolar das trajetórias, a maturação dos futebolistas e o advento de outros projetos individuais e coletivos, relacionados aos demais membros de uma mesma família, neste caso, especialmente, as projeções escolares e universitárias (SPAGGIARI, 2015), como é possível exemplificar a partir das falas dos entrevistados: *“Ele gosta muito de esporte e já me disse que, se não for jogador, vai querer ser professor de Educação Física, então vai fazer uma faculdade; no fim das contas, é a cabeça dele que manda”* (A13, 2019).

Meu filho já fala sobre faculdade, conversamos sobre isso, nós pretendemos oportunizar pra ele o estudo também. A gente tem os pés no chão, ele precisa saber que pode não ser um jogador de futebol, então temos que ter outras possibilidades, principalmente com relação ao estudo. Ele tem que estar preparado, pois, se não estiver rendendo e evoluindo o suficiente, outro atleta pode pegar o lugar dele. (A12, 2019).

Em geral, acredita-se que o projeto de profissionalização no futebol requer uma atenção mais urgente do que o projeto escolar, já que se tem a possibilidade de, por meio do esporte, vislumbrar uma ascensão social e econômica em poucos anos, para que, dentro da própria geração, seja possível usufruir do êxito conquistado. Diferentemente do que ocorre, por exemplo, com a dinâmica da formação escolar ou com outras carreiras profissionais, em que anos de estudo e/ou trabalho árduo, realizados durante toda uma vida, transformam-se em acúmulo de capital (econômico e cultural) para as gerações posteriores. Apesar de a escola possibilitar tal transformação, entende-se que é necessário percorrer um caminho longo, do ensino fundamental, passando pelo ensino médio, para depois, talvez, chegar ao ensino superior. E ainda assim se faz preciso adquirir experiência até a consolidação da carreira e da posição profissional (CONCEIÇÃO, 2015).

Dados sobre a escolaridade de jovens atletas de diferentes modalidades esportivas no Brasil revelam que esta população apresenta baixo índice de abandono escolar, que sua jornada escolar está dentro dos padrões estimados para estudantes de mesma faixa etária, e que o fluxo

dos atletas nas séries escolares possui uma retenção menor que a de estudantes não atletas (COSTA, 2012; EMMERICK, 2019; MELO, 2010, 2018; ROMÃO, 2017). Porém, por trás desses aspectos aparentemente positivos dos impactos da escolarização na vida dos atletas, revelou-se que a rotina escolar era garantida porque eles recebiam ‘privilégios’ que os diferenciavam dos estudantes regulares, como permissões para se ausentarem e chegarem atrasados em função de treinos e/ou viagens, remarcação de provas e trabalhos, entre outros mecanismos de afrouxamento das normas regulares da escola (BARRETO, 2012; COSTA E SILVA, 2016; CORREIA, 2014, 2018; CONCEIÇÃO, 2015; KLEIN, 2014; ROCHA 2013, 2017). Essas pesquisas evidenciam também as demandas físicas, a jornada de horários em deslocamentos e os treinos e as viagens aos quais os estudantes-atletas são submetidos, com vistas a lograrem futuramente a profissionalização nos esportes aos quais se dedicam.

Na medida em que os dados revelam que a escolaridade média de atletas de diferentes modalidades esportivas é igual e mesmo superior à média nacional para a mesma faixa etária e que estes estudantes-atletas seguem com a escolarização obrigatória, mesmo que ela concorra, em termos quantitativos, com o projeto (pessoal e familiar) de profissionalização no esporte, tem-se evidenciado a necessidade de observar as relações específicas que estes estudantes estabelecem com a escola e seus saberes (CORREIA, 2014; CONCEIÇÃO, 2015; ROCHA, 2017), em termos de estratégias de compatibilização entre a escolaridade obrigatória e as demandas dos treinamentos e competições esportivas, bem como dos modos como as escolas lidam e flexibilizam frequências e avaliações, por exemplo, considerando a especificidade das rotinas de vida daqueles que, muitas vezes, vivem albergados nos alojamentos dos clubes em que treinam, longe das famílias, que viajam muito e, inclusive, trocam frequentemente de cidades e escolas durante o ano letivo, em função da transferência ou busca por outros clubes e oportunidades esportivas.

Soares *et al.* (2009) constataram que os atletas tendem a permanecer mais tempo na escola devido ao vínculo com o futebol, contrariando a ideia de senso comum que afirma que o futebol tira os jovens da escola. No entanto, a não repetência e a não interrupção dos estudos não garantem a qualidade ou a apreensão do conteúdo escolar, e os dados sobre a média de escolaridade de jovens atletas de futebol só atesta que eles não deixam a escola por causa do esporte.

Os informantes desta pesquisa tinham seus filhos ainda em idade escolar obrigatória e, naquele momento, apesar de relatarem estratégias de flexibilização quanto à presença em algumas atividades relacionadas à escola, apostavam na conciliação dos estudos com a rotina de treinamento, priorizando a formação escolar, como mostram os seguintes excertos:

Ele só falta à aula quando o treino é no mesmo dia em que tem aula no período integral. Eu priorizo muito a escola e tenho a sorte que ele é bom aluno; apesar de estudar pouco em casa, ele sempre tira notas boas, a gente gostaria que ele conciliasse a escola e o esporte, ele é muito novo, mas não sei se isso é viável ou não, sei que vai chegar uma hora em que ele vai ter que escolher. (A11, 2019).

Este ano ele está conciliando bem, pois está estudando de manhã. No ano passado, ele estudava à tarde e perdeu algumas aulas para poder participar dos treinos, mas, graças a Deus, ele é um bom aluno, com notas acima da média. A prioridade aqui em casa é o estudo, e ele é muito responsável, deixa as atividades em dia. A responsabilidade de se organizar é dele, para não perder o treino, e já sabe que, se cair o rendimento na escola, eu digo para ele que vou tirar do futebol. (A12, 2019).

Essa expectativa se confirma também pelo olhar do clube, como ilustra a fala de T1 (2019):

O clube não atua diretamente nessa questão escolar, mas eu, como professor, costumo perguntar sobre a escola, principalmente pelo fato de ter perdido alguns atletas no ano passado na reta final das competições, já que eles estavam proibidos de treinar (pelas famílias) por causa das notas baixas. Acontece de os atletas faltarem treinos por causa da escola.

Por exemplo, na pesquisa realizada por Melo (2010), o autor apontou que, no Estado do Rio de Janeiro, os jovens atletas de futebol buscavam estratégias de conciliação que podiam variar desde a flexibilização das normas regulares da escola até a troca de instituições escolares, no sentido de favorecer a sua permanência no esporte. Apesar de a jornada escolar desses estudantes atletas ser muito similar ao tempo de permanência na escola dos alunos não atletas do Estado do Rio de Janeiro, Melo (2010) constatou que essa condição de adesão ao estudo era conquistada à custa de mecanismos de favorecimento aos jovens atletas na escola. Nesse sentido, um maior investimento no esporte tende a causar um menor investimento na escola; esse é um exemplo da consequência de uma dupla carreira no esporte e na escola (ROCHA, 2017).

Sobre o tema do envolvimento dos familiares com o desempenho escolar e esportivo de futebolistas de base, os dados de Moraes, Rabelo e Salmela (2004) mostram que, na fase de iniciação e especialização (dos 6 aos 15 anos), 65% dos pais exigem desempenho nos estudos e no esporte, e cerca de 90% dos familiares possuem contato diário com seus filhos. Mas esses valores se invertem à medida que o jovem avança na carreira esportiva, pois, a partir dos 16 anos de idade, apenas 10% dos familiares possuem contato diário com os filhos. Esses dados sugerem que há uma diminuição da participação das famílias junto a seus filhos à medida que eles se aproximam do final do processo de formação esportiva.

Porém, Cavichioli *et al.* (2011) mostram que os progressos no futebol e na escola têm a mesma cobrança por parte das famílias observadas em seu estudo, e isso ocorre independentemente do capital econômico. A diferenciação é que as famílias mais abastadas conseguem oferecer cursos complementares, como aulas de inglês, violão, informática e outras práticas corporais ou esportes, como artes marciais, por exemplo. Ainda pelas observações e conversas com os pais, seria inoportuno afirmar que as horas despendidas com os treinamentos e com o esforço familiar para acompanhar os jogos e cobrir os custos necessários podem representar o grande e único projeto familiar deste grupo investigado. Em suma, a preocupação dos pais não era apenas em propiciar o futebol aos filhos, como se observa na fala de A12 (2019): *“Meu filho treina também três vezes por semana futsal, disputa o estadual de futsal pelo time da nossa cidade e, até o ano passado, fazia também aulas de música, mas a rotina de treinos e os custos impediram a continuidade deste projeto”*. Os dados apontam para um direcionamento dos investimentos à medida que o atleta passa a se consolidar no projeto de formação do futebol.

Os testes e as avaliações, por exemplo, são realizados durante todo o ano letivo, e, como dito anteriormente, os candidatos podem chegar a qualquer momento, como é possível observar na fala de A13 (2019), cujo filho havia sido recentemente aprovado no clube, o que o obrigou a mudar de cidade para acompanhar a rotina de treinos: *“Meu filho é bom aluno, e as mudanças recentes não afetaram o desempenho dele; claro que perdeu bastante aula, mas ele se adaptou rápido à escola aqui e vem tomando conta do conteúdo”*. Independentemente do período do ano, as escolas procuram atender à demanda dos clubes, realizando a matrícula do atleta aprovado por solicitação da assistência social.

As famílias organizam a rotina de conciliação da vida do estudante-atleta, como mostra a fala de A11 (2019): *“Ele tem a rotina organizada, chega em casa da escola e tem uma horinha pra descansar e, depois, ele tem que estudar antes de sairmos pro treino; é longe, levamos cerca de uma hora pra chegar ao CT”*. À medida que o atleta tem seu ‘talento’ reconhecido, ele passa a aumentar sua carga horária de atividades ao longo da semana, inclusive com participações em jogos aos finais de semana e viagens para competições. As horas dedicadas às atividades aumentam conforme as crianças e os adolescentes se envolvem com a prática em uma dinâmica relacional e intensa. O futebol passa a demandar um investimento progressivo de tempo daqueles que, com o objetivo de ingressar no plano profissional do sistema futebolístico, envolvem-se de forma acentuada na prática, a fim de se apropriarem dos capitais específicos da modalidade esportiva. O tempo investido pelos familiares para acompanhar e estimular as trajetórias de seus filhos é tempo que poderia ser dedicado ao trabalho, à obtenção de

rendimentos ou melhores oportunidades financeiras. Contudo, este tempo não é qualificado como perdido ou gasto, mas sim como um tempo valioso, investido de renúncias e do envolvimento com o cuidar, fora e dentro de casa. Aquele com mais flexibilidade de horários (pai ou mãe) cumpre a função de acompanhar e depois repassar ao cônjuge informações importantes relacionadas à construção do projeto familiar (SPAGGIARI, 2015).

Costa e Silva (2016) mostrou que nem sempre os projetos individuais de carreira se adequam aos projetos familiares. Todavia, o fato é que as dificuldades de conciliação das rotinas do esporte e da escola estão sempre presentes, independentemente da circunstância. Os atletas encontram-se em um período em que são atraídos pelo valor meritocrático do esporte, ao qual dedicam tempo, valores econômicos, relações sociais, a infância e sua escolarização, em vista do objetivo de atingir a profissionalização e um suposto estrelato. Estes atletas entram em uma socialização profissional aprendendo as técnicas e os comportamentos exigidos para a carreira. Concomitantemente, também devem despende tempo em sua escolarização, o que parece gerar conflitos de interesse quando se prioriza uma dessas escolhas, como nos mostrou a fala de A11 (2019):

Conversei na escola sobre as quintas-feiras, pra ele não perder treino. Eu vou levar ele ao treino, que é no horário das duas aulas de Artes, e os trabalhos ele vai fazer em casa. A coordenadora da escola liberou, pois ele não pode mais reprovar por falta, mas ele sabe que, se for mal na escola, eu vou tirar ele do treino.

Aqui temos duas instituições sociais características da modernidade, o esporte e a escola, a apontar caminhos conflitantes no que diz respeito à uma ênfase na aquisição de um capital corporal ou de um capital cultural (CONCEIÇÃO, 2015).

Estes familiares lidam com dois projetos de carreira distintos. Por um lado, o esporte exige tempo e dedicação; conforme apresentou Melo (2010), à medida que os atletas se aproximavam da categoria de profissionalização no futebol, mais tempo se exigia deles para o esporte, ao passo que, nas categorias inferiores, o tempo de dedicação ao futebol era menor, mas, ainda assim, representava cerca de 75% da carga horária total destinada à escola. Por outro, a escola, para além do investimento pessoal, é uma obrigação social. A distinção conferida ao grupo de atletas está atrelada ao fato de esses indivíduos se ocuparem de uma profissão que não é reconhecida nos textos legais, mas que exige deles uma disponibilidade como talvez nenhuma outra profissão o faça. Pensar no futebol como modalidade símbolo da cultura e da identidade nacional ajuda-nos a compreender de que forma esse tipo de profissionalização pode vir a fazer

parte das expectativas de carreira do atleta e de seus familiares (ROCHA, 2017; SOARES *et al.*, 2009).

Sendo assim, é possível observar que, no Brasil, o tempo gasto (investido) no processo de formação de um atleta é algo que leva ao distanciamento de uma escolarização adequada. Para reforçar o significado dos dados acima, é válido ressaltar ainda que o aluno da escola pública brasileira permanece em média quatro horas por dia em sala de aula, se considerarmos somente o tempo regular despendido com a escola. Portanto, se cada ano possui 200 dias letivos, a formação no ensino fundamental terá uma carga média de 7.200 horas ao longo dos nove anos de escolarização obrigatória, e o ensino médio uma carga de 2.400 horas ao longo de três anos (SOARES *et al.*, 2009).

O discurso dos agentes formadores sobre a relação do clube com a escolarização de seus atletas também é levado em consideração. Tanto os treinadores quanto os coordenadores entrevistados apontaram que existia um setor do clube responsável por esta demanda, mas que eles preferiam se abster desta responsabilidade, como mostrou T3 (2018):

O clube faz o acompanhamento pela assistente social através do boletim e do atestado de frequência de forma semestral, não tendo uma interferência na convocação ou escalação por parte da comissão técnica, a não ser que o aluno não esteja tendo frequência ou com notas muito abaixo.

De maneira semelhante, T4 (2019) afirmou que “*A assistente social é responsável direta pelas questões escolares, os treinadores acabam cuidando deste assunto de uma forma mais indireta, no dia a dia*”. Nesse sentido, segundo Conceição (2015), cria-se uma relação com o saber bastante frágil e utilitarista, e a escola passa a ser apenas mais um requisito para manter o vínculo do atleta com o clube, pois indisciplina ou faltas constantes não são toleradas por muito tempo e podem significar dispensa. Esse então passa a ser o sentido que a escolarização adquire para os atletas, e o espaço escolar representa para eles uma continuidade de suas responsabilidades dentro da formação esportiva, isto é, não é parte integrante do processo formativo amplo, de sentido holístico. A frequência à escola é encarada como mais uma obrigação (imposição) a ser cumprida, quase como um ‘extra’. Além disso, os atletas, devido às exigências do clube sobre seu comportamento dentro e fora do campo, mantêm uma conduta que os afasta de colegas não atletas no ambiente escolar (CONCEIÇÃO, 2015; KLEIN, 2014).

Os clubes tornam-se responsáveis pela tutela daqueles que são ‘de fora’, mesmo que no período de pré-formação, como mostrado anteriormente, este movimento seja flexibilizado por diferentes estratégias para contornar a legislação. Segundo os informantes, o clube assume essa responsabilidade perante as famílias, como é possível observar na fala de T6 (2019):

O clube não tem nada oficial, mas temos uma parceria com escolas particulares que dão bolsa para os meninos do clube, pra que eles disputem os torneios escolares. Sempre que chega um atleta, a gente oferece para as escolas; se nenhuma escola quiser, daí o clube arruma um colégio público pra ele. A assistente social e o pedagogo acompanham de perto o desempenho escolar.

Por fim, o fato de o atleta ‘ser de fora’ ou ‘ser da cidade’ modifica a forma com que o clube lida com as questões escolares. Para os atletas em trajetória inicial que moram com seus familiares ou sob a tutela (flexibilizada pelo clube) de um responsável legal, as responsabilidades sobre as tarefas escolares tendem a ser ajustadas pela organização da rotina em cada grupo social.

Ainda que estejam presentes mecanismos que podem indicar que a formação escolar assume o primeiro plano nesta etapa da vida, tais como ameaças ou punições aos atletas com baixo rendimento escolar por parte das famílias, o cenário demonstra que a conciliação entre essa dupla jornada formativa é relativamente mais branda para os atletas iniciantes do que para aqueles que estão nas últimas etapas da profissionalização e, conseqüentemente, da escolarização obrigatória, sobretudo pelo fato de que ambos os projetos (escolarização e carreira) encontram-se em sua fase inicial, havendo considerável distância temporal até a consolidação da carreira esportiva ou, ao contrário, até que se imponha o dever de tomar decisões a respeito das possibilidades de reconversão para profissões que exijam títulos acadêmicos. A rotina de treinos e competições reduzidas, se comparada com as categorias finais de formação esportiva, reforça essa possibilidade de conciliação da dupla jornada, presente na vida dos atletas em pré-formação no futebol.

5.3 TENSÕES NA RELAÇÃO ENTRE FORMAÇÃO ESPORTIVA E DESEMPENHO COMPETITIVO

Segundo Kunz⁷² (1998), no esporte, o treinamento especializado precoce acontece quando as crianças são introduzidas antes da fase pubertária em um processo de treinamento planejado, estruturado, organizado e de longo prazo, que se efetiva em um mínimo de três sessões semanais – fato que se confirmou no campo investigado, conforme apresentado anteriormente no **Quadro 6** –, com o objetivo de aumentar gradualmente o rendimento, além

⁷² Esse autor, apesar de apontar os problemas da presença da reprodução do esporte-espetáculo no ambiente escolar, traz importantes reflexões e definições sobre o conceito de esporte de alto rendimento e sobre as conseqüências de sua especialização precoce na infância.

de participações periódicas em competições esportivas, com vistas à possibilidade de profissionalização.

Arelado à busca pelo aprimoramento técnico-físico especializado, como dito tanto pelos agentes formadores quanto pelos familiares entrevistados, é característico desta etapa de formação que os atletas realizem atividades esportivas em paralelo à rotina dos clubes, seja em ambientes formais (escolinhas de futsal e fut7, treinamento específico individualizado com *personal trainer* e estúdios funcionais, entre outros), seja em ambientes informais⁷³ (brincadeira de bola na escola, na praia e na rua, com amigos e familiares).

Resgatando as falas dos familiares sobre essa questão, A11 (2019) – mãe de um goleiro de 11 anos – revelou-nos como funcionava a rotina de atividades de treino de seu filho: “*Ele acaba treinando uma vez na semana no clube e participando dos jogos de final de semana, mas, fora do clube, treina duas vezes específico de goleiro e outras duas vezes no time de futsal*”. Do mesmo modo, A13 (2019) – que recentemente havia se mudado para a cidade do clube – contou-nos que seu filho realizava treino específico de condicionamento físico e técnico com *personal trainer* uma vez por semana, no dia em que não havia atividades no clube. Essas estratégias revelam que havia investimentos no aprimoramento das técnicas corporais especializadas, com o objetivo de ganhos no campo das disputas internas, já que estar melhor condicionado pode representar a conquista de uma vaga na equipe titular.

Mesmo que se justifiquem, do ponto de vista da possibilidade de aquisição de novas habilidades técnicas e de desenvolvimento físico, as atividades realizadas pelos atletas em paralelo ao clube, em geral, oferecem estímulos corporais especializados, similares às exigências encontradas na prática do futebol, ou seja, são voltadas a potencializar habilidades específicas do atleta em um período da vida que em que se espera um desenvolvimento amplo e variado da motricidade, como apontam Freire (1998), Massa (2020), Paoli (2007), Reis (2020), Scaglia (1999, 2015) e Thiengo (2011, 2019, 2020), ao recomendarem que aos atletas em idade de pré-formação sejam ofertados ambientes com diferentes tipos de experiências esportivas (futebol, futsal, basquete, vôlei, natação, lutas, entre outros), para que, ao se aproximarem da fase de transição da infância para a adolescência, sejam inseridos em uma

⁷³ Alguns dos mais renomados pedagogos do esporte, como os professores Dr. Alcides Scaglia, Dr. João Batista Freire e Dr. Júlio Garganta, já há algum tempo vêm estudando e detectando que vários dos grandes jogadores de futebol, no Brasil e no mundo, encontraram em ambientes informais de ensino (sem a mediação de professores/treinadores) possibilidades significativas para o desenvolvimento de um conjunto de habilidades em sua formação como jogadores e que este tempo de aprendizado, muitas vezes, não é levado em consideração quando se analisam as etapas de formação esportiva. No entanto, como visto anteriormente, esses espaços de vivências práticas informais estão perdendo terreno para as escolinhas esportivas (ambientes formais de ensino e treino da modalidade).

rotina especializada de treinos e competições em uma única modalidade esportiva, com vistas à profissionalização.

Sobre esse mesmo assunto, mostrado na sessão 4.2.1 *Sobre a gestão do tempo e dos conteúdos de treino*, a entrevista com C2 (2018) – que representava um dos clubes com as melhores estruturas para o desenvolvimento do trabalho de iniciação esportiva do país – revelou que:

[...] temos pensado [no clube paulista em que trabalha] assim: já que os pais levam os garotos para treinar em vários lugares, acabam tendo atividade todos os dias, então pensamos em canalizar tudo no clube, com a nossa metodologia de treino. Eu não concordo, acho exagerado, mas é a melhor forma de atender à demanda. [...] É muito treino, pois acaba coincidindo com o futsal à noite. Os atletas de potencial acabam treinando e jogando nos dois. Já que campo e futsal são departamentos diferentes do clube, tem atleta que é só do futsal, tem atleta que é só do campo e tem aqueles que jogam nos dois. Essa rotina de atividades praticamente diárias do atleta faz com que ele deixe de lado a infância e passe a ser tratado como adulto. Eu sei que é uma escolha deles, mas é excesso, muita carga e muita informação para o menino; são crianças em desenvolvimento, deveria haver mais cuidado.

Os ‘exageros’ relatados por um dos agentes do campo mostram que há entendimento, por parte destes profissionais, de que a rotina de atividades é necessária para atender à demanda de conteúdos de treino e preparar as equipes para as competições, mas proporciona escolhas que acabam excluindo outras possibilidades de projetos, conforme aparece na fala de um dos familiares, A12 (2019), que morava cerca de 100 km de distância do clube em que seu filho jogava:

[...] hoje não estou trabalhando, então eu que fico responsável em trazer meu filho e os outros meninos da cidade aos treinos das segundas-feiras. Eu acompanho o treino, que tem duração de duas horas, em média, o que pra mim é um tempo positivo. Eu só acho que poderíamos tentar participar dos três treinos semanais da equipe, mas, em função da distância, só conseguimos vir duas vezes por semana e também quando tem jogo final de semana. [...] meu filho treina também três vezes por semana futsal, disputa o estadual de futsal pelo time da nossa cidade e, até o ano passado, fazia também aulas de música, mas a rotina de treinos e os custos impediram a continuidade deste projeto.

Kunz (1998) aponta que os principais problemas da inserção na rotina de especialização precoce do treinamento esportivo são a unilateralização de um desenvolvimento que deveria ser plural nesta fase da vida, o afastamento das crianças de atividades próprias ao mundo infantil (tempo de lazer, brincadeiras, escola, convivência familiar, etc.), a carga excessiva de estresse, a rotina de treino e competição, entre outros fatores. Segundo Leonardo (2009), atletas que

possuem maior facilidade de aprendizado de novas habilidades e técnicas futebolísticas, especialmente nas categorias até os 13 anos de idade, em geral, são aqueles que possuem uma excelente relação com a bola (domínio técnico e controle do objeto), estando esse aprendizado relacionado a uma importante adaptação advinda de atividades ditas coordenativas (corridas, saltos, rolamentos, etc.), que podem estar presentes tanto em sessões de treinamento – conforme mostrado no capítulo anterior – quanto em brincadeiras populares (subir em árvores, pular corda, entre outros), responsáveis pelo aumento da plasticidade neural e, conseqüentemente, da capacidade de aprendizagem. Portanto, deve-se atentar para o fato de que quanto mais cedo for ofertada a variabilidade de estímulos no processo de formação do indivíduo, maiores serão os benefícios para a formação esportiva, tanto geral quanto específica. Essa é uma das razões pelas quais se devem estimular atletas em trajetória inicial a participarem de práticas corporais abertas e diversificadas, a fim de ampliarem suas possibilidades de aprendizado e seu desenvolvimento técnico-cognitivo.

Porém, ao longo desta investigação, viu-se que mesmo aqueles que se encontram em trajetória inicial de formação são afetados diretamente pelas lógicas, regras e estruturas que regem o fenômeno esportivo de espetáculo e rendimento. Nesse sentido, finalizo o capítulo trazendo exemplos e análises críticas sobre os sentidos da competição infantil em relação à estrutura oficialmente regulamentada do futebol de base e sobre as possibilidades de transformações desta prática, além de peculiaridades referentes à presença da família ‘torcedora’,⁷⁴ que circula por esses espaços de sociabilização esportiva e, literalmente, ‘veste a camisa’ em dias de jogos, criando laços de identidade e pertencimento clubístico.

O esporte, como conhecido na sua prática hegemônica, ou seja, nas competições esportivas e nos meios de comunicação de massa, é baseado nos princípios da sobrepujança e das comparações objetivas e não apresenta elementos da formação geral – nem mesmo para a saúde física, mais preconizados para essa prática – para se constituir em uma realidade educacional. O esporte de rendimento, a partir de sua lógica interna, só pode fomentar vivências de sucesso para a minoria e o fracasso ou a vivência de insucessos para a maioria (KUNZ, 1998).

No capítulo anterior, foi demonstrado como a prática do futebol se configura como a primeira socialização da criança com o mundo dos adultos, agindo, desse modo, como uma

⁷⁴ Em seus achados, Cavicholli *et al.* (2011) mostram que todo o planejamento do desenvolvimento do potencial do atleta em formação é dependente do clube escolhido. Para pais e professores, o clube tem participação efetiva no processo de aprendizagem e inserção social da criança. Segundo seus informantes (os próprios pais dos atletas), quanto mais a criança permanecer no clube, jogar partidas amistosas e participar de campeonatos oficiais, melhor transcorrerá o processo de formação esportiva.

estrutura estruturante,⁷⁵ na qual os espaços de prática (ensino, aprendizagens, treino, competições, etc.) convertem o jogo e a brincadeira em atividade esportiva, introjetando-lhes valores e códigos específicos desse campo. Nesse sentido, é interessante notar como ocorre a institucionalização da infância (SARMENTO, 2003) a partir da sociabilidade no futebol, por meio de campeonatos regulamentados que reproduzem o sentido do esporte-espetáculo.

Ao longo dos anos em que venho atuando como treinador de futebol e futsal infantil, tive a oportunidade de participar de inúmeros torneios de base, principalmente na categoria sub-13 e também nas idades menores. Foram algumas experiências em competições nacionais não federativas, como a ‘Liga BG Prime’, a ‘Copa São Ludgero’ – utilizadas como fonte complementar de produção de dados da tese, por exemplo – e a ‘Taça Brasil de Futsal’, além de competições federativas em nível estadual, tanto no futebol de campo quanto no futsal, de torneios e ligas municipais, bem como de três viagens internacionais para disputa de torneios no continente europeu (França, Itália e Portugal).

Mas foi em novembro de 2019 que participei, pela primeira vez, de uma competição oficial organizada pela CBF, que aconteceu entre os dias 11 e 17 de novembro, na cidade de Criciúma, SC. Era a segunda edição do ‘Torneio de Desenvolvimento de Futebol’, da categoria sub-13, ao qual oito clubes se fizeram presentes: Avaí (SC), Corinthians (SP), Criciúma (SC), Figueirense (SC), Fluminense (RJ), Grêmio (RS), Internacional (RS) e Juventude (RS). A CBF ofertou todo o apoio logístico para a realização do evento, desde o transporte das equipes para os jogos, até a estadia em hotel, com quatro refeições diárias (café da manhã, almoço, lanche da tarde e jantar), além de caixas de água e equipe médica nos locais de jogo. As partidas aconteceram no CT do Criciúma, e o Fluminense se sagrou campeão, após vencer todas as partidas (inclusive conosco, na estreia, pelo placar de 3x0), garantindo uma vaga na Copa Libertadores da América da categoria sub-14 do ano seguinte. Em janeiro de 2020, a equipe se sagrou campeã sul-americana de forma invicta na edição do torneio realizada em Assunção, no Paraguai.

Mas o que mais me chamou a atenção durante a participação do torneio foi justamente o cenário montado para o evento, completamente diferente do que é habitual em torneios de futebol de base,⁷⁶ sobretudo nas categorias menores, pois recebemos um tratamento

⁷⁵ O que Bourdieu (1983, 1990) advoga é que uma estrutura só pode ser estruturante porque atua de forma estruturada, capaz de ser incorporada como um *habitus* no agente. Em síntese, os sistemas simbólicos exercem poder por meio de estruturas estruturantes estruturadas, que servem como instrumentos de dominação.

⁷⁶ É comum, no futebol de base, que as equipes participantes dos torneios fiquem hospedadas em alojamentos compartilhados, geralmente localizados em escolas, que sedem as salas de aula para os eventos. Atletas e comissões técnicas dividem o espaço, dormem em colchões no chão e realizam refeições coletivas em refeitórios ofertados pela organização do evento – um ambiente de pouco luxo e conforto.

‘profissional’, poderíamos dizer. O investimento da CBF foi justificado no congresso técnico da competição, quando o organizador geral comentou que a Conmebol destinava uma verba para a entidade, que tinha autonomia para aplicar o recurso no desenvolvimento do torneio, podendo escolher a sede e os clubes participantes. Portanto, para ser ‘democrática’, a CBF planejava o torneio anualmente em diferentes regiões do país, convidando equipes com reconhecido trabalho de formação de base das regiões próximas ao evento para participarem do torneio. Porém, as quatro equipes semifinalistas teriam a vaga assegurada na edição do ano seguinte, que estava prevista para ser realizada em Recife, PE, algo que era almejado por todos ali presentes.

É certo que o ambiente de competição exerce impacto sobre o imaginário dos sujeitos envolvidos, pois esse espaço também é compartilhado por agentes empresários e observadores técnicos, tanto de clubes quanto da própria CBF. Havia ali a expectativa real de afirmação do projeto de carreira. Apenas para citar como exemplo, dois meninos que faziam parte de nossa equipe tiveram desempenhos de destaque e acabaram se transferindo para clubes de maior expressão no futebol nacional – Flamengo (RJ) e São Paulo – logo após a disputa do torneio. Em contrapartida, outros três atletas tiveram rendimento técnico competitivo abaixo das expectativas e acabaram sendo dispensados do clube semanas após a competição. Segundo Palmiéri (2015), não é possível predeterminar quando um futebolista vai se destacar e fazer com que sua vida, e a de seus familiares, movimente-se pelo universo do futebol de base, seja pela assinatura de um bom contrato, seja por um convite para ingressar em um clube profissional. O autor mostra que é justamente durante as competições que, a qualquer momento, um novo movimento pode ser proposto, um novo caminho pode ser aberto, ou mesmo encerrado, como nos exemplos mencionados, a depender das circunstâncias e das avaliações daqueles que objetivam e projetam o futuro dos atletas a partir do desempenho competitivo.

Já Paoli (2007) afirma que a competição é considerada um meio e, na condição de integrante do processo de formação do jogador, atua como um dos principais parâmetros de avaliação do trabalho realizado, sobretudo para aferir a evolução do atleta e da equipe. Em sua pesquisa, foi possível identificar que um critério de seleção cada vez mais predominante é o desempenho em competições, por meio do qual é possível verificar o nível de desenvolvimento dos aspectos físico, técnico e tático, em interação com a personalidade do jogador, a fim de que possa ser observado o resultado individual dentro do perfil e dos atributos requeridos pelo futebol, que, em termos identitários, é caracterizado pela combinação da habilidade técnica e individual com o jogo coletivo.

De acordo com as narrativas de nossos entrevistados, embora o resultado esportivo (conquista de títulos) faça parte do processo de formação, ele não é considerado o objetivo principal do trabalho de base, principalmente nas categorias iniciais, o que é diferente do futebol profissional, como mostra a fala de T3 (2018), profissional do clube que sediou o torneio citado anteriormente:

Não temos responsabilidade de estar sempre entre os primeiros nestas categorias; o objetivo delas é dar aos atletas o maior número de experiências possíveis, para que eles cheguem à categoria sub-14 já tendo jogado contra grandes adversários, passado por jogos decisivos, onde eles aprendem o máximo possível.

Sobre esse assunto, T2 (2018) – que representava um clube de elite em uma região distante de outros importantes clubes profissionais do cenário catarinense – também falou da importância da participação de sua equipe nas competições para qualificar a transição dos atletas entre as categorias:

[...] o menino tem que chegar ao sub-15 mais experiente, tendo jogado já contra os grandes clubes, como Avaí, Figueirense, Grêmio e Inter. O nível hoje das escolas da nossa região é muito fraco, por isso precisamos sair e ver outros clubes, pra melhorar o nível dos nossos meninos [...]. Utilizamos algumas competições que visam dar experiência aos meninos; aconteceu no meu sub-13 ano passado: começamos o ano perdendo um torneio de nível baixo, porque utilizei meninos mais novos e alguns atletas de teste, todo mundo estava achando que nosso time era horrível, mas aí pegamos o Inter [em outra competição] e fomos bem, aí mudou o discurso, né? No final do processo da categoria, o time estava pronto pra subir pro sub-14; na cabeça do clube, tem que ganhar para formar certo.

Segundo Milstedt *et al.* (2014), a reprodução de competições para adultos e a busca incessante por resultados podem comprometer o desenvolvimento físico, psíquico e social de crianças e adolescentes, indo contra todos os pressupostos e objetivos da formação esportiva na infância e na juventude. A organização da competição infanto-juvenil à imagem do modelo formal tende a valorizar mais os aspectos biológicos associados à performance e a deixar de lado os fatores de ordem ética, pedagógica e de saúde.

Para Bettega (2015), os resultados esportivos são considerados importantes pelos treinadores das categorias iniciais, mas, de maneira geral, não são determinantes para direcionar as estratégias estabelecidas no processo formativo. Já que, segundo Filgueira (2019), o sucesso obtido por meio da participação em competições, principalmente nas categorias iniciais de formação, não assegura a repetição dos resultados nas etapas subsequentes. De fato, embora o sucesso na competição possa determinar os recursos que serão alocados para o desenvolvimento

dos atletas em todas as idades, a definição e as implicações do sucesso inicial devem ser cuidadosamente consideradas, pois, como visto anteriormente, a competição é um dos principais parâmetros de avaliação do planejamento e da identificação da evolução do atleta, já que é nesse momento que ele expõe seus valores táticos, técnicos, físicos e coletivos.

Os coordenadores entrevistados – responsáveis diretos na hierarquia dos clubes pelas categorias de iniciação esportiva – trouxeram diferentes opiniões sobre o assunto, apesar de afirmarem que a qualidade do trabalho formativo deve estar à frente da conquista de resultados nas categorias iniciais. C1 (2018), por exemplo, afirmou que,

Nas categorias menores, nunca vinculamos a questão do resultado, pois o mais importante é o processo, mas claro que, ao melhorar o processo de captação e treino, aumenta a possibilidade de ganho de resultado. O clube traz como objetivo principal o alinhamento dos processos de trabalho, isso está acima dos resultados.

Já C2 (2018) afirmou que este tema é complexo de ser pensado:

[...] é um dilema mesmo, não deveria ser cobrado nas idades menores, mas se o menino quer jogar, ele quer aquilo, vai acabar sendo cobrado. Por mais que o discurso seja de formação, a cobrança é pelo resultado, ainda mais em clássicos. [...] O treinador olha muito para o desenvolvimento do atleta, a cobrança acontece, pois todo mundo tem oportunidade de jogar. Claro que nem sempre dá para utilizar todos nos jogos. Por exemplo, nos clássicos, a gente mede força, vê o patamar em que se encontra a equipe, seguimos procurando adequar o desenvolvimento com o resultado. O ideal era todos jogarem e vencermos sempre; confesso que já abri mão de resultado para dar oportunidade para todos, em casos específicos, para o menino adquirir experiência.

Na visão dos treinadores entrevistados, essa questão também gerou controvérsias. Quando perguntado se era cobrado por sua diretoria pela conquista de resultados e títulos, T1 (2019) – treinador das categorias sub-11 e sub-13 de um clube pequeno do futebol catarinense – afirmou que

[...] resultado e formação andam lado a lado. O clube não cobra resultados imediatos, ainda mais que as competições que a gente disputa são de alto nível, com participação de clubes grandes do Brasil, e mesmo assim a equipe sempre tem chegado entre as finalistas, mas, caso os resultados sejam sempre ruins, é claro que a conversa pode ser diferente. Eu acho que não há cobrança, pois nunca fizemos feio nas competições, e, como treinador, acredito muito na competitividade aliada ao processo de formação para o atleta poder subir de categoria.

Já T6 (2019) – que atuava na iniciação esportiva do clube que mais revela jogadores no futebol brasileiro – trouxe outra abordagem sobre o assunto. Para ele,

[...] formação e resultado são coisas que não andam juntas. O resultado imediato atrapalha a construção do atleta. A filosofia do clube é de formar atleta, não tem cobrança por resultado, o presidente do clube diz que a base foi feita para formar, e não para ganhar títulos, mas a gente sabe que, na realidade, existe a cobrança por ganhar. Por exemplo, o sub-17 e o sub-20 fizeram campanhas ruins, e o clube trocou os treinadores. Quer dizer, não há cobrança declarada, mas os treinadores sabem que é importante ganhar! O novo coordenador da base tem como ideia principal a formação. Ele até brinca que quem for campeão vai ser demitido, porque ele sabe que, para ser campeão, precisa abrir mão de algumas coisas.⁷⁷

Para complementar, trago novamente a fala de T2 (2018), que afirma:

[...] o clube só fala em formação, não cobra o resultado, mas a gente sabe que, se não tiver resultado, o trabalho está ruim. Por exemplo, hoje o sub-15 está ganhando tudo, então é sempre elogiado o trabalho, já no sub-17 é o contrário. Na verdade, o clube quer que tu formes e ganhes sempre. Eu, como treinador, penso que é igual no profissional, tem que estar bem, ganhar; se não tiver resultado, posso ser demitido, mas a gente sempre pensa na formação, colocando meninos mais novos, pensando no esquema de jogo, tem que pensar no meio-termo.

A partir das respostas dos agentes entrevistados, é possível levantar uma questão diferenciadora no processo de formação de atletas de base, já que coordenadores e treinadores apontam que há maiores cobranças por resultados e desempenho esportivo nas categorias finais de formação, enquanto nas etapas iniciais haveria um certo cuidado para com as expectativas mais voltadas ao processo de formação, ao passo que as cobranças pelo sucesso competitivo, embora existentes, como vimos, não são explicitamente declaradas. Confesso que, em dez anos atuando como treinador de futebol infantil – em dois clubes profissionais diferentes –, jamais me foi ‘chamada a atenção’ por maus resultados obtidos em competições. O peso avaliativo do trabalho de formação inicial, pelo menos nas minhas vivências profissionais, sempre foi medido pelo índice de aproveitamento de atletas que conseguem realizar a transição para a categoria acima ao final do ano, tanto por meio do desenvolvimento do atleta quanto pela capacidade de captação de novos ‘talentos’ para o clube.

Ao que tudo indica, há um certo entendimento de que, nas categorias iniciais, o mais importante são o acúmulo de experiências esportivas em treinamentos e competições e o desenvolvimento individual do atleta, diferentemente do que acontece nas etapas finais de formação. Pois, como afirma Filgueira (2019), os clubes selecionam os jogadores mais aptos,

⁷⁷ Um dos principais fatores de tensão ao qual o treinador se refere aqui pode estar relacionado às relações disciplinares dos atletas, como cumprir horários de treino, respeito aos colegas e treinadores, responsabilidades para com as tarefas escolares, entre outras, que podem ser utilizadas como forma de punição – exclusão de sessões de treino e/ou jogos e até dispensa do clube –, com a justificativa de corrigir os desvios na formação. Para saber mais sobre o assunto, consulte: <https://bit.ly/3s3m6El> e <https://bit.ly/37rSZ43>.

com vista às vitórias e aos resultados, o que se vincula, inclusive, à manutenção dos cargos de treinadores. Nesse caso, mesmo nas categorias de base, a prática envolve não somente o interesse pela vitória, mas acaba por mensurar o desempenho dos atletas, que, nas competições, é aferido pelas normas do alto rendimento. Em vista disso, a prática esportiva busca indicadores de ação eficazes para estabelecer níveis de desempenho em contextos específicos, relativos à situação de comprovação com a qual o rendimento individual (de atletas e comissão técnica) é avaliado e comparado. Ou seja, a competição pode ser interpretada como um local de desenvolvimento de equipes esportivas de tradição, que muitas vezes levam o nome do clube e são associadas ao ambiente profissional como forma de promoção e captação de novos ‘talentos’.

Concordo parcialmente com Filgueira (2019) quando diz que o sentido oficial do esporte de alto rendimento deve ser reproduzido mesmo nas categorias iniciais, pois os atletas precisam aprender a competir, já que as conquistas esportivas fazem parte do processo de formação profissional. É possível pensar em práticas pedagógicas alternativas de competições⁷⁸ para crianças, a fim de lhes ofertar experiências diversas com a modalidade e a relação com o ambiente de jogo, de forma complementar ao processo de formação esportiva e social.

Parece-me claro que as adaptações apresentadas no capítulo anterior, seja no tempo ou no espaço de jogo, bem como no tamanho da trave, no número de jogadores, nas substituições livres e no sistema de punições, podem ser levadas em consideração na organização de competições para as categorias iniciais, pois estão vinculadas às possibilidades de melhora da dinâmica do jogo e, conseqüentemente, a fatores tático-técnicos atinentes à formação do atleta. Mas, se o desempenho do atleta em competições possui grande peso no momento da decisão sobre sua permanência no projeto de formação dos clubes, como informaram os agentes entrevistados, então a competição deve ser vista como um conteúdo a ser aprendido (e, portanto, desnaturalizado) por todos os atletas. É preciso então que todos os atletas não apenas participem das partidas por um tempo significativo mas também tenham acesso ao conteúdo da competição, sua organização, preparação, discussão e avaliação (FILGUEIRA, 2019).

Para ilustrar, trago um exemplo prático de transformação pedagógica sobre o sentido oficial da competição em um evento esportivo cujo foco estava na experiência formativa dos atletas, e não no resultado final da competição.

Em outubro de 2019, a comissão técnica das categorias menores do clube em que eu atuo profissionalmente organizou uma competição para a categoria sub-12 em seu CT. Por se

⁷⁸ Para conhecer mais sobre o tema, recomendo a leitura, dentre outros, do livro *O que a gente aprende competindo*, de Wilton Carlos Santana (2021).

tratar de um projeto-piloto, ou seja, de uma experiência que seria ainda aprimorada, convidamos somente duas escolinhas parceiras do clube e separamos os atletas que integravam as categorias de base em duas equipes, 'A' e 'B', para configurar um quadrangular em que todas as equipes se enfrentavam entre si, o que representava três partidas por equipe. O primeiro passo foi conscientizar as equipes participantes de que se tratava de um evento experimental, de caráter formativo. Para cumprir esse objetivo, algumas regras foram adaptadas: as dimensões do campo foram reduzidas para 72 m de comprimento e 46 m de largura, ao passo que as traves utilizadas mediam 5 m de largura e 2,2 m de altura – em observância aos padrões da Federação Paulista para categorias menores –; o número de integrantes da equipe foi limitado a oito jogadores de linha, mais o goleiro; as substituições eram livres (o atleta poderia entrar e sair do jogo quantas vezes fosse necessário, similar à dinâmica do futsal); e cada atleta deveria participar, obrigatoriamente, de no mínimo 10 minutos por partida, o que representava 1/3 de cada jogo. O tempo total de jogo foi reduzido para 30 minutos (divididos em dois tempos de 15 minutos) e não havia medidas punitivas, como cartões ou exclusões; em caso de faltas graves, o atleta deveria ser substituído por, no mínimo, 5 minutos. A 'equipe' de arbitragem era formada por três atletas da categoria sub-15 do clube, que se revezavam nas funções de árbitro principal e auxiliares. Foi solicitado aos treinadores que auxiliassem os jovens árbitros em situações de impedimentos e demais lances duvidosos e, como consequência, aconteceram momentos em que os treinadores tiveram que pedir para os árbitros anularem gols em impedimentos de sua própria equipe e marcarem faltas de seus jogadores em favor dos adversários.

Figura 29 – Copa CFT Cambirela



Fonte: arquivo pessoal do autor (2019).

Ao final do dia, todos os atletas e membros das comissões técnicas foram premiados com medalhas de participação, de mesmo peso e valor, independentemente se alguma equipe havia vencido ou perdido as três partidas. O desafio maior foi controlar as expectativas dos pais ‘torcedores’, que, por vezes, exaltavam-se com as decisões tomadas pelos jovens árbitros e questionavam o fato de não haver um ‘campeão’ do torneio, tampouco prêmios individuais (artilheiro, craque do campeonato, melhor goleiro, etc.). Em determinado momento, tive que interromper uma partida e dialogar com os familiares que acompanhavam os jogos no alambrado, explicando que se tratava de uma experiência competitiva diferente, tanto para nós quanto para os atletas e a arbitragem. Após o término do evento, pedimos para que os responsáveis das escolinhas convidadas enviassem comentários sobre a experiência daquele dia. Dentre as contribuições, destaco a sugestão de realizar um congresso técnico para debate e construção do próximo evento em conjunto com todos os participantes, pois assim ninguém seria ‘pego de surpresa’ com a proposta.⁷⁹ Outra possibilidade seria incluir os atletas e seus familiares na elaboração das regras e condutas durante o torneio, já que a presença da família no contexto de competições de base é algo comum e tema de constante conflito.

Segundo Bettega (2019), nos momentos de maior disputa e proximidade de desempenho e resultado, os pais exercem mais pressão sobre seus filhos, sobre a arbitragem e sobre os treinadores. Em determinadas situações, alguns pais se excedem nas cobranças e acabam influenciando direta e negativamente a participação de seus filhos. Nas competições, geralmente, há a presença (e interferência) de mais pessoas, como pais, empresários, coordenadores, árbitros e torcedores em geral; logo, por vezes, conforma-se um ambiente de pressão a partir das relações estabelecidas, principalmente em razão da valorização dos resultados competitivos e da extrapolação dos sentimentos.

Os familiares investigados nesta pesquisa falaram sobre suas percepções e sentimentos em relação às competições. A11 (2019), mãe de um atleta de 11 anos, contou-nos que seu filho

[...] se cobra bastante; às vezes diz que não foi tão bem, mas eu vejo que ele está evoluindo bastante. Eu e meu marido sempre acompanhamos os jogos e, na torcida, a gente meio que grita bastante, mas é uma torcida para o bem, não para xingar os outros. É ‘normal’, mas, no início, ele se sentia muito pressionado, ficava nervoso, hoje eu vejo que ele gosta, fica empolgado, às vezes até me cobra que eu não estava prestando a atenção no treino ou no jogo.

⁷⁹ Havia a intenção de aprofundar este tipo de experiência, com o objetivo de torná-la prática constante no projeto formativo do clube, porém o projeto foi suspenso no ano de 2020, devido à paralisação do futebol de base em virtude da pandemia de Covid-19.

Já A12 (2019), pai de um atleta de 12 anos, falou que

[...] sempre conseguimos [se referindo à família] acompanhar os jogos. Gosto muito de ver a evolução dele nos jogos e campeonatos, para não deixar ele sozinho e ver como está o desempenho. Eu sou muito tranquilo e digo para ele ficar preparado para ficar sempre no banco; se tiver oportunidade de entrar, tem que fazer o melhor. Também sempre filmo os jogos e, em casa, mostro pra ele. É importante ele se ver jogando, para ver o que precisa melhorar. A gente conversa muito sobre o jogo e o desempenho dele, vejo que ele está em evolução. Nessa idade, a criança tem muitos altos e baixos, é questão de maturidade, né?!

Por fim, A13 (2019), pai de um atleta de 13 anos, definiu-se como

[...] um pai torcedor bem crítico. Quero participar de todos os treinos e jogos, vejo que ele tem muito para melhorar; está se adaptando ainda, é tudo muito novo. Eu não joguei profissionalmente, mas sempre estive no meio do futebol, então tento passar algumas coisas para ele. Converso também com os professores e tento ajudar do meu jeito, acompanho os treinos, vejo as correções. Ele agora está aprendendo uma posição nova também, então, com essa carga de treinos, eu vejo que ele vai evoluir; vai depender dele, exclusivamente dele.

Percebe-se, a partir das falas desses familiares, que o ambiente de formação esportiva (treinamento e competição) em que estão inseridas as crianças e os adolescentes proporciona um misto de expectativa de aprendizagem, incorporação, evolução e controle emocional por parte dos atletas e também dos familiares, na tentativa de ajudar e acompanhar a carreira de seus filhos. Segundo Cavicholli *et al.* (2011), para os pais, os jogos servem principalmente para analisar o potencial dos seus filhos e rivalizar-se com os demais, tornando-se um processo de aprendizagem para atletas e para os pais, que acabam reavaliando os planos para o futuro do filho no esporte ou mesmo refletindo sobre a continuidade ou não desse projeto. Nesse sentido, a aprendizagem de uma criança se torna possível pela interveniência de dois processos: um processo biológico, de maturação, e um processo social, de aprendizagem. E as formas de competição, sabemos, dependem quase que exclusivamente desse segundo processo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese mostrou que o corpo de profissionais dos clubes de futebol de base é constituído por agentes especializados no processo de formação de atletas, qual sejam, treinadores das respectivas categorias e sua equipe técnica, que, em alguns casos, pode incluir outros profissionais de campo, como preparador físico, auxiliar técnico e treinador de goleiros, além de profissionais da gestão e de apoio, entre os quais supervisor e coordenador, equipe de saúde, como médico, nutricionista, fisioterapeuta e massagista, o setor psicossocial (psicologia, assistente social, pedagogo, entre outros) e a equipe de rouparia, estagiários universitários, entre outras funções.

Mesmo nas categorias de iniciação e pré-formação ao futebol profissional, os clubes investigados apresentaram diferentes formas de organização do trabalho, como se pôde observar a partir dos relatos dos familiares e agentes formadores entrevistados, e os principais motivos para tanto estão relacionados às diferenças de poder simbólico e econômico entre eles, que se **refletiram diretamente na oferta quantitativa e qualitativa de infraestrutura e condições de trabalho para atletas e comissões técnicas, tendo em vista que os clubes de elite possuíam CTs próprios e recursos para gerenciamento do projeto de formação inicial de seus atletas, participavam de maior número de competições e contavam com mais profissionais envolvidos na rotina das categorias iniciais em comparação aos demais clubes, que se valiam de diferentes estratégias de flexibilização para oferta de trabalho nesta etapa formativa.**

Os profissionais entrevistados C2 e T6 representavam clubes de elite no cenário do futebol nacional e internacional, portanto era esperado que houvesse maiores investimentos e um processo estruturado de formação de atletas em suas categorias de base. Ambos os entrevistados afirmaram, por exemplo, que, no dia a dia de trabalho de campo, as categorias iniciais possuíam suas comissões técnicas ‘completas’, tendo as figuras do treinador, do auxiliar técnico, do preparador físico e do preparador de goleiros inseridos em suas rotinas.

Enquanto isso, C1 e T1 relataram que seus clubes mantinham apenas um funcionário, que exercia as funções de treinador e coordenador, sendo responsável pela gestão das categorias iniciais, com o auxílio de estagiários universitários para o desenvolvimento do trabalho de campo.

Já os entrevistados T2, T3, T4 e T5 apontaram semelhanças na organização de seus clubes, que mantinham um preparador de goleiros para as categorias iniciais, além de um treinador para cada categoria, que exercia também a função de auxiliar técnico em outras

categorias do clube. As comissões técnicas contavam ainda com o auxílio de estagiários universitários inseridos na rotina de trabalho das equipes.

Houve pontos em comum nos relatos de todos os agentes entrevistados, como o fato de haver um suporte logístico atuando ‘nos bastidores’ do treinamento dessas categorias, que contava com profissionais diversos, desde a figura da coordenação e da supervisão até a rouparia e os acompanhamentos pedagógico, psicológico, social, nutricional, médico e fisioterápico, quando necessários. Além disso, **havia processos regulares de selecionamento de crianças em diferentes ferramentas de avaliação (testes, peneiras, observações, indicações, entre outros). O futsal e as escolinhas conveniadas dos clubes também apareceram como importantes ferramentas de treino e captação de ‘talentos’.** Por fim, os clubes buscavam se adequar às normas do MCFEB relativas à proteção dos atletas menores de 14 anos, apresentando, principalmente, comissões técnicas com profissionais habilitados e registro de atletas na CBF, para a garantia de direitos legais sobre a formação.⁸⁰

Em um cenário de restrições – nos termos das leis sobre a formação esportiva e as relações de trabalho – e flexibilizações por parte dos principais personagens do campo – clubes, federações, agentes formadores, familiares e empresários –, característico nessa etapa da formação do atleta, os dados apontam que a família possui centralidade tanto no projeto individual de carreira de seu filho quanto, por vezes, na própria manutenção do projeto de formação do clube. O fator-chave para essa relação de dependência entre clubes e famílias é justamente a questão da moradia/alojamento, na medida em que, por um lado, os clubes selecionam os melhores atletas, que, no limite, conseguem se adequar a sua rotina, enquanto as famílias, por outro, buscam diferentes estratégias de investimentos para o ingresso e a continuidade do projeto de carreira do filho atleta, como mudança de cidade, moradia compartilhada, rede de caronas, apoio financeiro de outros familiares e/ou empresários, apoio financeiro e/ou logístico do próprio clube, entre outros.

Nesse sentido, a tese mostrou quatro possibilidades de gestão do projeto de iniciação esportiva dos clubes profissionais investigados, que podem se estender aos demais clubes do País com características econômicas, simbólicas e estruturais similares, a saber:

⁸⁰ Esses dados foram previamente divulgados no artigo *Cenários da pré-formação de futebolistas de base*, apresentado no 1º Simpósio Mineiro de Futebol de Base (KLEIN, 2020).

- a) ***gestão direta do clube***: representada pelos clubes de C2, T2 e T6,⁸¹ por meio da qual os clubes exercem total controle sobre a gestão técnica, logística e de investimentos⁸² sobre esta etapa da formação, enquanto as famílias buscam, de diferentes formas, se adaptar à rotina do clube;
- b) ***gestão parcial do clube***: representada pelos clubes de T3, T4 e T5, por meio da qual os clubes exercem total controle sobre a gestão técnica e ofertam estrutura de apoio logístico para o projeto de formação, porém as famílias agem na função de ‘colaboradores’ em situações excepcionais, como, por exemplo, na arrecadação de verba para disputa de torneios (taxa de inscrição, locação de transporte, refeições, etc.);
- c) ***gestão compartilhada***: representada pelo clube de C1, que oferta apoio estrutural e logístico ao projeto de formação, mas quem o gerencia é uma associação desportiva sem fins lucrativos, que se sustenta a partir de mensalidades pagas pelos familiares dos atletas e de eventos coletivos (rifas, festas, etc.);
- d) ***gestão hospedeira***: representada pelo clube de T1, que entrega a administração do projeto de iniciação a uma associação privada, cujos investidores detêm o controle técnico e os direitos sobre formação do atleta, podendo, por exemplo, cobrar (ou não) mensalidades das famílias.

No limite, os clubes de futebol atuam como potentes instituições formadoras de atletas, neste caso, especificamente, introduzem crianças e adolescentes num universo profissionalizante afetado por lógicas e regras do próprio campo esportivo que se retroalimentam, no qual os agentes formadores são figuras centrais.

Como visto, a formação desses agentes nos cursos de Educação Física nos traz a possibilidade de pensar o lugar do processo de institucionalização da infância pelas vias do esporte num processo de educação corporal que vá além do mero ensino e treinamento das técnicas especializadas. A própria literatura da área reforça a noção de uma base de formação ampla e variada de gestos, movimentos e experiências nas idades iniciais. Segundo Thiengo (2011), a Fifa alerta para o fato de que o processo de formação de futebolistas, além de

⁸¹ Apesar de ser considerado um clube médio do futebol nacional, os investimentos no projeto de iniciação esportiva deste clube eram da mesma natureza do que o de seus pares C2 e T6. O que os diferenciava era somente a quantidade de investimentos e a oferta de estrutura e condições de trabalho presentes nas categorias de formação.

⁸² Inclusive com oferta, em alguns casos, de bolsa em escola particular e ajuda de custo mensal, paga indiretamente ao atleta, como mostrado nas falas de C2 e T6. Também o custeio de refeições básicas em dias de treino (café da manhã, almoço, lanche e jantar).

proporcionar o desenvolvimento esportivo, deverá possuir uma política de formação que tenha um horizonte amplo, no qual o futebol deve ser encarado como uma ‘escola da vida’, um veículo para formar futebolistas de alto rendimento e ajudar os praticantes a desenvolver sua personalidade, inteligência, cultura e sociabilidade. Conforme vimos com Bettega (2015), deve-se considerar o processo de ensino-treino nas categorias de base do futebol como uma fase importante na formação do indivíduo e quase sempre fundamental na formação do atleta. Sendo assim, os conteúdos tático-técnicos devem ser desenvolvidos como componentes prioritários, mas não totalitários, pois a formação esportiva perpassa somente os conhecimentos advindos do contexto específico da modalidade. Nesse sentido, a construção de uma proposta pedagógica para orientação do processo de ensino-treino no futebol deve transcender os conteúdos específicos da modalidade.

Porém, o que se enxerga é a presença de crianças em espaços controlados por adultos, o que traz como consequência aquilo que Sarmento (2003) chamou de “vida institucionalizada da criança”, que, protegida pelo Estado (ECA, Leis do esporte, entre outros), já que não possui capacidade jurídica e necessita de proteção, é afetada por um conjunto de saberes normativos inerentes a uma ética do esforço e por uma disciplina corporal e mental.

Milistetd *et al.* (2020) apresentam a perspectiva de desenvolvimento positivo de atletas de base em diferentes modalidades esportivas, tendo por finalidade elencar estratégias que favoreçam a transição adequada da infância ou da juventude para uma vida adulta saudável e bem-sucedida. Tais estratégias se concentram em estruturar ambientes capazes de promover experiências positivas para os atletas, pois são nesses ambientes que se estabelecem relações, afloram potencialidades e desenvolvem-se domínios de comportamentos (competência, confiança, conexão, caráter e cuidado). Sob essa perspectiva, a própria prática esportiva, os treinadores, os clubes, as escolas e as famílias representam estruturas potenciais de desenvolvimento positivo para atletas em formação. A inserção da criança nessas instituições, sob a presença e a necessidade do respeito às regras, aos companheiros e aos adversários, retrata normas de condutas sociais exigidas durante a prática esportiva, assim como o ato de compor equipes em esportes coletivos aflora o senso de pertencimento a grupos e potencializa a cooperação e o trabalho em equipe. Porém, mesmo diante de tais características, a má estruturação e orientação do esporte na infância e na adolescência podem oferecer experiências negativas e desenvolver comportamentos desfavoráveis. Por esse motivo, a estruturação de programas e instituições esportivas baseada intencionalmente na promoção e na formação positiva tende a alcançar melhores resultados esportivos e sociais. Destaca-se que perspectivas pedagógicas humanísticas com orientações práticas e ações de treino, considerando o atleta a

partir de uma visão holística, desenvolvidas principalmente nas últimas décadas, têm enfatizado, por exemplo, não apenas as exigências físicas e técnicas do esporte mas também as necessidades mentais dos atletas. Sendo assim, a expectativa é de que clubes e demais instituições promovam em suas diretrizes e objetivos de formação comportamentos positivos, atitudes, competências, valores e habilidades para a vida (*life skills*), como respeito, liderança, controle emocional, disciplina, honestidade, trabalho em equipe, entre outras, para auxiliar crianças e jovens em desafios da vida diária (MILISTEDT *et al.*, 2020).

Por fim, finalizo este trabalho trazendo eixos de possíveis intervenções sob a ótica de uma educação esportiva institucional para a infância, pois, em geral, quando se fala em treinamento esportivo – apesar dos avanços presentes nas novas tendências pedagógicas e dos discursos dos agentes do campo –, o conteúdo central é o desenvolvimento especializado para o alto rendimento e a performance competitiva do atleta, enquanto o esporte praticado por crianças e adolescentes em outros espaços formativos (escolas, projetos sociais, etc.) possui preocupações maiores com a participação e a aprendizagem de valores (sociais, morais, éticos, de cidadania, etc.) do que com as técnicas corporais do esporte, tendo em vista que o esporte de iniciação tem as características apresentadas anteriormente e o potencial de realizar a valorização pessoal por meio das relações sociais, por diferentes motivos: pela aprendizagem de novas habilidades; pela formação de grupos de amizade, quando, muitas vezes, o estar perto dos amigos torna-se mais importante do que a própria prática esportiva; pela participação em competições, que desafia a capacidade do praticante; pelo envolvimento dos familiares; pela relação com o professor/treinador; pelas viagens, para alguns a única oportunidade de conhecer outros lugares, outros atletas, outras culturas; e ainda por uma busca individual de melhora em determinadas habilidades esportivas, desencadeada pela participação em atividades em que exista a interação com outros indivíduos mais habilidosos. Nesse sentido, o desafio aqui é buscar um equilíbrio entre as práticas de treinamento e educação – algo que foi pincelado ao longo da tese e está presente em minha prática profissional enquanto ‘acadêmico-treinador’/‘treinador-acadêmico’.

Eis os eixos para uma educação esportiva de crianças e adolescentes atletas de futebol:

1º Eixo: compatibilização das atividades esportivas com a rotina escolar

Nessa etapa da vida, a escolarização, além de obrigatória, é fundamental para a formação da criança e do adolescente. Por isso, o clube deve respeitar e se adaptar aos horários da rotina escolar na oferta de seus treinamentos. Como visto, em geral, o estudante-atleta em pré-

formação reside com seus familiares, diferentemente do que ocorre nas etapas finais de formação, nas quais há maior controle institucional do clube sobre a rotina do atleta (CONCEIÇÃO, 2015). Por esse motivo, ocorrem casos em que as famílias optam por matricular seus filhos em escolas próximas de suas casas ou de seus trabalhos, e não necessariamente próximas do clube (local de treinamento), o que exige adaptações logísticas para dar conta da rotina. Há ainda casos em que as escolas possuem aulas no período integral, atividades extracurriculares aos finais de semana, disciplinas (Educação Física, Artes, Informática, etc.) e provas no contraturno, entre outros fatores que exigem a presença do estudante-atleta para além do horário regular de aula. Para dar conta dessa dupla jornada, a sugestão é que o clube ofereça, até a categoria dos ‘não alojados’ (sub-13), grupos de treinamento nos dois períodos do dia, a fim de que o atleta e sua família possam escolher a melhor forma de adaptação de suas rotinas de compatibilização entre o clube e a escola.⁸³ Em um cenário ideal – ainda que não isento de críticas – de compatibilização entre a rotina escolar e esportiva do atleta, a oferta da escolarização acontece diretamente no clube, como mostrou Correia (2014) na escola do Vasco da Gama (RJ), mas que também ocorre em outros clubes brasileiros que possuem recursos e estrutura para esse tipo de organização.

2º Eixo: volume de treinamentos e jogos

Levando em consideração aspectos específicos da aprendizagem para o esporte e analisando o cenário atual, apresentado anteriormente no **Quadro 6**, aliado também a possibilidade de organização da rotina do atleta para participação em outras atividades da vida (contraturno escolar, descanso, lazer, atividades extras, etc.), a sugestão é que o clube ofereça três sessões semanais de treino (em cada turno), com duração média de duas horas, a um grupo de 25 a 30 atletas, somadas ainda às atividades de jogos (amistosos, competições, festivais, viagens, etc.), que acontecem, em geral, aos finais de semana.

3º Eixo: conteúdo prático de treino

Conforme exemplificado no quarto capítulo (sobre a organização dos conteúdos de treino), independentemente do método ou da proposta utilizados como fundamento para o ensino-treino, o objetivo, nessa faixa etária, deve ser a formação corporal técnica do esporte

⁸³ Já presenciei casos em que atletas desistiram de seguir treinando no clube por não conseguirem trocar o turno escolar.

sem a especialização do atleta em posições fixas do/no campo, com ênfase na realização de atividades que desenvolvam a criatividade, a autonomia, as tomadas de decisão e o aumento do repertório sinestésico-motor a partir de jogos e brincadeiras em ambientes estruturados, presentes no cotidiano de crianças e jovens e ressignificados para o ensino das técnicas do futebol. Além disso, atividades complementares e práticas alternativas são fundamentais para o desenvolvimento físico, técnico, tático e mental do atleta em formação, como, por exemplo: exercícios de coordenação de corrida, aprender a pular corda, realizar rolamentos (cambalhotas), alongamentos, exercícios respiratórios, entre outros, desde que contribuam para o aumento do repertório corporal.

4º Eixo: formação além do futebol

A rotina proposta anteriormente, compatibilizada entre a escolarização obrigatória e a oferta de três sessões semanais de treino, permite-nos pensar em atividades complementares que não afetem diretamente o desempenho esportivo do atleta, mas que contribuam para sua formação integral. Com a oferta ou não dos clubes, para a socialização em grupos paralelos ao mundo do futebol, é importante também que a criança e o adolescente pratiquem, por exemplo, aulas de inglês/espanhol, musicalização, curso de informática, outros esportes (preferencialmente com uma carga menor de estresse competitivo), como natação, judô, xadrez, vôlei, futsal, etc.

5º Eixo: oferta de formação extra obrigatória pelo clube

Como visto, os clubes possuem departamentos de ‘apoio’ à formação (nutrição, psicologia, fisioterapia, assistência social, etc.), que devem estar integrados às atividades de campo. Com isso, é possível organizar, dentro da rotina semanal de treino (sem adição no tempo da sessão), atividades compartilhadas com os diferentes setores, por exemplo: palestras com orientações nutricionais, temas da psicologia (liderança, gestão de carreira, estresse, ansiedade, etc.), temas da assistência social (escolarização, direitos e deveres da criança e do adolescente, violência/abuso sexual, uso de drogas, etc.), temas da fisiologia humana (maturação, aspectos físicos, etc.), fisioterapia (prevenção de lesões, recuperações, etc.), *marketing*/imprensa (uso das redes sociais), análises de vídeos de jogos e treinos, bate-papo com árbitros e atletas profissionais, entre outras múltiplas possibilidades. A sugestão é criar um ciclo semanal de

intervenções/propostas obrigatórias ao grupo de atletas, com temas variados e complementares à formação de campo, de duração entre 15 e 30 minutos, logo no início da sessão de treino.

6º Eixo: sistema de competições em nível de pré-formação

É evidente que as competições na iniciação esportiva devem sofrer adaptações no plano estrutural (dimensões do campo e das traves, tempo de jogo, número de substituições, punições, etc.), porém, mais do que isso, como exemplificado no capítulo anterior, deve-se ter a competição esportiva como parte integrante da formação do atleta, cujo sentido deve ser transformado para atender os envolvidos. O modelo atual é marcado pela reprodução do sistema competitivo do esporte-espetáculo, em que a criança e o adolescente são tratados como ‘miniadultos’ e se inserem em um ambiente marcado pela violência por parte da torcida (xingamentos, cobranças excessivas, etc.); por treinadores que exigem desempenho superior aos dos adversários e, por vezes, dirigem duras ofensas aos atletas; e por árbitros que ‘controlam’ o jogo e promovem sanções punitivas, entre outros. Nesse sentido, é o sistema competitivo oficial que precisa ser reestruturado pedagogicamente para que crianças e adolescentes possam ter chances de disputas e experiências iguais num ambiente positivo de formação. A sugestão é que, até a categoria sub-13, as competições sejam realizadas em formato de festivais, com regras que assegurem a participação de todos, independentemente do nível técnico das equipes. Por exemplo, em um torneio, todas as equipes jogam o mesmo número de partidas (sem eliminações), não são computados pontos de vitórias e empates para ranqueamento e ordem de classificação, todos os jogadores da equipe devem atuar um tempo mínimo em cada partida e, ao final das rodadas, as equipes recebem premiações idênticas em termos de valor simbólico de participação.

7º Eixo: cuidados pedagógicos com as dispensas

A dispensa⁸⁴ de um clube causa rupturas (pelo menos parciais) no projeto de formação esportiva. Enquanto alguns podem utilizar a estratégia de realocação (buscar testes e avaliações em outros clubes), outros podem simplesmente desistir da prática e do sonho de se tornarem jogadores de futebol, carregando o rótulo de ‘não serem bons o suficiente para o esporte’. Nesse sentido, o processo de dispensa de um atleta, sobretudo daqueles que já possuem vínculo

⁸⁴ É comum, e naturalizado pelo campo, que o processo de dispensa de um atleta ocorra de forma direta pela figura do treinador ao final de um dia de treinamento, sem muitas ‘explicações’ sobre os motivos.

identitário com o clube, precisa ser estruturado por uma equipe multidisciplinar (treinador, psicólogo, assistente social, coordenação, entre outros) capaz de acolher o atleta e sua família e encaminhar o processo de continuidade do projeto formativo em outros espaços, como, por exemplo, em escolinhas parceiras ou clubes de menor expressão, a fim de que o atleta continue desenvolvendo seu potencial esportivo.

8º Eixo: participação familiar na formação do atleta

A participação da família no projeto de formação do atleta e do clube é importante não somente na chegada (aprovação) e na saída (dispensa ou negociação do atleta), pois, como mostrado anteriormente nos ‘modelos de gestão’ existentes, por vezes, a família age como financiadora da categoria, mas não só por isso; também é preciso criar estratégias para integrar e orientar as famílias com relação aos objetivos e à filosofia do trabalho desenvolvido pelo clube, instruí-las sobre os direitos e deveres dos atletas, sobre os cuidados no relacionamento com empresários e outros familiares de atletas, sobre o comportamento que se espera em dias de treinos e jogos, além de disponibilizar um período regular para entrega de avaliações (boletim esportivo) sobre o desempenho do atleta.

9º Eixo: qualificação dos profissionais ‘agentes formadores’

Os clubes devem possuir corpo técnico de agentes com formação universitária e incentivar a qualificação desses profissionais, a fim de que possam participar de eventos específicos da área. Também devem buscar, junto à CBF, por meio do MCF, a redução dos custos para retiradas e renovações das licenças de atuação; ofertar formação interna aos profissionais do clube (reuniões, grupos de estudos, entre outros); promover experiências de estágios para seus profissionais e abrir oportunidades para que estudantes e/ou agentes de outros clubes acompanhem a rotina de trabalho do clube; e acolher pesquisadores e projetos de extensão universitária interessados em conhecer, analisar e compartilhar práticas e conhecimentos relativos à formação esportiva. De igual modo, os clubes precisam aproveitar os períodos de competições concentradas, em que as equipes passam uma semana (ou mais) em alojamentos, para organizar seminários com trocas de experiências entre os clubes participantes, além de ampliar a oferta de formação continuada por meio da plataforma virtual – ferramenta que cresceu exponencialmente durante o período de paralisação do futebol de base, devido à pandemia de Covid-19, que iniciou no ano de 2020.

Esses nove eixos foram pensados para contribuir com a formação de atletas em iniciação no futebol, no sentido de promover uma educação esportiva não especializada para a infância e a adolescência. Os eixos, assim como todo o desenvolvimento da tese, são incompletos – sequer têm a pretensão de resolver os ‘problemas’ do esporte infantil – e encontram-se em constante movimento de transformação. Devem ser considerados como base de análises e críticas para o desenvolvimento de novas ideias, pesquisas e trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- ALMEIDA, Helio Franklin Rodrigues de; ALMEIDA, Dulcenira Coutinho Magalhães de; GOMES, Antonio Carlos. Uma ótica evolutiva do treinamento desportivo através da história. **Revista Treinamento Desportivo**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 40-52, 2000.
- ALABARCES, Pablo. **Fútbol y pátria**: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2002.
- AMARO, Guilherme. Brasileirão lidera troca de técnicos, e especialista diz: 'Retrato do amadorismo dos dirigentes'. **Portal Terra**, [S. l.], 3 dez. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2VCaBYH>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- AVAÍ Sub-12 e Sub-13 avançam no Campeonato Sul Brasileiro. **Avai**, Florianópolis, 25 jun. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3jqCQBI>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- AQUINO, Rodrigo Leal de Queiroz Thomaz de *et al.* Proposta de sistematização de ensino do futebol baseada em jogos: desenvolvimento do conhecimento tático em jogadores com 10 e 11 anos de idade. **Motricidade**, Ribeira de Pena, PT, v. 11, n. 2, p. 115-128, ago. 2015. DOI: <https://doi.org/10.6063/motricidade.3724>. Disponível em: <https://bit.ly/3A9IUoH>. Acesso em: 8 out. 2020.
- ARCHETTI, Eduardo. Argentina and the World Cup: in search of national identity. *In*: SUGDEN, John; TOMLINSON, Alan. **Hosts and champions**: soccer cultures, national identities and the USA World Cup. Aldershot: Arena, 1994. p. 37-63.
- BARRETO, Paulo Henrique Guilhermino. **Flexibilização escolar dos atletas em formação alojados em centros de treinamento no futebol**: um estudo na Toca da Raposa e na Cidade do Galo. 2012. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3frY7tn>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- BASSANI, Jaison José; TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambiguidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 89-112, 2003. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2811>. Disponível em: <https://bit.ly/3CakZHN>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- BETTANIM, Marcelo Rodella *et al.* Atividade de treinador de futebol no Brasil: ofício ou profissão? **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 25, n. 1, p. 212-219, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.31501/rbcm.v25i1.6696>. Disponível em: <https://bit.ly/3ypL5UN>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- BETTEGA, Otávio Baggio. **Processo de ensino-treino nas categorias de base de um clube de elite do futebol brasileiro**. 2015. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2Vv6ttn>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BETTEGA, Otávio Baggio. **Processo de ensino-treino e competição no futebol infantil: análise e proposições a partir de treinadores do estado do Rio Grande do Sul**. 2019. 168 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3fub4mK>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BETTEGA, Otávio Baggio; MACHADO, João Claudio Braga Pereira; SCAGLIA, Alcides José; MARQUES FILHO, Cesar Vieira; GALATTI, Larissa Rafaela. Formar o treinador e o jogador nas categorias de base do futebol: engendrando na interação e/ou na especificidade? **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, p. 1-13, abr. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.88087>. Disponível em: <https://bit.ly/37k5QVW>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BITENCOURT, Fernando Gonçalves. **No reino do quero-quero: corpo e máquina, técnica e ciência em um centro de treinamento de futebol – uma etnografia ciborgue do mundo vivido**. 2009. 314 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/37IKp77>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BOTT, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser esportivo? *In*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-154.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207-220.

BOUTINET, Jean-Pierre. **Antropologia do Projeto**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. Lei nº 6.354, de 2 de setembro de 1976. Dispõe sobre as relações de trabalho do atleta profissional de futebol e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, Seção 1, p. 11678, 3 set. 1976. Disponível em: <https://bit.ly/2X8d6CG>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BRASIL. Lei nº 8.650, de 22 de abril de 1993. Dispõe sobre as relações de trabalho do Treinador Profissional de Futebol e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, Seção 1, p. 5265, 23 abr. 1993. Disponível em: <https://bit.ly/3lGZIF5>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BRASIL. Lei nº 9.696, de 1º de setembro de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, Seção 1, p. 1, 2 set. 1998. Disponível em: <https://bit.ly/3Armgbx>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BRASIL. Decreto nº 7.984, de 8 de abril de 2013. Regulamenta a Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, Seção 1, p. 5, 9 abr. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2X8d6CG>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BRASIL, Vinicius Zeilmann *et al.* A trajetória de vida do treinador esportivo: as situações de aprendizagem em contexto informal. **Movimento**, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 815-829, jun. 2015. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.50773>. Disponível em: <https://bit.ly/3lqpFDg>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BUSSINGER, Gabriel Henrique de Lucena. **Concepções e princípios de prática de liderança de treinadores**: um estudo com treinadores de alta performance no futebol brasileiro. 2019. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3rRjD4O>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CAVICHIOILLI, Fernando Renato *et al.* O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 631-647, out. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092011000400008>. Disponível em: <https://bit.ly/3rVi8h1>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CAMARGO, Maikon. Meninos da Vila vencem o Corinthians e o Rio Claro e estão nas semifinais do Paulista Sub-11 e Sub-13. **Santos Futebol Clube**, Santos, 20 out. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3xm6LQs>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CAMPESTRINI, Geraldo Ricardo Hruschka. **A responsabilidade social na formação de praticantes de futebol**: análise do processo de formação em clubes brasileiros. 2009. 297 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Desporto) – Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3rPMIOB>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CONCEIÇÃO, Daniel Machado da. **O estudante-atleta**: desafios de uma conciliação. 2015. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL – CBF. **Regulamento Nacional de Registro e Transferência de Atletas de Futebol**. Rio de Janeiro: CBF, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3fWk8Rw>. Acesso em: 20 mar. 2021.

CONFEDERAÇÃO SUL-AMERICANA DE FUTEBOL – CONMEBOL (comp.). **Manual orientador evolução**. Luque, PY: Confederação Sul-Americana de Futebol, 2020.

CARNEIRO, Gabriel. Voz da experiência. **Portal UOL**, [S. l.], [2020]. Disponível em: <https://bit.ly/3xrs3w0>. Acesso em: 20 jun. 2021.

CASTRO, Elton de. Estudo aponta quais clubes mais utilizaram a base nos cinco últimos anos: Santos, Athletico e Flu lideram. **Globo Esporte**, Recife, 10 fev. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3iqZgn9>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CLUBE FORMADOR, Avaí deve receber R\$ 700 mil com venda de Raphinha. **Globo Esporte**, Florianópolis, 2 set. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3it4vTo>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Técnico e professor. Entrevista com José Ricardo, técnico do Flamengo. **Revista Educação Física**, Rio de Janeiro, nº 64, p. 12-14, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3AqOCTE>. Acesso em: 20 mar. 2020.

COPPI, Lucas. Tricolor realiza testes para garotos do sub-7 ao sub-13. **Camboriú FC**, Camboriú, 19 fev. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3inOX3c>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CORINTHIANS e São Paulo iniciam duelo das quartas no Paulistão Sub-13. **Sport Clube Corinthians**, São Paulo, 14 out. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3ipVme0>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CORREIA, Carlus Augustus Jourand. **Entre a profissionalização e a escolarização: projeto e campo de possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama**. 2014. 258 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3A4ZyWx>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CORREIA, Carlus Augustus Jourand. **Projetos familiares na formação de atletas do futebol: apostas na profissionalização e na escolarização**. 2018. 378 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2VwH6qM>. Acesso em: 20 mar. 2020.

COSTA, Felipe Rodrigues da. **A escola, o esporte e a concorrência entre estes mercados para jovens atletas mulheres no futsal de Santa Catarina**. 2012. 90 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3ymquRr>. Acesso em: 20 mar. 2020.

COSTA E SILVA, André Luiz da. **Esporte e escolarização: projetos, biografias e programa governamental**. 2016. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3jhwqF0>. Acesso em: 20 mar. 2020.

COUTO, Hergos Ritos Froes de. **Esporte do oprimido: utopia e desencanto na formação do atleta de futebol**. 2012. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3ihp6d3>. Acesso em: 20 mar. 2020.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. *In*: DAMATTA, Roberto (org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982. p. 19-42.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2Vvr7Jz>. Acesso em: 20 mar. 2020.

DANTAS, Marina de Mattos. **Futebol de base e produção de subjetividade: o psicólogo do esporte e a construção do atleta contemporâneo**. 2011. 106 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3imZPhE>. Acesso em: 20 mar. 2020.

DUARTE, Gabriel. Joia da base do Cruzeiro, Estevão Willian deixa o clube e tem nome registrado no Palmeiras. **Globo Esporte**, Belo Horizonte, 6 maio 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3lsEBRv>. Acesso em: 30 jun. 2021.

EMMERICK, Daniela Calache. **Escolarização de jovens atletas: a dupla carreira de atletas da elite do judô no Brasil**. 2019. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/37eRWoh>. Acesso em: 20 mar. 2020.

ESPORTE ESPETACULAR. A Base: da terra à grama. **Esporte Espetacular**. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão, out. 2014. Série apresentada em programa de TV.

FEDERAÇÃO CATARINENSE DE FUTEBOL. **Resolução de Diretoria nº 54/2019.**

Reedita o Regulamento Geral das Competições (RGC) da Federação Catarinense de Futebol (FCF). Balneário Camboriú, 4 dez. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3js8NJR>. Acesso em: 20 mar. 2020.

FENSTERSEIFER, Alex Christiano Barreto. **Produção científica sobre futebol: uma investigação sobre o estado do conhecimento das dissertações e teses produzidas no Brasil.** 2016. 281 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3C9hYr7>. Acesso em: 20 mar. 2020.

FERNANDES, João Carlos Pires *et al.* Uma análise do perfil dos treinadores ex-atletas de futebol profissional brasileiro. **Revista Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, ano 8, n. 22, p. 1-16, set. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3ilvAb5>. Acesso em: 20 mar. 2020.

FIENGO, Sergio Villena. Imaginando la nación a través del fútbol: el discurso de la prensa costarricense sobre la hazaña mundialista de Italia 90. *In: ALABARCES, Pablo (org.). Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedad em América Latina.* Buenos Aires: Clacso, 2000. p. 131-153.

FILGUEIRA, Fabrício Moreira. **Competições de futebol nas categorias iniciais: objetivos e sentidos sob a perspectiva de dirigentes de clubes e da Federação Paulista de Futebol.** 2019. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Esporte) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3Cd9UFF>. Acesso em: 20 mar. 2020.

FLORENZANO, José Paulo. **Afonsinho e Edmundo: a rebeldia do futebol brasileiro.** São Paulo: Musa, 1998.

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem comportada.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do futebol.** Londrina: Midiograf, 1998.

GASTALDO, Édison Luis. Os Campeões do Século: notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 105-124. set. 2000. Disponível em: <https://bit.ly/3xphLwp>. Acesso em: 20 mar. 2020.

GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro.** Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.

HELAL, Ronaldo *et al.* **Mídia, raça e idolatria: a invenção do país do futebol.** Rio de Janeiro: Murad, 2001.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002>. Disponível em: <https://bit.ly/3frYGn2>. Acesso em: 20 mar. 2020.

INVERNIZZI, Lisandra. Ser “daqui” ou ser “de fora”: hierarquias, descontinuidades e trânsito no futebol não profissional de Florianópolis. 2018. 302 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2Vj3hRK>. Acesso em: 20 mar. 2020.

JORGE Jesus no topo e Tiago Nunes no top 5: os salários dos técnicos mais bem pagos do Brasil. **ESPN Brasil**, [S. l.], 8 nov., 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2Xd5Rtj>. Acesso em: 20 mar. 2020.

JOVENS das categorias de base enchem os cofres de clubes brasileiros. **Veja**, [S. l.], 25 mar. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2Vfgf33>. Acesso em: 22 out. 2019.

JUVENTUDE sub-13 é campeão da Copa Maravilha. **Esporte Clube Juventude**, Caixas do Sul, 4 fev. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3ytnPFy>. Acesso em: 20 mar. 2020.

KLEIN, Lucas Barreto. **Profissionalização e escolarização de jovens atletas de futsal em Santa Catarina**. 2014. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3rQI6Ck>. Acesso em: 20 mar. 2020.

KLEIN, Lucas Barreto. Cenários da pré- formação de futebolistas de base. **Revista Brasileira de Futebol**, Viçosa, v. 13, n. 2, p. 22-23, 2020. Anais do 1º Simpósio Mineiro de Futebol de Base, 2020, Viçosa. Disponível em: <https://bit.ly/37eAJv8>. Acesso em: 20 out. 2020.

KAIZER; Túlio; ARRUDA, Rafael. América acusa Cruzeiro de aliciar jovem de 14 anos; clube celeste rebate. **Futebol Mineiro**, Belo Horizonte, 23 mar. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3A9OjMH>. Acesso em: 20 mar. 2020.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 1998.

KUNZ, Elenor. **Educação Física: ensino & mudanças**. Ijuí: Unijui, 2001.

LEITE LOPES, José Sergio. A vitória do futebol que incorporou a pelada. **Revista da USP**, São Paulo, n. 22, p. 64-83, 1994. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i22p64-83>. Disponível em: <https://bit.ly/3ik6BEQ>. Acesso em: 20 mar. 2020.

LUSSAC, Ricardo Martins Porto. Os princípios do treinamento esportivo: conceitos, definições, possíveis aplicações e um possível novo olhar. **Efdeportes.com**, Buenos Aires, v. 121, n. 13, p. 1-1, jun. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3jiQGpD>. Acesso em: 18 jun. 2020.

MASSA, Marcelo. **Aspectos gerais do desenvolvimento do talento**. Rio de Janeiro: Confederação Brasileira de Futebol, 2020.

MARQUES, Maurício Pimenta; SAMULSKI, Dietmar Martins. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 103-19, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092009000200002>. Disponível em: <https://bit.ly/3xmvd40>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MELO, Leonardo Bernardes Silva de. **A dupla carreira do estudante-atleta: as estratégias de conciliação das rotinas no esporte e na escola**. 2018. 101 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3ftRCX3>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MELO, Leonardo Bernardes Silva de. **Formação e escolarização de jogadores de futebol do Estado do Rio de Janeiro**. 2010. 75 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

MESSINA, Raffaele. **Caderno metodológico do Departamento de Formação do Figueirense Futebol Clube**. Florianópolis, 2021. No Prelo.

MEZZARROBA, Cristiano; CONCEIÇÃO, Daniel Machado da. “Os herdeiros”: questões sobre o campo esportivo. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 15, n. 29, p. 317-340, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2ZvIGf6>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MILISTETD, Michel. **A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: análise das estratégias de formação inicial em Educação Física**. 2015. 141 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3CdIHUz>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MILISTEDT, Michel; CIAMPOLINI, Vitor; PALHETA, Carlos Ewerton; ANELO, Jairo. **Coleção Cadernos do Treinador: desenvolvimento positivo de jovens**. 1. ed. Florianópolis: [s. n.], 2020.

MILISTETD, Michel; GALATTI, Larissa Rafaela; COLLET, Carine; TOZETTO, Alexandre Vinicius Bobato; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. Formação de treinadores esportivos: orientações para a organização das práticas pedagógicas nos cursos de bacharelado em Educação Física. **Journal Of Physical Education**, Maringá, v. 28, n. 1, p. 1-8, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/jphyseduc.v28i1.2849>. Disponível em: <https://bit.ly/3CeFe7e>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MILISTETD, Michel; NASCIMENTO, Juarez Vieira do; SILVEIRA, Jorge; FUSVERKI, Denise. Análise da organização competitiva de crianças e jovens: adaptações estruturais e funcionais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 671-678, jul. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2179-325520143630012>. Disponível em: <https://bit.ly/3jijf4z>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MONTEIRO, Lucas Cançado. **Critérios de avaliação utilizados por “olheiros” e observadores na seleção de talentos esportivos para o futebol no Brasil**. 2011. 121 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3zY5IYG>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MORAES, Ivan Furegato. **Formação de jogadores de futebol no Brasil: da implementação às perspectivas futuras do certificado de clube formador**. 2015. 300 f. Dissertação (Mestrado em Desporto) – Universidade do Porto, Porto, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3iljU83>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MORAES, Ivan Furegato; BASTOS, Flávia da Cunha; CARVALHO, Maria José. Formação de jogadores de futebol: processo histórico e bases para a evolução no Brasil. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 5, n. 2, 148-163, maio/ago. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5585/podium.v5i2.142>. Disponível em: <https://bit.ly/3xr1V4d>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MORAES, Luiz Carlos, RABELO, André Scotti; SALMELA, John Henry. Papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 211-222, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3fnuGZF>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MURAD, Maurício. **Dos pés à cabeça**: elementos básicos de sociologia do futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

OLIVEIRA, Flávio Ismael da Silva. **O “camisa 10” em campo**: elementos do processo de formação de um futebolista brasileiro. 2014. 152 f. Tese (Doutorado em Ciência da Motricidade) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3A63FBJ>. Acesso em: 20 mar. 2020.

PALMIÉRI, Júlio César Jatobá. **Um mundo em vários movimentos**: uma etnografia sobre futebolistas de base. 2015. 280 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3fsanu3>. Acesso em: 20 mar. 2020.

PAOLI, Próspero Brum. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos**. 2007. 187 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3fpWDQk>. Acesso em: 20 mar. 2020.

PAOLI, Próspero Brum *et al.* Representações identitárias no processo de seleção de talentos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 4, n. 16, p. 135-150, dez. 2010. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.14510>. Disponível em: <https://bit.ly/3rP5Uql>. Acesso em: 20 mar. 2020.

PAULA, Márcio Adriano de. **Acaso, destino e revelação**: um estudo sobre circulação, projetos familiares e trajetórias na formação de jogadores de futebol. 2013. 134 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3xqSG4a>. Acesso em: 20 mar. 2020.

PEDROSO, Rafael. Ano de evolução, formação e entrega: Base da Chapecoense faz balanço da temporada. **Chapecoense**, Chapecó, 13 dez. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3xrbaBE>. acesso em: 20 mar. 2020.

PERAZOLLI, Lucas Musetti. Pais de jogadores da base acusam Santos de assédio por contrato; clube nega. **Gazeta Esportiva**, Santos, 18 jun. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3ioe05Y>. Acesso em: 20 mar. 2020.

PÉREZ GÓMEZ, Ángel I. Os processos de ensino-aprendizagem: análise didática das principais teorias de aprendizagem. *In*: SACRISTÁN, Gimeno José; PÉREZ GÓMEZ, Ángel I. **Comprender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 27-52.

PORTA DE ENTRADA da base, sub-11 e sub-13 do Figueirense iniciam treinamentos no CFT do Cambirela. **Figueirense**, Florianópolis, 11 mar. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3AceTF1>. Acesso em: 20 mar. 2020.

REIS, Marcos Antonio Mattos dos. **Iniciação e futebol de base**. Natal: Futebol Interativo, 2020. Disponível em: <https://www.futebolinterativo.com.br/>. Acesso em: 25 jul. 2020.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 600-610, set. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3A1lhyG>. Acesso em: 20 mar. 2020.

REZENDE, Rodrigo F. de. **Preparação física em categorias de base**. Rio de Janeiro: Confederação Brasileira de Futebol, 2019.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, dez. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002>. Disponível em: <https://bit.ly/37oX3SB>. Acesso em: 20 mar. 2020.

ROCHA, Hugo Paula Almeida da. **A Escola dos Jôqueis**: a escolha da carreira do aluno atleta. 2013. 242 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3rQN6a4>. Acesso em: 20 mar. 2020.

ROCHA, Hugo Paula Almeida da. **O futebol como carreira, a escola como opção**: o dilema do jovem atleta em formação. 2017. 290 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3yoL1EL>. Acesso em: 20 mar. 2020.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002)**. 2003. 200 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3fnyAlh>. Acesso em: 20 mar. 2020.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. 2007. 346 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3jiqRGi>. Acesso em: 20 mar. 2020.

ROMÃO, Márcio Gabriel. **Família e projeto**: um estudo a partir do bolsa-atleta estudantil. 2017. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2VvgUx3>. Acesso em: 20 mar. 2020.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

SALAZAR, Tiago. Chapecoense se torna 'clube formador' e pode lucrar com promessas. **Gazeta de Notícias**, São Paulo, 31 jan. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3lwrj1C>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão do jogo**: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naif; Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 2002.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. *In*: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (org.). **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: ASA, 2003. p. 9-34.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. 1999. 255 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em: <https://bit.ly/3fs3QPQ>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 30-37, jun./ago. 1994. Disponível em: <https://bit.ly/3A6K9VY>. Acesso em: 9 abr. 2020.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves *et al.* Mercado do futebol, juventude e escola. **Juventude.br**, São Paulo, n. 1, p. 36-39, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-469820719>. Disponível em: <https://bit.ly/37IW4mp>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SOUSA, Michela Augusta de Moraes e; ALVES, Maria Zenaide. Projetos de vida, um conceito em construção. **Revista de Ciências Humanas**, Frederico Westphalen, v. 20, n. 3, p. 145-165, ago. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3jcK1xe>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SOUZA, Juliano de; ALMEIDA, Bárbara Schausteck de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Por uma reconstrução teórica do futebol a partir do referencial sociológico de Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 221-232, abr./jun. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-55092014000200221>. Disponível em: <https://bit.ly/3yms1qp>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SPAGGIARI, Enrico. **Família joga bola**: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. 2015. 470 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3xgHw1W>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SUB-13 MASCULINO disputa o terceiro lugar. **Criciúma Esporte Clube**, Criciúma, 11 nov. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3IGgKhr>. Acesso em: 20 mar. 2020.

STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo Rodolfo (org.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas: Autores Associados, 2009.

TALAMONI, Guilherme Augusto; OLIVEIRA, Flávio Ismael da Silva; HUNGER, Dagmar. As configurações do futebol brasileiro: análise da trajetória de um treinador. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 73-93, mar. 2013. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.29764>. Disponível em: <https://bit.ly/3rThgK4>. Acesso em: 20 mar. 2020.

THIENGO, Carlos Rogério. **Os saberes e o processo de formação de futebolistas no São Paulo Futebol Clube**. 2011. 284 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3frwDV4>. Acesso em: 20 mar. 2020.

THIENGO, Carlos Rogério. **O futebol e os futebolistas do futuro**: análise do currículo presente na formação de futebolistas de alto rendimento a partir de um estudo de caso. 2019. 240 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3jju7B9>. Acesso em: 30 mar. 2020.

THIENGO, Carlos Rogério. **Glossário do futebol brasileiro**: termos e conceitos relacionados às dimensões técnica e tática. 2. ed. Rio de Janeiro: CBF, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3CfzQAU>. Acesso em: 20 mar. 2020.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). **BIB**: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 2, n. 52, p. 133-166, 2001. Disponível em: <https://bit.ly/3CcEfo0>. Acesso em: 20 mar. 2020.

TORRI, Danielle; ALBINO, Beatriz Staimbach; VAZ, Alexandre Fernandez. Sacrificios, sonhos, indústria cultural: retratos da educação do corpo no esporte escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 499-512, dez. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022007000300008>. Disponível em: <https://bit.ly/3ynpTyO>. Acesso em: 20 mar. 2020.

VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cadernos CEDES**, Campinas, ano XIX, n. 48, p. 89-106, ago. 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621999000100006>. Disponível em: <https://bit.ly/3fubuJH>. Acesso em: 20 fev. 2020.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VENANCIO, Pedro. Coritiba denuncia Atlético PR por assédio a jogador de 14 anos. **Globo**, [S. l.], 14 dez. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3imYS92>. Acesso em: 20 mar. 2020.

VICTOR, Euler. **Relatório de migração de atletas**. [S. l.], 2020. Instagram: @gestaofutebol. Disponível em: https://www.instagram.com/gestao_futebol/. Acesso em: 24 nov. 2020.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso**: juventude e política social. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1994.

ZARKO, Raphael. Clubes pagaram R\$ 1 bi em salários em 2018; 7% dos atletas concentram R\$ 800 milhões. **Globo Esporte**, Rio de Janeiro, 14 dez. 2019. Disponível em: <https://glo.bo/3ytqZJw>. Acesso em: 22 jan. 2021.

ZITO, Felipe. Não é só no profissional: base do Palmeiras sofre com assédio de clubes do exterior. **Globo Esporte**, São Paulo, 4 dez. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2TULcst>. Acesso em: 20 mar. 2020.

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA GESTORES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CLUBE

Nome da entidade:

Site oficial:

Série/divisão:

DADOS DO ENTREVISTADO (Anônimo)

Função que exerce no clube:

Há quanto tempo atua no clube:

Formação:

Qual sua experiência como atleta?

Trabalha exclusivamente no clube?

EQUIPES DE FORMAÇÃO (CATEGORIAS DE BASE)

Cite quais as categorias de formação atuantes no clube:

INFRAESTRUTURA (CENTRO DE TREINAMENTO)

a)

Onde são realizados os treinamentos das categorias **sub-13 e menores**?

Descreva as condições de treinamento para as categorias **sub-13 e menores** (campos, quadras, academia, entre outros):

CAPTAÇÃO DE ATLETAS

a)

O clube possui profissionais especializados para captação de atletas nas categorias **sub-13 e menores**? (Observadores/setor de captação):

Quais as principais formas de seleção/captação de atletas para as categorias **sub-13 e menores** (peneiras, indicações, escolas parceiras, negociação, monitoramento, entre outros)?

Os atletas da categoria **sub-13 e menores** são oriundos das proximidades do clube ou há uma procura em diversos locais do país?

É ofertado alojamento (residência/moradia) para atletas **sub-13 e menores**? (Se sim, fale um pouco sobre as condições e estratégias de moradia ofertadas pelo clube):

Quais os principais critérios utilizados para selecionar/avaliar estes atletas (técnico, cognitivo, tático, físico, grau de maturação, entre outros)?

Qual o tempo de duração de uma avaliação/seleção?

COMISSÕES TÉCNICAS SUB-13 E MENORES

a)

Cite quem são os profissionais envolvidos no projeto da categoria **sub-13 e menores**? (gestor, supervisor, coordenador, captador, treinador, auxiliar, preparador físico, preparador de goleiros, psicólogo, nutricionista, entre outros):

Qual o nível de formação dos profissionais diretamente envolvidos no treinamento (treinador e comissão técnica)?

Os profissionais da categoria **sub-13 e menores** trabalham somente no clube?

ROTINA DE TREINAMENTO

a)

Qual o período (turno), a frequência (vezes na semana) e a duração (tempo) dos treinamentos da categoria **sub-13 e menores**?

Qual a quantidade de atletas por categoria?

Os atletas praticam outras modalidades esportivas dentro ou fora do clube (futsal, lutas, natação, entre outros)?

Há uma metodologia de treinamento padronizada entre as etapas de formação do clube?

Os atletas recebem apoio/suporte complementar do clube para atividades extracurriculares? (Ex.: aulas de inglês, informática, acompanhamento nutricional, psicologia, entre outros).

COMPETIÇÕES

a)

Quais as principais competições disputadas pela categoria **sub-13 e menores**?

Quantas competições a categoria **sub-13 e menores** disputam no ano (em média)?

Fale um pouco sobre a relação entre processo de formação e cobrança por resultados:

ESPORTE/CLUBE E ESCOLA

a)

Qual a relação do clube com a escolarização dos atletas (acompanhamento do desempenho escolar do atleta)?

ESPORTE/CLUBE E FAMÍLIA

Fale um pouco sobre o grau de participação das famílias dos jovens em relação ao clube:

PROFISSIONALIZAÇÃO

a)

Há atletas oriundos da categoria **sub-13 e menores** no elenco profissional do clube?

E em outras equipes profissionais?

Como ocorre a transição e as dispensas dos atletas entre as categorias de base do clube (principalmente do sub-13 ao sub-14)?

OBSERVAÇÕES**a)**

Fale um pouco mais sobre as peculiaridades do trabalho envolvendo atletas das categorias **sub-13 e menores:**

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS FAMILIARES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Doutorado em Educação

Linha: Sociologia e História da Educação

Acadêmico: Me. Lucas Barreto Klein

Orientador: Dr. Jaison José Bassani

Roteiro de entrevista – Familiares e/ou responsáveis de atletas

DADOS DO ENTREVISTADO (Anônimo)

- a) Grau de parentesco com o atleta do clube (pai, mãe, irmão, responsável, entre outros):
- b) Quantidade de filhos:
- c) Profissão:
- d) Cidade/região onde mora:
- e) Cidade/região de origem:
- f) Sua residência atual é em função do atleta atuar no clube?
- g) Nível de formação acadêmica/escolar:
- h) Possui experiência como atleta de futebol ou outros esportes? (Se sim, em qual nível?):

SOBRE O ATLETA

- a) Categoria/idade do atleta:
- b) Como era a rotina do atleta antes de ingressar no clube?
- c) Com que idade iniciou de forma sistemática (rotina de treino) no futebol?
- d) Como o atleta foi selecionado para integrar o clube?
- e) Já realizou testes/peneiras em outros clubes?
- f) Há quanto tempo atua no clube atual?
- g) Quais critérios foram relevantes para a escolha por este clube?
- h) Tem passagem por outros clubes e/ou escolinhas?
- i) Tem algum parente ou amigo próximo que atua ou atuou no futebol profissional?

SOBRE A INFRAESTRUTURA

- b) Quais condições o clube oferece para o atleta? (moradia, alimentação, transporte, plano de saúde, materiais, entre outros)
- c) Quais condições o clube oferece para a família do atleta?
- d) Como você avalia a estrutura do clube para a categoria de base?

RELACIONAMENTO COM A COMISSÃO TÉCNICA

- b) Fale um pouco sobre o relacionamento com os profissionais do clube (reuniões, conversas informais, entre outros):

RELACIONAMENTO COM OUTROS FAMILIARES

- a) Fale um pouco sobre o relacionamento com familiares de outros atletas (em jogos, treinos, momentos de lazer):

ROTINA DE TREINAMENTO

- b) Qual sua opinião sobre a rotina de treinamento do atleta no clube? (período, frequência e duração)
- c) O atleta realiza atividades esportivas (treinos complementares) fora do clube? (Se sim, quais e qual a frequência)
- d) O atleta realiza atividades extracurriculares? (Ex.: aulas de inglês, informática, acompanhamento nutricional, psicologia, entre outros). Se sim, estas são ofertadas pelo clube?
- e) O que você faz enquanto o atleta está em sessão de treinamento?
- f) Quem acompanha o atleta nos treinos?

COMPETIÇÕES

- b) Você costuma acompanhar o atleta em jogos e competições?
- c) Como você avalia seu comportamento, como torcedor, em dias de jogos com relação ao atleta, à equipe, aos professores, à arbitragem e aos adversários?
- d) Você está satisfeito(a) com o desempenho esportivo do atleta?

SOBRE A ESCOLA

- b) Teve que faltar aulas por causa de treinamentos ou jogos? (Se sim, com qual frequência)?
- c) Teve que recuperar matérias em função de treinamentos ou jogos? (Se sim, qual estratégia utilizada para o estudo)
- d) Teve que faltar treinamento em função das tarefas escolares?
- e) Sai cedo ou chega atrasado na aula em função da rotina do clube?
- f) Utiliza o desempenho escolar como estratégia de controle para continuidade do atleta no esporte?
- g) Qual a expectativa de formação escolar para o atleta? (Ensino médio, faculdade, entre outros)

PROFISSIONALIZAÇÃO

- b) Houve alguma mudança significativa de vida na família após a aprovação do atleta no clube?
- c) Como você avalia os gastos financeiros para dar suporte ao atleta no clube?
- d) Como você projeta/organiza a expectativa profissional do atleta?
- e) O futebol é prioridade na formação do atleta? (Se sim, há alternativas em caso de o atleta ter que sair do clube?).